



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

ANTONIA SUELE DE SOUZA ALVES PEREIRA

**FUNÇÕES DISCURSIVAS DOS PROCESSOS ANAFÓRICOS – UMA
REDISCUSSÃO DOS CRITÉRIOS DE ANÁLISE**

**FORTALEZA
2015**

ANTONIA SUELE DE SOUZA ALVES PEREIRA

**FUNÇÕES DISCURSIVAS DOS PROCESSOS ANAFÓRICOS – UMA
REDISCUSSÃO DOS CRITÉRIOS DE ANÁLISE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Ceará/UFC, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Linguística. Área de concentração: Linguística.

Linha de pesquisa: Práticas Discursivas e Estratégias de Textualização.

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante.

**FORTALEZA
2015**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

-
- P489f Pereira, Antonia Suele de Souza Alves.
 Funções discursivas dos processos anafóricos – uma rediscussão dos critérios de análise / Antonia Suele de Souza Alves Pereira. – 2015.
 191 f. : il. color., enc. ; 30 cm.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2015.
 Área de Concentração: Linguística.
 Orientação: Profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante.
- 1.Língua portuguesa – Referência. 2.Língua portuguesa – Anáfora. 3.Análise linguística. I.Título.
-

ANTONIA SUELE DE SOUZA ALVES PEREIRA

**FUNÇÕES DISCURSIVAS DOS PROCESSOS ANAFÓRICOS – UMA
REDISCUSSÃO DOS CRITÉRIOS DE ANÁLISE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Ceará/UFC, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Linguística. Área de concentração: Linguística.

Tese aprovada em: 23/02/2015

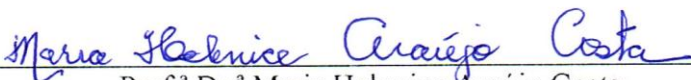
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Mônica Magalhães Cavalcante

Orientadora

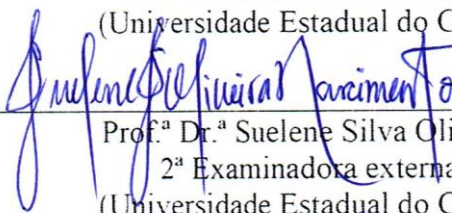
(Universidade Federal do Ceará)



Prof.^a Dr.^a Maria Helenice Araújo Costa

1^a Examinadora externa

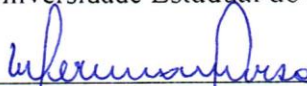
(Universidade Estadual do Ceará)



Prof.^a Dr.^a Suelene Silva Oliveira

2^a Examinadora externa

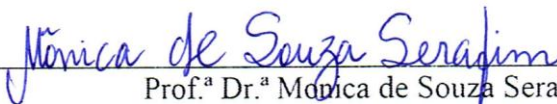
(Universidade Estadual do Ceará)



Prof.^a Dr.^a Maria Margarete Fernandes de Sousa

3^a Examinadora interna

(Universidade Federal do Ceará)



Prof.^a Dr.^a Mônica de Souza Serafim

4^a Examinadora interna

(Universidade Federal do Ceará)

Porque Dele e por Ele, para Ele são todas as coisas.

AGRADECIMENTOS

A Deus, minha fortaleza, que me capacita para a conquista de meus objetivos.

Aos meus familiares, minha mãe Elizabete, meu pai Elias, meu irmão Elias, minha prima Eveline e minha cunhada Viviane, pelo apoio e confiança que passam para mim.

Ao meu filho Helton, por ser o motivo das minhas forças e a minha filha Heloísa, por ser o motivo das minhas alegrias.

Ao meu esposo Hilton, pela compreensão nas minhas ausências constantes.

Aos meus amigos, pois, sem eles, não teria conseguido metade das conquistas que alcancei. Dentre eles, cito: Aline Fabíola, Juliana Geórgia, João Correia, Kennedy Nobre, Vicente Neto, Elaine Cristina, Patrícia Lana, Mônica Cavalcante, Mariza Brito, Jamille Malveira, Flávia Cristina, Silvana Ribeiro, Júnior Araújo, Hildenize Laurindo, Margarete Fernandes, Samuel Lima, Meire Virgínia, Inez Ferreira, Socorro Barbosa, Eglantine Herbene, Jori, Herbert Castro, Jamille Rocha, Keli Cristina, Lidiane Capistrano, Tânia Roberta, Nádia Diniz, Edna Machado.

Aos meus alunos, que me ensinaram muito do que sei. Em especial, aos mais próximos: Bruna Silva, Jordana Farias, Lázaro, Reinaldo, Lucas, Willame Moisés, Viviane, Andressa Lemos, Beatriz Moura, Davi Cirino, Fábio, Daiane, Pedro Igor. Espero ter influenciado tanto a vida deles quanto eles influenciaram a minha.

À minha orientadora, a Profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante, por seus conselhos, pela parceria profissional, por sua capacidade em apontar os melhores caminhos para corrigir minhas falhas, por sua atenção e paciência, pela dedicação e empenho para a concretização deste trabalho e pela sua importância em minha vida.

À professora Margarete Fernandes de Sousa, que fez parte das apresentações e qualificação, oferecendo valiosas contribuições profissionais e pessoais, revelando-se uma grande amiga e uma presença decisiva para a conclusão e êxito do trabalho aqui realizado.

Às professoras Helenice Costa, Monica Serafim, Suelene Oliveira e Margarete Sousa, por aceitarem compor a banca, dando valiosas sugestões.

Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Linguística, em especial Antônio, Eduardo e Vanessa, por serem pessoas competentes, que trabalham priorizando a particularidade de cada aluno.

Ao grupo PROTEXTO, pelas valiosas oportunidades de aprendizado, pelas trocas de experiências e pelas amizades que fiz a partir dele.

“Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós, eterno peso de glória, acima de toda comparação, não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas.”
(II Cor. 4, 17-18).

RESUMO

Nesta tese, reconsideramos os critérios que caracterizam as funções discursivas dos processos anafóricos a partir da análise de anúncios publicitários. Tivemos como objetivo identificar as funções discursivas presentes nos gêneros notícia, anúncio, artigo de opinião e piada, tendo como ponto de partida o quadro de funções sugerido por Ciulla (2008). Tomamos como pressuposta uma perspectiva cognitivo-discursiva da referenciação, pela qual tem sido ampliada a concepção de anáforas. Uma abordagem discursiva para a análise de processos referenciais deve considerar não apenas a expressão referencial em si, mas o conjunto de elementos contextuais convocados para a negociação sociocognitivo-discursiva dos referentes. Partindo desse pressuposto, julgamos necessário realizar uma rediscussão dos critérios utilizados para a análise das funções discursivas desempenhadas pelos processos anafóricos. Tomamos como fonte teórica para o estudo das funções discursivas o trabalho de Ciulla (2008), que objetivou estabelecer critérios que permitissem uma visão ampliada dos processos referenciais que não apenas revelasse funções, mas também levasse em conta a mutabilidade característica do processo de construção referencial e, portanto, suportasse constantes acréscimos e ajustes, conforme a observação das diversas situações de uso. Especificamente, extraímos do trabalho de Ciulla (2008) o quadro de funções discursivas sugeridas pela autora, a fim de as testarmos em outros gêneros, neste caso, a notícia, o anúncio, o artigo de opinião e a piada. Tal aplicação exige uma reorganização do quadro de funções, levando em consideração as características contextuais em que esses gêneros são praticados.

Palavras-chave: referenciação; processos referenciais; funções discursivas.

ABSTRACT

In this thesis, we reconsider the criteria that characterize the discursive functions of anaphoric processes from the analysis of advertisements. The goal was to identify the discursive functions present in the genres news, add, opinion article and joke, taking as its starting point the framework of functions suggested by Ciulla (2008). We assumed a cognitive-discursive perspective of referral, through which has been expanded the conception of anaphoras. A discursive approach for the analysis of referential processes must consider not only the referred expression itself, but also the set of contextual elements arranged to the sociocognitive-discursive negotiation of the referents. Based on this assumption, we believe it is necessary to conduct a rediscussion of the criteria used for the analysis of the discursive functions performed by the anaphoric processes. The main framework for the study of the discursive function is the work of Ciulla (2008), which aims at establishing criteria that allow a broader view of referential processes that could not only reveal functions, but could also take into account the characteristic mutability of the process of referential construction and that could, therefore, stand constant additions and adjustments, according to the observation of the diverse situations of use. Specifically, we extracted from Ciulla's work (2008) the framework of discursive functions suggested by the author in order to test it in other genres: news, add, opinion article and joke. This application demands a reorganization of the mentioned framework, considering the contextual characteristics in which these genres are practiced.

Keywords: referral; referential processes; discursive functions.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Anúncio temático sobre comportamento e importância dos animais.....	45
Figura 2 –	Tirinha da Mafalda sobre o ano novo.....	47
Figura 3 –	Anúncio O Boticário Lobo mau.....	48
Figura 4 –	Anúncio Atmosphere Front Park	78
Figura 5 –	Anúncio Agra.....	79
Figura 6 –	Anúncio imobiliária Brasil Brokers.....	81
Figura 7 –	Anúncio banho e tosa.....	82
Figura 8 –	Anúncio Red bull.....	83
Figura 9 –	Anúncio O Boticário maquiagem.....	84
Figura 10 –	Anúncio Feliz Páscoa Fortes Guimarães.....	85
Figura 11 –	Anúncio com humor.....	86
Figura 12 –	Anúncio Verde Morumbi.....	87
Figura 13 –	Anúncio O Boticário varinha de condão.....	88
Figura 14 –	Anúncio Belfort.....	130
Figura 15 –	Anúncio Kia.....	132
Figura 16 –	Anúncio seleção Chevrolet.....	134
Figura 17 –	Anúncio Jeep.....	135
Figura 18 –	Anúncio Honda.....	136
Figura 19 –	Anúncio BMW.....	137
Figura 20 –	Anúncio Devassa.....	139
Figura 21 –	Anúncio West Plaza.....	140
Figura 22 –	Anúncio Florense.....	141
Figura 23 –	Anúncio Guarani imóveis.....	142
Figura 24 –	Anúncio Dias de Sousa.....	144
Figura 25 –	Anúncio Start.....	145
Figura 26 –	Anúncio Seguradora.....	146
Figura 27 –	Anúncio Elsève L’oréal.....	147
Figura 28 –	Anúncio Havaianas Abaporu.....	148

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Processos referenciais atrelados à menção.....	30
Quadro 2 -	Tipos de Dêixis.....	38
Quadro 3 -	Funções discursivas obtidas através da análise do gênero anúncio, a partir do quadro de funções discursivas sugeridas por Ciulla (2008).	89
Quadro 4 -	Funções discursivas dos processos referenciais no gênero notícia....	167
Quadro 5 -	Funções discursivas dos processos referenciais no gênero anúncio..	167
Quadro 6 -	Funções discursivas dos processos referenciais no gênero artigo de opinião.....	169
Quadro 7 -	Funções discursivas dos processos referenciais no gênero piada.....	170

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	A REFERENCIAÇÃO E OS PROCESSOS REFERENCIAIS.....	20
2.1	Os processos referenciais.....	21
2.1.1	<i>Concepções dos processos referenciais.....</i>	23
2.1.1.1	<i>A anáfora direta.....</i>	<i>29</i>
2.1.1.2	<i>A anáfora indireta.....</i>	<i>32</i>
2.1.1.3	<i>A anáfora encapsuladora.....</i>	<i>35</i>
2.1.1.4	<i>A dêixis.....</i>	<i>37</i>
3	FUNÇÕES DISCURSIVAS DOS PROCESSOS REFERENCIAIS	41
3.1	Funções discursivas: escopo teórico.....	42
3.2	Funções discursivas no gênero conto literário.....	54
3.2.1	<i>Exemplificação das funções.....</i>	56
3.2.1.1	<i>Função 1. Organização das partes do texto.....</i>	<i>56</i>
3.2.1.2	<i>Função 2. Metadiscursividade.....</i>	<i>58</i>
3.2.1.3	<i>Função 3. Introdução de informações novas.....</i>	<i>61</i>
3.2.1.4	<i>Função 4. Promover um convite para uma busca/ativação na memória.....</i>	<i>62</i>
3.2.1.5	<i>Função 5. Efeitos estético-estilísticos.....</i>	<i>63</i>
3.2.1.6	<i>Função 6. Marcação de heterogeneidade discursiva.....</i>	<i>70</i>
4	FUNÇÕES DISCURSIVAS: NOVAS PERSPECTIVAS.....	77
4.1	Organização das partes do texto.....	77
4.2	Metadiscursividade.....	80
4.3	Introdução de informações novas.....	82
4.4	Promover um convite para uma busca/ativação na memória.....	82
4.5	Efeitos estético-estilísticos.....	84
4.6	Marcação de heterogeneidade discursiva.....	87
5	METODOLOGIA: PROPOSTAS E REFLEXÕES.....	90
5.1	Métodos de abordagem.....	90
5.2	A relação entre função discursiva e gênero textual.....	91

5.3	Os gêneros textuais: delimitação do universo.....	96
5.3.1	<i>Gênero textual notícia</i>	97
5.3.2	<i>Gênero textual anúncio</i>	100
5.3.3	<i>Gênero textual artigo de opinião</i>	102
5.3.4	<i>Gênero textual piada</i>	103
5.4	Explicação do procedimento.....	105
6	CAPÍTULO DE ANÁLISES.....	108
6.1	Análise das funções discursivas dos processos referenciais.....	109
6.2	Rediscussão dos critérios de análise das funções discursivas dos processos referenciais.....	116
6.3	Análise de gêneros: estabelecendo uma relação entre processos referenciais – funções discursivas – gêneros textuais.....	122
6.3.1	<i>Análise do gênero notícia</i>	124
6.3.2	<i>Análise do gênero anúncio</i>	129
6.3.3	<i>Análise do gênero artigo de opinião</i>	150
6.3.4	<i>Análise do gênero piada</i>	157
6.4	Apresentação dos resultados das análises.....	166
6.4.1	<i>As funções discursivas dos processos referenciais no gênero notícia</i>	166
6.4.2	<i>As funções discursivas dos processos referenciais no gênero anúncio</i>	167
6.4.3	<i>As funções discursivas dos processos referenciais no gênero artigo de opinião</i>	169
6.4.4	<i>As funções discursivas dos processos referenciais no gênero piada</i>	170
6.5	Apresentação dos resultados e proposta de um novo conjunto de funções discursivas.....	172
6.5.1	<i>Conjunto de funções obtidas</i>	174
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	177
	REFERÊNCIAS.....	182

1 INTRODUÇÃO

Os critérios de análise para o estudo dos referentes passaram a ter uma nova abordagem a partir da consideração de uma proposta teórica denominada *referenciação*. Tal proposta tem como pressuposto que é por meio da linguagem que ocorre a discretização do mundo, o que é resultado de uma negociação cognitivo-social. A referenciação toca na questão fundamental de que os referentes textuais (ou objetos-de-discurso) não são representações extensionalistas dos fenômenos empíricos; não estamos dizendo, portanto, que não existe uma relação entre as palavras e as coisas do mundo, mas que a relação entre linguagem e mundo vai muito além disso. Em outras palavras, a referenciação apresenta como posição central a ideia de que a experiência perceptual é elaborada cognitiva e socialmente, dentro do processo discursivo, pelos interlocutores.

A referenciação é um dos campos de investigação da Linguística Textual que só se viabilizam pela consideração de aspectos sociocognitivo-discursivos. Enquanto o social analisa os referentes linguísticos do ponto de vista da Pragmática e de pressupostos do dialogismo bakhtiniano, o cognitivo afirma que os interlocutores selecionam formas de atuar sobre a produção e recepção de textos, utilizando conhecimentos prévios.

Para Mondada e Dubois (1995), as práticas linguísticas não são imputáveis a um sujeito cognitivo abstrato, racional, intencional e ideal, solitário face ao mundo, mas a uma construção de objetos cognitivos e discursivos na intersubjetividade das negociações, das modificações das ratificações de concepções individuais e públicas do mundo. Para as autoras, a referência é um processo de negociação realizado pelos falantes no momento da interação, à medida que o discurso se desenvolve. O foco dessa abordagem não é saber se a representação do mundo é adequada, nem se é, simplesmente, uma questão de interpretação pelo contexto; interessa, antes, discutir a maneira como se dão as atividades cognitivas e interativas que os falantes praticam ao se referirem ao mundo através da sua fala.

Apothéloz (2001) traz uma abordagem da referenciação que, para nós, constitui o ponto de partida de nossa pesquisa: a ideia de que a referência não se restringe às expressões referenciais em si, pois outros elementos podem colaborar para a construção dos objetos de discurso, fornecendo pistas, às vezes, cruciais. Assim, o autor mostra em seus exemplos por que é importante considerar a referência, essencialmente, como um processo cognitivo e social, de atenção e interação, e não apenas como uma mera operação linguística, no sentido restrito da materialidade da língua, ou simplesmente como um procedimento pragmático.

Mondada e Dubois (2003) defendem que o acesso ao mundo acontece por meio de operações cognitivas e linguísticas, resultando da interação dos indivíduos entre si e com o mundo, o que revela uma visão dinâmica de categorização, que considera aspectos sociais e cognitivos na elaboração e produção dos enunciados. Nesse caso, o sujeito não é visto somente como decodificador, mas também como um sujeito sociocognitivo construtor do mundo.

Para as autoras, os referentes deixam de ser caracterizados como simples itens de retomada e passam a ser denominados de objetos de discurso, construídos e reconstruídos na dinâmica discursiva. Para Koch (2004, p. 61), a referenciação constitui-se em “uma atividade discursiva” na qual o sujeito, durante o processo de interação verbal, opera sobre o material linguístico podendo fazer escolhas significativas para representar estados de coisas.

Nessa perspectiva, há tipos diferentes de processos referenciais que ajudam os participantes da interação a construir sua própria coerência dos textos que recebem ou que produzem (CAVALCANTE, 2011).

É nesse sentido que direcionamos a nossa pesquisa, tendo em vista que uma abordagem discursiva dos processos referenciais deva considerar não apenas a expressão referencial em si, mas o conjunto de elementos que os constitui. Pretendemos em nossa pesquisa ressaltar uma conjunção de aspectos que devem ser considerados para a análise dos processos referenciais. Partindo desse enfoque, julgamos necessário que haja uma rediscussão dos critérios utilizados para a análise das funções discursivas desempenhadas pelos processos anafóricos, tendo em vista que, a nosso ver, o quadro de funções discursivas apresentadas pelos trabalhos da área, ainda que dê conta dos tipos de função encontrados em gêneros literários e jornalísticos, não recobre certas nuances de gêneros como, por exemplo, o anúncio. Uma das constatações importantes desta tese é que nenhum quadro de funções dos processos referenciais estabelecido *a priori* pode encerrar em si mesmo todas as possibilidades funcionais de um texto de dado gênero, quando se tem em conta uma perspectiva sociocognitivo-discursiva.

Tomaremos como fonte teórica para o estudo das funções discursivas o trabalho de Ciulla (2008), que objetivou estabelecer critérios que permitissem uma visão ampliada dos processos referenciais não restrito à revelação de funções, mas aberto à mutabilidade característica do processo de construção referencial em textos efetivamente usados, que pressupõe constantes acréscimos e ajustes, conforme os diversos constrangimentos situacionais. Com isso, a autora sugeriu uma lista de funções discursivas, resenhando as já existentes e adicionando outras, compondo um quadro geral e suscetível a ampliações, em que

funções e subespecificações de funções desempenhadas por vários processos referenciais são contempladas. Será esse, então, o quadro de funções que utilizaremos como parâmetro para embasar as nossas discussões e análises. Especificamente, extrairemos desse quadro, a partir de uma análise empírica, quais funções devem ser atribuídas aos processos anafóricos; tentaremos reorganizá-las por meio de critérios mais definidos e, em seguida, buscaremos algumas inter-relações entre as funções discursivas, os tipos diferentes de anáfora e os gêneros que selecionamos para esta investigação.

De modo esquemático, podemos dizer, seguindo Ciulla (2008), que os processos anafóricos aparecem frequentemente associados às seguintes funções: *organização*: mudam e inauguram tópicos que fazem progredir o discurso; em geral, associam-se à avaliação, muitas vezes através de encapsuladores; *explicitação do tipo de discurso ao qual apelam ou de um determinado valor de julgamento*: os processos anafóricos frequentemente servem para persuadir o interlocutor a compartilhar de julgamentos; *introdução de informações novas*: esclarecem ou especificam informações sobre um objeto, ao retomarem-no, promovendo novas categorizações e novos efeitos estético-estilísticos. Testaremos essas funções nas ocorrências encontradas em nosso *corpus*, no intuito de verificar quais são as funções discursivas que os processos anafóricos¹ desempenham.

Após delinear a perspectiva teórica que tomamos como base para o estudo das funções discursivas, apresentamos os processos referenciais que iremos utilizar em nossa análise, a saber: as anáforas *diretas*, as *indiretas*, as *encapsuladoras* e a *dêixis*; bem como traçamos o perfil teórico das definições destes processos presentes na literatura da área no intuito de defini-los e de rediscutir os critérios que dividem essas concepções.

Partindo da rediscussão dos critérios que devem ser utilizados na análise das funções discursivas dos processos anafóricos, consideramos a conjunção dos aspectos cognitivo-discursivos e a ampliação da concepção de anáforas, para, assim, formular o que, para nós, é a hipótese principal de nossa pesquisa: os critérios de análise das funções discursivas que as expressões anafóricas desempenham nos gêneros notícia, anúncios publicitários, artigos de opinião e piadas serão redefinidos, pois, para sua análise, deve ser considerada uma perspectiva cognitivo-discursiva, tendo em vista que a manifestação de uma função discursiva não se encerra em uma única expressão, ou seja, o desempenho que uma

¹ Utilizaremos a expressão *processos anafóricos* e em vez de *expressões anafóricas* como comumente encontramos em trabalhos da área, tendo em vista que, em nossa hipótese básica, consideramos que a função discursiva não é estabelecida de forma pontual por uma expressão, mas, sim, por diversas pistas presentes no texto, bem como por uma conjunção de aspectos que devem ser contemplados na identificação de uma função discursiva, o que nos levou a considerar o processo e não apenas a expressão.

expressão anafórica apresenta no texto não ocorre de maneira pontual nem fixa, mas de maneira contínua e processual, de acordo com o gênero textual utilizado. Tanto para a análise dos processos referenciais como para a análise de suas funções discursivas, devemos considerar diversas pistas dadas ao longo do texto, como uma construção, pois centrar a função discursiva em apenas uma expressão é permanecer em uma análise eminentemente formal.

Em nosso trabalho, observamos as funções discursivas dos processos anafóricos como critérios para diferenciá-los ou defini-los. Por isso, recorreremos à tese de Ciulla (2008), para quem os processos referenciais podem ser definidos em termos de funções que desempenham no discurso. Este não era, porém, o propósito da autora, que se ocupou de caracterizar diferentes funções que os processos referenciais poderiam exercer em textos literários. Mas foi essa proposta que nos motivou a relacionar o processo referencial a sua função discursiva, a fim de ampliar as definições dos processos anafóricos.

Dentro da proposta de Ciulla (2008), encontramos ainda outras concepções com as quais concordamos, dentre elas, o fato de a autora não separar os fatos linguísticos dos fatos cognitivos, entre os quais a inferência realizada para a interpretação das anáforas; pelo contrário, Ciulla (2008) defende que as anáforas se realizam como um processo em que há uma fusão de operações cognitivas, sociais e interativas realizadas pelos falantes. Esse posicionamento foi confirmado em nossa pesquisa de mestrado (ALVES, 2009), em que analisamos as possíveis distinções entre anáforas indiretas e associativas.

Vista dessa maneira, a referência não está “nas expressões”, mas é construída através delas em conjunto com os outros fatores do entorno discursivo. Assim, consideramos que o processo anafórico é, na verdade, parte dos processos referenciais, já que a sua determinação não depende exclusivamente das expressões em si, mas do uso dessas expressões e de como podemos interpretá-las.

Após todas as reflexões acerca dos critérios utilizados por Ciulla (2008), passamos a discutir sobre as hipóteses que sugeriram a partir das análises deste trabalho. Passamos a nos questionar e colocamos esses questionamentos como objetivos e hipóteses de nosso trabalho.

Objetivamos investigar, através das análises, se os processos referenciais podem ser definidos de acordo com a função discursiva que desempenham; para isso, analisamos os gêneros textuais, partindo das concepções destes processos que apresentamos em nossa tese.

Acreditamos que realizar uma análise tendo como pressuposto definições preestabelecidas iremos encontrar resultados que sirvam para embasar as reflexões teóricas já

realizadas, bem como para fornecer novos dados. No caso dos processos referenciais, eles apresentaram funções discursivas que revelaram traços inerentes às suas definições. Isso comprova que, mesmo em situação de uso, inclusos em gêneros textuais distintos, os processos referenciais mantêm suas características definicionais.

Outro objetivo que surgiu depois das reflexões feitas em nosso trabalho foi verificar quais funções discursivas são realizadas por cada processo referencial; para realizar este objetivo, consideramos os conceitos dos processos referenciais, buscamos ocorrências nos gêneros e classificamos as funções desempenhadas pelos processos. Após nossas análises, elaboramos quadros explicativos para apresentar nossos resultados. Encontramos diferentes funções para cada processo e em cada gênero analisado.

Ainda no que tange aos processos referenciais, objetivamos também observar se as funções discursivas desempenhadas pelos processos referenciais são as funções previstas em suas definições; neste ponto, nossos resultados foram condizentes com nossa hipótese. Encontramos funções inerentes às definições do processo e criamos um tópico para elas no novo quadro de funções discursivas que obtivemos.

Prosseguindo com os objetivos de nossa pesquisa, a partir deste ponto, dedicamo-nos às funções discursivas relacionando-as aos gêneros textuais analisados; intencionamos verificar se existem funções discursivas mais recorrentes em determinado gênero. Comprovamos mais uma de nossas hipóteses, ao detectarmos diferentes funções recorrentes a cada gênero analisado. Para apresentá-los, separamos um grupo de funções específicas para estas em nosso novo quadro.

Observamos também se as funções discursivas seguem o viés argumentativo orientado pelo propósito comunicativo de cada gênero analisado, verificando se são as funções discursivas que determinam características do gênero ou se é o gênero que determina o desempenho dos processos referenciais. Apresentamos este resultado no capítulo que trata das análises.

Destacamos que nossa análise acerca das funções discursivas do processo referencial anafórico tem como base as pesquisas de Koch (2004), Cavalcante (2006, 2011) e Ciulla (2008).

Organizamos nossa tese em cinco capítulos, além desta introdução e das considerações finais.

No capítulo 2, percorremos os conceitos e as definições presentes na literatura da área sobre os processos referenciais, especificamente pelos processos que utilizamos em nossas análises: as anáforas diretas, as anáforas indiretas, as anáforas encapsuladoras e a

dêixis. Apresentamos o estado da arte e, em seguida, fizemos questionamentos e reflexões sobre estas definições, com o intuito de ampliar e definir os conceitos destes processos que adotamos em nossa pesquisa.

No capítulo 3, fizemos um estudo sobre o trabalho que consideramos como base de nossa pesquisa. Verificamos como as funções discursivas dos processos referenciais são desempenhadas, com o intuito de verificar quais critérios foram utilizados por Ciulla (2008) na análise dos gêneros e no desvelamento de seu quadro de funções discursivas.

No capítulo 4, fizemos a revisão dos critérios que são utilizados na análise das funções discursivas dos processos anafóricos sugeridos por Ciulla (2008), porém realizando uma análise em anúncios publicitários. Realizamos este procedimento através de uma pesquisa piloto, considerando uma perspectiva sociocognitivo-discursiva. Essa análise piloto nos forneceu elementos suficientes para constatar que algumas das funções sugeridas por Ciulla não são passíveis de ocorrerem num gênero diferente dos textos analisados por ela. Este resultado foi de grande importância para nossa tese, pois foi ele que suscitou mais uma hipótese em nosso trabalho: a de que existem funções discursivas que são mais recorrentes em determinados gêneros do que em outros. Para confirmar esta hipótese e outras que surgiram ao longo da pesquisa, elaboramos os capítulos seguintes.

No capítulo 5, apresentamos a metodologia que utilizamos para realizar nossas análises, bem como definimos a concepção de gênero textual adotada por nós em nossa pesquisa. Fizemos isso no intuito de estabelecer a relação existente entre os gêneros textuais e as funções discursivas desempenhadas pelos processos referenciais. Ainda neste capítulo, descrevemos brevemente os gêneros que foram utilizados em nossas análises: a notícia, o anúncio, o artigo de opinião e a piada.

No capítulo 6, realizamos as análises propriamente ditas. Partimos dos conceitos já discutidos e adotados por nós dos processos referenciais, em seguida analisamos alguns exemplos de cada gênero, verificando quais funções discursivas foram desempenhadas pelos processos referenciais em cada um deles. Após essas análises, apresentamos os resultados e confirmamos algumas hipóteses importantes levantadas em nossa pesquisa. Além disso, propusemos um novo quadro de funções discursivas dos processos anafóricos, reconsiderando os critérios de análise já sugeridos pela literatura da área. Com isso, pudemos propor a reconsideração dos critérios de análise das funções discursivas, levando em conta um conjunto de aspectos na construção do processo referencial, ampliando, assim, o quadro de funções discursivas referenciais.

Ao propormos novos critérios de análise para o reconhecimento das funções discursivas, pudemos reorganizar o quadro de funções discursivas previstas em Ciulla (2008), além de termos reconhecido outras funções. Além disso, verificamos como as funções discursivas que os processos referenciais desempenham podem fornecer características distintivas para os processos referenciais. Acreditamos também que, por analisarmos diferentes gêneros, respeitamos o pressuposto de que as funções discursivas e as características do gênero constituem uma via de mão dupla, enquanto as funções qualificam o gênero, as características do gênero revelam a função que os processos referenciais anafóricos desempenham dentro do texto.

Nas considerações finais, retomamos alguns pontos relevantes e lançamos inquietações para possíveis estudos posteriores.

2 A REFERENCIAÇÃO E OS PROCESSOS REFERENCIAIS

Retomamos, agora, nossas reflexões sobre referenciação para entendermos como ela explica a relação entre língua e realidade. Em seguida, discutiremos os processos referenciais, ressaltando as funções discursivas que as anáforas podem assumir na tessitura textual.

Com o intuito de compreendermos como a referência é vista, vamos nos deter, inicialmente, aos estudos de Mondada e Dubois (2003) sobre a referenciação. A nosso ver, a visão das autoras é a mais coerente para embasar a pesquisa que pretendemos desenvolver, uma vez que pressupõe os textos como produzidos e interpretados por sujeitos sempre envolvidos em práticas sociais, o que coincide com a mesma visão de linguagem e de sujeito que assumimos nessa pesquisa.

As teorias sobre a referência dividem-se em polos distintos: um deles investe em uma concepção especular do saber e do discurso, na qual as coisas do mundo já preexistem à linguagem, e a função dos sujeitos é apenas nomeá-las por intermédio da língua (cf. MILNER, 2003). Este posicionamento é refutado por Mondada e Dubois (2003), principais representantes de outra proposta de referência. Os autores afirmam que, ao invés de pressupor uma estabilidade *a priori* das entidades no mundo e na língua, é possível reconsiderar a referência partindo da instabilidade constitutiva das categorias linguísticas e cognitivas, assim como dos seus processos de estabilização.

Desse modo, as autoras redirecionam a atenção para outro polo, redefinindo a referência como valor de verdade e levando-a para o modo como as atividades humanas cognitivas e linguísticas estruturam a realidade e dão sentido ao mundo (MONDADA e DUBOIS, 2003). Esse processo, denominado pelas autoras de *referenciação*, é proveniente de práticas simbólicas e não de uma ontologia que fixa os seres em um quadro permanente.

Partindo deste pressuposto, podemos afirmar que os textos são produzidos e interpretados por sujeitos sempre envolvidos em práticas sociais e não por um sujeito ideal, intencional, isolado. As concepções acerca do texto são negociadas, modificadas e corrigidas intersubjetivamente. Segundo essa concepção de referenciação, o acesso ao mundo se dá por meio de operações cognitivas e linguísticas, resultando da interação dos indivíduos entre si e com o mundo, o que revela uma visão dinâmica de categorização que considera não só o sujeito físico, mas também um sujeito sociocognitivo construtor do mundo, paralelamente à realização das suas atividades sociais, o que o torna relativamente estável pelas categorias manifestadas ao longo do discurso.

Koch e Marcuschi (1998), ainda sobre essa perspectiva, defendem que “os processos de referenciação são constituídos” durante a interação. Estes processos não se encontram prontos na linguagem, não se confundem com um simples código transmissor de mensagens, nem se restringem a um representante da realidade através da linguagem. Os autores afirmam que a textualização do mundo por meio da linguagem não está em um mero processo de elaboração de informações, mas constitui-se em um processo de (re)construção do próprio real.

Para Koch (2004, p. 61), a referenciação constitui-se em “uma atividade discursiva”, na qual o sujeito, durante o processo de interação verbal, opera sobre o material linguístico podendo fazer escolhas significativas para representar estados de coisas. Segundo Koch (2004), as formas de referenciação, assim como os processos de remissão textual, realizam-se através das escolhas do sujeito, tendo em vista seu objetivo comunicativo. Ressalta ainda que a interpretação de uma expressão referencial, seja ela nominal ou pronominal, não se encontra somente na constatação de sua forma linguística no texto (seu antecedente) ou em um objeto do mundo, mas nas informações ativadas na memória discursiva.

Segundo Cavalcante (2011), existem duas maneiras de analisar como os objetos de discurso se desenvolvem no texto. Uma prioriza a manifestação das expressões referenciais no cotexto para descrever os diferentes tipos de processos referenciais. A outra maneira não considera como critério primário de distinção a explicitação das expressões referenciais, mas a construção sociocognitivo-discursiva dos objetos de discurso.

Por essa concepção de referenciação, estamos pressupondo que a interpretação de uma expressão referencial não está limitada a ela mesma, pois sua compreensão depende de diversos elementos que vão desde o material linguístico até o conhecimento de mundo compartilhado. A consciência desta perspectiva nos permite, a partir de nossas análises, ampliar conceitos dos processos referenciais, bem como propor que as funções discursivas desempenhadas por tais processos devam ser observadas partindo também desta concepção de referenciação.

2.1 Os processos referenciais

Antes de iniciarmos nossas discussões sobre os processos referenciais, iremos tocar num ponto importante que faz parte dos estudos sobre os processos referenciais. Apresentaremos a concepção de referente que utilizamos em nossa pesquisa.

De acordo com Cavalcante (2011), referentes são entidades que construímos mentalmente quando enunciamos um texto. São realidades abstratas, portanto, imateriais. Os referentes não chegam a configurar-se como significados, porém, seria impossível falar de referência sem recorrer aos traços de significação, que indicam do que estamos tratando, para que serve, quando empregamos etc., além disso, referentes não se constituem como forma, embora possam ser realizados por expressões referenciais.

Um ponto relevante sobre o referente é a sua elaboração. Apenas somos capazes de representar cognitivamente essa entidade se soubermos o significado das *expressões referenciais* que as manifestam num determinado enunciado. Vale ressaltar que o modo como o enunciador e seus possíveis interlocutores ou coenunciadores constroem a representação desses referentes em suas mentes jamais será o mesmo em outra situação efetiva de comunicação.

Cavalcante (2011) afirma que o ato de referir é sempre uma ação conjunta. Atualmente, na Linguística do Texto, realizamos referência a algo quando nos reportamos a pessoas, animais, objetos, sentimentos, ideias, emoções, qualquer coisa, enfim, que se torne essência, que seja possível de ser substantivado quando falamos ou quando escrevemos. “É na interação, mediada pelo outro, e na integração de nossas práticas de linguagem com nossas vivências socioculturais que construímos uma representação – sempre instável – dessas entidades a que se denominam *referentes*.” (CAVALCANTE, 2011, p.08).

Podemos encontrar nos estudos sobre os processos referenciais diferentes tipos de processos referenciais que ajudam os participantes da interação a construírem a coerência dos textos que recebem ou que produzem. Segundo Cavalcante (2011), todo processo referencial é viabilizado por um dispositivo remissivo, uma propriedade de apontar para um dado objeto reconhecível a partir de pistas muito diversificadas.

Encontramos nos trabalhos da linha de referenciação, duas maneiras de abordar os objetos de discurso (referentes) dentro de um texto; a primeira prioriza a manifestação das expressões referenciais no cotexto para descrever diferentes tipos de processos referenciais; a segunda não considera como critério primário de distinção dos processos a explicitação das expressões referenciais, mas sim, a construção sociocognitivo-discursiva desse objeto de discurso.

Consideramos em nosso trabalho que as duas formas de identificação do referente são complementares. Nas análises dos processos referenciais, embora não priorizemos a forma como elemento fundamental para caracterizar ou definir os processos, acreditamos que

não podemos desprezar estes elementos, pois estes, juntamente com os critérios sociocognitivo-discursivos, permitem a construção do referente.

Vejamos, a seguir, uma discussão sobre as concepções dos processos referenciais, com o intuito de não apenas refletir sobre estas definições, mas também de precisar quais definições adotamos em nossas análises.

2.1.1 Concepções dos processos referenciais

Iniciamos nosso passeio teórico pelas concepções dos processos referenciais que utilizamos em nossa pesquisa, a saber: as anáforas diretas, as indiretas, as encapsuladoras e a dêixis. Citamos Apothéloz (1995b, p.169), que afirma que “não há tipologia satisfatória dos fatos anafóricos”. Koch e Marcuschi (1998) seguem a mesma linha afirmando que: “A retomada anafórica é a estratégia de progressão discursiva mais estudada e conhecida, mas não de todo compreendida e provavelmente mal compreendida”.

As afirmações feitas pelos autores revelam seus esforços em compreender as expressões referenciais como elementos de contornos bem definidos e pré-estabelecidos. Apesar disso, a busca pela delimitação de fronteiras definicionais entre os processos anafóricos ainda está em andamento, pois ainda há muito que refletir sobre o tema.

A referenciação é um processo que depende de uma série de atividades cognitivas e sociais que se estabelecem no momento da interação, logo as expressões referenciais também precisam de uma definição que comporte essa fluidez. (CIULLA, 2008).

Para definir a anáfora, em Alves (2009), atentamos para o fato de que a anáfora, termo etimologicamente associado à ideia de “repetição”, constitui um mecanismo de relação entre um elemento que exige saturação referencial, denominado “elemento anafórico”, “expressão anafórica” ou simplesmente “anafórico”, e um elemento antecedente ou consequente, que nem sempre é uma expressão explícita ou pontual do cotexto e que fornece as condições para que essa saturação seja satisfeita. Desse modo, toda anáfora implica uma atividade de remissão, já que nesse mecanismo está em jogo um ato de “apontamento” para um elemento, normalmente presente no cotexto, e possivelmente de retomada, uma vez que, havendo ou não identidade material entre os elementos envolvidos, a anáfora é responsável pela continuidade referencial.

Na sua atividade de retomar, o elemento anafórico reativa objetos-de-discurso introduzidos, como é o caso das anáforas diretas correferenciais, quer apontem para trás ou para frente (quando a remissão é catafórica); ou ativa um novo objeto de discurso, cuja

interpretação é dependente de dados introduzidos, mas não retoma o mesmo referente, como é o caso da anáfora indireta.

De uma forma geral, as anáforas indiretas evidenciam essencialmente três aspectos: a não vinculação da anáfora com a correferencialidade; a introdução de referente novo e o status de referente dado por pistas do cotexto. Esta caracterização tem sido consensual nos trabalhos sobre o assunto.

Assumindo uma perspectiva pragmático-discursiva, ainda que denominando o fenômeno de “anáfora associativa”, Apothéloz e Reichler-Béguelin (1999) definem tais anáforas como um objeto que, embora apresentado como conhecido, é novo no texto e não foi, conseqüentemente, mencionado explicitamente no contexto anterior. Embora se trate da mesma caracterização de outros autores, Apothéloz e Reichler-Béguelin acrescentam que esse tipo de anáfora pode também ser interpretado referencialmente somente em relação a dados introduzidos anteriormente no universo do discurso, propriedade que justificaria o termo anáfora. Em outras palavras, os autores admitem que as anáforas “associativas” poderiam estar ancoradas não no cotexto, mas em informações do universo do discurso.

Mostramos em Alves (2009) que o termo *anáfora associativa* tem sido, às vezes, atrelado somente a um dos tipos de relação anafórica indireta. Kleiber (2001), o autor que trabalhou este assunto de maneira mais aprofundada, observou a relação existente entre as entidades envolvidas na associação. Ele afirma que há apenas dois lados possíveis: ou se englobam as diversas relações que podem existir entre a entidade da expressão antecedente e a entidade da expressão anafórica dentro de um mesmo tipo associativo, com o direito de definir as anáforas associativas como anáforas indiretas; ou não se opera tal generalização, e então é legítimo definir as anáforas associativas como anáforas indiretas de um determinado tipo.

Kleiber (1994a; 2001), então, tenta fazer a distinção entre anáfora indireta ou inferencial e anáfora associativa. Em outro ponto de seus estudos, no entanto, o autor afirma que toda anáfora é inferencial. Argumentamos que admitir tal pressuposto é colocar os diferentes tipos de anáforas em um mesmo patamar do ponto de vista cognitivo: seriam iguais em relação aos aspectos inferenciais (ALVES, 2009), pois, a nosso ver, em ambos os tipos de anáforas apresentadas pelo autor, há a necessidade de elaboração do referente através de processos inferenciais.

Existem ainda flutuações terminológicas indesejáveis. Alguns autores, como Marcuschi (2000), por exemplo, fundado em Schwarz (2000), afirmam que as anáforas associativas são parte substantiva das anáforas indiretas e constituem relações referenciais

produzidas por sintagmas nominais definidos, verbos, adjetivos, pronomes ou até mesmo orações que não retomam pontual ou explicitamente elementos anteriormente presentes no cotexto, mas ancoram em elementos do discurso ou da situação sociocognitiva para ativar ou introduzir um referente novo como se fosse dado.

Essas características apresentadas pelo autor são bem próximas das que ele aponta para as anáforas indiretas, seguindo o que também é dito por Schwarz (2000), que são: a inexistência de uma expressão antecedente explícita para a retomada, mas com a presença de uma âncora²; a ausência de uma relação de correferência entre a âncora e a anáfora indireta; a construção de um novo referente e não a busca ou reativação de elementos prévios por parte do receptor e a realização por meio de elementos não pronominais, sendo rara sua realização pronominal.

A concepção de Marcuschi (2000) suscita uma questão interessante: dizer que as anáforas associativas são parte substantiva das anáforas indiretas implica que toda anáfora associativa é indireta, mas nem toda anáfora indireta é associativa. Ou seja, a anáfora indireta seria o fenômeno mais amplo do qual a anáfora associativa faz parte, desse modo, ele não define as anáforas, apenas atribui-lhes características que, para nós, são às vezes semelhantes.

Assumiremos, nesta tese, seguindo Alves (2009), que a separação entre as anáforas indiretas e as associativas não é dicotômica, mas apresenta diferentes níveis de inferência nas suas interpretações, ou seja, ocorre de maneira escalar. A nosso ver, o processo anafórico independe de critérios formais e semânticos, pois o que possibilita o acesso ao referente, e, conseqüentemente, a interpretação da anáfora são as inferências realizadas e/ou o percurso cognitivo elaborado para suas realizações.

No tocante à realização da inferência nas anáforas indiretas ou associativas, não ocorre uma diferenciação, mas as inferências são feitas em diferentes níveis, que estabelecem uma escala. O fenômeno anafórico é o mesmo, sendo que, nos níveis mais acessíveis, em que a busca pelo referente se faz de maneira menos elaborada, mais simplificada, encontram-se as denominadas anáforas associativas e, em um nível de acesso mais difícil ou com uma exigência de maior elaboração inferencial, estão as anáforas indiretas. Essa hipótese precisa, no entanto, ser testada e fundamentada em experimentos psicolinguísticos, o que foge à alçada desta pesquisa.

² Adotamos aqui a expressão ‘*âncora*’, sugerida por Schwarz (2000, p.74), pois se apresenta melhor do que outras, como ‘*gatilho*’, que evoca inferências prospectivas; ou ‘*antecedente*’, que subentende uma remissão para trás, o que nem sempre acontece; além disso, uma “*expressão-âncora*” ativa significados desencadeando inferências potenciais ou relações possíveis nem sempre lexicalizadas, mas situadas no cotexto.

Observamos que considerar apenas o aspecto formal como fator definicional ou distintivo das anáforas indiretas e associativas é insuficiente para descrever um fenômeno tão amplo quanto o anafórico. Comprovamos, em Alves (2009), que o que distingue uma anáfora da outra são os níveis de inferência realizados nas suas realizações/interpretações.

Em nossa pesquisa de mestrado, fizemos um estudo aprofundado sobre a diferenciação das anáforas associativas e das anáforas indiretas. Deparamo-nos com diferentes definições de anáforas associativas; separamos, então, grosso modo, a concepção estreita e a concepção ampla, e observamos, a partir dos exemplos dados, os pontos divergentes e os pontos em comum, levando em consideração que esses exemplos iriam se assemelhar aos que apresentaremos a seguir para as anáforas indiretas, o que revela a falta de consenso entre os estudiosos do assunto para tais definições.

Após discussões teóricas, fizemos um comparativo de exemplos de anáforas indiretas e de anáforas associativas, para observarmos na prática os diferentes níveis de inferência realizados na interpretação dessas anáforas.

Primeiro vejamos exemplos clássicos de anáforas associativas:

(01) Não pegue a xícara amarela. A asa está quebrada. (CAVALCANTE, 2002, p. 04).

(02) “Entramos num vilarejo. A igreja estava situada no alto.” (KLEIBER, 2001, p. 263).

(03) “- A operação se passou bem. O operado e o cirurgião até mesmo brincaram juntos./ Houve um assassinato. O assassino foi rapidamente preso.” (KLEIBER, 2001, p. 324).

(04) O carro está acabado. A direção está totalmente torta. (CAVALCANTE, 2002, p. 04).

Estes exemplos de anáforas associativas são classificados por Kleiber, respectivamente, como *meronímicas*, *actanciais*, *funcionais* e *locativas*. Ambos os exemplos possuem o acesso ao seu referente através de uma relação lexical de forma explícita no cotexto anterior, sendo este tipo de anáfora considerada de mais fácil acesso devido ao grau de proximidade que as expressões anafóricas apresentam em relação a seus antecedentes.

Agora, mostraremos exemplos clássicos de anáforas indiretas:

(05) Essa história começa com uma família que vai a uma ilha passar suas férias. /.../ Quando amanheceu eles foram ver como estava o barco, para ir embora e perceberam que o barco não estava lá. (MARCUSCHI, 2001, p. 217).

(06) Ontem fomos a um restaurante. O garçom foi muito deselegante e arrogante. (SCHWARZ, 2000, p. 50).

(07) Eu queria fechar a porta quando Moretti saltou dos arbustos. Com o susto deixei cair as chaves. (SCHWARZ, 2000, p. 99).

Estes exemplos, embora tenham sido citados pelos autores como anáforas indiretas, possuem estreita semelhança com os exemplos citados para anáfora associativa, o que torna os dois conceitos ainda mais semelhantes. A diferença está na inexistência de uma expressão explícita para a retomada anafórica, mas há a presença de uma expressão antecedente que é fundamental para a interpretação da anáfora indireta, uma âncora.

Desse modo, podemos considerar que o processo de inferência realizado para a interpretação das anáforas indiretas deve ser mais elaborado, ou de mais difícil acesso que o das anáforas associativas, o que não as distingue, mas as torna escalares.

Esses exemplos foram assim dispostos para nos levarem a uma reflexão sobre a diferenciação das anáforas. O que temos observado na literatura são diferentes formas de se estabelecer uma classificação que as diferencia, dando características diferentes, ou mesmo iguais, mas há sempre a tentativa de separá-las ou distingui-las.

Os aspectos cognitivos envolvidos no ato da inferência são complexos devido a sua relatividade. Essa inferência necessária à interpretação das anáforas depende de diversos fatores, como conhecimento de mundo, conhecimento compartilhado, aspectos sociais, interacionais, dentre outros. O que queremos dizer é que um referente pode ser acessível para um falante, mas, para outro falante da mesma língua, com todas as condições necessárias à interpretação, pode não ser.

Analisaremos também, nesta pesquisa, os processos anafóricos encapsuladores, mais especificamente expressões encapsuladoras. Quando eles se manifestam por sintagmas nominais plenos, são chamados de *rótulos*, conforme Francis (1994). A principal característica desse tipo de expressão é o fato de que resumem uma porção de texto anterior e inauguram um novo referente e, portanto, um novo tópico para o discurso. Conforme Francis (1994), ao mesmo tempo em que o enunciador encapsula um trecho de informações, muitas vezes dispersas no discurso, organiza-o e, frequentemente, acrescenta-lhe uma avaliação; além disso, quando o encapsulador opera de maneira prospectiva, ajuda na previsão de informações.

Ainda sobre os encapsuladores, temos os encapsuladores por pronomes plenos ou nulos. Cavalcante (2001) discute sobre os “Subtipos de nomeação”. O que Apothéloz e Chanet (1997) tratam por “nominalização”, Cavalcante (2001) designou como *nomeação* e pode expressar-se por meio de recursos linguísticos distintos:

- por pronomes substantivos demonstrativos, como em:

(08) “Cardoso (1994,1995 e 1996), a partir da análise de produções orais, defende que, ao contrário do que prega a tradição, o demonstrativo não tem por função apontar para objetos ou fatos envolvidos na situação imediata de comunicação. Mais que isso, os demonstrativos introduzem pressuposições no discurso cuja interpretação é condicionada ao conhecimento partilhado dos falantes.” (artigo científico, citado por CAVALCANTE, 2001, p. 127).

- por sintagmas nominais introduzidos por artigo definido, como:

(09) “O trabalho (...) focaliza as dimensões contextual e causal dos verbos predicadores Benefactivos, quer em sua acepção básica, quer em suas incursões metafóricas.” (resumo acadêmico, citado por CAVALCANTE, 2001, p. 127).

- por sintagmas nominais assinalados por demonstrativos, advérbios ou outras formas indiciais equivalentes, como nas seguintes ocorrências:

(10) “Nos últimos seis anos, 454 empresas industriais, nacionais e estrangeiras, se instalaram no estado. Essa revoada propiciou investimentos de US\$ 5,4 bilhões (...)” (Carta ao Leitor, citado por CAVALCANTE, 2001, p. 128).

(11) “Nesta ocasião abordaremos os seguintes pontos de pauta: (...)” (Carta Oficial, citado por CAVALCANTE, 2001, p. 128).

Embora as anáforas encapsuladoras tenham sido sempre descritas como um tipo de anáfora indireta, para Cavalcante (2003), esse subtipo de anáfora é “meio direta, meio indireta”: direta, porque a expressão anafórica referir-se-ia diretamente a informações já mencionadas, que seriam resumidas pela expressão, e indireta, porque, ao modo das anáforas indiretas, tomaria como base algo já mencionado no texto e inauguraria um novo objeto para o discurso, o que demonstra, também, certa imprecisão neste conceito.

De acordo com Apothéloz (1995b, p. 169), “não há tipologia satisfatória dos fatos anafóricos”. Segundo Koch e Marcuschi (1998), “A retomada anafórica é a estratégia de progressão discursiva mais estudada e conhecida, mas não de todo compreendida e provavelmente mal compreendida”.

O que os autores citados acima afirmam, em outras palavras, é que há uma dificuldade em definir os processos referenciais como elementos de contornos bem definidos e preestabelecidos. Dedicaremos, a seguir, um item para cada um dos processos que analisaremos em nossa pesquisa: a anáfora direta, a anáfora indireta, a anáfora encapsuladora e a dêixis. Faremos esse detalhamento cientes de que tais processos referenciais dependem de uma série de atividades cognitivas e sociais que se estabelecem no momento da interação. Acreditamos que refletir sobre essas questões servirá de base para a construção da proposta de nossa pesquisa.

2.1.1.1 A anáfora direta

Ao realizar nossa pesquisa, encontramos vários trabalhos que investigam o desempenho dos processos referenciais, dentre eles podemos citar: Koch (2002), Apothéloz (2003), Conte (2003), Francis (2003), Cavalcante (2004, 2011), Carvalho (2005), Marcuschi (2005), Matos (2005), Ciulla (2008) e Vasconcelos de Sá (2007).

Através dessas pesquisas, podemos destacar inicialmente os estudos de Apothéloz (2003) na diferenciação das anáforas e os estudos de Cavalcante (2011), que nos trazem uma proposta que se destaca pela classificação e caracterização dos processos referenciais.

Segundo Apothéloz (2003), as anáforas se diferenciam nos seguintes tipos: anáfora fiel e infiel, a anáfora por nomeação, a anáfora por silepse e a anáfora associativa. Dentre os tipos apresentados pelo autor, comentaremos apenas a diferenciação entre anáfora fiel e infiel.

A anáfora fiel, segundo Apothéloz (2003), caracteriza-se quando um referente que foi anteriormente introduzido no texto é retomado através de um SN definido ou demonstrativo, por exemplo: *uma casa/esta casa*. Diferentemente do tipo anterior, a anáfora infiel ocorre quando o nome da forma retomada for diferente do termo introduzido anteriormente. Como exemplo deste tipo de anáfora, temos as formas sinônimas e os hiperônimos, por exemplos: *uma casa/a habitação*. Para o autor, aspecto com o qual concordamos, os casos de anáfora fiel são, na verdade, possibilidades de correferência pelo fato de duas expressões representarem no discurso o mesmo referente. São casos de recategorização por renomeação de referentes.

Desse modo, Cavalcante (2011) afirma que a prioridade dada à menção das expressões referenciais é decisiva para distinção entre as estratégias de introdução referencial e de anáfora. A autora defende que “todo processo referencial é viabilizado por um dispositivo remissivo, uma propriedade de apontar para um dado objeto reconhecível, a partir de diferentes pistas” (CAVALCANTE, 2011, p. 53).

Em sua proposta classificatória, a autora divide as expressões referenciais em três grupos: introdução referencial, anáfora e dêixis, apresentando o quadro a seguir, para a diferenciação dos processos de introdução referencial e anáfora e as subdivisões das expressões anafóricas.

Quadro 1- Processos referenciais atrelados à menção.

Processos referenciais atrelados à menção			
Introdução Referencial	Anáfora (continuidade referencial)		
	Anáforas diretas (Correferenciais)	Anáforas indiretas (Não correferenciais)	
		AI (propriamente ditas)	Anáforas encapsuladoras

Fonte: (CAVALCANTE 2011, p. 60).

Podemos observar um vasto estudo na área de referenciação sobre as anáforas e seus diversos tipos. Atentamos aqui para o fato de que a anáfora, termo etimologicamente associado à ideia de “repetição”, constituía um mecanismo de relação entre um elemento que exige saturação referencial, denominado “elemento anafórico”, “expressão anafórica” ou simplesmente “anafórico”, e um elemento antecedente, que nem sempre é uma expressão explícita ou pontual do cotexto precedente, que fornece as condições para que essa saturação seja satisfeita.

De maneira geral, postulava-se, nesta perspectiva mais tradicional do fenômeno, que as anáforas diretas retomavam referentes previamente introduzidos, ou seja, estabeleciam uma relação de correferência entre o elemento anafórico e seu antecedente. Haveria uma equivalência semântica e uma identidade referencial entre a anáfora e seu antecedente. Em outras palavras, a anáfora direta constituía uma forma de substituição do elemento por ela retomado. Desse modo, aspectos gramaticais, tais como concordâncias de gênero e número, eram decisivos em muitos casos, principalmente quando houvesse mais de uma opção de antecedente referencial. Assim, a visão clássica da anáfora direta se dava com base na noção de que a anáfora era um processo de reativação de referentes prévios, mas fundada em restrições de natureza formal.

A definição clássica da anáfora direta não considera o problema da referenciação textual em toda a sua complexidade, pois nem sempre existe congruência morfosintática entre a anáfora e seu antecedente; nem toda anáfora recebe uma interpretação de simples identificação de referente.

Para exemplificar as anáforas diretas, Ciulla (2008, p. 49) usa o seguinte exemplo:

(11) Quis sentar-se num banco do jardim, porque na verdade não sentia a chuva e não se importava com o frio. Só mesmo um pouco de medo, porque ainda não resolvera o caminho a tomar. O banco seria um ponto de repouso.

(Clarice Lispector, *Fuga*, apud CIULLA 2008, p. 49).

Na expressão “O banco”, no exemplo (11), temos um caso típico de anáfora direta, porque retoma a expressão anterior “num banco do jardim”; neste caso, as duas expressões são correferenciais, isto é, referem-se ao mesmo objeto e ainda há uma repetição do item lexical *banco*.

Ciulla (2008), porém, afirma que a anáfora direta tem características semelhantes às das anáforas indiretas, achando desnecessário, inclusive, que haja distinção entre estes dois tipos de anáfora. Se observarmos novamente o exemplo (11) e atentarmos para a leitura como um todo, veremos que o “banco do jardim”, mencionado primeiramente, passa a ser “um ponto de repouso” para a personagem em conflito. Segundo a autora, mesmo quando um item lexical é repetido, pode haver transformação, que é o que acontece na maior parte das vezes, pois, normalmente, o entorno discursivo é trabalhado no sentido de fazer evoluir os objetos, modificando-os.

Outro aspecto relevante dos eventos anafóricos é que pode haver mais de uma âncora pontual no cotexto. Vejamos o exemplo dado por Ciulla (2008, p.51):

(12) (...) “É como uma linha férrea desativada” – o médico lhe mostrava o raio X, levantando a chapa contra a luz. Lá estava a coluna vertebral, na estrada completa, com todos os seus ossinhos aparentemente em perfeito estado. Mas agora não servia para mais nada, os membros paralisados (...) Agora observa outra vez a chapa contra a luz. Uma linha férrea, sim. Sem ligações nervosas, sem circuitos, o trenzinho parado não se sabe em que canto do corpo, enferrujando. (...) O trem das onze chega logo. Sente um arrepio: a luz do poste iluminou o rosto do homem, o mesmo que descia na estação, anos atrás. Não podia imaginar que um dia estaria deitado na linha do trem, com o menininho lhe ajustando os membros (...) Afasta-se. Pensa em voltar rápido para casa; a cadeira de rodas leve, ágil. Mas não resiste a um impulso: o de ver os vagões correndo, correndo, atravessando a linha férrea e correndo, correndo.

(Tércia Montenegro, *Linha Férrea*, apud CIULLA 2008, p. 51).

No exemplo (12), a última menção de “linha férrea” pode tanto se referir à coluna do velho, numa alusão macabra aos vagões atropelando o velho, como simplesmente pode remeter ao trem percorrendo os trilhos.

Segundo Ciulla (2008), o exemplo (12) é mais uma evidência de que a subdivisão em anáforas diretas e indiretas não se sustenta, já que evidencia que tanto as anáforas chamadas diretas como as indiretas podem ser núcleos a partir dos quais diversas referências podem ser feitas, em procedimentos de recuperação, de reformulação ou de homologação de novos referentes.

Embora as reflexões sobre a complexidade dos processos referenciais, mais especificamente sobre as anáforas diretas e indiretas feitas até aqui, sejam válidas para construir a argumentação de nossa tese, continuaremos assumindo uma perspectiva de subdivisão das anáforas em: Diretas, Indiretas e Encapsuladoras. Deixamos claro que o posicionamento que assumimos para a definição da anáfora direta em nosso trabalho é o que a considera como um elemento anafórico que reativa objetos-de-discurso introduzidos, quer apontem para trás ou para frente (quando a remissão é catafórica); ou ativa um novo objeto de discurso, cuja interpretação é dependente de dados já introduzidos no discurso, retomando o mesmo referente.

2.1.1.2 A anáfora indireta

Em seu estudo sobre anáfora indireta, Marcuschi (2000) investigou alguns aspectos da hoje denominada *anáfora indireta (AI)*³, geralmente constituída por expressões nominais definidas ou pronomes interpretados referencialmente sem que lhes corresponda um antecedente (ou subsequente) explícito no texto. Trata-se de uma estratégia endofórica de *ativação* de referentes novos e não de uma *reativação* de referentes já conhecidos, o que constitui um processo de referenciação implícita. Segundo o autor, um caso típico de *AI* seria este:

(13) Essa história começa com uma família que vai a uma ilha passar suas férias. /.../ Quando amanheceu eles foram ver como estava o barco, para ir embora e perceberam que o barco não estava lá. (MARCUSCHI, 2001, p. 217).

De acordo com a análise feita pelo autor para este exemplo, o barco é uma expressão referencial nova nesse texto, mas surge como se fosse *conhecida*, pois *ancora* na expressão nominal antecedente uma ilha, que lhe dá suporte. Casos assim são frequentes em todos os gêneros textuais, tanto na fala como na escrita.

Em seu trabalho, Marcuschi (2001) segue de perto o que foi dito por Schwarz (2000) em *Indirekte Anaphern in Texten*. E trabalha com a definição de anáfora indireta, que considera que as noções estreitas de anáforas não são suficientes para descrever o fenômeno. Segundo Marcuschi, as anáforas indiretas não se restringem à realização através de pronomes

³ Entre os trabalhos mais completos sobre o tema encontra-se a obra de Monika Schwarz (2000): *Indirekte Anaphern in Texten*.

e da referência em sentido estrito. Essa classe de anáforas, ignorada pelos gerativistas, ameaça noções de texto e coerência atuais, constituindo um problema central para as teorias formais da referência. Por fim, reintroduz, no contexto da gramática, aspectos sociocognitivos relevantes que permitem repensar tópicos gramaticais na interface com a semântica e a pragmática.

Marcuschi (2001) afirma que a *AI* é um caso de *referência textual*, ou seja, é um recurso de construção, indução ou ativação de referentes no processo textual-discursivo que envolve atenção cognitiva conjunta dos interlocutores. Uma análise detida das características centrais da *AI* mostra que essas anáforas não dependem de uma congruência morfossintática nem da necessidade de reativar referentes já explicitados. Obviamente que toda referência é “textual”, mas, com essa observação, o autor quer chamar a atenção para o fato de que certos tipos de anáfora indireta exigem maior elaboração e atenção conjunta dos interlocutores, pois lida com associações *ad hoc*, que relacionam determinados referentes associáveis somente naquela enunciação específica.

Assim, segundo Marcuschi (2001), podemos dizer que o estudo das *AI*, além de ser uma oportunidade para rever as relações entre *pragmática e cognição* e exigir análises mais cuidadas da noção de *modelos mentais* e do funcionamento semântico da língua (em especial do *léxico* e dos *papéis temáticos*), tal estudo propiciaria uma produtiva revisão de noções de *língua, categoria, referência, inferência, texto e coerência*.

Essa perspectiva utilizada por Marcuschi revela sua visão ampla sobre o conceito de anáfora indireta e tem o objetivo de considerar os aspectos cognitivos e interacionais envolvidos na realização de uma anáfora, visão a que somos adeptos, até então, tendo em vista a ênfase que o autor deu à pragmática e à cognição.

No entanto, a partir desse ponto, o autor passa a especificamente definir a anáfora indireta de acordo com Schwarz (2000), distanciando-se do que para nós seria uma abordagem sociocognitivo-interacional: a definição de *AI*, tal como proposta por Schwarz (2000, p.49), é a seguinte:

... expressões definidas que se acham na dependência interpretativa em relação a determinadas expressões da estrutura textual precedente e que têm duas funções referenciais textuais: a introdução de novos referentes (até aí não nomeados explicitamente) e a continuação da relação referencial global.

Marcuschi acrescenta à definição de Schwarz, além das expressões definidas, as expressões pronominais. Assim, para o autor, a definição de anáfora indireta foi reelaborada da seguinte forma:

No caso da Anáfora Indireta, trata-se de expressões definidas [e expressões pronominais] que se acham na dependência interpretativa em relação a determinadas expressões [ou informações constantes] da estrutura textual precedente [ou subsequente] e que têm duas funções referenciais textuais: a introdução de novos referentes (até aí não nomeados explicitamente) e a continuação da relação referencial global. (MARCUSCHI, 2001, p. 223).

A nosso ver, apesar de o autor propor inicialmente uma abordagem mais cognitiva e pragmática, ele vem mostrar, com essa definição, um apego aos aspectos formais, estabelecendo ainda restrições formais para a realização de uma anáfora, característica que nos levaria a considerá-la uma definição que se aproximaria da concepção estreita de anáfora indireta.

De acordo com Schwarz (2000, p. 50), as características da AI são:

- a) a inexistência de uma expressão antecedente ou subsequente explícita para retomada e presença de uma âncora, isto é, uma expressão ou contexto semântico de base decisivo para a interpretação da AI;
- b) a ausência de relação de correferência entre a âncora e a AI, dando-se apenas uma estreita relação conceitual;
- c) a interpretação da AI ocorre como a construção de um novo referente (ou conteúdo conceitual) e não como uma busca ou reativação de elementos prévios por parte do receptor;
- d) a realização da AI se dá normalmente por elementos não pronominais, sendo rara sua realização pronominal.

Para a autora, o seguinte exemplo seria um caso de anáfora indireta pronominal:

(14) Ontem fomos a um restaurante. Ele foi muito deselegante e arrogante. (SCHWARZ, 2000, p. 50).

Marcuschi explica que a interpretação de uma anáfora realizada por pronome é dificultada por conter pouca informação sobre o referente, distinguindo-se do exemplo dado anteriormente, no qual o barco, apesar de ser “novo” no texto, aparece como já conhecido. Observaremos, posteriormente, na análise da Teoria da Acessibilidade, que Ariel (2001) tem uma opinião distinta em relação a essa perspectiva. Para a autora, quando há a ocorrência de uma expressão referencial anafórica realizada através de um pronome, essa expressão indica um alto grau de acessibilidade, pois, se não houve a necessidade de detalhar o termo a ser referido, isso se deve ao fato de o termo já ser relevante no momento textual anterior, ou seja,

o contexto ativou o frame de restaurante, trazendo à tona os elementos esperados nessa situação, manifestando, assim, o fator de saliência.

A expressão Ele ativa um referente novo e, ao ancorar num universo textual precedente, de certo modo também reativa “*um restaurante*” no qual encontramos um contexto no qual poderíamos inferir que este referente seria o garçom, porém essa expressão pode ativar vários referentes e não necessariamente o *garçom*. Desse modo, apesar de não podermos especificar exatamente qual é o referente dessa expressão, uma frase como essa seria facilmente compreendida dentro de uma dada situação sociocomunicativa, inserida no conhecimento partilhado dos interactantes no momento da interação. Diferentemente do que afirmam os autores, essa não é uma expressão de *entendimento mais difícil*, mas, sim, é indicativa de um grau de acessibilidade mais alta, tendo em vista a união dos fatores que são responsáveis na identificação de referentes: “conhecimento enciclopédico, discurso anterior e atos de fala” (ARIEL, 1996, p. 10).

O trabalho de Marcuschi (2001) deixa claro que sua perspectiva teórica está voltada para uma abordagem mais pragmática e cognitiva na definição de anáfora indireta; o autor considera que os processos cognitivos e as estratégias inferenciais são decisivos na atividade de textualização, bem como nos processos de realização/interpretação das anáforas. Sentimos falta, no entanto, de exemplos que demonstrem isso, que fujam do apego formal e se expandam de modo a entrar em contato com exemplos reais em que possamos encontrar a necessidade da utilização dessa perspectiva, pois, nos exemplos presentes no seu trabalho, o que podemos ver é uma análise voltada para a forma como foi introduzida a expressão anafórica.

Após este percurso nos estudos sobre as anáforas indiretas, iremos apresentar o conceito que utilizaremos para definir as anáforas encapsuladoras em nosso trabalho.

2.1.1.3 A anáfora encapsuladora

Segundo Cavalcante (2003), esse subtipo de anáfora é “meio direta, meio indireta”: direta, porque a expressão anafórica referir-se-ia diretamente a informações já mencionadas, que seriam resumidas pela expressão, e indireta, porque, ao modo das anáforas indiretas, tomaria como base algo já mencionado no texto e inauguraria uma nova entidade. Para embasar tal posicionamento, iremos observar o seguinte exemplo, analisado por Ciulla (2008, p. 53):

(15) Agora que decidira ir embora tudo renascia. Se não estivesse tão confusa, gostaria infinitamente do que pensara ao cabo de duas horas: “Bem, as coisas ainda existem”. Sim, simplesmente extraordinária a descoberta. Há doze anos era casada e três horas de liberdade restituíam-na quase inteira a si mesma: - primeira coisa a fazer era ver se as coisas ainda existiam.

(Clarice Lispector, *Fuga*, apud CIULLA 2008, p. 53).

Em (15), deparamo-nos com um caso de anáfora encapsuladora, em que a expressão “descoberta” se refere a um trecho anterior: “as coisas ainda existem”. Ao mesmo tempo em que resume o trecho todo, a expressão encapsuladora introduz um objeto (parcialmente) novo, que é nomeado como “descoberta”.

Francis ([1994] 2003)⁴ estuda um grupo de expressões que estão envolvidas em processos anafóricos encapsuladores, mais especificamente ao grupo de expressões encapsuladoras que se manifestam através de sintagmas nominais plenos e são batizados de *rótulos* pela autora.

A principal característica desse tipo de expressão – e aqui nos referimos a todo encapsulador anafórico e não apenas aos que se manifestam por sintagmas nominais plenos – é o fato de que resumem uma porção de texto anterior e inauguram um novo referente e, portanto, um novo tópico para o discurso. Conforme Francis (2003), ao mesmo tempo em que o enunciador encapsula um trecho de informações, muitas vezes dispersas no discurso, organiza-o e, frequentemente, acrescenta-lhe uma avaliação; além disso, quando o encapsulador opera de maneira prospectiva, ajuda na previsão de informações. A partir dessas observações, Francis (2003) identifica funções de *organização*, *predição* e *avaliação*. Um dos exemplos da autora é:

(16) (a) *The New York Post*, which has been leading the tabloid pack, has added two salacious details to this bare outline. It reported that the alleged attack took place on a concrete staircase that runs from the Kennedy house to the beach. More sensationally, the *Post* claimed on Friday that Ted Kennedy, half naked, was romping round the estate with a second woman while the alleged attack was taking place. This allegation was at best dubious and at worst an outright fabrication. (citado por FRANCIS, 2003, p.193).

(b) O *New York Post*, que vem liderando o mercado dos tabloides, acrescentou dois detalhes picantes a esta história vazia. Foi noticiado por esse jornal que o alegado ataque aconteceu em uma escada que vai da casa dos Kennedy até a praia. De maneira ainda mais sensacionalista, o *Post* afirma que, na sexta-feira, Ted Kennedy, seminú, saltitava pela propriedade com uma segunda mulher, enquanto o alegado ataque ocorria. Esta alegação foi, na melhor das hipóteses, duvidosa e, na pior das hipóteses, uma mentira deslavada. (citado por FRANCIS, 2003, p.193).

⁴ Trabalho de referência: FRANCIS, G. Labelling discourse: an aspect of nominal-group lexical cohesion. In: Coulthard, M. (ed.). *Advances in written text analysis*. Londres: Routledge, 1994.

Para Francis (2003), um rótulo como “esta alegação”, no exemplo acima, indica uma mudança de fase da argumentação e serve diretamente para guiar o leitor/a audiência para um determinado viés argumentativo, cumprindo uma função de *avaliação*; no caso, sugere aos leitores que as histórias sobre o ocorrido na casa dos Kennedy não passavam de invenções de um jornal sensacionalista. Quanto ao rótulo “dois detalhes picantes”, por ser prospectivo, tem o significado de adição, adiantando ao leitor que outras informações serão acrescentadas. Além disso, a escolha do nome “detalhes”, segundo Francis (2003), suspende a avaliação, que é realizada mais adiante, pela expressão “esta alegação”, por exemplo.

Segundo Cavalcante (2011), as anáforas encapsuladoras podem ser consideradas um subtipo das anáforas indiretas, pois apresentam características semelhantes como introduzir e mencionar, ao mesmo tempo, uma expressão nova no cotexto. A característica das anáforas encapsuladoras de introduzir e mencionar, ao mesmo tempo, uma expressão nova no cotexto, entre outros aspectos que envolvem o emprego das anáforas na enunciação, comprova o limite frágil do estudo dos processos referenciais restrito, exclusivamente, à subclassificação destes processos. Tal revelação tem levado importantes estudiosos do tema, como Apothélos e Cavalcante, a investigarem, também, as características cognitivo-discursivas dos processos referenciais.

Além da presença marcante das anáforas indiretas em anúncios publicitários, encontramos também a grande frequência das anáforas encapsuladoras. Elas apresentam, além das funções intrínsecas às que as definem, funções específicas no gênero anúncio. Veremos mais adiante no capítulo de análise.

2.1.1.4 A dêixis

Inicialmente, em nossa pesquisa, não iríamos analisar o processo referencial dêitico, porém, devido à recorrência deste processo nos gêneros textuais que coletamos, resolvemos inseri-lo em nossas análises. Para isso, passaremos agora a apresentar a definição de dêixis que será considerada nesta pesquisa, tendo em vista a relevância dos trabalhos de Cavalcante na área, sobretudo Cavalcante (2011), que tomaremos como referência também para esta definição.

A partir de Bühler ([1934]1982), temos observado o interesse para certas expressões referenciais cujo significado completo depende de aspectos da situação enunciativa. Interpretar esse tipo de expressão exige dos interlocutores o conhecimento do lugar ou do tempo em que se encontra o enunciador. Temos como exemplo destas expressões

palavras como *eu, você, aqui, ali, hoje, ontem, aquilo* etc., pois mudam de referente em função da perspectiva que o falante toma no ato da enunciação.

Vejamos, em (17), um exemplo apresentado por Cavalcante (2011), no qual o enunciador se coloca como o lugar de origem do sistema dêitico, ou seja, o ponto de referência para as coordenadas de espaço e tempo da situação de comunicação.

(17)

D.:

Aqui, estou **eu** novamente... Eu não **a** esqueço nunca, DOIDA GENIAL!!!

Adooooooooooooo **você**!!! Um beijão...

Saudade das suas aulas maravilhosas e de **você**, é claro!

Responder.

(CAVALCANTE, 2011, p.93)

Neste exemplo (17), o dêitico “**aqui**” representa o momento e o lugar, em que o enunciador “**D.**”, representado em outra sequência pelo dêitico pessoal “**eu**”, envia sua mensagem ao interlocutor, representado no discurso pelos termos “**a**” e “**você**”.

A princípio, a dêixis era classificada apenas com base nas coordenadas de pessoa, tempo e lugar, pelo fato de este processo fazer referência à situação em que o enunciado é produzido, sendo reconhecida, somente, as dêixis de pessoa, tempo e espaço. A partir de Fillmore (1971), houve um acréscimo aos três tipos tradicionais: a dêixis textual e a social. Posteriormente, a dêixis de memória foi acrescentada aos cinco tipos já existentes. Vejamos, em seguida, um quadro em que resumimos a diferenciação entre os tipos de dêixis encontrados em Cavalcante (2011).

Quadro 2 – Tipos de Dêixis.

Tipo	Caracterização	Exemplo
Dêixis de pessoa	Identifica os interlocutores na situação de comunicação, por isso só abriga os dêiticos de primeira e segunda pessoas. As distinções básicas da dêixis de pessoa são: a primeira pessoa, a segunda pessoa e a terceira pessoa.	(18) <i>A dor a mais</i> A dor a mais Foi só muito amor Muito amor demais Foi tanta a paixão Que <u>meu</u> coração, amor, Nem soube mais Inventei a dor E como ela <u>nos</u> doeu (...) (Vinicius de Moraes, citado por Cavalcante, 2011, p.95)
Dêixis de espaço	Oferece uma especificação de localização do falante e seu interlocutor no ato comunicativo.	(19) <u>A figura abaixo</u> foi retirada do site UOL. A homepage, que tem estrutura semelhante à primeira página de um jornal, traz as chamadas das notícias principais de determinado momento do dia (...)

		(artigo acadêmico – Vicente de Lima Neto, citado por Cavalcante, 2011, p.104)
Dêixis de tempo	Situa o ponto de origem do falante e seu interlocutor no momento da enunciação.	(20) É preciso salvar vidas A bióloga Mayana Zatz é uma das maiores especialistas em células-tronco do país, com quase 300 trabalhos científicos publicados. Nascida em Israel, mora no Brasil desde os 7 anos. <u>Atualmente</u> , ela é pró-reitora de pesquisa e coordenadora do Centro de Estudos do Genoma Humano da Universidade de São Paulo. (...) (Entrevista – Veja, 5/3/2008 citado por Cavalcante, 2011, p.99)
Dêixis social	Representa formas que codificam relacionamentos sociais entre os participantes da conversação. Partem do centro dêitico do falante.	(21) ... Venha na mesma hora, espero no portão e mamãe não vê. Se <u>o doutor</u> não vier é sinal que não tem a mínima simpatia. (Dalton Trevisan, citado por Cavalcante, 2011, p.113)
Dêixis de memória	Convida o coenunciador a buscar, na memória, um conhecimento partilhado sobre um referente não mencionado no cotexto.	(22) “Sabe <u>aquele desejo incontrolável de ter alguma coisa que não dá para esperar até o mês que vem?</u> O Sudameris sabe.” (Cavalcante, 2011, p.113)
Dêixis textual	É a que se orienta pela posição do último enunciado no cotexto. (CAVALCANTE, 2011, p.105)	(23) Palas e poses RIO DE JANEIRO – Lidas assim, nuas, sem outros balangandãs verbais que ajudem a lhes emprestar sentido, <u>as palavras acima</u> parecem agora foragidas do teatro grego ou de um poema medieval. (...) (artigo de opinião, Ruy Castro, Folha de S. Paulo-13/03/07, citado por Cavalcante, 2011, p.105)

Fonte: (CAVALCANTE, 2011, p. 95-113, apud VASCONCELOS DE SÁ, 2014).

Segundo Levinson (2007), a dêixis é definida, no processo de elaboração de sentidos dos enunciados, como a maneira pela qual as línguas codificam ou gramaticalizam aspectos do contexto de enunciação ou do evento discursivo.

Além disso, podemos citar Lahud, que observa o seguinte:

As circunstâncias discursivas tornam-se uma parte da expressão do sentido completo (...). O conhecimento das circunstâncias que acompanham as palavras torna-se, então, uma condição necessária para a “exata compreensão” do pensamento expresso por um enunciado contendo dêiticos. (LAHUD, 1979, p. 67-8)

Lahud se apoia na noção de enunciação como entorno comunicativo, com base em Benveniste (1988), visto que o autor também distingue as noções de *pessoa* (representando os participantes da enunciação, os interlocutores, aqueles que “falam” na comunicação) e de *não pessoa* (representando os não participantes do ato comunicativo). Benveniste (1988) relacionou ainda a categoria de *pessoa* às formas gramaticais *eu-tu/você*, que a língua disponibiliza para manifestá-las.

Foi a partir da noção de *pessoa* que o autor propôs uma separação entre pronomes *dêiticos*, aqueles que realmente eram indicadores de subjetividade, e os pronomes *anafóricos*, aqueles que representavam a *não pessoa* (os pronomes de terceira “pessoa”: “*ele*”), como não participantes da enunciação. Assim, o autor terminou por entrelaçar duas distinções: a de *dêiticos* vs. *anafóricos* e a de *pessoa* (*eu/tu*) vs. *não pessoa* (*ele*) – os pronomes dêiticos manifestariam a categoria de pessoa, ao passo que os anafóricos realizariam a não pessoa.

São consideradas expressões dêíticas as unidades ou morfemas linguísticos que têm uma função dêítica como básica ou central, possibilitando dois tipos de uso dêítico: o *uso gestual*, no qual a interpretação está relacionada à monitoração áudio-visual-tátil; e o *uso simbólico*, em que a interpretação é relacionada, apenas, aos parâmetros espaço-temporais básicos do evento de fala.

Os dêíticos textuais indicam os segmentos, locais/momentos do próprio texto em que são utilizadas as expressões a que se referem. Diferentemente dos demais tipos de dêixis, que apontam para o entorno enunciativo situacional, o ponto de referência é o lugar e o momento do texto onde aparece a expressão mencionada. E é por retomarem outros referentes já mencionados no cotexto, que eles apresentam, antes de tudo, um caráter anafórico. São sempre, portanto, formas híbridas, pois se comportam, simultaneamente, como dêíticos e como anafóricos.

Esses dêíticos textuais/ anáforas encapsuladoras localizam no cotexto, como se pode perceber, porções do discurso em andamento. Em grande parte das ocorrências, tais dêíticos não retomam um objeto específico mencionado, uma ou mais vezes, mas remetem a conteúdos inteiros diluídos no texto que vão configurando um referente na mente dos interlocutores. Por este motivo, são, a um só tempo, anáforas encapsuladoras e dêixis textual, considerando-se os critérios distintos que definem uma e outra classificação.

Tais expressões cumprem a função de organizadores textuais, porque portam uma sinalização dêítica, aumentando o foco de atenção sobre o referente e a eficácia da argumentação que se desenvolve.

Podemos destacar, então, a importância dos estudos de Cavalcante na caracterização do processo referencial da dêixis e, ainda, na classificação e análise dos processos referenciais de anáfora e de introdução referencial.

3 FUNÇÕES DISCURSIVAS DOS PROCESSOS REFERENCIAIS

Pesquisar sobre funções discursivas é uma tarefa árdua, tendo em vista a complexidade do tema e a pouca demanda de pesquisas que o abordem especificamente. As pesquisas que abordam o tema, geralmente o colocam como secundário ou o limitam, estabelecendo para as funções discursivas um espaço dentro do conteúdo das análises dos processos referenciais, especialmente quando falam sobre expressões nominais referenciais, quando fazem uma abordagem mais ampla.

Além disso, percebemos a ausência de análises das funções discursivas dos processos referenciais anafóricos que objetivem observar com mais profundidade a relação existente entre esses processos discursivos e os textos publicitários. Ainda em nossa pesquisa, revelamos a necessidade de uma investigação de como, através de suas funções discursivas, as expressões referenciais podem ser redefinidas.

Nesse sentido, analisamos quais funções os processos referenciais desempenham. Para isso, embasamos nossa pesquisa em: Apothéloz e Chanet ([1997] 2003), Apothéloz e Reichler- Béguelin (1999), Schwarz (2000), Francis ([1994] 2003), Koch (2004), Cavalcante (2006) e Ciulla (2008). Observamos como as funções discursivas que os processos referenciais desempenham podem fornecer características distintivas a tais processos.

No intuito de identificar novos critérios de análise para as funções discursivas, buscamos quais pesquisas abordam o tema. Em seguida, propomos que, para o reconhecimento de uma função discursiva, devemos considerar os aspectos linguísticos, cognitivos e sociointeracionais. Fizemos isso a partir da análise de um exemplário de quatro gêneros distintos notícia, anúncios publicitários, artigo de opinião e piada, encontrados em sites específicos para cada gênero.

A justificativa para a escolha destes gêneros encontra-se na metodologia, mas esclarecemos brevemente que estes gêneros proporcionam uma análise mais ampla das funções discursivas, pois ao verificarmos como os processos se comportam em diferentes gêneros, pudemos verificar que existem funções que são mais recorrentes em determinado gênero. Verificamos também que as funções desempenhadas são influenciadas pelo propósito comunicativo dos gêneros textuais.

Dentre os estudos dedicados a funções que os processos referenciais podem desempenhar, podemos destacar os que, para nós, são os mais relevantes: Apothéloz e Chanet ([1997] 2003), Apothéloz e Reichler-Béguelin (1999), Schwarz (2000), Cavalcante (2006),

Conte (1996), Francis ([1994] 2003), Jaguaribe (2005) e Koch (2004). Estes estudos abordam questões relacionadas às funções discursivas, referentes a alguns tipos de processos referenciais, como os sintagmas nominais ou as anáforas encapsuladoras, ou, ainda, as recategorizações. Em nosso trabalho, fizemos um estudo das funções discursivas dos processos referenciais, a saber, as anáforas: diretas, indiretas, encapsuladoras e dêixis.

Após a leitura dos estudos sobre as funções discursivas já presentes na literatura da área, pudemos observar os critérios de análise das funções discursivas que as expressões anafóricas desempenham nos gêneros notícia, anúncio, artigo de opinião e piada.

3.1 Funções discursivas: escopo teórico

Para nos aprofundarmos mais nos estudos sobre as funções discursivas, partiremos dos estudos de Berrendonner (1994), que afirma que a memória discursiva constitui um conjunto evolutivo de representações que passam por estados sucessivos à medida que se desenvolve o discurso e que, nesse “movimento construtivo”, os referentes são ativados, desativados, retomados.

Segundo Berrendonner (1986), o uso de elementos anafóricos apresenta-se como um fenômeno de retomada informacional relativamente complexa, o qual lança mão do saber construído linguisticamente pelo texto e os conteúdos inferenciais que podem ser percebidos por conteúdos linguísticos eminentes, devido aos conhecimentos lexicais, aos pré-requisitos enciclopédicos e culturais e aos lugares comuns argumentativos de uma determinada sociedade.

Na construção da *memória discursiva*⁵, isto é, dos referentes textuais, estão envolvidas as seguintes estratégias:

1. Construção/Introdução dos referentes: um objeto textual até então não mencionado é introduzido por meio de uma expressão como um sintagma nominal indefinido ou uma proposição existencial, passando a preencher um nóculo ("endereço" cognitivo, locação) na rede conceptual do modelo de mundo textual: a expressão linguística que o representa é posta em foco na memória de trabalho, de tal forma que esse 'objeto' fica saliente no modelo.
2. Reconstrução/retomada dos referentes: um objeto de discurso já presente na memória discursiva é reintroduzido na memória operacional, por meio de uma forma

⁵ Podemos entender memória discursiva como "endereços" ou nóculos cognitivos que são construídos pelo discurso. Isto é, todo discurso constrói uma representação que opera como uma memória compartilhada (memória discursiva, modelo textual), "publicamente" alimentada pelo próprio discurso (APOTHÉLOZ & REICHLER- BÉGUELIN, 1999, p. 368), sendo os sucessivos estágios dessa representação responsáveis, ao menos em parte, pelas seleções feitas pelos interlocutores, particularmente em se tratando de expressões referenciais.

referencial, dando origem às cadeias referenciais ou coesivas, que são responsáveis pela progressão referencial.

3. Desfocagem/desfocalização dos referentes: ocorre quando um novo objeto-de-discurso é introduzido, passando a ocupar a posição focal. O objeto retirado de foco, contudo, permanece em estado de ativação parcial ('stand by'), podendo voltar à posição focal a qualquer momento; ou seja, ele continua disponível para utilização imediata na memória dos interlocutores. Cabe lembrar, porém, que muitos problemas de ambiguidade referencial são devidos a instruções pouco claras sobre com qual dos objetos-de-discurso presentes na memória a relação deverá ser estabelecida. (KOCH 2004, p. 32)

Através do movimento constante de tais estratégias dentro do texto, por um lado, há uma estabilização do modelo textual; por outro lado, porém, este modelo é continuamente reelaborado e modificado por meio de novas referenciações (SCHWARZ, 2000). Desta maneira, os referentes que já existem podem ser modificados ou expandidos, de modo que, durante o processo de compreensão, desdobra-se uma unidade de representação extremamente complexa, pelo acréscimo sucessivo e intermitente de novas categorizações e/ou avaliações acerca do referente.

Com base nesses pressupostos, observaremos a seguir como funcionam discursivamente os processos anafóricos.

Koch (2004), fundada em Berrendonner (1986), em um estudo sobre expressões nominais, sugere funções denominadas pela autora como cognitivo-discursivas. Apresentaremos estas funções a seguir no intuito de tecer reflexões sobre o tema:

- ativação/ reativação na memória

Nesta função, Koch (2004) enfatiza o caráter híbrido que as expressões anafóricas apresentam: são referenciadoras, porque remetem a elementos apresentados ou sugeridos pelo cotexto e são predicativas, pois veiculam informações através da recategorização que realizam. A alocação dos elementos referidos na memória ativa é possibilitada, segundo a autora, pela remissão realizada pelos anafóricos. Trata-se, então, de formas híbridas, referenciadoras e predicativas, isto é, veiculadoras tanto de informação dada, como de informação nova. Schwarz (2000) denomina essa função de *tematização remática*.

Segundo Ciulla (2008), os processos referenciais têm a característica híbrida de referenciar e, ao mesmo tempo, de predicar. Conforme o conceito de referência que defendemos, podemos afirmar que este é um processo em que não apenas identificamos um objeto, mas, antes, construímos discursivamente o objeto que é referido. Essa ativação de informações na memória é uma operação que também inclui os referentes novos, não apenas

os que têm fontes anteriormente referidas ou sugeridas. Também não é porque já exista um modelo de mundo completamente pré-construído na mente dos falantes, mas porque nos valem de outras experiências e de conhecimentos armazenados na memória para realizar as categorizações que nos são solicitadas pela situação discursiva.

Concordamos com Ciulla (2008) quando afirma que, na função de ativação/reativação de referentes, alguns processos referenciais promovem uma espécie de convite para que os interactantes realizem uma busca em suas memórias para a compreensão das anáforas, como mostra o seguinte exemplo:

(24) À noite, vamos ao café; somos três ou quatro velhos camaradas; divertimo-nos tomando uma meia-taça, um trago e queimando nossas gargantas com cachaça! Essa fumaça, esse cheiro de álcool, o barulho das bolas de bilhar, o estampido das rolhas, as gargalhadas, tudo isso ativa meus sentidos e tenho a impressão de que me cresceram bigodes e de que eu poderia levantar a mesa de bilhar! (J. Vallès, L'enfant - citado por APOTHÉLOZ, 1995a, p.35).

Ciulla (2002) afirma que este seria um caso de dêixis da memória, tendo em vista que podemos resgatar, em nosso conhecimento de mundo armazenado na memória e a partir das expressões grifadas em (24), um ambiente esfumaçado e cheirando a bebida alcoólica, associado a um lugar como um bar. Apothéloz (1995a) diz, ainda sobre esse mesmo exemplo, que:

Um SN demonstrativo pode referir-se *in absentia*, quer dizer, na ausência de qualquer designação antecedente de seu referente e sem que este esteja presente na situação enunciativa. (...) concordamos em descrever este tipo de demonstrativo dizendo que ele consiste em evocar um referente cuja evidência é tal, para o locutor, que ele equivale a um referente que acabou de ser evocado no próprio texto. (APOTHÉLOZ, 1995a, p.35).

Acreditamos que a função ativação/reativação na memória possa ser verificada no exemplo (25):

Figura 1 – Anúncio temático sobre comportamento e importância dos animais

(25)

THE ELEMENTS
EXCLUSIVE RESORT

Não deixe seu bichinho perdido no dia da mudança.

Escolha um lugar onde há um espaço reservado só para ele. No The Elements Exclusive Resort, há o Pet Care.

uma estrutura com tudo o necessário para cuidar da saúde e higiene de seu mascote sem sair de casa.

4 dormitórios
2 ou 3 suítes • 2 ou 3 vagas • 144,70m²

3 dormitórios
1 ou 2 suítes • 2 ou 3 vagas • 107,96m²

VISITE DECORADO
AV. D. JAIME DE BARROS CÂMARA, 715

FERREIRA DE MORAES

Informações
(11) 3066-1000

DITOLVO

WWW.THEELEMENTS.COM.BR

Fonte: <http://4.bp.blogspot.com/NHhmxoczJo/TtK48AHZvsI/AAAAA AAAEBM/G1Y5efFtg/s1600/The+elements+pet+care+1.jpg>. Acesso em 25 de ago de 2013.

(“Escolha um lugar onde há um espaço reservado só para ele. No The Elements Exclusive Resort, há o Pet Care, uma estrutura com todo o necessário para cuidar da saúde e higiene de seu mascote sem sair de casa.”).

A frase: “Não deixe seu bichinho perdido no dia da mudança.” evoca, na memória do interlocutor, a frase feita “Mais perdido que cachorro em dia de mudança”, fundamental para recuperar a relação existente entre as duas construções e compreenderá o sentido do texto. Mesmo que ele não recupere essa relação intertextual, com certeza entenderá a alusão ao referente “um dia de mudança”, quando os animais de estimação ficam inquietos com a movimentação dos donos, que não estão em condições de lhes dar atenção. Além disso, o publicitário que elaborou o anúncio apresenta ainda elementos visuais para favorecer ou dar pistas do que de fato ele quis dizer em seu anúncio, como a expressão “seu bichinho”, que retoma anaforicamente a imagem do cachorro.

Posteriormente nos aprofundaremos na discussão sobre a aplicação deste exemplo a esta função, tal como foi apresentada, tendo em vista que, na atual classificação das funções, são considerados como desencadeadores de determinada função apenas elementos

anteriormente apresentados no texto ou sugeridos pelo cotexto precedente sob a forma de uma expressão nominal. No caso do exemplo (25), temos um anúncio no qual, para sua interpretação ou recuperação do termo a que ele se refere, temos a necessidade de observá-lo como um todo, desde os elementos verbais aos visuais, e estes, ainda assim, são insuficientes, caso o leitor não recupere a relação existente entre a frase destaque do anúncio e uma frase feita.

Por isso, sentimos a necessidade de pesquisar sobre os critérios de análise que classificam as funções discursivas dos processos referenciais, pois tais processos não agem no texto de forma pontual, seu desempenho no texto deve ser considerado de forma mais ampla, contemplando os aspectos cognitivos, discursivos, linguísticos e sociointeracionais, para assim, posteriormente, observarmos suas respectivas funções. Depois, percorreremos o caminho inverso ao investigar, com base nas funções, características distintivas dos processos referenciais.

- encapsulamento (sumarização) e rotulação

Segundo Koch (2004), esta é uma função própria das nominalizações que resumizam as informações-suporte contidas em segmentos precedentes do texto, encapsulando-as sob a forma de uma expressão nominal e transformando-as em objetos-de-discurso. Têm-se, nesses casos, segundo Schwarz (2000), anáforas “complexas”, que não nomeiam um referente específico, mas referentes textuais abstratos, como estado, fato, evento, atividade etc. São, desse modo, nomes-núcleo inespecíficos, que exigem realização lexical no cotexto. Essa especificação contextual, efetuada a partir das proposições-suporte, veiculadoras das informações relevantes, vai constituir uma seleção particular e única dentre uma infinidade de lexicalizações possíveis. Para interpretar esse tipo de anáfora o receptor, além de pôr em ação a estratégia cognitiva de formação de complexos (MÜSSELER & RICKHEIT, 1990), ele ainda exige a capacidade de interpretação de informação adicional.

Segundo Koch (2004), estas expressões nominais, que são, em sua maior parte, introduzidas por um demonstrativo, desempenham, assim, duas funções: rotulam uma parte do cotexto que as precede (x é um acontecimento, uma desgraça, uma hipótese etc.) e estabelecem um novo referente, que, por sua vez, poderá constituir um tema específico para os enunciados subsequentes. Vasconcelos de Sá (2007) observa que é interessante separar o fenômeno do encapsulamento da função que desempenha, já que toda anáfora encapsuladora tem uma função resumitiva.

Vejamos o exemplo a seguir:

Figura 2 – Tirinha da Mafalda sobre o ano novo



Fonte: <https://clubedamafalda.wordpress.com/page/3/>. Acesso em 18 de jul. 2013.

Podemos considerar este exemplo como prototípico para a função de encapsular proposições, pois apresenta a expressão “isso” resumindo todo o segmento anterior “Tenho a impressão de que o ano que vem vai ser pior do que não sei o quê!”.

Como é característica das anáforas encapsuladoras, estas podem atuar como um importante mecanismo de garantia da progressão textual, como mostra este exemplo no qual, através da expressão “isso”, é promovida a sintetização de toda porção de texto anterior com o intuito de assegurar a progressão textual, estabelecendo as relações necessárias para a condução do texto. As anáforas encapsuladoras têm importante função como mecanismo de organização argumentativa durante o processo de elaboração do texto escrito, pois constituem um indispensável mecanismo de coesão textual.

- introdução de informações novas

A introdução de informações novas é uma tendência geral dos processos referenciais, que fazem progredir o discurso. Contudo, em alguns casos, como no dos encapsuladores, salientado por Koch (2004), as próprias expressões referenciais podem assumir uma importância maior no que diz respeito a essa função dentro do processo referencial como um todo. Desempenhando essa função, temos ainda as anáforas indiretas, que trazem uma informação nova como se fosse dada, o que promove também a atualização do texto:

Figura 3 – Anúncio O Boticário Lobo mau



Fonte: <http://pubandmarketing.blogspot.com.br/2012/06/ponha-o-lobo-mau-na-coleira.html>. Acesso em 17 de jul. 2013.

Neste exemplo, observamos que a expressão “o lobo mau” é uma informação nova, porém está sendo colocada como informação dada. Este é mais um exemplo que demonstra a necessidade de ler o anúncio como um todo de significado. A expressão referencial anafórica “o lobo mau” não faz referência a nenhum elemento linguístico presente no anúncio, nem sequer no campo semântico da expressão anterior “use o Boticário”. No anúncio, o leitor fará a interpretação da anáfora através da retomada que é feita com a imagem. Utilizando seu conhecimento enciclopédico, o leitor pode reconhecer a personagem representada pela modelo como Chapeuzinho Vermelho.

Vê-se, então, a impossibilidade de pontuar onde está a âncora desta expressão anafórica como alguns teóricos faziam anteriormente. Podemos constatar também com este exemplo que a função desta expressão aqui não é apenas a de simplesmente introduzir uma informação nova, mas a de fazer com que o leitor se aproxime da realidade apresentada no anúncio, que o convida a fazer parte do contexto e a construir o texto com os conhecimentos que possui. Ao mesmo tempo, poderíamos dizer simplesmente que a expressão tem a função de associar o texto à imagem (mas não seria só isso), o que teremos a oportunidade de aprofundar mais no capítulo de análise.

- organização macroestrutural

Conforme Francis ([1994] 2003), as anáforas têm a propriedade de, simultaneamente, realizar dois movimentos: o de retroação e o de progressão. Através desses movimentos, de acordo com Koch (2004), são realizadas as funções de *introdução*, *mudança*

ou *desvio de tópico*, além da *ligação entre tópicos e subtópicos*, que destacamos como subespecificações da função geral de *organização*.

- atualização de conhecimentos por meio de glosas realizadas pelo uso de um hiperônimo

O uso de um hiperônimo com função anafórica pode ter a função de glosar um termo raro e, desta forma, atualizar os conhecimentos do interlocutor. É o que podemos ver em um dos exemplos dado pela autora para ilustrar essa função:

(28) Duas equipes de pesquisadores dos EUA relatam hoje descobertas que podem levar à produção de drogas mais eficientes contra o antraz. Para destruir a bactéria, os potenciais novos remédios teriam um alvo específico... (Folha de S.Paulo, 24/10/01, A-10 - adaptado por KOCH, 2004, p.72).

A autora comenta, com base em Charolles (1999), que o próprio texto pode levar à construção do conhecimento implícito na relação anafórica entre “antraz” e “bactéria”, isto é, à constatação de que *antraz* é uma *bactéria*.

Vejamos mais um exemplo sobre a mesma função:

(29) O whippet com o par de genes “certo” consegue correr a mais de 50 km/h, mas com a presença de outro gene, igualmente comum, o cachorro nasce musculoso demais, um pouco gordo - e lento.

(Revista *Superinteressante*, agosto, 2007).

O sintagma nominal definido sublinhado pressupõe uma unidade existencial, o que quer dizer que há somente um cachorro de que se fala nesse ponto do discurso. Esse termo já estava presente na memória discursiva, pois foi introduzido na memória operacional por meio de uma expressão referencial, de modo que o objeto de discurso se tornou saliente (KOCH, 2004), o que nos leva a definir essa inferência como descendente. Isso permite concluir que essa relação é uma lei implicativa do tipo: whippet é um cachorro ou whippet - cachorro, que vai da informação mais forte para a informação mais fraca. Assim, concluímos, através da regra lexical, que cachorro é hiperônimo de whippet.

Por meio do exemplo (29), podemos perceber também que apenas o conhecimento lexical de relações estreitas não é suficiente para o processo inferencial; há que se levar em conta também um conhecimento enciclopédico, principalmente, porque saber que ‘whippet’ é um ‘cachorro’ exige um conhecimento específico. Porém, ainda que não se saiba, o próprio contexto leva a inferir que se trata de um tipo de cachorro.

Isto prova que as relações lexicais envolvidas na realização de uma anáfora indireta provêm de um conhecimento adquirido através de interações sociocomunicativas e que não devemos considerar léxico apenas como um conjunto de palavras e conceitos armazenados em nosso cérebro. O conceito de léxico, a nosso ver, que deveria ser mais considerado na Linguística de Texto, seria um conceito mais abrangente, de modo a que enfatizasse os aspectos interacionais e pragmáticos.

Não podemos deixar de enfatizar que estabelecer uma relação lexical é realizar inferência, já que léxico é conhecimento de mundo e/ou conhecimento partilhado, e uma interação apenas ocorrerá se o locutor e o interlocutor tiverem o conhecimento lexical necessário para a elaboração e interpretação das anáforas.

O léxico tem grande importância no ato de comunicação humana. Como mostrou Bakhtin: “a significação pertence a uma palavra como traço de união entre os interlocutores, isto é, ela só se realiza no processo de compreensão ativa e responsiva”, uma vez que “só a corrente da comunicação verbal fornece à palavra a luz da sua significação” (1981, p. 132).

- especificação por meio da sequência hiperônimo/ hipônimo

Segundo Vasconcelos de Sá (2007), essa função, proposta por Koch (2004), é semelhante à anterior, apenas a ordem seria invertida: na *atualização de conhecimentos por meio de glosas realizadas pelo uso de um hiperônimo*, o elemento específico “antraz” é categorizado posteriormente pelo hiperônimo “bactéria”, enquanto que, na *especificação por meio da sequência hiperônimo/hipônimo*, o hiperônimo aparece primeiro e, depois, o elemento mais específico, como no exemplo:

(30) Uma catástrofe ameaça uma das últimas colônias de gorilas da África. Uma epidemia de Ebola já matou mais de 300 desses grandes macacos no santuário de Lossi, no noroeste do Congo. Trata-se de uma perda devastadora, pois representa o desaparecimento de um quarto da população de gorilas da reserva. (citado por KOCH, 2004, p.74).

A expressão “uma catástrofe” serve como um hiperônimo para “uma epidemia de Ebola”. No entanto, a questão, aqui, é que o mecanismo pode ser semelhante ao do exemplo (30), já que o jogo de categorização anafórica inclui o fenômeno da meronímia, entre um hiperônimo e hipônimo, ainda que numa ordem inversa ao que acontece no exemplo anterior; porém, no caso de (30), a expressão “uma catástrofe” pode ser interpretada não apenas como uma especificação, mas como uma avaliação da situação, categorizando a “epidemia de Ebola” com um apelo a um discurso sensacionalista, ou de denúncia. Isto evidencia, mais uma

vez, que as relações entre o anafórico e a âncora nunca são exclusivamente lexicais. Outro aspecto é que esse apelo não é feito exatamente pela relação de hiperonímia, e, sim, pela categorização da epidemia como uma catástrofe.

Desse modo, a relação meronímia pode se mostrar como um recurso de acréscimo de informações ao referente em questão, com fins explicativos ou de atualização de conhecimentos ou ainda, muitas vezes, didáticos; mas também pode estar envolvida diretamente na explicitação de certo ponto de vista, apelando a certo tipo de discurso.

Assim, podemos comparar os critérios que são utilizados para a classificação das funções discursivas dos processos anafóricos aos critérios que são utilizados pelos autores que definem as anáforas no sentido estreito, tendo em vista que eles ainda mantêm seus critérios de análise baseados na perspectiva semântica, o que já foi discutido em Alves (2009) e considerado por nós insuficiente para classificar ou mesmo analisar as funções discursivas desempenhadas pelas anáforas.

- construção de paráfrases definicionais e didáticas

Algumas paráfrases realizadas por expressões nominais podem ter por função elaborar definições. Nas anáforas definicionais, o *definiendum*, ou o termo técnico, é o elemento previamente introduzido, e o *definiens* é aportado pela expressão anafórica, que pode vir acompanhada de expressões características da definição, como *um tipo de*, *uma espécie de*:

(31) Entre os conjuntos musicais populares do nordeste brasileiro encontram-se, ainda, as bandas de pífaros. É bastante curioso ouvir *esta espécie de flautim militar, que produz sons agudos e estridentes*. (KOCH, 2004, p.75).

A anáfora didática apresenta direção inversa: o *definiens situa-se na expressão introdutora*, ao passo que o *definiendum*, muitas vezes entre aspas, aparece na expressão referencial:

(32) Para orientar as manobras dos aviões, os aeródromos são dotados de aparelhos que indicam a direção dos ventos de superfície. *As birutas*, que têm a forma de sacola cônica, são instaladas perpendicularmente à extremidade de um mastro. (KOCH, 2004, p. 75).

Esta função discursiva apresentada por Koch (2004), também presente em Schwarz (2000), é considerada por nós semelhante às duas funções apresentadas anteriormente. Assim, a atualização de conhecimentos por meio de glosas realizadas pelo uso

de hiperônimos correspondente à anáfora didática e à especificação por meio da sequência hiperônimo/hipônimo equivale à anáfora definicional.

- orientação argumentativa

Em Koch (2004), vemos que essa função constitui uma "manobra lexical bastante comum (mas não apenas) em gêneros opinativos" (p.77). Entendemos que a *avaliação explícita* mencionada pela autora não se restringe apenas às manobras lexicais, pelo menos não no sentido estrito do valor semântico.

Trata-se de uma (re)avaliação que o locutor faz das informações-suporte, exercendo, assim, função argumentativa. Podemos dizer que “o sujeito, no momento da interação, reflete sobre o material linguístico que tem à sua disposição, operando escolhas significativas para representar estados de coisas, com vistas à concretização do seu projeto de dizer” (KOCH, 1999; 2002). Ou seja, os processos de referenciação são escolhas do sujeito em função de um querer-dizer.

Os objetos-de-discurso elaborados na interação constroem a realidade extralinguística. Assim, podemos dizer que a realidade é construída, mantida e alterada não somente pela forma como nomeamos o mundo, mas, também, pela forma como, sociocognitivamente, interagimos com ele: “interpretamos e construímos nossos mundos por meio da interação com o entorno físico, social e cultural.” (KOCH, 2004, p. 31).

Segundo Berrendonner (1986), o uso de elementos anafóricos promove no texto um fenômeno de retomada informacional relativamente complexa, da qual fazem parte o saber construído linguisticamente pelo próprio texto e os conteúdos inferenciais que podem ser inferidos através de conteúdos linguísticos devido aos conhecimentos lexicais, aos pré-requisitos enciclopédicos e culturais e aos lugares comuns argumentativos de uma dada sociedade.

Desse modo, as expressões estabelecem no discurso a explicitação de uma avaliação, sendo que algumas contêm valores axiológicos mais evidentes do que outras. Tal avaliação pode ser expressa apenas pela seleção do nome-núcleo, ou pelo acréscimo de modificadores de tipo avaliativo, quer de ordem positiva, quer de ordem negativa, como nos exemplos a seguir:

(33) Vários artistas populares expuseram seus trabalhos na galeria recém-inaugurada. A *excelente seleção* feita pelos organizadores da exposição garantiu o sucesso total do evento. (KOCH, 2004, p. 32).

(34) “Nesta eleição temos duas opções: votar em Jean-Paul Sartre ou escolher um encanador”, afirmou a atriz e empresária Ruth Escobar no discurso que fez por ocasião de um almoço oferecido a Ruth Cardoso, mulher do então presidente Fernando Henrique Cardoso. Em matéria opinativa publicada pela F.S.P., lê-se o seguinte:

“Pela nova sociologia que *esse suposto Sartre tupiniquim* está inventando, tanto o domingo quanto a quarta-feira desta semana já devem ser datas muito remotas, que, como tal, têm que ser remetidas ao tal passado para o qual não se deve olhar”. (F.S.P., 06/08/94, p.1/2, apud KOCH, 2004, p. 32).

- categorização metaenunciativa de um ato de enunciação

As expressões nominais podem, muitas vezes, introduzir, no texto, o que Apothéloz (1995) denomina “objetos clandestinos”, ou seja, apresentar - metaenunciativamente - não uma recategorização do conteúdo da predicação precedente, mas a categorização e/ou avaliação de um ato de enunciação realizado.

Estas expressões anafóricas com função metaenunciativa são muito comuns em notícia. Apesar de este ser um gênero em que se deve ser imparcial, o uso dessas expressões é bem comum, principalmente quando o autor da notícia quer, de forma discreta, apresentar o ponto de vista do jornal para o qual escreve. Podemos encontrar expressões como: “o pronunciamento”, “a bronca”, “o desaforo”, “a afirmação”, etc.

(35) “Meus heróis estão todos aqui”. A afirmação é da advogada de defesa dos PMs no caso Carandiru.”

(Disponível em: <http://ilopamas.blogspot.com.br/2013/04/meus-herois-estao-todos-aqui-afirmacao.html>).

Vimos até aqui como são definidos os processos referenciais anafóricos e como são caracterizadas as funções discursivas desempenhadas por estes processos. Ressaltamos que essa discussão não se encerra neste capítulo, tendo em vista que continuaremos a discutir sobre o desempenho das funções discursivas. Percebemos que as características apresentadas para as funções discursivas são intrínsecas às características das expressões referenciais anafóricas. Com isso, podemos nos questionar o que faz com que as anáforas desempenhem funções diferentes em variados textos. Uma das alternativas encontradas por nós foi a relação destas funções discursivas à especificidade de cada gênero textual.

Por isso, sentimos a necessidade de analisar estas funções em gêneros diversificados, diferente do que fez Ciulla (2008), por isso faremos nossas análises em notícias, anúncios, artigos de opinião e piadas. Tanto para observar se as funções encontradas pela autora se aplicam a estes gêneros, como para saber se com esta análise surgirão novas funções. Veremos, no capítulo de análise, essa discussão mais detalhadamente.

3.2 Funções discursivas no gênero conto literário

A pesquisa feita por Ciulla (2008) aborda detalhadamente as funções discursivas dos processos referenciais, o que nos interessa inicialmente. Porém, em sua abordagem, a autora faz todas as suas análises com base em exemplários do gênero conto literário. Nossa pesquisa se diferencia da tese da autora também neste aspecto: a análise empírica será feita, primordialmente, no gênero anúncio publicitário.

Tomando como base teórica Bakhtin ([1952-1953] 2003), em sua obra *Os gêneros do discurso*, podemos afirmar que, ao utilizar o gênero conto literário para observar as funções discursivas desempenhadas pelos processos referenciais, os exemplos desvelaram funções que são recorrentes do gênero e/ou do discurso literário.

Levando em consideração o contexto de produção, de leitura, o propósito comunicativo, as estratégias elaboradas textualmente para se obter determinado efeito estilístico, enfim, levantamos a hipótese de que as funções discursivas desempenhadas pelas expressões anafóricas sofrem interferência direta do gênero em que elas se manifestam. Para testar esta hipótese fizemos uma análise na qual relacionamos os processos referenciais, as funções discursivas e os gêneros textuais (notícia, anúncio, artigo de opinião e piada), conforme se verá no capítulo 6.

Com isso, reafirmamos como são dinâmicos os processos referenciais anafóricos e como são fundamentais para promover nos textos o efeito que se pretende a fim de estabelecer um propósito comunicativo dentro de diferentes gêneros discursivos.

Em seu trabalho, Ciulla (2008) sugeriu as seguintes funções discursivas, cujos exemplos serão discutidos em seguida:

- **Conjunto de funções sugeridas**

Função 1. Organização de partes do texto

- inaugurar tópicos
- mudar de tópico
- integrar tópicos
- antecipar informações/manter informações em suspenso
- salientar um referente
- orientar a localização de um referente no espaço/tempo
- evitar uma referência genérica

- evitar uma referência inadequada
- desambiguar/encontrar o referente "certo"

Função 2. Metadiscursividade

- promover uma hipostasiação
- promover uma catálise de pressuposições
- capturar argumentos dispersos
- evitar uma referência embaraçosa
- apontar uma referência problemática
- assinalar um convite para reparar uma sequência

Função 3. Introdução de informações novas

- atualizar conhecimentos
- especificar por meio de uma sequência hiperônimo/hipônimo
- fornecer explicações com fins definicionais e/ou didáticos

Função 4. Promover um convite para uma busca/ativação da memória

Função 5. Efeitos estético-estilísticos

- forjar uma memória compartilhada
- balizar os graus de distanciamento da cena da obra literária
- engajar o leitor na cenografia
- transportar o leitor para o mundo ficcional
- recriar o mundo ficcional
- acrescentar uma apreciação sobre o mundo: de mistério, esperança, tristeza, etc.
- criar um efeito impressionista
- provocar o riso e/ou efeitos de humor
- evitar uma repetição
- fornecer uma simulação da realidade

Função 6. Marcação de heterogeneidade discursiva

- apelar a um tipo de discurso
- identificar as vozes de embate no interdiscurso
- denunciar um embate de vozes
- promover a mudança de foco narrativo
- marcar a voz do personagem no DDL
- estabelecer diferentes graus de mescla e separação das vozes entre narrador e personagem através do DIL e do DDL
- marcar a perspectiva a partir da qual o evento está sendo narrado

- situar vários centros dêiticos das vozes na narrativa, marcando a alternância entre tipos de discurso reportado;
 - operar metadiscursivamente, balizando graus de distanciamento da voz do enunciador em relação ao enunciado;
 - favorecer a opacidade referencial e a contaminação lexical
 - estabelecer marcas de intertextualidade/possibilitar diálogos intertextuais;
- (CIULLA, 2008, p. 157)

A seguir, faremos a apresentação das funções discursivas sugeridas por Ciulla (2008) no gênero conto literário.

3.2.1 Exemplificação das funções

Em sua exemplificação, a autora não apresenta todas as subespecificações listadas, mas contempla todas as funções gerais. As relações entre funções e processos apresentadas por Ciulla (2008) não devem ser tomadas como regras fixas de funcionamento discursivo, pois se trata de indicativos de possibilidades de combinação.

3.2.1.1 Função 1. Organização de partes do texto

- integrar tópicos/mudar de tópico

(36) Morreu meu pai, sentimos muito, etc. Quando chegamos nas proximidades do Natal, eu já estava que não podia mais pra afastar aquela memória obstruente do morto, que parecia ter sistematizado pra sempre a obrigação de uma lembrança dolorosa em cada gesto mínimo da família. Uma vez que eu sugerira à mamãe a ideia dela ir ver uma fita no cinema, o que resultou foram lágrimas. Onde já se viu ir ao cinema de luto pesado! A dor já estava sendo cultivada pelas aparências, e eu, que sempre gostara apenas regularmente de meu pai, mais por instinto de filho que por espontaneidade de amor, me via a ponto de aborrecer o bom do morto. Foi decerto **por isto** que me nasceu, esta sim, espontaneamente, a ideia de fazer uma das minhas chamadas “loucuras”. Essa fora, aliás, e desde muito cedo, a minha esplêndida conquista contra o ambiente familiar. Desde cedinho, desde os tempos do ginásio, em que arranjava regularmente uma reprovação todos os anos; desde o beijo às escondidas, numa prima, aos dez anos, descoberto por Tia Velha, uma detestável de tia; e principalmente desde as lições que dei ou recebi, não sei, de uma criada de parentes: eu consegui no reformatório do lar e na vasta parentagem, a fama conciliatória de “louco”. (Mário de Andrade, *O peru de Natal*, apud CIULLA, 2008, p. 164).

Neste exemplo, a autora destaca a função de organização de partes do texto. A expressão com demonstrativo “por isto” encapsula o trecho anterior, em que o narrador-personagem conta como já havia evidenciado sua impaciência em encerrar com um luto,

mantido mais pelas aparências, e, ao mesmo tempo, o processo encapsulador inicia outro ponto, que é o que vai ser narrado como “uma das minhas chamadas ‘loucuras’”. Desse modo, a expressão “por isto” “funciona no processo referencial como uma espécie de ponte entre os tópicos, sumarizando um e inaugurando outro.” (CIULLA, 2008, p. 164).

- inaugurar um tópico

(37) Então, explicou Deus, eu vivo procurando um santo aqui, um santo ali, parecendo até que sou eu quem estou precisando de ajuda, mas não sou eu, é vocês, mas tudo bem. Agora, é preciso que você me entenda: o santo é o que faz alguma coisa pelos outros, porque somente fazendo pelos outros; e que se faz por si, ao contrário do que se pensa muito por aí. Graças a mim que de vez em quando aparece um santo, porque senão eu iria pensar que tinha errado nos cálculos todos. Fazer por si é o seguinte: é não me envergonhar de ter feito vocês igual a mim, é só o que peço, é pouco, é ou não é? Então quem colabora para arrumar essa situação eu tenho em grande apreço. **Agora, sem milagre.** Esse negócio de milagre é coisa para providência, é negócio de emergência, uma correçãozinha que a gente dá. Esse pessoal não entende que, toda vez que eu faço um milagre, tem que reajustar tudo, é uma trabalhadeira que não acaba, a pessoa se afadiga. Buliu aqui, tem que bulir ali, é um inferno, com o perdão da má palavra. O santo anda difícilíssimo. Quando eu acho um, voto as mãos para o céu. (João Ubaldo Ribeiro, *O santo que não acreditava em Deus*, apud CIULLA, 2008, p. 164).

Neste exemplo, a partir da referência realizada através da expressão “agora, sem milagre”, o personagem (*Deus*, nesse caso) inaugura um novo tópico, o dos milagres, que deseja esclarecer para completar a lista do que seriam as atribuições de um santo. (CIULLA, 2008).

- emprestar saliência discursiva ao referente

(38) Subitamente, não sabia mais como se ata o nó da gravata. Era como se enfrentasse uma tarefa desconhecida, com que nunca tinha tido qualquer familiaridade. Recomeçou do princípio. Uma vez, outra vez - e nada. Suspirou com desânimo e olhou atento **aquele pedaço de pano dependurado no seu pescoço.** (Otto Lara Resende, *O elo partido*, apud CIULLA, 2008, p. 165).

A expressão “aquele pedaço de pano dependurado no seu pescoço” recategoriza o referente designado anteriormente por “gravata”, salientando o aspecto da estranheza que lhe causava o objeto, já referido antes, por expressões como “não sabia mais como se ata o nó da gravata” e “uma tarefa desconhecida, com que nunca tinha tido qualquer familiaridade”. “A saliência desse aspecto é reforçada, ainda, pelo uso do demonstrativo “aquele”. E todo o processo referencial em que se envolve o objeto “gravata” contribui para o argumento de que

há um esvaziamento de sentido das instituições e dos costumes, como o de usar gravata.” (CIULLA, 2008, p. 165).

Segundo Cavalcante (2009), a função de *recategorizar referentes* objetiva fazer evoluir uma dada entidade dentro do texto. É através desta função que ocorre a construção argumentativa do texto. Várias outras funções, de caráter argumentativo, se valem do processo de recategorização para se efetivar; algumas delas foram descritas por Koch (2004), conforme já discutimos no item 3.1., como *atualizar conhecimentos, especificar por meio de uma sequência hiperônimo/hipônimo, fornecer explicações com fins definicionais e/ou didáticos, evitar uma repetição*.

Em alguns casos, uma expressão referencial anafórica pode promover a própria transformação do objeto no momento em que é enunciada, como bem pontuaram Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995). Mas pode ocorrer também de outras expressões, referenciais inclusive, contribuírem para a evolução de uma entidade no texto, e essa transformação pode nem ser homologada por uma expressão anafórica.

Ainda segundo Cavalcante (2009), não podemos afirmar que apenas algumas expressões referenciais se portam como argumentativas, pois aceitamos o pressuposto de que todas as escolhas lexicais e organizacionais colaboram para a arquitetura argumental. Mas queremos enfatizar que algumas expressões anafóricas recategorizadoras já contêm, em si mesmas, elementos explicitamente avaliativos.

- orientar a localização de um referente no espaço/tempo

(39) Ele: tirolês. Ela: odalisca. Eram de culturas muito diferentes, não podia dar certo. Mas tinham só quatro anos e se entenderam. No mundo dos quatro anos todos se entendem, de um jeito ou de outro. Em vez de dançarem, pularem e entrarem no cordão, resistiram a todos os apelos desesperados das mães e ficaram sentados no chão, fazendo um montinho de confete, serpentina e poeira, até serem arrastados para casa, sob ameaças de jamais serem levados a outro baile de Carnaval. Encontraram-se de novo no baile infantil do clube **no ano seguinte**. Ele com o mesmo tirolês, agora apertado nos fundilhos, ela de egípcia. Tentaram recomeçar o montinho (...) (Luis Fernando Veríssimo, *Conto de verão* nr. 2: *Bandeira Branca*, apud CIULLA, 2008, p. 166)

A autora analisa este exemplo apenas como a descrição de um baile de carnaval infantil e enfatiza a expressão “no ano seguinte” como menção a um determinado período.

3.2.1.2 Função 2. Metadiscursividade

- atribuir força ilocucionária a um trecho do discurso

(40) Dasdores e **suas numerosas obrigações**: cuidar dos irmãos, velar pelos doces de calda, pelas conservas, manejar agulha e bilro, escrever cartas de todos. Os pais exigem-lhe o máximo, não porque a casa seja pobre, mas porque o primeiro mandamento da educação feminina é: trabalharás dia e noite. Se não trabalhar sempre, se não ocupar todos os minutos, quem sabe do que será capaz a mulher? Quem pode vigiar os sonhos de moça? Eles são confusos e perigosos. Portanto, é impedir que se formem. A total ocupação varre o espírito. Dasdores nunca tem tempo para nada. Seu nome, alegre à força de repetido, ressoa pela casa toda. “Dasdores, as dalias já foram regadas hoje?” “Você viu, Dasdores, quem deixou o diabo desse gato furtar a carne?” “Ah, Dasdores, meu bem, prega esse botão para a sua mãezinha.” Dasdores multiplica-se, corre, delibera e providencia mil coisas. Mas é um engano supor que se deixou aprisionar por obrigações enfadonhas. Em seu coração ela voa para o sobrado da outra rua, em que, fumando ou alisando o cabelo com brilhantina, está Abelardo. (Carlos Drummond de Andrade, *Presépio*, apud CIULLA, 2008, p. 166).

Temos na expressão “suas numerosas obrigações”, um processo catafórico, que realiza uma hipostasiação, já que se refere às tarefas (“cuidar dos irmãos, velar pelos doces de calda, pelas conservas, manejar agulha e bilro, escrever cartas de todos”), além disso, apresenta uma força ilocucionária, no caso, a de *obrigação*. “Essa expressão tem também uma função antecipadora e enumerativa, sendo que a marca dos dois pontos colabora para a ideia de que a informação vai ser completada na sequência.” (CIULLA, 2008, p. 166).

- assinalar um convite para reparar uma sequência

(41) Nesta sala atulhada de mesas, máquinas e papéis, onde invejáveis escreventes dividiram entre si o bom-senso do mundo, aplicando-se em ideias claras, apesar do ruído e do mormaço, seguros ao se pronunciarem sobre problemas que afligem o homem moderno (**espécie da qual você, milenarmente cansado, talvez se sinta um pouco excluído**) (...) (Raduan, Nassar, *Aí pelas três da tarde*, apud CIULLA, 2008, p. 166).

Neste exemplo a autora considera que, ao recuperar o referente expresso por “homem moderno” pela especificação feita em: “espécie da qual você, milenarmente cansado, talvez se sinta um pouco excluído”, a operação metadiscursiva, além de reformular o referente inicial proposto na referência feita em “homem moderno”, serve para promover uma solidarização com o leitor, dirigindo-se diretamente a ele através da expressão “você”, numa estratégia colaborativa de construção do texto.

- evitar uma referência embaraçosa

(42) A cada dia as cartas ficam mais abusadas, entronas, era alguém que escrevia bem, sabia colocar as coisas. Dia sim, dia não, o carteiro trazia o envelope amarelo, com tarja marrom, papel fino, de bom gosto. Discreto, contrastava com as frases. Que loucura, ela jamais imaginaria situações assim, será que existiam? Se o marido, algum dia, tivesse

proposto **um décimo daquilo**, teria pulado da cama, vestido a roupa e voltado para a casa da mãe. (Ignácio de Loyola Brandão, *Obscenidades de uma dona-de-casa*, apud CIULLA, 2008, p. 167).

A autora, neste exemplo, analisa a expressão metadiscursiva “um décimo daquilo”, através da qual o narrador simula, utilizando o discurso indireto livre, o suposto pudor da mulher, que não ousaria proferir as frases sobre coisas obscenas como as que as cartas continham. “Assim, revela-se o ponto de vista da personagem, uma mulher que estava em conflito com a própria sexualidade em contraponto à educação moralista que havia recebido: por isso, as expressões obscenas se tornariam embaraçosas e foram evitadas.” (CIULLA, 2008, p. 167).

- capturar argumentos dispersos

(43) Dasdores e suas numerosas obrigações: cuidar dos irmãos, velar pelos doces de calda, pelas conservas, manejar agulha e bilro, escrever cartas de todos. Os pais exigem-lhe o máximo, não porque a casa seja pobre, mas porque o primeiro mandamento da educação feminina é: trabalharás dia e noite. Se não trabalhar sempre, se não ocupar todos os minutos, quem sabe do que será capaz a mulher? Quem pode vigiar os sonhos de moça? Eles são confusos e perigosos. Portanto, é impedir que se formem. A total ocupação varre o espírito. Dasdores nunca tem tempo para nada. Seu nome, alegre à força de repetido, ressoa pela casa toda. "Dasdores, as dalias já foram regadas hoje?" "Você viu, Dasdores, quem deixou o diabo desse gato furtar a carne?" "Ah, Dasdores, meu bem, prega esse botão para a sua mãezinha." Dasdores multiplica-se, corre, delibera e providencia mil coisas. Mas é um engano supor que se deixou aprisionar por **obrigações enfadonhas**. Em seu coração ela voa para o sobrado da outra rua, em que, fumando ou alisando o cabelo com brilhantina, está Abelardo. (Carlos Drummond de Andrade, *Presépio*, apud CIULLA, 2008, p. 168).

A expressão metadiscursiva analisada neste exemplo é apenas: “obrigações enfadonhas”, que categoriza o referente expresso por “numerosas obrigações”, confirmando e explicitando uma avaliação que o leitor já teria tido oportunidade de realizar. Compreendemos então que pela constante tentativa de anulação dos desejos de *Dasdores* (“quem pode vigiar os sonhos de moça?... portanto é impedir que se formem”) e pela quase anulação da própria *Dasdores* em função de suas tarefas (“seu nome, alegre à força de repetido, ressoa pela casa toda. ‘Dasdores, as dalias já foram regadas hoje?’ “, etc.), Ciulla (2008) atribui à expressão “obrigações enfadonhas” a função de capturar argumentos dispersos.

Observemos estas quatro funções dadas:

- atribuir força ilocucionária a um trecho do discurso;
- assinalar um convite para reparar uma sequência;

- evitar uma referência embaraçosa;
- capturar argumentos dispersos;

Concordamos com Cavalcante (2009), para quem essas funções podem ser reunidas em uma única função, a de *encapsular proposições*. Esta função é exercida por anáforas encapsuladoras e serve, *a priori*, para resumir conteúdos espalhados pelo menos em uma oração. (CAVALCANTE, 2009).

Vejamos, a seguir, um exemplo que apresenta um encapsulamento contendo informações de cunho argumentativo ou avaliativo, exemplo que se encaixa perfeitamente nas funções supracitadas:

(44) “O senhor é um bandido. O senhor defende o PCC”, afirmou o promotor. Ao que o advogado rebateu: “O senhor que é um bandido”. **Os xingamentos** continuaram até que o advogado disse que não iria mais “fazer o plenário” (continuar a audiência). O promotor voltou a chamá-lo de bandido e o advogado retrucou: “Bandido é vossa excelência, é a sua mãe. Bandido é a sua mãe e o seu pai”. Diante disso, o promotor partiu para cima do advogado e o agrediu fisicamente. O réu Andrade se levantou de sua cadeira e demonstrou estar assustado. Espectadores que acompanhavam o julgamento também mostravam surpresa.

(Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/983307-video-mostra-briga-entre-advogado-e-promotor-em-sp-veja.shtml>)

Neste caso, podemos observar que a expressão **Os xingamentos** realiza a função de encapsular, na medida em que resume o segmento: “O senhor é um bandido. O senhor defende o PCC”, afirmou o promotor. Ao que o advogado rebateu: “O senhor que é um bandido”.

Ciulla (2008) postula as funções remissivas de *antecipar informações, mantendo dados em suspenso* para causar efeitos diversos. Esses pequenos efeitos expressivos ou estilísticos estão diretamente ligados à análise do gênero conto literário. Apenas um contexto específico de um dado texto poderia dizer, precisamente, que propósitos argumentativos esses usos anafóricos teriam; para Ciulla (2008), alguns deles seriam para *evitar uma referência genérica* e *evitar uma referência inadequada*.

3.2.1.3 Função 3. Introdução de informações novas

As anáforas podem cumprir a função de modificar um referente ao qual remetem, mesmo sem retomá-lo, como é o caso em:

(45) ... Observava o sono do velho: **braços e pernas estirados, inúteis**. Apenas a **cabeça permanecia viva**, para dar ordens em alta voz e lançar **olhares cheios de fúria**. (...) No começo, quando era um menino, o velho quis educá-lo, funcionou como uma família inteira, como todos os cuidados. (...) Depois do desastre, tudo mudou. Tetraplegia, e agora o menino, já adolescente, via-se obrigado a cuidar **daquele homem transformado em estranha carcaça** (...). (Tércia Montenegro, *Linha Férrea*, apud CIULLA, 2008, p. 168).

Podemos observar neste exemplo que a expressão inicial “o sono do velho”, num processo de introdução referencial, serve de fonte para várias expressões anafóricas, como as que grifamos. Algumas delas retomam, recategorizando o referente designado por “velho”, como é o caso de “aquele homem transformado em estranha carcaça”. As outras expressões grifadas pela autora, como “braços e pernas estirados, inúteis” ou “olhares cheios de fúria” não retomam o mesmo referente ao qual “o velho” remete, porém, inauguram novos elementos a partir da referência expressa por “o velho”. Essas expressões também colaboram para que a imagem que se tem do velho seja modificada, pois apresentam ainda detalhes sobre a morbidez de seu corpo e sobre o seu humor. Braços, pernas e olhares não são “o velho”, “por isso não podemos dizer que haja correferência, mas, sim, *partes* ou atitudes do “velho”. Nesse exemplo, então, informações novas são introduzidas por processos de introdução referencial e por processos anafóricos.” (CIULLA, 2008, p. 168).

- atualizar conhecimentos

(46) No ano seguinte, ela não apareceu no baile. Ele ficou o tempo todo à procura, um havaiano desconsolado (...) Marcelão, **o mau elemento da sua turma**, tinha levado gim para misturar com o guaraná. (Luis Fernando Veríssimo, *Conto de verão nr. 2: Bandeira Branca*, apud CIULLA, 2008, p. 169).

Neste trecho a autora analisou a expressão anafórica “o mau elemento da sua turma”. Esta expressão atualiza um conhecimento sobre o personagem introduzido (*Marcelão*). “Além disso, essa informação ajuda a construir a noção de que o personagem do início do conto, um menino de quatro anos, já era um adolescente, por causa da referência à turma e à bebida alcoólica.” (CIULLA, 2008, p. 169).

3.2.1.4 Função 4. Promover um convite para uma busca/ativação da memória

Em suas análises, Ciulla (2008) afirmou ter encontrado nos contos, com bastante frequência, dêiticos que realizam um convite para que o leitor faça uma busca na memória, ao mesmo tempo em que, no texto, são fornecidas informações que completam seu significado.

Com isso, a autora afirma que expressões com estas características promovem um duplo efeito de simular um conhecimento compartilhado e incentivar uma lembrança que é acionada, como no exemplo a seguir:

(47) Na parede do quarto de pensão, uma outra reprodução de Van Gogh: **aquele quarto com a cadeira de palhinha parecendo torta, a cama estreita, as tábuas do assoalho**, colocado na parede em frente à cama. Deitado, Saul tinha a impressão de que o quadro era o espelho refletindo, quase fotograficamente, o próprio quarto, ausente apenas ele mesmo. (Caio Fernando Abreu, *Aqueles dois*, apud CIULLA, 2008, p. 169).

Em sua análise, a autora considera que a primeira expressão em negrito descreve “outra reprodução de Van Gogh”; ao invés de mencionar o nome da obra (*Quarto em Arles*), o escritor se vale de sua descrição, usando o pronome dêitico “aquele”, com o intuito de fazer com que o leitor possa reconstruir em sua imaginação a pintura, bem como é convidado a vasculhar sua memória, em busca de uma lembrança, no caso de pertencê-la. “Notemos que o demonstrativo “aquele” também provoca uma ruptura da narrativa, pois subitamente aproxima os *habitantes* da cenografia. No conjunto, todas essas estratégias têm como resultado comum a promoção da intersubjetividade.” (CIULLA, 2008, p. 170).

Em (47), a autora nos convida a pensarmos na referência ao quadro de Van Gogh como uma espécie de intertextualidade. Para ela, as impressões causadas pelo quadro podem ser semelhantes às que são descritas para retratar o estado de espírito do personagem do conto no ambiente de seu quarto. Concordamos com Ciulla (2008) quando considera, neste exemplo, a referência ao quadro de Van Gogh como uma espécie de intertextualidade.

3.2.1.5 Função 5. Efeitos estético-estilísticos

- engajar o leitor/ouvinte na perspectiva do personagem

(48) Na parede do quarto de pensão, uma outra reprodução de Van Gogh: aquele quarto com a cadeira de palhinha parecendo torta, a cama estreita, as tábuas do assoalho, colocado na parede em frente à cama. Deitado, Saul tinha a impressão de que **o quadro era o espelho** refletindo, quase fotograficamente, o próprio quarto, ausente apenas ele mesmo. (Caio Fernando Abreu, *Aqueles dois*, apud CIULLA, 2008, p. 170).

Neste exemplo temos um processo referencial desencadeado pela expressão “o quadro era o espelho...”. Esta expressão nos faz reconstruir o estado cognitivo do personagem, que compartilha seus pensamentos com o leitor, através da comparação da figura representada pelo quadro com a cena que é descrita: ele deitado em um quarto, tão solitário quanto o de Van Gogh. “Espera-se, nesse tipo de referência, um maior envolvimento do leitor com a trama dos personagens e com as impressões descritas.” (CIULLA, 2008, p. 170).

Vejamos mais um exemplo para esta mesma função. Este não se encontra na tese de Ciulla (2008), mas em Cavalcante (2009):

(49) **Apresentando**

A Alemanha nazista.
 Uma menina com um irmão morto.
 Um livro preto com letras prateadas.
 Neve.
 Dois pais de criação.
 A mulher com punhos de ferro.
 O enrolador de cigarros.
 Um judeu escondido no porão.
 Palavras...
 ...e bombas.

. Eis um pequeno fato.

Você vai morrer.

A pergunta é: qual será a cor de tudo nesse momento em que eu chegar para buscar você? Que dirá o céu?

. Uma pequena teoria.

As pessoas só observam as cores do dia no começo e no fim, mas, para mim, está muito claro que o dia se funde através de uma multidão de matizes e entonações a cada momento que passa. (...)

Primeiro aparece uma coisa branca. Do tipo ofuscante. É muito provável que alguns de vocês achem que o branco não é realmente uma cor, e todo esse tipo batido de absurdo. O branco é sem dúvida uma cor e, pessoalmente, acho que você não vai querer discutir comigo.

(Romance *A menina que roubava livros*, de Markus Kuzak)

Ao analisar, por exemplo, o texto (49), encontramos um paralelismo sintático e um inusitado paralelismo semântico na primeira subseção, que já levam o leitor para dentro do mundo ficcional. Além disso, o subtítulo seguinte contendo a expressão encapsuladora “um pequeno fato” ironiza o tamanho da constatação de que a morte é a única certeza e começa a engajar o coenunciador na perspectiva da narradora: a morte. É ela que se dirige ao próprio leitor: “Você vai morrer. A pergunta é: qual será a cor de tudo nesse momento em que eu chegar para buscar você?”.

- adentrar o mundo ficcional

(50) Sentou-se num tamborete, fincou os cotovelos nos joelhos, apoiou o queixo nas mãos e ficou olhando para a mãe. **Agora** ela escovava os cabelos muito louros e curtos, puxando-os para trás. E os anéis se estendiam molemente para em seguida voltarem à posição anterior, formando uma coroa de caracóis sobre a testa. Deixou a escova, apanhou um frasco

de perfume, molhou as pontas dos dedos, passou-os nos lóbulos das orelhas, no vértice do decote e em seguida umedeceu um lençinho de rendas. Através do espelho, olhou para o menino. Ele sorriu também, era **linda, linda, linda!** Em todo o bairro não havia **uma moça linda assim**. - Quantos anos você tem, mamãe? (Lygia Fagundes Telles, *O menino*, apud CIULLA, 2008, p. 171).

O conto começa como se o narrador observasse a cena de fora na qual um menino, sentado em um tamborete, olhava para a mãe. No entanto, a expressão dêitico-temporal “agora” muda essa perspectiva, que passa a ser a do próprio menino que admirava profundamente a mãe e a observava minuciosamente, enquanto ela se arrumava em frente ao espelho. Essa mudança é confirmada através do trecho em que “a mãe” é recategorizada pela repetição da expressão atributiva em “linda, linda, linda!” e pela expressão anafórica “uma moça linda assim”, que mostram a maneira pela qual o menino vê sua mãe. “No decorrer do conto, a imagem da mãe como mulher perfeita não só vai se confirmando, como também faz com que nos solidarizemos com o menino, cujo sentimento é recategorizado (e, portanto, transformado) sucessivamente ao longo do texto.” (CIULLA, 2008, p. 171).

- acrescentar uma apreciação sobre o mundo

(51) Eu amo meu marido. De manhã à noite. Mal acordo, ofereço-lhe café. Ele suspira exausto da noite sempre maldormida e começa a barbear-se. Bato-lhe à porta três vezes, antes que o café esfrie. Ele grunhe com raiva e eu vocifero com aflição. Não quero meu esforço confundido com **um líquido frio que ele tragará como me traga duas vezes por semana**, especialmente no sábado. (Nélida Piñon, *I love my husband*, apud CIULLA, 2008, p. 171).

Aqui a autora destaca particularmente a expressão anafórica em negrito para mostrar como uma atividade rotineira de preparar o café para o marido, todas as manhãs, pode se revestir de um caráter ácido e ao mesmo tempo belo. Em “um líquido frio que ele tragará como me traga duas vezes por semana”, além da categorização de café como “líquido frio” há a comparação do café frio que ela estabelece consigo mesma, quando o marido a procura para o sexo. Ciulla (2008) ainda tece reflexões sobre a acidez, obviamente, porque o ácido demonstra um ódio resignado da esposa. Temos também o belo. Segundo a autora, a metáfora ilustra bem o sentimento, misturando em doses perfeitas os elementos do dia-a-dia com um sentimento de frustração e insatisfação, fazendo revelar o verdadeiro espírito daquela mulher aparentemente conformada. “Tudo isso revela também um modo de ver as coisas que, nesse caso, reveste-se de maior importância e, por isso, dizemos que tem valor estético.” (CIULLA, 2008, p. 172).

- criar um efeito impressionista

(52) Um dos soldados nos contou que haviam encontrado Shabtai Zvi sentado numa pedra, olhando para o corpo de Chico Diabo. Espalhados pelo chão - os bandidos, bêbados, roncando. Havia bois carneados por toda a parte. E vinho. "Nunca vi tanto vinho!" **Tudo o que antes tinha água agora tinha vinho!** Garrafas, cantis, baldes, bacias, barricas. **As águas de um charco ali perto estavam vermelhas.** Não sei se era sangue das reses ou vinho. Mas acho que era vinho. (Moacyr Scliar, *A balada do falso messias*, apud CIULLA, 2008, p. 172).

Nesse trecho, Ciulla (2008) salienta a referência feita na expressão “as águas de um charco ali perto estavam vermelhas”, que tem um efeito impressionista, assim como menciona Maingueneau (2007), o que é representado especialmente pelo plural da expressão “as águas”, que desvia o foco da identificação da água como *elemento que tem certas propriedades químicas e físicas* e ajuda a torná-la um elemento imaginário, carregado de impressões daquela cena misteriosa, meio macabra, meio santa. Outro destaque feito por Ciulla (2008) é dado à expressão anafórica “tudo o que antes tinha água agora tinha vinho!”, nesta expressão a autora afirma que há uma nítida referência à passagem da Bíblia, em que Jesus, num casamento, transforma água em vinho. Além do intertexto estabelecido por esta expressão, essa referência ajuda a aumentar a atmosfera mística desenvolvida no conto, que apresenta um judeu que imigra para o Brasil e acredita ser o Messias; “a morte de *Chico Diabo* referida pela água vermelha do charco e os milagres supostamente operados por *Shabtai Zvi* também se relacionam com o vinho, num jogo metafórico - e anafórico - entrecruzado.” (CIULLA, 2008, p. 172).

- provocar o riso e/ou efeitos de humor

(53) Ele: tirolês. Ela: odalisca. **Eram de culturas muito diferentes**, não podia dar certo. Mas tinham só quatro anos e se entenderam. No mundo dos quatro anos todos se entendem, de um jeito ou de outro. Em vez de dançarem, pularem e entrarem no cordão, resistiram a todos os apelos desesperados das mães e ficaram sentados no chão, fazendo um montinho de confete, serpentina e poeira, até serem arrastados para casa, sob ameaças de jamais serem levados a outro baile de Carnaval. (Luis Fernando Veríssimo, *Conto de verão nr. 2: Bandeira Branca*, apud CIULLA, 2008, p. 173).

Neste trecho extraído do conto *Conto de verão*, a autora atribui humor ao fato de as personagens estarem descritas em trajes carnavalescos, marcando, a cada ano, o novo baile de Carnaval, onde se encontravam. Segundo Ciulla (2008) a expressão anafórica “culturas muito diferentes” desencadeia o efeito de humor por nos levar a imaginar que as personagens assumiriam a cultura do povo alpino ou otomano, de acordo com a sua fantasia de Carnaval.

- forjar uma memória compartilhada

(54) **Nesta sala atulhada de mesas**, máquinas e papéis, onde invejáveis escreventes dividiram entre si o bom-senso do mundo, aplicando-se em ideias claras, apesar do ruído e do mormaço, seguros ao se pronunciarem sobre problemas que afligem o homem moderno (espécie da qual você, milenarmente cansado, talvez se sinta um pouco excluído) (...) (Raduan, Nassar, *Aí pelas três da tarde*, apud CIULLA, 2008, p. 173).

Segundo Ciulla (2008), o demonstrativo “Nesta” faz com que o leitor se transporte de imediato para a cenografia apresentada no conto e ainda simula uma memória comum, compartilhada entre o narrador e o leitor. Bem como o uso do definido, na expressão em grifo do exemplo seguinte, também sugere um elemento conhecido:

(55) Observava o sono do velho: **braços e pernas estirados, inúteis**. Apenas **a cabeça permanecia viva**, para dar ordens em alta voz e lançar **olhares cheios de fúria**. (...) No começo, quando era um menino, o velho quis educá-lo, funcionou como uma família inteira, como todos os cuidados. (...) Depois **do desastre**, tudo mudou. Tetraplegia, e agora o menino, já adolescente, via-se obrigado a cuidar **daquele homem transformado em estranha carcaça** (...). (Tércia Montenegro, *Linha Férrea*, apud CIULLA, 2008, p. 173).

A expressão “O desastre” é tratado no texto como algo conhecido; porém, para o leitor, é algo novo, pois, até então, não se sabia o motivo da doença, embora já se pudesse fazer alguma previsão, pelas referências ao estado de saúde do homem. “É por isso que dissemos que, pelo uso do definido, nesse caso, somos parcialmente transportados para o foco cognitivo do personagem *menino*, já que aqui pode sugerir que se trata de uma lembrança do menino.” (CIULLA, 2008, p. 174).

- fornecer uma simulação da realidade

Para esta função, a autora faz uma observação de grande importância para o nosso trabalho. Ela afirma que essa é uma função pressuposta do texto como um todo, no caso do gênero conto, pelo fato de que uma das principais características desse gênero é promover uma ruptura do real; para que ela exista, é preciso recriar o real, de algum modo. Aqui a autora admite que as funções discursivas podem estar diretamente relacionadas às características dos gêneros textuais. Ciulla (2008), então, apresenta o seguinte exemplo:

(56) O barbeiro afiava **a navalha**. **No salão**, era conhecido **seu estilo de afiar**, acompanhando trechos alegres de música clássica, que ele ia assobiando. Ali, no quarto, ao lado de um morto, afiava num ritmo diferente, mais espaçado e lento: alguém poderia deduzir que ele, em sua cabeça, **assobiava uma marcha fúnebre**. (Luiz Vilela, *Fazendo a barba*, apud CIULLA, 2008, p. 174).

As expressões em destaque promovem a recriação das atividades cotidianas de um barbeiro. No trecho que recortamos, é, em grande parte, tributária de relações anafóricas, como as que são estabelecidas entre “o barbeiro” e “a navalha”, “no salão” e “seu estilo de afiar”. “Além disso, com a menção de que alguém poderia supor que o barbeiro assobiava mentalmente “uma marcha fúnebre”, é simulado o estado cognitivo do personagem, que é uma maneira de auxiliar a reconstruir a percepção desse personagem.” (CIULLA, 2008, p. 174).

- recriar o mundo ficcional

Esta função apresentada pela autora é resultante de situações em que a dêixis social pode ter um papel importante na relação entre a categorização e a recriação do estado cognitivo do personagem, como em:

(57) Pela noite, o passeio na cadeira-sofá; ele vai empurrando por trás e assim não vê os olhos do velho, de boca amordaçada, braços e pernas acorrentados na própria paralisia, “Vamos rever o local do nosso encontro, **papai**” - a voz baixa, só ela, no escuro. (Tércia Montenegro, *Linha Férrea*, apud CIULLA, 2008, p. 175).

Neste trecho transcrito em (57) o homem era um “velho” e “estranha carcaça”. Quando o menino o convida para o passeio, é “papai”, o que nos faz pensar que essa maneira de se dirigir ao homem tenha sido de maneira falsa, ou insana - até porque o “passeio” era, na verdade, um caminho para a morte, com o homem amordaçado, que o menino tinha a intenção de deixar nos trilhos para ser atropelado pelo trem. Nesse exemplo o dêitico social “papai” trata-se de uma maneira peculiar de mostrar a maldade do menino, que categoriza subitamente o homem de maneira aparentemente carinhosa em pleno ato criminoso contra o mesmo homem. Assim, a função da expressão dêitica grifada pela autora não é a de fazer o leitor se sentir solidário ao personagem, “mas a de provocar um sentimento maior de repulsa pelo menino e, fazendo conhecer a atitude do menino, provocar um maior envolvimento do leitor no mundo que é instituído pelo conto.” (CIULLA, 2008, p.175).

- balizar graus de distanciamento da cenografia

(58) Na rua, ele andava pisando forte, o queixo erguido, os olhos acesos. Tão bom sair de **mãos dadas com a mãe**. Melhor ainda quando o pai não ia junto porque assim **ficava sendo o cavalheiro dela**. Quando crescesse haveria de se **casar com uma moça igual**. Anita não servia que Anita era sardenta. Nem Maria Inês com aqueles dentes saltados. Tinha que ser **igualzinha à mãe**. (Lygia Fagundes Telles, *O menino*, apud CIULLA, 2008, p. 176).

(59) Júlio conversava com alguns colegas no portão. O menino fez questão de cumprimentá-los em voz alta para que todos se voltassem e ficassem assim mudos, olhando. Vejam, **esta é minha mãe!** - teve vontade de gritar-lhes. Nenhum de vocês tem **uma mãe linda assim!** E lembrou deliciado que a mãe de Júlio era grandalhona e sem graça, sempre de chinelo e consertando meia. Júlio devia estar agora roxo de inveja. (Lygia Fagundes Telles, *O menino*, apud CIULLA, 2008, p. 176).

Para esta função, a autora apresentou estes dois exemplos com os trechos (58) e (59) que nos fazem penetrar, através das expressões grifadas, nos sentimentos do menino. Observemos que estas expressões explicitam a maneira pela qual o menino vê a mãe, por isso estamos ressaltando o papel dos processos referenciais que marcam a alternância de vozes, no caso deste conto, entre a voz do narrador e a do menino, personagem do conto. Mas outras expressões, inclusive as que descrevem o menino, sob a voz do narrador, colaboram para a construção do quadro como um todo. Assim, as expressões andar de “mãos dadas com a mãe”, ser “o cavalheiro dela”, casar-se “com uma moça igual”, “igualzinha à mãe” revelam os sentimentos de orgulho do menino em relação à mãe.

- antecipar informações/mantê-las em suspenso

(60) Saí, como sempre sem saber para onde ir, tinha que ser numa rua deserta, nesta cidade tem mais gente do que moscas. Na avenida Brasil, ali não podia ser. Muito movimento. Cheguei numa rua mal iluminada, cheia de árvores escuras, o lugar ideal. **Homem ou mulher?** Realmente não fazia grande diferença, mas não aparecia ninguém em condições, comecei a ficar tenso, isso sempre acontecia, eu até gostava, o alívio era maior. Então vi a mulher, podia ser ela, ainda que mulher fosse menos emocionante, por ser mais fácil. (...) Apaguei as luzes do carro e acelerei. Ela só percebeu que eu ia para cima dela quando ouviu o som da borracha dos pneus batendo no meio-fio. Peguei a mulher acima dos joelhos, bem no meio das duas pernas, um pouco mais sobre a esquerda, um golpe perfeito, ouvi o barulho do impacto partindo os dois ossões... (Rubem Fonseca, *Passeio Noturno - parte I*, apud CIULLA, 2008, p. 178).

Temos para esta função o trecho (60), no qual a dúvida que é instalada pela pergunta “homem ou mulher?”, introduzindo esses dois referentes, “faz com que informações sejam mantidas em suspenso e, ao mesmo tempo, faz com que pensemos, por antecipação, por exemplo, que o narrador estava planejando um estupro.” (CIULLA, 2008, p.178). A autora segue a análise afirmando que essa antecipação é confirmada, parcialmente, pela expressão “ainda que mulher fosse menos emocionante, por ser mais fácil”, em que há uma recategorização do referente expresso por “mulher” como uma presa fácil e menos emocionante. No entanto, após os trechos “apaguei as luzes do carro e acelerei” e, a seguir, “o som da borracha dos pneus batendo no meio-fio”, percebe-se que a mulher não seria vítima de

um estupro, mas de um atropelamento, o que frustra as antecipações feitas e aumenta o choque, já iniciado pela expectativa de uma suposta violência sexual.

Essa função, a nosso ver, trata-se de um caso que tem relação direta com as características do gênero e, como veremos no capítulo 4, não encontramos no gênero analisado por nós nenhum exemplo em que tal função ocorresse. Acreditamos que esta antecipação de informações, nesse caso, tenha função também de auxiliar na organização do texto com um efeito estético marcante, pois lhe empresta uma maior dose de emoção. “Assim, a manutenção de informações em suspenso, que havia sido alocada, a princípio, como uma subespecificação da função geral de organizar partes do texto, revelou-se como uma função muito mais ligada à estética do texto, pelo menos nesse exemplo.” (CIULLA, 2008, p. 178).

3.2.1.6 Função 6. Marcação de heterogeneidade discursiva

- apelar a um tipo de discurso

(61) Dasdores e suas numerosas obrigações: cuidar dos irmãos, velar pelos doces de calda, pelas conservas, manejar agulha e bilro, escrever cartas de todos. Os pais exigem-lhe o máximo, não porque a casa seja pobre, mas porque **o primeiro mandamento da educação feminina** é: trabalharás dia e noite. Se não trabalhar sempre, se não ocupar todos os minutos, quem sabe do que será capaz a mulher? Quem pode vigiar os sonhos de moça? Eles são confusos e perigosos. Portanto, é impedir que se formem. A total ocupação varre o espírito. Dasdores nunca tem tempo para nada. Seu nome, alegre à força de repetido, ressoa pela casa toda. “Dasdores, as dalias já foram regadas hoje?” “Você viu, Dasdores, quem deixou o diabo desse gato furtar a carne?” “Ah, Dasdores, meu bem, prega esse botão para a sua mãezinha.” Dasdores multiplica-se, corre, delibera e providencia mil coisas. Mas é um engano supor que se deixou aprisionar por obrigações enfadonhas. Em seu coração ela voa para o sobrado da outra rua, em que, fumando ou alisando o cabelo com brilhantina, está Abelardo. (Carlos Drummond de Andrade, *Presépio*, apud CIULLA, 2008, p. 179).

Esta função destaca os diferentes tipos de discurso inseridos no texto através de expressões referencias. Neste exemplo a expressão “o primeiro mandamento da educação feminina”, bem como a flexão verbal de “trabalharás”, evocam os mandamentos bíblicos de Moisés, o que nos faz identificar um caso de intertextualidade, nesse caso. Porém, aqui, parece que o efeito intertextual com a alusão ao texto da bíblia é usado para produzir outro efeito, neste caso, um efeito polifônico. “Assim, nesse exemplo, associamos a presença de um intertexto à função de apelar para um tipo de discurso, nesse caso, o discurso católico.” (CIULLA, 2008, p. 179).

- identificar as vozes de embate no interdiscurso

A autora não apresenta nenhum exemplo específico para esta função sugerida.

- denunciar um embate de vozes

(62) Morreu meu pai, sentimos muito, etc. Quando chegamos nas proximidades do Natal, eu já estava que não podia mais pra afastar aquela memória obstruente do morto, que parecia ter sistematizado pra sempre a obrigação de uma lembrança dolorosa em cada gesto mínimo da família. Uma vez que eu sugerira à mamãe a ideia dela ir ver uma fita no cinema, o que resultou foram lágrimas. Onde já se viu ir ao cinema de luto pesado! A dor já estava sendo cultivada pelas aparências, e eu, que sempre gostara apenas regularmente de meu pai, mais por instinto de filho que por espontaneidade de amor, me via a ponto de aborrecer o bom do morto. Foi decerto por isto que me nasceu, esta sim, espontaneamente a ideia de fazer **uma das minhas chamadas “loucuras”**. Essa fora, aliás, e desde muito cedo, a minha esplêndida conquista contra o ambiente familiar. Desde cedinho, desde os tempos do ginásio, em que arranjava regularmente uma reprovação todos os anos; desde o beijo às escondidas, numa prima, aos dez anos, descoberto por Tia Velha, uma detestável de tia; e principalmente desde as lições que dei ou recebi, não sei, de uma criada de parentes: eu consegui no reformatório do lar e na vasta parentagem, a fama conciliatória de “louco”. (Mário de Andrade, *O peru de Natal*, apud CIULLA, 2008, p. 179).

Ciulla (2008) apresenta, para esta função, este trecho no qual temos a expressão “uma das minhas chamadas ‘loucuras’”, que faz parte do processo anafórico que explicita o viés argumentativo do narrador-personagem em questão, nesse exemplo. No entanto, a responsabilidade pela expressão “loucuras” não é atribuída ao personagem, mas a outros, tanto por serem referidas como “as minhas **chamadas** loucuras”, quanto pelas aspas que marcam a palavra “loucuras”. O que é confirmado no final do trecho através da expressão “a fama conciliatória de ‘louco’”, que o personagem diz ter obtido entre os familiares.

- provocar uma ruptura dêitica que direciona a atenção para um espaço de busca diferente

No trecho a seguir, Ciulla (2008) exemplifica esta função através de uma situação em que um anafórico com dêitico ao mesmo tempo em que se refere a um elemento já mencionado, salientando-o, acrescenta informações e ainda opera dois outros movimentos, quais sejam, o de direcionar a atenção para um espaço de busca diferente, oscilando da cenografia primária para a cenografia secundária e, ainda, o de forjar uma memória compartilhada com a personagem central:

(63) Vão-se as amigas, para voltar duas horas depois, e Dasdores, interrogando o relógio, nele vê apenas o rosto de Abelardo, como também percebe **esse rosto de bigode**, e a cabeleira lustrosa, e os olhos acesos, dissimulados nas ramagens do papel de parede, e um pouco por toda parte. (Carlos Drummond de Andrade, *Presépio*, apud CIULLA, 2008, p. 180).

Este exemplo traz a expressão anafórica “esse rosto de bigode”, que tem como fonte o referente designado por “Abelardo”, e acrescenta uma característica a esse

personagem. Mais importante do que o acréscimo dessa informação, no entanto, parece ser o fato de que, por meio do dêitico “esse”, é realizada uma transposição da cenografia do narrador para a do personagem, o que faz com que o leitor compartilhe das emoções da personagem de maneira mais intensa. (CIULLA, 2008).

- promover a mudança de foco narrativo

A função de mudança de foco narrativo permite ao leitor acompanhar uma mesma história sob pontos de vista diferentes, também pode ser identificada pela dêixis, quase sempre associada a processos anafóricos, como acontece no conto cujos trechos são utilizados por Ciulla (2008) para ilustrar esta função:

(64) Hoje deve ser domingo, porque **vi** da janela **uma de minhas irmãs** me chamando para brincar. (...) Papai continua dormindo, mas o sol vai alto e quente. Deve estar na hora: **sinto** fome. **Saio** sempre pela porta dos fundos; **atravesso** o terreiro e **sig**o três quarteirões até a casa da vovó. **Seguro** o portãozinho enferrujado; **chamo** com voz alta. “Vó!” - uma vez, duas vezes. Aparece a tia: passa a mão em **meus cabelos**, diz que estão feito palha de aço, mas diz isso sorrindo. “São nove horas, **Fran**. Ainda não tem almoço.” (Tércia Montenegro, *DT*, apud CIULLA, 2008, p. 181).

(65) Da última vez foi pior. **Achei** que não ia conseguir o suficiente pra encher **a carroça**. **Andei** muito, antes de chegar à casa do Ismael, que negocia com essas coisas. Ele me ajudou a descarregar **as caixas desfeitas**; empilhou **o papelão** num canto da sala entupida de **garrafas, latinhas de cerveja e materiais de plástico**. **Olhou-me** por cima de seu bigode cinza, caído para os lados, que parece um peixe. Contou **algumas notas** e **me deu**. **Eu** não disse nada; **voltei** pra casa, puxando a carroça. Já sentia **a cabeça zoar, a multidão de abelhas nos ouvidos**. **Pequenas luzes espocavam na vista**, e não sei quanto tempo levei até acertar o caminho. Estava escurecendo, quando **Fran** abriu a porta: **entreguei** algum dinheiro pra **ela** e **entrei** no quarto. De madrugada, **acordei** pensando em **bebida**. (Tércia Montenegro, *DT*, apud CIULLA, 2008, p. 181).

Os trechos apresentados em (64) e (65) correspondem a duas partes do conto, que podemos distinguir pela mudança de foco narrativo. No primeiro trecho, percebemos que o narrador é a menina, o que é possível através da associação com as expressões dêiticas e anafóricas “uma de minhas irmãs”, “meus cabelos” e os pronomes pessoais elípticos, que se pode deduzir dos verbos flexionados em primeira pessoa; além disso, há a referência ao nome da menina, “Fran”, que é feita quando a tia se dirige a ela. No trecho em (65), percebemos que a narração é realizada por um homem adulto: à primeira pessoa, nesta parte (também marcada pelo pronome pessoal “eu”, elíptico ou não, e pelo pronome “me”, também em primeira pessoa), associam-se atividades e elementos como “carroça”, “caixas”, “papelão” e “notas”, que constituem o mundo de um papeleiro; há ainda a referência à “Fran”, em terceira pessoa,

o que confirma que a voz não é a dela, mas a do pai. A referência que é construída a partir de “bebida” também remete ao pai, que, logo a seguir, confirma-se como um alcoólatra. (CIULLA, 2008).

- marcar a voz do personagem no DDL

(66) É possível acreditar nas vozes do morto. Elas devem estar em tudo. Na maneira simplória de Seu Damião, na sua aquiescência, nos seus monólogos e no seu próprio declínio. Ele emagrece sob o enorme paletó cáqui. Urina no quintal da sapataria e as formigas miúdas, infinidade delas, vêm sugar o açúcar nas bordas do líquido. Seu Damião toma regularmente uma pílula e bebe água no copo de madeira medicinal, que guarda na prateleira por trás das caixas de sapatos. Mas perde peso: a pele do rosto se desprega, a papada. Dança dentro da roupa. Dança todo, por sestros também, que ele é simplório. Leva sempre as mãos à cabeça, escusando-se. Ou melhor, não sabe onde pôr as mãos grandes. Põe-nas na cabeça redonda (cabelo cortado à escovinha) ou as esfrega uma na outra. Parece traduzir nos seus trejeitos um permanente pedido de desculpas por tudo que fez e pelo que não fez. Perdão até de ser casado com Da. Leonor, que, novinha (e não **agora, aquela máscara de pó**), não era para se ter dado a ele, um sapateiro de origem, impregnado pelo cheiro da sola, os dedos curtos e chatos grudados de verniz. (Moreira Campos, *As vozes do morto*, apud CIULLA, 2008, p. 183).

Para ilustrar esta função, a autora utilizou este conto, que se inicia com o trecho transcrito em (66), escrito em terceira pessoa, no qual o narrador mantém certa distância do personagem, fazendo suposições: as vozes “devem estar em tudo”. Porém, progressivamente, o narrador vai se aproximando do personagem e começa a descrever pormenores íntimos de seus hábitos, até que culmina com a observação entre parênteses “e não agora, aquela máscara de pó”, que marca a mudança de foco narrativo. Esta hipótese pode ser sustentada pela presença do dêitico temporal “agora”, que pressupõe o momento atual a partir do tempo da cenografia, e do demonstrativo em “aquela máscara de pó”, que remete a uma lembrança particular sobre a aparência de Dona Leonor; além disso, os parênteses podem ser uma sinalização do DDL⁶ marcando a fala do próprio personagem (*Seu Damião*). É interessante observar que a expressão “aquela máscara de pó”, além de apresentar características de um dêitico da memória, pelos motivos já mencionados (portar um demonstrativo e remeter a uma lembrança), também é um anafórico, que recategoriza “Da. Leonor... novinha”. “Essa transformação sofrida por *Dona Leonor* é importante, porque revela que sua figura, na época do casamento, destoava ainda mais da de *Seu Damião*, um sapateiro rude, um bruto.” (CIULLA, 2008, p.183).

⁶ DDL - Discurso direto livre. Ocorre quando no texto a citação é direta, mas as marcas tipográficas são suprimidas. De acordo com Maingueneau (2007, p. 126), o DDL permite que o narrador se apresente também como personagem.

- marcar a perspectiva a partir da qual o evento está sendo narrado

Ciulla (2008) exemplifica esta função utilizando-se da dêixis pessoal que pode marcar o personagem sob o ponto de vista a partir do qual a história está sendo contada, como no exemplo abaixo:

(67) A mãe era desse jeito: só ia em missa das cinco, por causa de os gatos no escuro serem pardos. Cinema, só uma vez, quando passou os Milagres do padre Antônio em Urucânia. Desde aí, falava sempre, excitada nos olhos, apressada no cacoete dela de enrolar um cacho de cabelo: se eu fosse lá, quem sabe? Sofria palpitação e tonteira, **lembro** dela caindo na beira do tanque, o vulto dobrado em arco, gente afobada em volta, cheiro de alcanfor. (Adélia Prado, *Sem enfeite nenhum*, apud CIULLA, 2008, p. 184).

No exemplo a seguir, o verbo em grifo está flexionado em primeira pessoa, o que faz com que o leitor perceba que a narrativa é construída a partir da filha, sendo, mais adiante, confirmado através de outros processos dêiticos:

(68) Quando **comecei** a empinar as blusas com o estufadinho dos peitos, **o pai** chegou pra almoçar, estudando terreno, e anunciou com a voz que fazia nessas ocasiões, meio saliente: companheiro meu tá vendendo um relógim que é uma gracinha, pulseirinha de crom', danado de bom pra do Carmo. Ela foi logo emendando: tristeza, relógio de pulso e vestido de bolér. Nem bolero ela falou direito de tanta antipatia. **Foi água na fervura minha e do pai**. (Adélia Prado, *Sem enfeite nenhum*, apud CIULLA, 2008, p. 184).

Com este trecho, a autora apresenta mais um exemplo de dêixis pessoal, primeiramente através do pronome elíptico *eu*, inferível a partir da flexão do verbo “comecei”, e, em seguida, pelo pronome possessivo *minha* em “foi água na fervura minha e do pai”, “revela a suposta identidade da narradora do conto, que seria a filha. Além disso, a referência ao pai também contribui, naturalmente, para que o leitor identifique a narradora como *filha*.” (CIULLA, 2008, p.185).

- situar vários centros dêiticos das vozes na narrativa

Segundo Ciulla (2008), muitas vezes, o processo referencial também pode ajudar o leitor a encontrar o centro dêitico para onde se transfere o próprio narrador, como podemos observar nos exemplos a seguir:

(69) Ainda **um dia desses**, ao receber o casal inesperadamente **ali na calçada**, à noite, a visita de Da. Cristina, da casa em frente, e a mulher de Dr. Mário, que vinha para uma palavrinha ligeira (indagar se na sapataria tinha certo tipo de sandália), Seu Damião foi até precipitado. (Moreira Campos, *As vozes do morto*, apud CIULLA, 2008, p. 188).

(70) Evidentemente um desastre, que teve de fechar sua casa de negócio em Belém do Pará, sapataria de luxo, **vindo para aqui**, onde reabriu oficina modesta, mas limpa, pegada à sua casa: o bom arranjo das prateleiras, a cortina de gorgorão vermelho na porta do centro do escritório. E **ali no balcão** Seu Damião recebe a freguesia, surpreendido sempre por cima dos óculos grossos. (Moreira Campos, *As vozes do morto*, apud CIULLA, 2008, p. 188).

- estabelecer marcas de intertextualidade/possibilitar diálogos intertextuais

(71) Os marinheiros puseram-lhe o apelido de “Tangerine-Girl”. Talvez por causa **do filme de Dorothy Lamour**, pois Dorothy Lamour é, para todas as forças-armadas norte-americanas, o modelo do que devem ser as moças morenas da América do Sul e das Ilhas do Pacífico. (Rachel de Queiroz, *Tangerine-Girl*, apud CIULLA, 2008, p. 189).

Aqui, Ciulla (2008) ilustra através da referência ao filme, que é realizada com a expressão de introdução referencial “o filme de Dorothy Lamour”. Essa referência não só explica o apelido da moça, como também ajuda a recriar o entusiasmo e o clima *americanizado* dos locais onde as forças armadas norte-americanas fizeram base, no Brasil, durante a Segunda Guerra. “Seria um caso de *intertextualidade explícita*, de acordo com Koch, Bentes e Cavalcante (2007), pois o texto-fonte, nesse caso um filme, é mencionado explicitamente.” (CIULLA, 2008, p.189).

Outro exemplo, também de intertextualidade explícita, é o que Ciulla (2008) destaca em:

(72) É preto e branco o ***Fantástico Show da Vida*** (nome do programa a cores, com a moça lindinha na abertura, levantando o braço e mostrando o sovaquinho raspado). Sou um velho perdido na bosta da vida, com catarata numa das vistas. (Edilberto Coutinho, *Vadico*, apud CIULLA, 2008, p. 190).

O nome do programa é evocado para fazer o contraste entre o verdadeiro *show* da vida, “preto e branco”, “conforme a percepção do personagem, já meio cego e decadente, e o que se tenta mostrar na televisão, a vida bela (“a mocinha lindinha”), excitante (“fantástico *show*”) e colorida (“programa a cores).” (CIULLA, 2008, p. 190).

Cavalcante (2009) afirma que os processos referenciais podem ser úteis ainda em diferentes expedientes de marcação de heterogeneidades enunciativas (AUTHIER-REVUZ, 2004), não somente para estabelecer diferentes graus de mescla e separação das vozes entre narrador e personagem nos discursos direto e indireto livre, como mencionamos anteriormente, como também para *denunciar um embate de vozes*, por vezes, *assinalando diferentes discursos* (CIULLA, 2008; FONSECA, 2007).

Após termos observado todas as funções discursivas propostas por Ciulla (2008), faremos, no capítulo a seguir, algo que foi motivado por seu trabalho. Observamos que várias

funções sugeridas e analisadas por Ciulla (2008) apenas são possíveis de ocorrer no discurso analisado pela autora, no caso, o literário. Este dado nos instigou a investigar se, em outros discursos, as funções sugeridas pela autora se aplicariam, por isso elegemos outros gêneros diferentes do conto literário, que originou a proposta da autora.

Esta foi apenas a primeira etapa desta pesquisa. No capítulo 4, relacionamos as funções discursivas encontradas no trabalho de Ciulla (2008) ao gênero textual anúncio, pois este gênero se origina do discurso publicitário, razão por que já se distingue do conto literário, no que diz respeito ao propósito comunicativo, à comunidade discursiva e à sequência textual.

Em vista desse pressuposto, formulamos a hipótese de que as funções discursivas dos processos referenciais poderiam não se aplicar a outros gêneros do mesmo jeito que as funções descritas por Ciulla (2008) nos contos literários.

Acreditamos que relacionar as funções dadas pela autora com outros gêneros nos permitiu verificar que algumas podem ser aplicadas e outras não. Com esta constatação, iniciamos outro processo de análise, no qual examinamos exemplares de quatro gêneros diferentes com o intuito de elaborarmos um novo quadro de funções.

Vejamos, então, a análise das funções discursivas sugeridas por Ciulla (2008) através da busca por exemplos que se encaixem em sua proposta, fase esta de nossa pesquisa considerada por nós como pesquisa piloto.

4 FUNÇÕES DISCURSIVAS: NOVAS PERSPECTIVAS

A partir deste momento, faremos uma pesquisa piloto, na qual discutiremos as funções discursivas propostas por Ciulla (2008) aplicando-as ao gênero anúncio, no intuito de verificar se essas funções também se manifestam nesse gênero e se cumprem os mesmos propósitos. Objetivamos, com isso, saber quais funções podem permanecer em nossa proposta e quais devem ser retiradas. Acreditamos que, da lista sugerida por Ciulla, podemos encontrar algumas funções nos anúncios publicitários.

4.1 Organização das partes do texto

- integrar tópicos/mudar de tópico e inaugurar um tópico

Segundo Cavalcante (2009), as duas primeiras subfunções classificadas por Ciulla (2008) poderiam ser enquadradas na função maior de **Organização da tessitura textual**, apresentando, com maior frequência, a de *articulação tópica* (PINHEIRO, 2005). Consideramos o *tópico*, neste trabalho, como o tema de um texto, o assunto que lhe dará unidade de coerência, porque, em torno deste centro, girarão todos os demais subtemas.

Assim, Jubran (2006) descreve o tópico a partir de duas propriedades: a da *centração*, e a da *organicidade*. Pela característica da *organicidade*, pode-se dizer que um tópico central costuma organizar-se, num texto, em subtópicos arranjados em relações de subordinação (hierárquicas, verticais) ou de coordenação (horizontais)⁷:

O tópico discursivo manifesta-se, na conversação, mediante enunciados formulados pelos interlocutores a respeito de um conjunto de referentes, concernentes entre si e em relevância num determinado ponto da mensagem. Esses dados, observáveis nas manifestações verbais, levam à formulação da primeira propriedade definidora de tópico, a de *centração* (...) [A segunda é a de *organicidade*]. (JUBRAN, 2006, p. 91-2).

Observemos esses mecanismos referenciais de articulação tópica no exemplo (73):

⁷ A segunda propriedade definidora do tópico discursivo é a *organicidade*, manifestada por relações de interdependência tópica que se estabelecem simultaneamente em dois planos:

a) no plano hierárquico, conforme as dependências de superordenação e subordenação entre tópicos que se implicam pelo grau de abrangência do assunto;
b) no plano linear, de acordo com as articulações intertópicas em termos de adjacência ou interposições de tópicos diferentes na linha do texto. (JUBRAN, 2006, p. 92)

Figura 4 – Anúncio Atmosphere Front Park

Sábado o seu dia começa na atmosfera dos grandes negócios.

Venha tomar seu café da manhã de sábado no Atmosphere Front Park para que seu final de semana seja farto de bons negócios. É a chance de você bater sua meta da **VENDA PREMIADA**.

ESPERAMOS POR VOCÊ! NÃO PERCA.

atmosfera
Front Park

Rua T-71 com a C-235 - Setor Bueno

Realização: **GPL**
www.gplincorporadora.com.br

Acesse nossas redes sociais:
/gplincorporadora
@gplincorporador

Vendas: **ADÃO**
IMÓVEIS
www.adaoimoveis.com.br

(73)

Fonte: http://imagens.zapcorp.com.br/2436662/85ec77b0-0c7b-4f42-90af-430c96d185e8_g.jpg. Acesso em: 24 ago. 2013.

O tópico central deste anúncio aparece em destaque em uma etiqueta na parte superior do anúncio: “Sábado o seu dia começa na atmosfera dos grandes negócios.” E, no texto abaixo da imagem de uma mesa de café da manhã, há a manutenção deste tópico pelo uso de expressões anafóricas presentes no texto: “no Atmosphere Front Park”, “seu final de semana” e “de bons negócios”.

As expressões referenciais “seu café da manhã de sábado” homologa o tópico central do texto, que é reafirmado na expressão “seu final de semana” e “farto”, retomando ao mesmo tempo a expressão “sábado” e “café da manhã”. Isso faz com que se estabeleça o tópico central do texto.

Além disso, podemos ainda ressaltar que, no primeiro enunciado, “Sábado o seu dia começa na atmosfera dos grandes negócios.”, a expressão *atmosfera* estabelece ainda outra relação anafórica indireta com o nome da empresa da qual se fala: Atmosphere Front Park. São essas relações anafóricas que promovem a articulação tópica.

Em resumo, por meio de uma expressão referencial, é possível:

- iniciar um tópico ou um subtópico;
- ligar um subtópico ao tópico central, subordinando um ao outro;
- coordenar subtópicos.

A nosso ver, concordando com Cavalcante (2009), a função de *organização da tessitura textual* é constitutiva dos textos. Tal aspecto é imprescindível para o estabelecimento da coerência, diferente de outras funções, que poderiam ou não estar presentes em um texto.

- emprestar saliência discursiva ao referente

Em alguns casos, uma expressão referencial anafórica pode promover a própria transformação do objeto no momento em que é enunciada, como bem pontuaram Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995). Mas pode ocorrer também de outras expressões, referenciais inclusive, contribuírem para a evolução de uma entidade no discurso, e essa transformação pode nem ser homologada por uma expressão anafórica.

Ainda segundo Cavalcante (2009), verificamos que algumas expressões referenciais podem se portar como argumentativas, pois aceitamos o pressuposto de que todas as escolhas lexicais e organizacionais colaboram para a arquitetura argumental de um texto. Queremos enfatizar que algumas expressões anafóricas recategorizadoras já contêm, em si mesmas, elementos explicitamente avaliativos; é exatamente delas que estamos tratando neste item, como podemos verificar no exemplo (74):

Figura 5 – Anúncio Agra

(74)

Na hora de achar o seu imóvel, acabe com aquela sensação de nadar, nadar e morrer na praia.
www.agra.com.br

CEITUADOS. PREÇO DE OPORTUNIDADE.

VENDO

VENDO CASA NO LITORAL DE FRENTE PARA O MAR. PROJETO EM HARMONIA COM A NATUREZA COM ESCADA DE INCÊNDIO EXTERNA, TELHADO EQUIPADO COM TETO SOLAR E SISTEMA DE VENTILAÇÃO EÓLICA. IDEAL PARA QUEM QUER ALUGAR POR TEMPORADA. PREÇO DE OCASIÃO.

ALUGO

CONJUNTO DE HOUSING NO LITORAL. LOCALIZAÇÃO PRIMA

Se você está cansado de procurar pelo imóvel ideal, acesse o site da AGRA. Lá, você encontra centenas de imóveis com a marca de uma das maiores incorporadoras do país, catalogados e filtrados por uma ferramenta de busca extremamente eficiente. Agora, localizar o que você busca ficou muito mais fácil.

AGRA
INCORPORADORA

Fonte: https://luanacoelho.files.wordpress.com/2009/12/anuncio-pd-dupla_praia.jpg. Acesso em: 23 ago. 2013

Neste exemplo, há, no anúncio classificado, a descrição de um determinado imóvel, porém a imagem, apesar de condizer com a descrição, recategoriza o objeto de discurso ao qual se refere. O que deveria ser uma casa de praia, na verdade, é um casebre abandonado à beira mar. Toda essa construção argumentativa foi realizada para chegar aos enunciados “Na hora de achar o seu imóvel” e “aquela sensação de nadar, nadar e morrer na praia”, que já se prestam a outra função, a de busca/ativação na memória.

Em se tratando da função de recategorização de objetos de discurso, esta é feita através da imagem, o que torna este exemplo diferente dos apresentados pela autora. Mas nem por esse motivo o texto fica incompreensível. Ao invés disso, exemplos como este só reforçam a ideia de que, para a interpretação dos processos referenciais e, consequentemente, para o desvelamento das suas funções discursivas, há a necessidade de considerarmos os aspectos cognitivo-discursivos e a ampliação da concepção de anáforas.

4.2 Metadiscursividade

Para este grande subconjunto de funções, Ciulla (2008) faz a seguinte subdivisão:

- **atribuir força ilocucionária a um trecho do discurso**
- **assinalar um convite para reparar uma sequência**
- **evitar uma referência embaraçosa**
- **capturar argumentos dispersos**

Observemos que estas quatro funções dadas podem ser reunidas em uma única função, a de *encapsular proposições*. Esta função é exercida por anáforas encapsuladoras e serve, *a priori*, para resumir conteúdos espalhados pelo menos em uma oração. O referente que essas anáforas retomam nunca é manifestado anteriormente sob a forma de uma expressão referencial, de modo que o objeto fica difusamente presente no contexto até que uma expressão encapsuladora o ratifique. “Esta é, de resto, a principal diferença entre as anáforas tidas como diretas (como se só elas fossem correferenciais) e as encapsuladoras.” (CAVALCANTE 2009).

Figura 6 – Anúncio imobiliária Brasil Brokers



Fonte: http://www.rogeriodesigner.com.br/anuncio_publicidade.php.
Acesso em: 28 jul. 2013.

Este é um exemplo que ilustra a função de sumarização ou encapsulamento, porém este não seria considerado um exemplo prototípico, de modo geral, pois encontramos o pronome demonstrativo *isso* sumarizando o termo anterior. Mas, quando fazemos a leitura do anúncio na íntegra, observamos que, além desta expressão, temos outra: “tudo”, que realmente direciona o propósito do anúncio. Além disso, temos a imagem de um canivete em que várias chaves são encaixadas, o que ancora na oração “vai se encaixar”. Isso nos leva a constatar que, para a interpretação do texto do exemplo (75), faz-se necessária sua leitura e compreensão como um todo, considerando os aspectos verbais, visuais e inferenciais.

Ao observarmos o uso das funções: atribuir força ilocucionária a um trecho do discurso; assinalar um convite para reparar uma sequência; evitar uma referência embaraçosa e capturar argumentos dispersos, por exemplo, percebemos que elas não aparecem assim separadas, o que nos leva a questionar se tais funções não seriam mais próprias do discurso literário. Com isso, percebemos que, ao analisarmos, em nossa pesquisa, as funções discursivas dos processos referenciais em anúncios publicitários, desvelamos outras funções além das sugeridas, até então, pela literatura da área.

4.3 Introdução de informações novas

As anáforas podem contribuir, frequentemente, para modificar um referente ao qual remetem - embora sem retomá-lo, como é o caso em:

Figura 7 – Anúncio banho e tosa



Fonte: https://encryptedtbn2.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcQGyOmDH4j6Rj1ubW8aAOQ89IFp_M0-fBxHs2xnsUumWepuyVz7. Acesso em: 28 abr. 2013.

Neste caso, temos uma introdução referencial realizada pelas expressões “Banho” e “tosa”, que posteriormente serão retomadas não correferencialmente pela expressão “o seu cão”, seguida de uma recategorização “um gato”. A expressão “um gato” não retoma o mesmo referente ao qual “seu cão” remete; o que ocorre é que esta expressão inaugura um novo elemento no discurso; além disso, a expressão “um gato” colabora para que a imagem que se tem tanto do cão como de um gato (animal) seja modificada, pois a expressão *gato* foi utilizada no sentido de bonito, fofinho, como é popularmente conhecido. Então, na realidade, o anúncio afirma que o cachorro, após o banho e a tosa, ficará mais bonito, embora o referente de “gato”, como animal, não deixe de existir e de se relacionar indiretamente a *cão*, numa construção ambígua, típica do discurso publicitário. Nesse exemplo, então, informações novas são introduzidas por processos de introdução referencial e por processos anafóricos.

4.4 Promover um convite para uma busca/ativação da memória

Não entraremos ainda no mérito dos estudos sobre intertextualidade, mas gostaríamos de apresentar um exemplo em que o convite para uma busca/ativação da memória também se configura como uma intertextualidade, o exemplo (77):

Figura 8 – Anúncio Red Bull



Fonte: <http://www.marketingdirecto.com/wp-content/uploads/2012/09/125.jpg>. Acesso em: 05 jul. 2013.

O fato relevante neste anúncio é ele não apresentar elementos verbais, apenas visuais, mas, mesmo assim, o leitor (que conheça a expressão ou tenha visto outros comerciais do energético Red Bull) pode recuperar a relação que existe entre o slogan da marca: “Red Bull te dá asas!” com a imagem de uma velhinha andando de bicicleta com a impressão de que está iniciando um voo. O que interpretamos não se tratar de voo real, mas de uma metáfora indicando força, vitalidade, energia.

Apesar da não prototipicidade, este anúncio ilustra perfeitamente a função de promover um convite para uma busca/ativação da memória, pois os elementos essenciais a sua compreensão estão presentes apenas na memória de que o leitor dispuser para recuperar a intertextualidade.

Outras expressões dêiticas exercem uma espécie de função que não serve à identificação das coordenadas dêiticas de pessoa, tempo e lugar, mas, sim, a uma sinalização para o interlocutor de que ele deve buscar em sua memória uma informação compartilhada com o enunciador. Esse papel é bem típico dos dêiticos de memória (APOTHÉLOZ, 1995), como em (78):

Figura 9 – Anúncio O Boticário maquiagem



Fonte: <http://vborges.net/vblog/2011/03/28/almapbbdo-divulga-nova-comunicacao-de-o-oticario/>.
Acesso em: 24 jul. 2013.

No anúncio a expressão “lá”, dentro da frase feita “chegar lá”, que se trata de um processo dêitico de apelo à memória comum dos leitores, não é, necessariamente, um local físico, mas pode ser aonde se quer chegar, ou quais objetivos se pretende alcançar. Porém, para a compreensão geral do texto, faz-se necessário considerá-lo com um todo composto de texto e imagem, pois este dêitico “lá” será preenchido pelas informações contidas no texto, pelas imagens e pelas informações compartilhadas pelo leitor. Ciulla (2008) considera os dêiticos como uma estratégia claramente argumentativa.

4.5 Efeitos estético-estilísticos

- engajar o leitor/ouvinte na perspectiva do personagem

Segundo Cavalcante (2009), esta é uma das funções mais bem descritas por Ciulla (2008) na análise de narrativas literárias. Esta função diz respeito à capacidade de conduzir o interlocutor pelo texto a partir da perspectiva do personagem. Não se trata propriamente de uma identificação de foco narrativo, que também seria realizada a partir do uso de uma expressão dêitica, mas, sim, de um olhar, de uma ótica segundo a qual a narrativa flui.

Cavalcante (2009) deixa claro que não defende que os efeitos estilísticos, como este e como outros apontados pela autora, do tipo *engajar o leitor na cenografia, transportar o leitor para o mundo ficcional, balizar os graus de distanciamento da cena da obra literária*, sejam obtidos exclusivamente por expressões referenciais. Temos ciência de que muitas

outras indicações não referenciais são convocadas para atuar em conjunto com os processos de referenciação, como é o caso do exemplo (79) a seguir:

Figura 10 – Anúncio Feliz Páscoa Fortes Guimarães



Fonte: <http://www.marketingimob.com/2012/04/feliz-pascoa-no-mercado-imobiliario.html>.
Acesso em: 28 ago. 2013.

Ao analisar este exemplo, encontramos elementos verbais e visuais que levam o leitor para dentro do mundo ficcional. Temos a oração “A vida é bem mais doce quando a gente se sente bem na própria toca.”, que foi escrita em primeira pessoa, o que já revela um engajamento do leitor no texto. Em relação ao aspecto visual, temos a imagem do garoto bem à vontade na cozinha de sua suposta casa. A partir desses dados cotextuais, o leitor pode construir os referentes que são sugeridos pelo anúncio de que nos sentimos seguros quando estamos em nosso lar. Isso promove a ideia de casa própria, o que de fato o anúncio pretende vender.

A partir da análise do exemplo (79), consideramos que as funções: *adentrar o mundo ficcional*; *acrescentar uma apreciação sobre o mundo*; *criar um efeito impressionista*; *forjar uma memória compartilhada*; *fornecer uma simulação da realidade*; *recriar o mundo ficcional*; *balizar graus de distanciamento da cenografia*; *antecipar informações/mantê-las em suspenso* fazem parte, a nosso ver, da função anterior. Além disso, podemos considerar que estas funções, assim separadas, são funções peculiares ao discurso literário e, por isso, não encontramos exemplificação para elas no gênero anúncio, pertencente ao discurso publicitário. Isso nos leva a considerar que estas funções não ocorrem neste gênero. O fato de colocá-las sob um único tópico, que seria o de *engajar o leitor/ouvinte na perspectiva do*

personagem, permite-nos contemplar essa função tomando-a de forma mais ampla, sem as especificidades que seriam próprias de gêneros do discurso literário. Mas de forma específica como fizera Ciulla (2008), a nosso ver, estas funções apenas são passíveis de ocorrer no gênero conto literário.

- provocar o riso e/ou efeitos de humor

Figura 11 – Anúncio com humor



(80)

Fonte: <https://s-ediacheak0.pinimg.com/736x/35/75/a5/3575a56c7883f9540fd575a370495786.jpg>. Acesso em: 18 jul. 2013.

Os processos referenciais podem disparar o efeito de humor, como já demonstrara Lima (2004), ao caracterizar os processos de recategorização metafórica como gatilhos para a quebra de expectativa nas piadas, provocando o riso. Observe-se que, no exemplo (80), temos a oração: “Sua comida vai ficar mais bonita”. Percebemos que, se considerarmos apenas o elemento verbal, neste caso, não há humor, mas, se considerarmos a imagem, que se trata de um frango assado fazendo pose de halterofilista, então teremos uma quebra de expectativa que leva ao humor. Mais uma vez, percebemos que no gênero anúncio há frequentemente a necessidade de realizarmos sua leitura considerando tanto os elementos verbais como os elementos visuais, o que possivelmente se configura como uma função discursiva bastante presente no gênero anúncio.

4.6 Marcação de heterogeneidade discursiva

- apelar a um tipo de discurso

Figura 12 – Anúncio Verde Morumbi

(81)

Fonte: <http://alternative.net.br/projeto/verde-morumbi/>. Acesso em: 14 ago. 2013.

Neste caso, fica claro o apelo ao discurso ecologicamente correto, o que é feito pela expressão “o verde”, bem como pelas cores predominantes do anúncio e o nome do condomínio apresentado no anúncio.

Não encontramos ocorrências das seguintes funções nos anúncios analisados: *identificar as vozes de embate no interdiscurso; denunciar um embate de vozes; provocar uma ruptura dêitica que direciona a atenção para um espaço de busca diferente; promover a mudança de foco narrativo; marcar a voz do personagem no DDL; marcar a perspectiva a partir da qual o evento está sendo narrado; situar vários centros dêiticos das vozes na narrativa*. Atribuímos isso ao fato de suas especificidades estarem atreladas ao gênero conto literário. Acreditamos que estas funções são peculiares às características do gênero conto analisado pela autora, embora haja possibilidade de suas ocorrências em anúncios, já que algumas dessas funções estão relacionadas à sequência narrativa, que, por vezes, é utilizada em anúncios.

- estabelecer marcas de intertextualidade/possibilitar diálogos intertextuais.

Acreditamos que esta seja uma função bastante presente nos anúncios. Dado o caráter persuasivo do gênero, o anúncio frequentemente apresenta expressões que promovem a intertextualidade, com o intuito de alcançar seu público alvo, como no exemplo (82) a seguir:

Figura 13 – Anúncio O Boticário varinha de condão



Fonte: <http://mundofabuloso.blogspot.com.br/2008/01/o-boticario-e-suas-princesas.html>.
Acesso em: 17 ago. 2013.

Neste anúncio, temos vários elementos que promovem a intertextualidade. Podemos observar inicialmente a expressão “varinha de condão” que faz relação com a varinha mágica utilizada em contos de fada para realizar transformações, especialmente, transformar algo feio em algo belo, como ocorreu com Cinderela, personagem de um conto de fadas no qual uma moça simples e maltrapilha é transformada em uma bela princesa com vestido de luxo e sapato de cristal. Essa referência é realizada também pela imagem na qual aparecem vários sapatos de cristal que são oferecidos à moça. Isso nos leva a duas inferências: ou estão atribuindo à moça características de uma princesa por estar usando maquiagem O Boticário, ou, devido a sua beleza, a moça atrai o interesse de vários príncipes (já que, na história, quem sai à procura de Cinderela é um príncipe que passara a noite dançando no baile com ela).

Interessante ressaltar que a função sugerida por Ciulla (2008) sobre a intertextualidade também ocorre em anúncios, porém com o acréscimo do uso da imagem como elemento fundamental para a compreensão do texto e a elaboração da intertextualidade.

Diante desta análise prévia, podemos selecionar algumas funções que podem ser encontradas, considerando os exemplos analisados no gênero anúncio publicitário. Abrimos mão, a partir desta análise feita apenas com o gênero anúncio, da divisão feita por Ciulla

(2008), na qual ela elenca seis macrodivisões seguidas de outras funções mais específicas. Consideramos, de forma inicial, a caracterização das funções discursivas especificadas em: organização macroestrutural do texto, orientação argumentativa e funções inerentes aos processos referenciais, sendo esta separação apenas didática, dada a inseparabilidade desses aspectos. Além disso, as funções podem coexistir, e a presença de uma função não anula a presença de outra. Vejamos o quadro com o resultado da pesquisa piloto:

Quadro 3 – Funções discursivas obtidas através da análise do gênero anúncio, a partir do quadro de funções discursivas sugeridas por Ciulla (2008).

Orientação argumentativa	Organização macroestrutural do texto	Funções inerentes aos processos referenciais
- Engajar o leitor/ouvinte na perspectiva do personagem/anunciante;	- Organizar a tessitura textual;	- Orientar a localização de um referente no espaço/tempo;
- Promover um convite para uma busca/ativação da memória;	- Emprestar saliência discursiva ao referente;	- Retomar, Sumarizar ou encapsular;
- Provocar o riso e/ou efeitos de humor;		- Introduzir informações novas, referentes novos;
- Estabelecer marcas de intertextualidade/possibilitar diálogos intertextuais.		
- Apelar a um tipo de discurso.		

Fonte: Elaboração própria.

A partir deste quadro de funções discursivas obtido a partir da análise do gênero textual anúncio publicitário, relacionando-o às funções discursivas sugeridas por Ciulla (20018), tivemos a necessidade de realizar um novo procedimento em nossa pesquisa. Realizamos, então, no capítulo 6, a verificação do desempenho dos processos referenciais em diferentes gêneros, com o intuito de comprovar as hipóteses que surgiram após a realização das análises feitas neste capítulo.

Comprovamos a existência de funções discursivas mais recorrentes em determinado gênero e verificamos que as funções discursivas desempenhadas pelos processos referenciais são influenciadas pelas características de cada gênero.

5 METODOLOGIA: PROPOSTAS E REFLEXÕES

Nesta seção, começaremos explicitando a metodologia que utilizamos em nossa pesquisa e, no momento seguinte, passaremos à discussão dos resultados.

Neste ponto, mostraremos nosso percurso metodológico e explicaremos os procedimentos que realizamos para elaborar um método de análise que nos serviu de suporte para embasar nossa tese.

5.1 Métodos de abordagem

Esta pesquisa faz uma rediscussão teórica dos estudos das funções discursivas dos processos anafóricos, reavaliando os critérios que orientam a análise desses processos referenciais descritos pela literatura da área. Por este aspecto, aproxima-se de uma pesquisa bibliográfica, pois não realiza pesquisa de campo e as análises são feitas através de um *corpus* que coletamos formado por exemplos dos gêneros textuais que selecionamos para análise. O estudo é de cunho qualitativo e descritivo, pois considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito, o que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas.

É descritiva, pois analisamos os dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. Esse tipo de pesquisa se caracteriza por estudar as peculiaridades de um grupo. Assim, pretendemos redefinir os critérios que são utilizados para a análise das funções discursivas a partir da observação dos processos anafóricos nos gêneros seguintes: notícia, anúncios publicitários, artigo de opinião e piada e suas respectivas funções discursivas, partindo dos pressupostos teóricos de Kleiber (1994; 2001); Marcuschi (2000), Schwarz (2000), Ciulla (2008) e Cavalcante (2011).

Utilizaremos a pesquisa bibliográfica e a pesquisa descritiva, além disso, em nossas análises, podemos utilizar mais de um procedimento.

Observamos em nossa amostra as ocorrências de processos anafóricos e consideramos, para a classificação das expressões anafóricas, os conceitos que são consensuais na literatura da área trazidos por Kleiber (1994; 2001); Marcuschi (2000), Schwarz (2000), porém, aplicando nessa classificação, além dos pressupostos, a consideração

de uma conjunção de aspectos, logo, redefinimos as classificações das expressões referenciais. Após classificarmos os processos referenciais, passamos a observar suas respectivas funções discursivas ocorridas em notícia, anúncio publicitário, artigo de opinião e piada; com isso, sugerimos novos critérios de análise para estes processos.

5.2 A relação entre função discursiva e gênero Textual

A partir deste momento, teceremos reflexões sobre a definição de gênero que utilizaremos nesta pesquisa. Sentimos a necessidade de separar um item para esta temática, pois acreditamos que o gênero textual tem grande influência no desempenho dos processos referenciais. Usando como pressuposto o fato de os gêneros serem tipos de texto relativamente estáveis (BAKHTIN, 1988), argumentamos que as funções discursivas que os processos referenciais desempenham em determinado gênero são influenciadas pelas características do gênero. Por outro lado, as funções discursivas dos processos anafóricos podem fornecer características aos gêneros.

Segundo Bakhtin (1988), os gêneros podem ser considerados como artefatos sociais, pois se adaptam a cada situação comunicativa específica. Logo, percebemos que, para definirmos gêneros, não devemos considerar apenas critérios formais. Comungamos com a vertente que afirma que o gênero se define, principalmente, por suas características pragmáticas e discursivas. A sua heterogeneidade consiste exatamente na complexificação da situação comunicativa e do campo de atividade humana. Desse modo, os gêneros inseridos em um campo no qual as circunstâncias de comunicação são mais espontâneas e simples serão gêneros *primários* – como a réplica do diálogo cotidiano, a carta, o relato familiar etc. –; sendo de um campo de comunicação mais complexa, “relativamente mais evoluída” (BAKHTIN, 2011, p. 281) – como os romances, o discurso científico, o teatro etc. –, serão *secundários*.

A distinção bakhtiniana clássica entre gêneros primários/secundários parece ser mais didática do que classificatória, devido ao fato de ser mais simples explicar o que se entende por reelaboração de gêneros, por exemplo: um gênero secundário, por pertencer a um campo discursivo mais “complexo”, tem a capacidade de absorver um gênero primário, pertencente ao campo discursivo espontâneo. Com isso, quando o primário passa a fazer parte do secundário, perde suas características originais e ganha traços do campo discursivo que o absorveu. Além disso, por serem gêneros do mesmo campo, estão inseridos em uma mesma

complexidade socioideológica, pois, segundo Bakhtin, trata-se de um gênero secundário absorvendo outro.

Apesar de muitos questionamentos e pesquisas na área, os critérios para a separação dos gêneros entre primários e secundários parecem ser imprecisos, pois não sabemos, ao certo, que parâmetro devemos seguir para identificar um campo discursivo como menos complexo do que outro. Segundo Lima-Neto (2014), todos os campos têm certo grau de complexidade social, histórica e ideológica, sem que uma carta seja menos “espontânea” do que uma “palestra”, por exemplo. Não podemos negar que o grau de formalidade torna o gênero mais elaborado. A depender da situação comunicativa, dos enunciadores, dos propósitos comunicativos dos gêneros e, principalmente, do intuito discursivo do falante, enfim, ambos podem ter graus semelhantes de complexidade para produção/recepção.

A complexidade dos gêneros está diretamente interligada à noção de língua, segundo Bakhtin (1988). O autor argumenta que a criação da vida da linguagem ocorre por forças eficazes que fazem com que as ideologias verbais sejam unificadas e centralizadas, de maneira que seja assegurado o máximo de compreensão mútua. Essas forças são batizadas por Bakhtin de *forças centrípetas da língua*.

A categoria da linguagem única é uma expressão teórica dos processos históricos da unificação e da centralização linguística, das forças centrípetas da língua. [...] A linguagem comum e única é um sistema de normas linguísticas. Porém, tais normas não são um imperativo abstrato, mas sim forças criadoras da vida da linguagem. Elas superam o plurilinguismo que engloba e centraliza o pensamento verbal-ideológico, criando no interior desse plurilinguismo nacional um núcleo linguístico sólido e resistente da linguagem literária oficialmente reconhecida, defendendo essa língua já formada contra a pressão do plurilinguismo crescente. (BAKHTIN, 1988, p. 81)

Percebemos com isso que Bakhtin se empenhara em compreender o plurilinguismo romanesco. A partir dos estudos do autor, percebemos que este gênero romanesco apresenta uma multiplicidade de estilos, línguas e vozes, mas o que garante o seu entendimento como unidade são exatamente as forças centrípetas da língua, que são responsáveis por unificá-la, centralizá-la, regulá-la, normatizá-la. Mesmo diante desse plurilinguismo, há elementos que são sólidos, portanto, *estáveis*, que permitem o reconhecimento de um determinado gênero por todos. São essas forças que permitem a estabilização de elementos da língua que possibilitam sua recorrência, portanto, sua existência e uso numa dada cultura, de forma que seja possível a comunicação.

De acordo com Bakhtin (1988) a língua é viva, desenvolve-se, instabiliza-se, portanto são as forças centrípetas da língua que garantem a *dinamicidade* da língua e as mudanças num tempo e num espaço, que acontecem pelo fato de os sujeitos usarem a língua em contextos sócio-históricos específicos, situados sócio-historicamente, portanto, sujeitos a mudanças da sociedade.

Todos os estudos de Bakhtin foram desenvolvidos à luz da análise de gêneros literários, fato este que não deve ser esquecido. Porém, seus trabalhos são utilizados frequentemente em pesquisas atuais que precisam apresentar uma definição de gênero textual consistente. Utilizamos sua concepção dialógica de língua, de modo que, ao aplicarmos a nossos objetos de estudo, fazemos as devidas adaptações, pois se sabe que, em suas obras, Bakhtin não imaginava as práticas de linguagem que acontecem em nossa sociedade atual, o que salienta ainda mais a relativa estabilidade dos gêneros.

Adotamos em nosso trabalho a concepção dialógica de língua que nos permite compreender que os gêneros discursivos, como artefatos situados sócio-historicamente, só existem pela tensão entre as forças centrípetas e centrífugas da língua. “Estes conceitos passaram a ser aceitos pela comunidade científica e praticamente embasaram todos os modelos de análises de gênero que passaram a existir da década de 1970 em diante, como a perspectiva sociorretórica de gêneros” (LIMA-NETO, 2014, p.35).

Partindo agora para uma perspectiva que relaciona o estudo dos gêneros textuais ao ensino, citamos Swales (1990) que conseguiu criar uma metodologia de ensino de inglês por meio de gêneros textuais. O autor os entendia como uma “classe de eventos comunicativos cujos membros compartilham certo conjunto de propósitos comunicativos” (SWALES, 1990, p. 58). Estudos como este iniciaram nos Estados Unidos, com interesse em realizar pesquisas sobre gênero em inglês para fins específicos, numa ligação entre a Linguística e a Retórica. Sob essa perspectiva, o gênero representa uma classe de eventos linguísticos e retóricos que respondem à demanda de uma determinada comunidade discursiva⁸ que busca atender a determinados objetivos comunicativos compartilhados.

A proposta de Swales (1990) concentra-se no estudo de gêneros voltado para o ensino, especialmente para alunos que estão aprendendo sua segunda língua – no caso, o inglês. O método realiza-se pela identificação de características próprias de um gênero, a partir da delimitação de um protótipo dessa classe de eventos, o que leva os alunos ao

⁸ Comunidade(s) discursiva(s) para Swales (1990, p. 9) são “redes sociorretóricas que se formam a fim de atuar em torno de um conjunto de objetivos comuns”. Elas funcionam, portanto, como um grupo que compartilha objetivos e interesses afins, muitos dos quais são realizados por ações retóricas tipificadas.

reconhecimento de um determinado gênero. No caso da pesquisa de Swales, o autor trabalhou com gêneros acadêmicos, que são mais institucionalizados, portanto, mais propensos à verificação de movimentos retóricos bem definidos.

Autores como Bazerman (2005) e Miller (2009a; 2009b) se diferenciam da abordagem que investiga o inglês para fins específicos e voltam-se para o estudo dos textos e sua relação com contextos e ações sociais.

Essas duas vertentes constituem os estudos da Escola Norte-Americana de Gêneros, a Sociorretórica, embora se diferenciem no que diz respeito aos objetivos de cada uma.

De acordo com Miller (2009a), considerar os gêneros como ação retórica tipificada baseada numa situação retórica recorrente é estender a noção de gênero para que ela seja centrada não na sua substância ou na forma de discurso, mas na ação para cuja realização ele é utilizado. Esta é a definição de gênero discursivo adotada por Lima-Neto (2014) em seu trabalho, a qual também adotamos nesta pesquisa.

Outro ponto de extrema importância nos estudos sobre gênero são os questionamentos que são feitos sobre como somos capazes de diferenciá-los ou como obtemos a tipificação deles. Falar em tipificação é assumir que os usuários, quando se deparam com um determinado gênero, parecem reconhecer formas relativamente padronizadas, que podem definir determinadas ações em determinadas circunstâncias. Desse modo, a tipificação, embora esteja relacionada à noção de forma, não se refere somente a ela – à estrutura composicional, de Bakhtin, por exemplo, mas também a similaridades de conteúdo e de ações sociais.

Este pensamento justifica por que nós, como seres situados historicamente, recorremos a formas mais ou menos padronizadas para realizar certas ações em determinados contextos. E, nesses contextos, os seres humanos realizam mais ou menos as mesmas formas de maneiras similares. Essas similaridades constituir-se-ão como um tipo.

Quando se tornarem muito similares, o ser humano construirá um padrão de ação para ser utilizada em situações semelhantes. É este processo de tipificação, construído no âmbito da diversidade de ações situadas dos seres humanos, que gera a recorrência. Essas ações situadas tipificadas são entendidas como gêneros. (LIMA-NETO, 2014, p. 38).

Bazerman (2005) dá um exemplo de como funciona essa tipificação:

[...] em algumas profissões, se desejamos conquistar um cargo, precisamos preparar um *curriculum vitae* para enumerar todos os fatos relevantes e realizações profissionais de nossa vida, além de ressaltar nossas qualidades mais desejáveis para

o empregador em potencial. Os formatos padronizados nos direcionam no sentido de qual informação apresentar, como, por exemplo, o endereço, a formação acadêmica e as experiências anteriores. O formato padrão também nos direciona no sentido de como apresentar tais informações. Seguir um formato padronizado ajuda igualmente o empregador a encontrar e interpretar a informação. (BAZERMAN, 2005, p. 30)

Este exemplo de Bazerman (2005) nos permite observar como os comportamentos sociais são padronizados em determinadas situações e, com isso, caracterizar formalmente a disposição de informações num enunciado, no caso, o currículo. As tipificações podem ser relacionadas ao componente estrutural de um gênero, mas não são a mesma coisa, pois, além das similaridades da forma, existem as similaridades de conteúdo e de ação social, portanto, as tipificações podem estar ligadas a esses três níveis. Podemos considerá-las mais como um processo, já que a forma do gênero aparece como uma realização desse processo.

Com isso, podemos observar que, nos estudos retóricos de gênero, não há a negação da importância da estrutura ou forma de um gênero, embora em suas análises, este aspecto não tenha destaque, são considerados como elementos intrínsecos ao gênero, pois a estrutura “é um aspecto constituinte da ação [...], a ação é o que é significativo, e é na ação que criamos o conhecimento e a capacidade necessária para reproduzir a estrutura” (MILLER, 2009b, p. 53).

Esta noção que adotamos de gênero é mais voltada para como alguém realiza uma ação e responde a ela, por isso a utilizamos em nossas análises, pois, ao considerarmos a realização e o uso dos gêneros, estaremos abrindo espaço também para uma análise que leve em conta a realização dos processos referenciais, especialmente dentro dos gêneros.

Aprender um gênero não significa saber utilizar uma forma e um meio para atingir determinado propósito, mas, sim, termos consciência de onde podemos ir e como agir em determinadas situações. Segundo Miller, (2009a), conseguimos entender melhor as situações em que nos encontramos e as diferentes situações potenciais para o fracasso e o sucesso ao agir juntamente. Um gênero incorpora um aspecto de racionalidade cultural através de ações significantes e recorrentes. Para o autor, o gênero é, antes de tudo, um artefato sociocultural.

Outro aspecto relevante nos estudos sobre gêneros é seu caráter psicológico tratado por Miller. Além deste autor, Bazerman (2005, p. 31), de forma mais periférica, considera os gêneros como “fenômenos de reconhecimento psicossocial que são parte de processos de atividades socialmente organizadas” (BAZERMAN, 2005, p. 31). Essa perspectiva já havia também motivado Bhatia (1993) a fazer críticas a Swales (1990), que, segundo o autor, deixara de lado essa característica.

Segundo Bhatia (1993), o propósito comunicativo está refletido na estruturação cognitiva e interpretativa do gênero. Além disso, o propósito representa as regularidades típicas de organização nele. Trata-se de “estratégias que os membros de um discurso particular ou de uma comunidade profissional tipicamente usam em uma construção e entendem que aquele gênero alcança determinados propósitos comunicativos. Essa estruturação cognitiva reflete conhecimento social acumulado e convencionalizado disponível para um discurso particular ou uma comunidade profissional.” (BHATIA, 1993, p. 21).

Logo, para Bhatia (1993), o propósito comunicativo de um gênero está muito mais ligado à cognição do que à materialidade linguística. Com isso, a cognição comporta-se como responsável tanto pelos propósitos comunicativos de um gênero quanto por sua forma de apresentação. Para a elaboração de um gênero, os indivíduos movem esses esquemas que recuperam conhecimento social, informações sobre o contexto de uso, levantamento de hipóteses acerca do seu interlocutor etc., para, a partir daí, materializar esses dados em gêneros que permitirão alcançar os interesses daquela interação específica.

A partir destas considerações sobre gênero textual, reafirmamos que a definição de gênero que adotamos nesta tese tem como base as convenções que uma determinada sociedade estabelece para agir em distintas situações recorrentes. Esta perspectiva defende que os gêneros são fenômenos de reconhecimento social e cognitivo, e não necessariamente apoia-se em critérios bem delimitados para a definição genérica. Como diz Bazerman (2005, p. 31), “gêneros são o que nós acreditamos que eles sejam”. A característica básica, portanto criteriosa, da existência de um gênero é investigar quais são as recorrentes exigências retóricas que surgem de um determinado enunciado.

5.3 Os gêneros textuais: delimitação do universo

O universo da pesquisa foi constituído por um *corpus* composto por **3** notícias, **15** anúncios publicitários, **5** artigos de opinião e **10** piadas, advindos de sites específicos para cada gênero na internet. Não selecionamos os exemplos analisados por tema, pois não elaboramos nenhuma hipótese em que a temática influenciasse as funções discursivas dos processos referenciais anafóricos, baseamos nossa busca em encontrarmos tais ocorrências.

5.3.1 Gênero textual notícia

A notícia é um gênero bastante recorrente nos meios de comunicação de uma forma geral, seja impressa em jornais ou revistas, seja divulgada pela Internet ou apresentada pela televisão. Através das notícias, podemos receber informações sobre fatos que ocorrem diariamente. A atualização dos eventos também é um traço característico das notícias.

Este gênero tem por finalidade relatar fatos condicionados de interesse do público em geral, a linguagem necessariamente deverá ser clara, objetiva e precisa, não sendo permitida uma linguagem aberta a múltiplas interpretações por parte do receptor.

A notícia é formada pelos seguintes elementos constituintes: manchete ou título principal - geralmente apresenta-se grafada de forma bem evidente, com o intuito de despertar a atenção do leitor; título auxiliar - funciona como um complemento do título principal, acrescentando-lhe algumas informações, de modo a torná-lo ainda mais atrativo; lide (do inglês *lead*) - corresponde ao primeiro parágrafo, e normalmente sintetiza os traços peculiares condizentes ao fato, procurando apresentar as informações básicas da notícia relacionadas às seguintes indagações: O quê? Quem? Quando? Onde? Como? e Por quê?; Corpo da notícia - relaciona-se à informação propriamente dita, procedendo à exposição de uma forma mais detalhada no que se refere aos acontecimentos mencionados.

A principal característica pertinente à linguagem jornalística que a notícia apresenta é a veracidade em relação aos fatos divulgados, predominando o caráter objetivo preconizado pelo discurso. “Notícia é o gênero básico do jornalismo, em que se relata um fato do cotidiano considerado relevante, mas sem opinião. É um gênero genuinamente informativo, em que, em princípio, o repórter não se posiciona, pois o que vale é o fato.” (BALTAR, 2004, p.133).

Podemos ressaltar os estudos de Van Dijk (1990 e 1992) sobre notícia, que descreveu a superestrutura deste gênero e traçou um esquema específico para o texto noticioso, em que propôs uma série de categorias típicas do discurso da notícia, defendendo que “a ordem das categorias, tal como é especificada pelas regras, determina também, portanto, o arranjo global das respectivas sequências ou episódios” (VAN DIJK, 1992, p.145).

Segundo o autor, a estratégia de produção do discurso da notícia pode seguir alguns movimentos capazes de fazer da narrativa do jornalismo algo bastante diferente de outras narrativas. Na realidade, esses movimentos ou passos possibilitam ao jornalista e ao leitor reconhecerem que temas e que categorias foram adotadas, sua ordem e quantidade de informações em cada um dos temas ou categorias.

O gênero notícia adquiriu características que se consolidaram e se tornaram regras de construção genérica definidas pela comunidade jornalística e reconhecidas socialmente. Essas regras podem ser denominadas também como critérios jornalísticos que determinam a estrutura composicional da notícia; ou seja, para que as informações apresentadas por uma notícia cheguem ao leitor e alcancem devidamente o seu propósito comunicativo, alguns critérios são adotados pela grande maioria dos periódicos jornalísticos na tentativa de estabilizar a estrutura formal do gênero, de acordo com a função que lhe é atribuída.

Com isso, os veículos que divulgam as notícias elaboram manuais de estilo próprios, que servem para formalizar e orientar o padrão a ser seguido pelos jornalistas para que o texto noticioso ofereça ao leitor a informação de que necessita de forma concisa, objetiva, imparcial e rápida. O padrão determinado por esses manuais de estilo apresenta características relacionadas principalmente à estruturação do texto, na qual três elementos principais são focalizados: o título/manchete, a construção do lide e o corpo da notícia a partir do princípio da pirâmide invertida.

O título/manchete e o lide realizam no texto a construção da estrutura temática da notícia, podendo ser utilizados para possibilitar ao leitor “fazer previsões eficazes sobre a informação mais importante do texto” (VAN DIJK, 1992, p. 133), ainda que, dependendo de suas próprias crenças e representações, o leitor será capaz de interpretar uma temática de um modo diferente da do produtor da notícia.

De acordo com Bonini (2003, p.82):

O estabelecimento do lead e da técnica da pirâmide invertida, através dos quais a notícia passa a ser objetiva pela omissão da opinião, devem-se a uma evolução na técnica jornalística. Como pode ser inferido do panorama histórico exposto por Lage (1979), o surgimento de um padrão de notícia com objetividade, imparcialidade e verdade deve-se ao fato de o jornal buscar atingir a amplitude de consumidores necessária a sua sobrevivência como produto (principalmente no sentido de que o jornal tem sua maior fonte de renda nos anunciantes). (BONINI, 2003, p.82)

Os critérios referidos pelo autor de objetividade, imparcialidade e verdade fundamentaram durante muito tempo a atividade jornalística e eram considerados como elementos “inquestionáveis” na produção de uma notícia. Esses critérios eram aceitos e não se constituíam como objeto de reflexão. Atualmente, esses critérios ainda são utilizados, porém são adaptados às circunstâncias relativas ao universo das aparências do mundo: à verossimilhança dos fatos, que constitui o universo das notícias.

De acordo com Lustosa (1996, p.21), apesar do empenho e do compromisso de alguns jornalistas, a imparcialidade no gênero notícia jamais ocorreu de forma efetiva no

jornalismo. Para o autor, a notícia é “uma versão de um fenômeno social, não a tradução objetiva, imparcial e descomprometida de um fato”.

Acreditamos que na elaboração de uma notícia de fato haja a intenção de escrever um texto com objetividade/imparcialidade e de fazer um relato o mais aproximado possível da realidade na qual está inserida a informação. Porém, ao escrever a notícia, esta será elaborada sob a perspectiva do produtor-jornalista; será pela ótica dele que serão dados destaques sobre determinados pontos ou outro. É através do olhar do produtor da notícia que serão tomadas decisões não somente quanto à ordenação dos eventos apresentados no texto noticioso, mas quanto às escolhas de ordem linguística, textual e ideológica que constituirão sua organização textual.

Para Schudson, (1988, p.26) “o jornalista não retrata a realidade na notícia, mas constrói-a, urge aceitar que ela é uma narrativa verossímil, que, como a ficção, no processo de produção, necessita de formas literárias e narrativas, além dos constrangimentos ou limitações organizacionais impostos aos jornalistas ou repórteres”. Podemos também encontrar em Soares (1999) uma concordância, pois a autora faz um estudo do que chama estrutura narrativa da notícia, com base nos pressupostos da Semiótica Narrativa, iniciando com Greimas e encerrando com Lyotard. Baseando-se principalmente neste último, a autora afirma:

(...) a notícia não se configura aqui como simples informação, devendo obedecer apenas aos princípios de objetividade, imparcialidade, neutralidade. Antes, é vista como um “produto cultural” e uma narrativa, implicando a existência de um “jornalista-narrador” que conta histórias a um suposto “leitor-destinatário”... (SOARES, 1999, p.13).

Após esta breve descrição do gênero notícia, podemos reafirmar nossa motivação por esse ter sido um dos gêneros escolhidos para análise em nossa pesquisa. Além de considerarmos sua função sociocomunicativa e seu propósito comunicativo, em nossas análises, consideraremos que este seja um gênero representante da sequência textual narrativa, o que nos forneceu elementos importantes em nossas análises. Adam (2002), em seus estudos sobre as sequências textuais, classifica a narrativa com base em seis aspectos:

- 1- Sucessão de eventos: delimitação de um evento em uma ordem temporal;
- 2- Unidade temática: há um sujeito principal do qual toda a ação narrada é desencadeada;
- 3- Predicados transformados: transformação das características do personagem principal (ex: início: fulano tinha um encontro com Deus; final: (depois de correr para o encontro) Deus não estava mais lá);
- 4 - Processo: início, meio e fim (nem sempre o processo será linear, como no caso de notícias, por ex., nas quais muitas vezes são expostos apenas trechos da narrativa);

5 - Intriga: a intriga pode fazer com que o narrador mude a ordem do processo. (ADAM, 2002).

Logo, este gênero apresenta as características de que precisávamos para a realização de nossas análises.

5.3.2. Gênero textual Anúncio

A escolha pelo gênero anúncio foi motivada pela frequência de expressões anafóricas que possui, o que já foi discutido por Sousa (2005). Em sua tese, a autora confirmou a abundância de anáforas indiretas na construção dos anúncios publicitários. A justificativa para a frequência de anáforas indiretas nos anúncios, segundo os dados da autora, é o fato de o anunciante/publicitário usar uma forma de linguagem que aposta demais no conhecimento partilhado com o leitor. Outro fator importante para a consideração do gênero anúncio em nossas análises foi o fato de este apresentar grandes possibilidades de inferências, mecanismo próprio do processo anafórico, por isso a ocorrência das anáforas diretas, encapsuladoras e a dêixis, embora em número menor que o das anáforas indiretas, manifestasse frequentemente.

Anúncio publicitário é um gênero textual que apresenta informações sobre algo que se anuncia, que pode ser um produto ou uma ideia, e ressalta seus pontos positivos. Diante desta finalidade discursiva, a linguagem precisa ser clara, objetiva e também bastante atrativa. Para isso, o predomínio de uma linguagem não verbal torna-se imprescindível, uma vez que imagens tendem a ser mais chamativas, contribuindo para a concretização do propósito comunicativo.

Nessa perspectiva, conceberemos o anúncio publicitário como um gênero textual pertencente à colônia dos gêneros promocionais, marcado pelos propósitos comunicativos do enunciador (BHATIA, 1993, 2004). Assim, acreditamos que, na condução da argumentação textual, o anunciante utiliza as técnicas argumentativas e as funções discursivas do processo referencial anafórico com o objetivo de convencer o consumidor do que está sendo anunciado.

Em nossa sociedade atual, estamos constantemente expostos a um imenso número de textos e imagens cujo objetivo é levar as pessoas ao consumo, independente de suas possibilidades. Esse consumo é o que sustenta as ideologias de uma sociedade capitalista e globalizada. Diante disto, como afirmara Sousa (2005), temos no gênero anúncio publicitário um dos principais agentes de reprodução deste sistema.

Entretanto, antes de seguirmos com a descrição do gênero anúncio, faremos uma breve discussão sobre os termos publicidade e propaganda, pois esses termos são frequentemente relacionados aos estudos sobre a análise dos gêneros.

Podemos encontrar duas tendências para a abordagem destes termos. Alguns estudiosos defendem a diferenciação entre os termos publicidade e propaganda, já outros preferem utilizar os dois termos como sinônimos.

Segundo Pinho (1990), o termo propaganda tem origem no gerúndio latino do verbo *propagare*, que significa propagar, multiplicar, estender. Desse modo, o autor defende que fazer propaganda é “propagar ideias, crenças, princípios e doutrinas”. Durante o século XV, esse termo foi utilizado pela Igreja Católica para difundir seus preceitos através de seminários.

O Instituto Norte-americano de Análise da Propaganda define esta prática como “uma expressão de opinião ou ação por parte de indivíduos ou grupos, destinada a influenciar opiniões ou ações de outros indivíduos a fins predeterminados”.

Por outro lado, temos a palavra publicidade, designada, em princípio, como o ato de divulgar, de tornar público, tendo como origem o latim *publicus*, que significa público, que originou na língua francesa o termo *publicité*. Por um longo período, o termo publicidade assumiu um significado comercial, passando, após este período, a ser identificado como “qualquer forma de divulgação de produtos ou serviços, através de anúncios sob a responsabilidade de um anunciante identificado com objetivos de interesse comercial.” (PINHO, 1990).

Nesta pesquisa, concordamos com as autoras Sousa e Lopes (2007), que admitem a distinção entre estes dois termos. Para as autoras, embora os termos publicidade e propaganda possuam traços comuns, há valores éticos e sociais específicos para cada um deles que influenciam nos aspectos linguístico-discursivos que os envolvem.

Com isso, podemos estabelecer as duas definições. A propaganda tem como objetivo informar o leitor sobre um assunto de utilidade pública; já a publicidade tem como propósito despertar o interesse do consumidor para um tema que agrega um conjunto de bens. Partindo dessas características, as autoras enfatizam que, na literatura sobre o tema, o termo mais usado é o de anúncio publicitário, por isso utilizamos esta denominação para o gênero que analisamos em nossa pesquisa.

Adotamos, então, uma concepção do gênero anúncio publicitário, concordando com o que afirmam os seguintes estudiosos da área sobre o tema: para Santa’Anna (1989), o anúncio é o meio publicitário por excelência que tem como objetivo divulgar um serviço ou,

um produto para o consumidor, sendo considerado pelo autor como um grande trunfo da publicidade, por estimular, com base em um profundo conhecimento do seu público-alvo, o desejo de posse do produto e uma disposição para a compra.

Seguindo esta mesma linha, Martins (1997) define anúncio como uma mensagem que visa exercer ação psicológica sobre receptores para conseguir deles uma mudança de comportamento em relação ao objeto ou ao serviço oferecido. Característica também destacada por Sousa e Lopes (2007), que justificam o uso de variados recursos textual-discursivos, por parte do anunciante, na elaboração dos textos deste gênero, com o intuito de promover a atenção necessária para a aquisição o produto ou ideia.

Apresentamos a definição de anúncio que utilizaremos em nossas análises. Encontramos esta definição no âmbito da teoria linguística sobre os gêneros do discurso, representada pelos trabalhos de Bhatia (2004) e Sousa (2005), nos quais nossa pesquisa se ampara. Segundo Bhatia (2004), os anúncios são a forma mais tradicional de atividade promocional que pretende informar ou promover ideias, bens ou serviços para um grupo selecionado de pessoas, apresentando, para isso, recursos discursivos e estratégias retóricas inovadoras.

Em suma, aderimos à concepção de gênero encontrada nos estudos de Bhatia (2004) e de Sousa (2005) acerca dos traços textual-discursivos do gênero anúncio. Consideramos, com isso, o anúncio publicitário como “um gênero textual do domínio discursivo pertencente à constelação dos gêneros promocionais de caráter persuasivo, cujo propósito comunicativo é divulgar produtos do âmbito da publicidade, prioritariamente, e da propaganda.” (SOUSA, 2005, p.62-63).

Pela finalidade discursiva do gênero anúncio, percebemos que a linguagem, necessariamente, precisa não somente ser clara e objetiva, mas também bastante atrativa. Para tanto, torna-se indispensável o predomínio de uma linguagem não verbal, uma vez que imagens tendem a ser mais chamativas e, conseqüentemente, contribuem para a concretização dos objetivos propostos.

5.3.3. *Gênero textual artigo de opinião*

O gênero textual artigo de opinião é manifestado por um texto argumentativo que aborda temas atuais. Os elaboradores de artigos de opinião são normalmente leitores de jornais ou revistas que apresentam interesse em discutir suas ideias através de um texto sucinto, com o intuito de publicá-lo num veículo de divulgação deste gênero. Esses textos

estão relacionados a assuntos já publicados em notícias ou reportagens, mas podem também abordar temas oriundos de uma música, um romance, um fato, etc.

O artigo de opinião tem como principal objetivo fazer o leitor aderir ao ponto de vista do produtor, negando e criticando opiniões diferentes das apresentadas. Essas estratégias são realizadas por meio de argumentações que podem ser a apresentação de provas contra a favor de uma ideia ou um fato. Para sustentar as argumentações no texto, faz-se necessário comprová-las com base em fatos reais advindos de notícias ou temas que tenham motivado o artigo de opinião.

Ao escrever um artigo, o locutor deve assumir um posicionamento em relação a um assunto polêmico. Sua argumentação deve buscar convencer, influenciar e persuadir alguém. Com isso, o autor deve defender um ponto de vista sobre determinado assunto. Este percurso argumentativo consiste no emprego de provas e justificativas a fim de confirmar ou a refutar uma dada proposição.

A linguagem do texto deve ser clara, objetiva, precisa e coerente. Sua estrutura, normalmente, se dá da seguinte forma:

a) situação-problema: apresenta a questão a ser desenvolvida para guiar o leitor ao que virá nas demais partes do texto. Há uma busca pela contextualização do tema por meio de afirmações gerais e/ou específicas, também conhecida como *introdução*;

b) discussão: expõe os argumentos e constrói a opinião a respeito da questão examinada. Para evitar abstrações, geralmente exibem-se fatos concretos, dados e exemplos; pode-se utilizar as sequências narrativas, descritivas e explicativas como inseridas - podemos chamar esta parte de *desenvolvimento*.

c) solução-avaliação: apresenta uma resposta ou sugestão à problemática comentada, podendo haver uma reafirmação da posição assumida ou uma apreciação do assunto abordado, estabelecendo uma conclusão.

O gênero artigo de opinião apresenta características da sequência textual argumentativa, o que o torna particular em nossas análises. De fato, nossa intenção foi utilizar gêneros bastante distintos em vários critérios. Este gênero se diferencia dos demais por seu propósito comunicativo, comunidade discursiva e sequência textual.

5.3.4. Gênero textual piada

Possenti (2002) define a piada “como um texto que parece falar de uma coisa, mas que fala de outra, ou melhor, fala das duas, colocando ora uma ora outra em primeiro plano”.

Portanto, as piadas não se comparam a textos codificados, com um sentido que a língua proporcionaria por convenção. Percebemos como uma das principais características de uma piada o fato de esta conter algum elemento linguístico com pelo menos dois possíveis sentidos, cabendo ao leitor não somente a tarefa de verificar quais são esses sentidos, mas também de “descobrir que, havendo dois, o mais óbvio deles deve de alguma forma ser posto de lado, e o outro, o menos óbvio, é aquele que, em um sentido muito relevante, se torna dominante”. (POSSENTI, 2002, p.39).

Além de ser um texto ambíguo, a piada também se classifica como um humor que se constrói por meio de palavras e frases e não apenas com gestos e desenhos. Pode ser considerada como um texto verbal com características específicas, com elementos que a relacionam com o riso; ocorre geralmente em situações de descontração e interação entre pessoas, promovendo humor.

Outra característica deste gênero é que sua coerência não ocorre do mesmo modo dos demais textos, ou seja, enquanto a maioria dos textos se baseia na causa e efeito, na similaridade, etc, a piada é centrada na oposição, na tese e antítese. Além disso, os complementos de coerência podem ser buscados nas atitudes do emissor e receptor em relação à manifestação linguística. Apesar disso, não foi interesse de nossa pesquisa considerar piadas que se utilizassem de elementos visuais.

Em nosso trabalho, optamos por piadas nas quais apenas os elementos verbais fossem suficientes para sua compreensão, pois, na análise deste gênero, quisemos enfatizar os elementos verbais mais voltados para a promoção do humor. Acreditamos que utilizar piadas ancoradas em imagens nos faria correr o risco de confundir o gênero piada com gêneros humorísticos de forma geral. Por isso, tivemos que desprezar uma série de piadas que utilizavam recursos visuais como parte do texto.

A escolha por este gênero se deu, principalmente, pelo fato de este, diferente dos demais gêneros analisados, possuir um caráter lúdico. As piadas são textos extremamente ricos e nos permitiram importantes constatações para a pesquisa que realizamos. Em nossas análises encontramos, a partir de suas estratégias textuais interativas, elementos que serviram para revelar novas funções discursivas, graças ao grande laboratório em que consiste a piada quando se quer observar as práticas discursivas e sociais que perpassam o gênero.

Além de serem bons exemplos para explicitar princípios de análise linguística, as piadas fornecem excelentes argumentos para várias teses ligadas às teorias textuais e discursivas (...). A propósito de sentidos, as piadas ilustram de forma brutalmente clara a tese da ambiguidade, ou, ainda melhor, do equívoco que a linguagem pode produzir. (POSSENTI, 2002, p.37).

5.4 Explicação do Procedimento

Para realizar esta pesquisa, seguimos os seguintes procedimentos:

Fizemos uma pesquisa bibliográfica, inicialmente, para detectar na literatura da área o que vem sendo discutido e pesquisado sobre o tema das funções discursivas dos processos referenciais anafóricos. Feito isso, coletamos em sites diferentes exemplos de notícias, anúncios publicitários, artigo de opinião e piada, quer fossem prototípicos aos trabalhos da área, ou não, mas que fossem suficientes para tecermos nossas discussões e embasarmos nossa tese em questão.

Após a coleta, arquivamos todos os textos em documento do Word, seguindo a ordem cronológica em que foram anunciados, organizando-os de acordo com as expressões referenciais apresentadas.

O procedimento seguinte foi a verificação de todas as ocorrências de expressões anafóricas, bem como a tentativa de encontrar suas respectivas âncoras e os recursos que foram utilizados pelos leitores dos textos para interpretá-las. Feito isso, fizemos a separação das que são consideradas: anáfora direta; anáfora indireta; anáfora encapsuladora e dêixis, partindo dos conceitos advindos da literatura da área, mais especificamente Kleiber (1994; 2001); Marcuschi (2000), Schwarz (2000) e Cavalcante (2011). Porém, aplicamos nessa classificação, além dos conceitos trazidos por esses autores, a proposta de Alves (2009), que considera a conjunção de aspectos como critérios classificatórios das expressões anafóricas, redefinindo, assim, as classificações dessas expressões, o que será importante para a descrição dos processos.

O passo seguinte foi o levantamento dos estudos de Ciulla (2008) sobre funções discursivas, no intuito de identificar quais critérios foram utilizados na análise das funções, pois um dos objetivos de nosso trabalho é redefinir os critérios de análise que caracterizam as funções discursivas.

Feito isso, tomamos as ocorrências anafóricas que encontramos em nossos exemplos e verificamos a aplicação dos critérios de análise que caracterizam as funções discursivas com base em Ciulla (2008), atribuindo aos processos anafóricos as suas respectivas funções estabelecidas pela autora. Após isso, fizemos uma reanálise, levando em conta não apenas a expressão, mas o entorno comunicativo no qual está inserido determinado anúncio. Atribuindo-lhes uma abordagem teórico-metodológica que considere uma análise para além da forma, advogamos em favor de uma análise que considere o conjunto de

aspectos linguísticos, cognitivos, sociointeracionais e textual-discursivos, vendo o texto como um todo completo de sentido.

Essa análise apresenta caráter subjetivo, pois, como levamos em consideração o conhecimento de mundo na interpretação de uma anáfora e no reconhecimento de uma função discursiva, utilizamos os nossos próprios conhecimentos em nossa análise, tendo em mente que esse fator é relativo e está de acordo com vários aspectos, dentre eles, o meio socioeconômico cultural em que está inserido um indivíduo. O propósito foi testar se, ao considerarmos a conjunção dos aspectos como critério de análise, as funções estabelecidas por Ciulla (2008) eram suficientes para caracterizar o desempenho dos processos anafóricos encontrados por nós.

Analizamos, também, a função discursiva que os processos anafóricos exercem nos anúncios, como vimos em nossa pesquisa piloto, cap. 4, no intuito de verificar seus movimentos dentro do texto, que recursos cognitivos são ativados em suas interpretações e como o texto fornece pistas não pontuais para isso, levando em consideração, inclusive, elementos não verbais.

Partindo dessa análise, observamos diversas pistas textuais que constituem elementos capazes de estabelecer parâmetros para a identificação de uma função discursiva desempenhada por um processo anafórico. Com isso, o procedimento seguinte foi a verificação dessas pistas, no intuito de detectar quais os elementos textuais que servem de parâmetro para a identificação de uma função discursiva, bem como para a descrição de seu desempenho.

Após essa análise, na qual consideramos um conjunto de aspectos na construção do processo referencial, e, portanto, no reconhecimento de uma função discursiva, refutando trabalhos anteriores que consideram que a função discursiva é manifesta apenas pela expressão anafórica, propusemos uma reorganização do quadro das funções discursivas dos processos anafóricos encontrados em Ciulla (2008).

Após a realização de todos esses procedimentos, ainda sentimos a necessidade de verificar o comportamento das funções discursivas em outros gêneros. Na análise que fizemos, inicialmente relacionando o gênero anúncio às funções discursivas sugeridas por Ciulla (2008), constatamos algo relevante: ao aplicarmos um novo gênero ao quadro de funções sugeridas por Ciulla, percebemos que muitas das funções não se aplicavam ao gênero anúncio, por serem mais recorrentes ao gênero conto literário, ao qual a autora se dedicou.

Consideramos todos os procedimentos realizados para fazermos uma relação entre as funções discursivas dos processos anafóricos propostas por nós com os diferentes tipos de

anáforas, no intuito de sabermos como as funções discursivas são detectadas, como são agrupadas e quais critérios são utilizados como parâmetro para o seu estabelecimento.

Com isso, surgiu uma nova necessidade: a de explorar em outros gêneros a possibilidade de observar o desempenho dos processos referenciais. Partindo dessa nova necessidade, passamos a coletar novos arquivos com os gêneros notícia, anúncio publicitário, artigo de opinião e piada. Escolhemos estes gêneros por apresentarem estruturas bastante distintas, a iniciar pelas sequências textuais de que se constituem, além disso, o propósito comunicativo de cada um é diferente, logo encontramos nestes exemplos funções discursivas suficientes para embasarmos nosso posicionamento.

Após desvelarmos as funções discursivas oriundas dos gêneros analisados, fizemos a organização destas, relacionando função discursiva – gênero textual – processos referenciais. Com o intuito de apresentar quais funções cada processo referencial desempenha gênero por gênero. Ao final, selecionamos todas as funções discursivas encontradas por nós e organizamos um conjunto de funções discursivas obtidas nesta tese.

6 CAPÍTULO DE ANÁLISES

Iniciaremos este capítulo de análise retomando, de forma breve, os principais conceitos que serão utilizados em nossas análises. Partiremos do conceito de referente, seguido das definições dos processos referenciais que analisaremos, faremos uma breve discussão sobre as funções discursivas e, por fim, chegaremos às análises propriamente ditas.

Como sintetiza Ciulla (2008), elaborar e reelaborar referentes requer a consideração de elementos linguísticos, de pistas extralinguísticas e, necessariamente, de muitas inferências, para que os participantes da interação achem que estão atentando para a mesma entidade, mesmo que esse referente não seja precisamente o mesmo para a mente dos interlocutores, pois haverá sempre um viés de diferença no modo como cada um concebe e percebe as coisas.

Consideramos como referente o objeto de discurso que é ativado, mencionado ou reativado por expressões referenciais ou por outros elementos do contexto discursivo. Como referente é diferente de significado, aquele nem sempre corresponderá à palavra que lhe refere, ou seja, O objeto discursivo referido pode ser ativado por uma expressão cujo significado não corresponda ao significado do referente, como ocorre, por exemplo, com as anáforas indiretas, nas quais a retomada dos referentes se dá de maneira não correferencial.

Não podemos afirmar que o referente encontra-se apenas nas expressões referenciais de maneira pontual, pois, a nosso ver, os elementos linguísticos estão imersos, assim como todos os outros elementos da situação extralinguística, no que poderíamos chamar de entorno discursivo. Ressaltamos, então, que referente e expressão referencial se manifestam no texto de maneira distinta. Concordando com Ciulla (2008), acreditamos que a referência é um processo em que não se pode separar completamente o que é linguístico do que não é. Ciulla (2008) já discutira sobre o referente em sua tese:

O que podemos é inferir, a partir do texto, quais objetos estão sendo referidos, de que maneira, por quem, com quais intenções, etc. num cálculo que pode ser ajustado, conforme nos empenhamos na compreensão e de acordo com as outras pistas que nos vão sendo fornecidas à medida que o discurso se desenvolve. O fato de que as inferências que são autorizadas pelos elementos materiais do texto são essenciais para completar-lhes o sentido é uma evidência de que essas inferências fazem parte do próprio processo linguístico. (CIULLA, 2008, p. 17).

Após termos em mente o que seja referente, outra discussão se faz necessária: a forma como os referentes são ativados ou reativados no discurso. Observamos um campo vasto de pesquisas que abordam o tema. Somos adeptos das concepções que consideram que o

referente pode ser ativado, não apenas pelas expressões referenciais, mas também pelo contexto sociocomunicativo, do qual participam os conhecimentos linguísticos, cognitivos e interacionais.

Podemos encontrar em Ariel (1996), uma das autoras com as quais concordamos no tocante à questão da elaboração do referente. Essa autora também foi base da pesquisa de Costa (2007), para quem as expressões referenciais constituem apenas instruções ao destinatário de como este deve recuperar da memória parte de uma determinada informação. Elas indicam quão acessível está esse pedaço de informação no discurso. Além de exercerem essa função de orientar o coenunciador, elas ainda contribuem para a identificação do referente de outro modo: pelo próprio conteúdo informacional que comportam, geralmente.

Concordamos com as pesquisas que afirmam, assim como a de Cavalcante (2011), não existir uma associação previamente determinada entre as formas de expressões referenciais e os “lugares” de onde provém a base de conhecimentos relevantes para a identificação dos referentes. Não se pode, *a priori*, estabelecer uma relação fixa entre formas de expressão referencial e tipos de campos de onde se origina a informação que elas veiculam.

Em nossas análises, ao tentar encontrar o referente que está sendo ativado, recorreremos não apenas às expressões referenciais de maneira pontual, mas também às imagens, ao texto como um todo, aos aspectos extralinguísticos e contextuais. Acreditamos que, utilizando essa definição de referente, teremos mais possibilidades de análises. Em contrapartida, corremos o risco de nossa subjetividade limitar nossa análise a apenas um ponto de vista. No entanto, nos valemos da própria definição para nos embasar, pois, como a pesquisa parte de um enunciador, este utilizará nas análises seus conhecimentos de mundo a serem compartilhados com o leitor.

Na busca pelo referente, os enunciadores instruem os coenunciadores a recuperarem os referentes não pela alusão à sua origem “geográfica”, mas, como afirma Cavalcante (2011), pela “sinalização”, também através das expressões referenciais (mas não somente por meio disso), de como esses referentes podem estar mais, ou menos, acessíveis para eles.

6.1 Análise das funções discursivas dos processos referenciais

Após todo o percurso que fizemos em nossa pesquisa, entraremos agora no que podemos chamar de análise das funções discursivas dos processos referenciais, porém aplicaremos nossa perspectiva de análise que fora fundamentada nas teorias já mencionadas

anteriormente. Fizemos um percurso, inicialmente, pelas definições dos processos referenciais que analisamos e discutimos os critérios utilizados pelos autores para definir tais fenômenos. Pudemos observar como ainda existem problemas em torno de algumas definições, os quais vão desde flutuações terminológicas até as imprecisões definicionais. Muitas vezes, o limite entre a definição de um processo e outro é muito tênue, o que poderíamos exemplificar com a diferenciação das anáforas diretas e indiretas.

O que as distingue deveria ser a presença ou não da correferencialidade, mas, ao refletirmos sobre isso, também com base no pensamento de Ciulla (2008), verificamos que há controvérsias. Por isso a autora afirma que a subdivisão em anáforas diretas e indiretas não se sustenta, tendo em vista que os dois tipos de anáforas podem constituir núcleos a partir dos quais diversas referências podem ser feitas, em procedimentos de recuperação, de reformulação ou de homologação de novos referentes.

Segundo Ciulla (2008), mesmo quando um item lexical é repetido, pode haver transformação, que é o que acontece na maioria das vezes, pois o entorno discursivo é elaborado de modo que os objetos de discurso evoluam, conseqüentemente, modificando-os. Como podemos perceber no seguinte exemplo:

(83) **Frango xadrez simples**

- 500g de peito de frango sem osso e sem pele cortado em cubos
- 1 litro de água fervente
- Sal e pimenta a gosto
- 3 colheres (sopa) de óleo vegetal
- 2 cebolas médias descascadas e cortadas em cubos
- 2 pimentões verdes cortados em cubos
- 2 copos de água
- 2 colheres (sopa) de amido de milho
- 1 colher (sopa) de açúcar
- 1/2 vidro de molho de soja (shoyu)
- 1 xícara (chá) de amendoim torrado

Modo de preparo

Preparo: 10 mins › Cozimento: 20 mins › Pronto em: 30 mins

1. Coloque o peito de frango cru em uma peneira e por cima despeje a água fervente. Isto é só para que o frango perca o rosado, mas não cozinhe por completo. Tempere com sal e pimenta. Reserve.

2. Em uma panela grande, aqueça 1 colher do óleo e refogue a cebola e o pimentão até que estejam macios. Remova os legumes da panela e reserve.
3. Nesta mesma panela acrescente o restante do óleo, quando estiver bem quente, frite o frango até dourar. Acrescente a cebola e o pimentão refogados e desligue o fogo.
4. Em outra panela, acrescente a água, o amido de milho, o açúcar e o molho de soja. Mexa sem parar até ferver e engrossar.
5. Junte esse molho ao frango, acrescente o amendoim e sirva com arroz.

(Disponível em: <http://allrecipes.com.br/receita/2237/frango-xadrez-simples.aspx>)

Temos então, com este exemplo, um caso prototípico do que deveríamos considerar de anáforas diretas. A expressão o frango é retomada correferencialmente várias vezes ao longo da receita, essa constante retomada do referente frango, faz-se necessário para que o leitor compreenda as instruções da receita e, de fato, há a necessidade, durante o preparo do prato, de trabalhar algumas vezes com o frango, já que é o ingrediente principal da receita.

Por outro lado, se analisarmos essas retomadas da expressão frango, poderemos afirmar que a cada recorrência temos um referente distinto, a cada expressão, mesmo quando se repete a mesma palavra, podemos perceber as transformações destas expressões que fazem com que o leitor, além de perceber a evolução do texto, possa sensorialmente ver a evolução da elaboração de seu prato.

No tópico 1 da receita, quando ele retoma: “Coloque o peito de frango cru em uma peneira e por cima despeje a água fervente”, neste caso, temos a recuperação do mesmo referente que aparece na lista de ingredientes. Logo em seguida, ainda no mesmo tópico temos uma nova retomada: “Isto é só para que o frango perca o rosado, mas não cozinhe por completo. Tempere com sal e pimenta. Reserve.”; neste caso, há a retomada do mesmo referente, através de outra expressão. Esse processo continua a caracterizar-se como uma anáfora direta, pois o que conta para tal definição são os referentes retomados.

Mais adiante, temos novamente a expressão o frango: “Nesta mesma panela acrescente o restante do óleo, quando estiver bem quente, frite o frango até dourar. Acrescente a cebola e o pimentão refogados e desligue o fogo.”. Podemos observar que o mesmo referente está sendo retomado, mas de forma mais criteriosa, e, mesmo percebendo a evolução da receita, sabemos que este frango, do tópico 3, na realidade não é o mesmo do tópico 1, pois, como vimos na receita, este já foi escaldado e temperado com sal e pimenta. Por fim, temos no último tópico mais uma retomada correferencial de frango: “Junte esse molho ao

frango, acrescente o amendoim e sirva com arroz. Mais uma vez percebemos outra modificação do frango, este agora já seria um frango frito, bem douradinho, com cebola e pimentão. A nosso ver, isso torna este último frango sensorial e visualmente diferente do peito de frango cru cortado em cubos.

Questionamentos como este trazem à tona uma reflexão importante a respeito dos critérios definicionais das expressões anafóricas. Com base no que temos, até o momento, na literatura da área, podemos tomar como ponto crucial para a identificação ou distinção de um processo referencial para outro que é a busca pelo referente.

Ainda discutindo sobre os critérios definicionais dos processos anafóricos, temos nas anáforas indiretas outra definição que lhe é semelhante e bastante utilizada por alguns autores como Kleiber (2001) e Schwarz (2000): é o conceito de anáfora associativa.

Sobre estas duas definições de anáforas indiretas e anáforas associativas, há algo que é considerado como um problema para nós: a nomenclatura flutuante. Os autores citados aqui ora distinguem a anáfora indireta da associativa, ora têm os termos como sinônimos.

Não aceitamos, pois, uma definição bipartida dessas duas anáforas, mas, sim, uma definição escalar, na qual os níveis de inferência, estabelecidos pelo percurso cognitivo elaborado para a interpretação de uma anáfora indicam em que grau de acessibilidade está a expressão anafórica.

Assim, podemos compreender, das definições de anáfora indireta aqui apresentadas, que elas possuem uma característica fundamental: sua âncora pode estar implícita, saliente na situação comunicativa ou recuperável pelos saberes compartilhados. Dessa forma, a anáfora não é apenas um mecanismo de manutenção de referentes, mas constitui um forte argumento de que a linguagem é interacional, valorizando, assim, a ação dos interactantes. A nosso ver, a marca caracterizadora das anáforas indiretas é a possibilidade de o antecedente da expressão anafórica nem sempre ser instanciado pelo texto, conforme exemplificamos, uma vez que o fenômeno anafórico, para ser interpretado, pode levar em conta outros fatores, além do linguístico, se adotarmos um ponto de vista sociocognitivo, discursivo e interacional.

Continuando nossa discussão sobre os critérios definicionais, temos outro processo que possui traços comuns aos das anáforas indiretas, são as anáforas encapsuladoras. Assim como as indiretas, estes tipos de anáfora não são correferenciais e se instauram pela menção a um objeto de discurso ainda não citado no cotexto, traço este que as tornam ainda mais semelhante com as anáforas indiretas. Porém, apesar das semelhanças, há uma diferença fundamental entre estes encapsuladores e os anafóricos indiretos propriamente ditos. Segundo

Cavalcante (2011), a diferença é que as anáforas encapsuladoras resumem, “encapsulam”, conteúdos proposicionais inteiros, precedentes e/ou consequentes. Além disso, este processo referencial não se remete a âncoras bem pontuais, bem específicas, do cotexto, mas a informações ali dispersas.

Podemos entender e concordar com a autora, que estes dois tipos de anáforas possuem características em comum, já que não são correferenciais, mas podemos dizer também, que o traço que as distingue é o que de fato define as anáforas encapsuladoras, que é o fato de resumirem conteúdos precedentes ou subsequentes, além disso, os encapsuladores participam fortemente da organização argumentativa do texto, não apenas sintetizando o enunciado em uma expressão, mas através da expressão encapsuladora fornece informações que permitem ao leitor compreender a evolução do texto e o viés argumentativo escolhido.

Podemos confirmar nosso posicionamento sobre os encapsuladores também em Conte (1996, p. 1), num dos estudos pioneiros sobre o assunto:

O encapsulamento anafórico é um recurso coesivo pelo qual um sintagma nominal funciona como uma paráfrase resumitiva de uma porção precedente do texto. O sintagma nominal anafórico é construído com um nome geral como núcleo lexical e tem uma clara preferência pela determinação demonstrativa. Pelo encapsulamento anafórico, um novo referente discursivo é criado sob a base de uma informação velha; ele se torna o argumento de predicações posteriores. Como um recurso de integração semântica, os sintagmas nominais encapsuladores rotulam porções textuais precedentes; aparecem como pontos nodais no texto. Quando o núcleo do sintagma nominal anafórico é axiológico, o encapsulamento anafórico pode ser um poderoso meio de manipulação do leitor. Finalmente, o encapsulamento anafórico pode também resultar na categorização e na hipostasiação (“hypostasis”) de atos de fala e de funções argumentativas no discurso.

Com isso, podemos concluir segundo Cavalcante (2011) que a partir de uma visão de referenciação que inclui a menção de expressões referenciais, podemos considerar que toda anáfora indireta deve apoiar-se em âncoras do cotexto, o que não exclui a possibilidade de remeterem, simultaneamente, a elementos da situação extralinguística e do conhecimento compartilhado. Assim, toda anáfora encapsuladora é um tipo de anáfora indireta, por também introduzir e mencionar no cotexto uma expressão referencial nova, apresentada como se fosse dada, por resumir conteúdos explicitados, o que também fazem as anáforas indiretas, em porções cotextuais anteriores e/ou posteriores.

Outros processos referenciais que apresentam pontos em comum são os encapsuladores e a dêixis, mais especificamente o que Cavalcante (2000) chamava de dêixis discursiva. A semelhança entre as duas caracterizações, uma do ponto de vista anafórico e outra do ponto de vista dêitico, é justamente o encapsulamento de proposições. Porém, as

anáforas encapsuladoras são descritas apenas em função da recuperação difusa de porções textuais e os dêíticos textuais têm em conta não simplesmente o caráter resumitivo, como também a presença de um elemento dêítico nas expressões, que assinala o ponto de origem do enunciador, indicando onde terminou sua última fala dentro do contexto (CAVALCANTE, 2011).

Pela proximidade de suas características a dêixis textual é considerada, por autores como, por exemplo, Lyons (1977), um fenômeno frequentemente confundido com a anáfora, pelo fato de não se levar em consideração que há diferença entre entidades linguísticas e não linguísticas, isto é, entre referentes que se aplicam a sentenças-texto e referentes que correspondem a qualquer outra entidade. Apesar das semelhanças, a diferença entre os dois processos se estabelece na separação entre *menção* e *uso*, respectivamente. Podemos observar em uma citação de Lyons (1977) na qual o autor comenta um exemplo prototípico:

Isto pode ser exemplificado por meio do seguinte texto: (X diz) Eu nunca o tinha visto antes (e Y responde) Isso é uma mentira. É claro que 'isso' não se refere nem à sentença-texto enunciada por X nem ao referente de qualquer expressão nela. Alguns filósofos podem dizer que se refere à proposição expressa pela sentença enunciada por X; outros, que se refere ao ato de enunciação, ou ato de fala (cf. 16.1), realizado por X. Todavia, sob qualquer dessas análises da referência de 'isso', sua função parece cair em algum lugar entre a anáfora e a dêixis, e partilhar das características de ambas. (LYONS, 1977, p. 668).

Encontramos em Cavalcante (2011) algo que nos chamou a atenção: os processos referenciais podem assumir a função de outro processo referencial, caracterizado distintamente. Por exemplo, depois de a autora comentar sobre todos os subtipos de dêixis apresentados em seu trabalho, ela afirma que todos estes subtipos cumprem a função de anafóricos correferenciais, ou que poderiam também acumular funções de anafóricos indiretos e de encapsuladores. Se os processos referenciais podem ser definidos pela função que exercem no texto, então como dividi-los, em se tratando de definição e/ou distinção, se tais processos estão assumindo funções que seriam próprias de outro processo?

Para exemplificar este posicionamento a autora apresenta o seguinte exemplo:

(84) Impossível virar a página e seguir vivendo como se nada tivesse acontecido.

(Este editorial está sendo escrito logo após a reconstituição do crime feita por peritos no apartamento de Alexandre Nardoni. e Anna Carolina Jatobá.)

Impossível não externar o profundo sentimento de horror que assola meus sentidos. Não é apenas Isabella Nardoni, são os Joãos, Marias, Josés e tantos outros que estão esparramados pelo mundo sofrendo todo e qualquer tipo de violência, o surpreendente para toda minha ingenuidade ou a

minha falta de coragem para ver o que acontece ao meu redor é que esta violência vem dos próprios pais, da própria família!

Passamos uma boa parte de nossas vidas fingindo que não vemos, ignorando os gritos sufocados de socorro, usamos as tintas do arco-íris para colorir nossa omissão, e quando acontece a morte prematura de uma criança como Isabella, somos obrigados a descortinar nossa visão e nos posicionarmos diante de tal atrocidade.

A espécie Homo Sapiens está tão carente de amor, de esperança, de generosidade, de moral, que o mundo se tornou triste demais ante este quadro assustador de violência não só com Isabella, mas com tantos outros casos que não são divulgados pela imprensa de forma tão veemente.

Afinal que tipo de homem, se realmente for o pai, é este que encobre ou assassina a própria filha? É um monstro???? Um psicopata???? Um egocêntrico???? E sua companheira, também se for responsabilizada pelo crime, é feita de que material? O instinto materno está e/ou ficou adormecido????

Afinal que sentimento move um ser humano que não respeita a vida?

Será que não é o momento de resgatarmos o verdadeiro sentido de solidariedade? Será que o ser humano está tão despido de crenças, que somente seus interesses egoístas devem ser satisfeitos a qualquer preço?

Eu estava torcendo muito para que os indícios e a polícia estivessem erradas, para ser sincera ainda torço, porque não consigo admitir a degradação do ser humano, porque meus parâmetros de vida foram terrivelmente abalados ante tal quadro sinistro de frieza, de calculismo e engodos.

(...)

(Disponível em <http://www.jornaldamulher.org/editorial/editorial.htm>)

Para a autora esses dêiticos textuais podem ser considerados também como anáforas encapsuladoras, pois localizam no cotexto, como se pode perceber, porções do discurso em andamento. Em grande parte das ocorrências, tais dêiticos não retomam um objeto específico mencionado, uma ou mais vezes, mas remetem a conteúdos inteiros diluídos no texto que vão configurando um referente na mente dos interlocutores. Por este motivo, são, a um só tempo, anáforas encapsuladoras e dêiticos textuais, considerando-se os critérios distintos que definem uma e outra classificação. (CAVALCANTE, 2011).

Ainda sobre o exemplo, a autora nos leva a observar que, esse tipo de dêixis textual vai incorporando informações e pontos de vista sobre a violência, a qual se recategoriza ao longo do desenvolvimento argumentativo, passando de uma violência geral para um quadro sinistro de frieza e de calculismo, referente ao caso específico do assassinato da menina Isabella, ocorrido em 29 de março de 2008, em São Paulo.

Podemos dizer que estes processos referenciais cumprem a função de organizadores textuais, porque sinalizam de forma dêitica, aumentando o foco de atenção sobre o referente e a eficácia da argumentação que se desenvolve.

Apesar da presente reflexão sobre as diferentes funções que os processos referenciais podem assumir, ou dos questionamentos anteriores sobre flutuações terminológicas ou limites tênues entre uma definição e outra, utilizaremos, em nossa análise os conceitos prototípicos, ou, podemos dizer, os que são comuns aos autores de nossa

bibliografia. Por outro lado, fizemos estes questionamentos não apenas para trazer problemáticas à tona, mas para afirmar que consideraremos os conceitos aqui apresentados de forma ampla, no sentido de que a interação e o produto dela sejam priorizados na compreensão de cada processo e no desvelamento de suas funções.

Toda essa discussão sobre os pontos divergentes e os pontos em comum nos leva a refletir sobre como tais processos se comportam dentro dos diferentes gêneros. Testaremos em nossas análises se estes processos vão desempenhar funções discursivas que são inerentes às suas definições ou se, a cada gênero, eles assumem funções diferentes.

O que queremos investigar é se uma anáfora direta vai desempenhar a função de retomar um objeto do discurso mencionado anteriormente de forma a reativar o mesmo referente no decorrer do texto, como lhe é atribuído como característica definicional, por exemplo. Para isso, as definições de cada processo referencial devem estar bem discutidas e estabelecidas nesta parte de nosso trabalho. Fizemos, inclusive, uma recapitulação do que já tínhamos visto no capítulo 2, pois achamos necessário pontuar que definições dos processos referenciais vamos utilizar em nossa análise.

6.2 Rediscussão sobre os critérios de análise das funções discursivas dos processos referenciais

Partiremos desses pressupostos para compreender quais as funções discursivas que os processos referenciais desempenham. Temos como ponto de partida o trabalho de Koch (2004), o qual se baseia em Berrendonner (1986). Este trabalho apresenta as funções discursivas que são utilizadas como referências em trabalhos realizados nesta área. São apresentadas as seguintes funções discursivas:

- Ativação/reativação na memória;
- Encapsulamento (sumarização) e rotulação;
- Introdução de informações novas;
- Organização macroestrutural;
- Especificação por meio da sequência hiperônimo/hipônimo;
- Construção de paráfrases definicionais e didáticas;
- Orientação argumentativa;
- Categorização metaenunciativa de um ato de enunciação.

Estas funções, assim apresentadas por Koch (2004), podem estar relacionadas a quaisquer processos referenciais, pois essa relação não era interesse da autora. Ao apresentá-

las, entretanto, Koch preocupou-se mais com o aspecto discursivo, deixando de lado, a nosso ver, os processos referenciais propriamente ditos. O que estamos dizendo é que, em seu trabalho, Koch apresentou as funções discursivas dos processos referenciais sem falar dos processos referenciais. Primeiramente, poderíamos acreditar que se tratava de um conceito específico, de uma definição ou de uma teoria, mas seu trabalho sobre funções discursivas deu-se apenas até este ponto. Foram enumeradas algumas funções, e estas foram atribuídas aos processos referenciais de maneira geral, ficando, assim, uma lacuna que pesquisadores futuros, certamente, iriam se propor a preencher com novas pesquisas. Como é o caso da pesquisa de Ciulla (2008), na qual a autora aborda o tema das funções discursivas. Interessante notar que esta autora também estuda a função discursiva dos processos referenciais sem partir destes processos. A autora não considera as definições subdivididas das expressões referenciais.

Para Ciulla (2008), anáfora, dêixis e introdução referencial ocorrem de maneira sobreposta, cumprindo múltiplas funções discursivas simultaneamente.

A autora justifica seu posicionamento pela indefinição da classificação recorrente na maior parte dos trabalhos que, de algum modo, tentam vincular a forma da expressão à sua função referencial.

Ciulla (2008), após redimensionar os processos anafóricos, dêiticos e de introdução referencial, passa a considerá-los apenas como processos referenciais, colocando-os sob o mesmo patamar. A autora argumenta ter abandonado o critério da forma como critério definicional das anáforas, afirmando não existirem palavras específicas que cumpram uma função anafórica, dêitica ou de introdução referencial. Ciulla (2008) acredita que processos dêiticos e anafóricos podem ocorrer simultaneamente e nem mesmo a distinção entre anáfora e introdução referencial é bem definida.

A primeira observação que podemos fazer sobre este posicionamento de Ciulla (2008) é que não consideraremos os processos referenciais como um único, visto que julgamos necessário reconhecer a diferença formal e funcional dos processos, pois eles não exercem as mesmas funções. Não comungamos com a consideração dos processos referenciais como algo amplo que abrange todas as expressões sob o argumento de abandonar o critério da forma, tendo em vista que não são apenas os critérios formais que definem estes processos.

Não privilegiamos a forma para definir e diferenciar os processos anafóricos, como já argumentamos diversas vezes neste trabalho, porém descartar a subdivisão, para nós seria repetir o mesmo trabalho que já fizeram Koch (2004) e Ciulla (2008), que partiram para

a análise das funções discursivas dos processos anafóricos sem considerá-los como ponto de partida. Além disso, não considerar a subdivisão dos diferentes processos referenciais seria afirmar que os critérios definicionais destes processos não consideram a inferência, a busca pelo referente, a conjunção de aspectos linguísticos e interacionais em suas composições. Retomamos neste capítulo toda a discussão feita em relação aos critérios que definem e consequentemente distinguem os processos referenciais, deixando bem claro que não privilegiamos o aspecto formal ou meramente linguístico, mas advogamos em favor de uma junção de critérios. Privilegiamos, nessas definições, os aspectos cognitivos, discursivos e interacionais.

Concordamos com a autora quando diz que os processos referenciais completam-se apenas durante o uso, em situações concretas, e que podem se definir através da análise de suas funções discursivas. Porém, podemos frisar ainda outro ponto que nos faz discordar da forma como Ciulla (2008, p. 73) considera os processos referenciais. A autora afirma que anáfora, dêixis e introdução referencial são, na verdade, parte dos processos referenciais, já que a sua determinação não depende exclusivamente das expressões em si, mas do uso dessas expressões e de como podemos interpretá-las.

Primeiro, a autora afirma não haver distinção entre os processos, afirmando que não existem palavras específicas que cumpram uma função ou outra, resumindo tudo em processos referenciais. Pouco depois, já opta por uma posição menos radical, afirmando que elas de fato se subdividem, embora não aponte quais critérios usou para afirmar isso, e não fica claro se, dessa vez, foram os formais. O fato é que a autora passa a considerar anáfora, dêixis e introdução referencial como parte dos processos referenciais.

Podemos compreender que a autora priorizou, em sua tese, critérios definicionais amplos e que sua intenção era privilegiar aspectos discursivos. Concordamos com esse posicionamento, mas não descartaremos o critério formal, assumindo que não cabe unificar os processos referenciais como um, nem analisaremos suas funções discursivas sem considerar os critérios definicionais de cada processo, que, no caso de nossa pesquisa, são: as anáforas diretas, as anáforas indiretas, as anáforas encapsuladoras e a dêixis.

Que fique claro, como dito anteriormente, que consideraremos as definições desses processos sob uma concepção ampla, contemplando o fenômeno como um todo, o que inclui o aspecto formal.

Apesar de não utilizar a separação dos processos referenciais em suas análises, a autora dedica algumas páginas de seu trabalho para redefinir, de forma exclusiva, como acredita que devam ser subdivididos os processos referenciais. A autora apresenta o que

chama de características essenciais no que se refere à anáfora, à dêixis e à introdução referencial:

1) Anafórico

Para Ciulla (2008, p. 73), é o processo de continuidade referencial, ou seja, é o processo em que há uma referência a um objeto que, ao mesmo tempo, ativa alguma fonte que já foi mencionada explicitamente no texto e/ou que se encontra armazenada na memória comum dos interlocutores; nesse processo, objetos podem ser transformados e/ou inseridos no discurso.

Aqui a autora desconsidera todos os subtipos de anáforas, sejam diretas, indiretas ou encapsuladoras, a nosso ver, por não considerar tal separação relevante para sua pesquisa e por não ser útil para sua análise. Há extensa justificativa em outro ponto do trabalho sobre essa consideração.

2) Dêitico

Segundo Ciulla (2008), este é o processo em que se denuncia o posicionamento do enunciador no tempo ou no espaço ou em que há a indicação de algum espaço – normalmente a memória -, onde podemos encontrar informações que nos servirão de base para construir um referente. Até aqui, concordamos, mas em seguida ela continua:

(...) os casos em que a dêixis ocorre num processo anafórico, designamos, a partir daqui, de *anáfora com dêixis* (e, portanto, as expressões que denominamos *dêiticos discursivos* passam a ser consideradas, nesta pesquisa, como casos de *anáfora (encapsuladora) com dêixis*). (CIULLA, 2008, p.73).

Mais uma vez temos que discordar da autora, não no sentido de afirmar que o seu pensamento não está coerente, ou mesmo sem base teórica, sequer por falta de reflexão. Não concordamos por que a autora argumenta veementemente a favor de uma concepção ampla na qual desconsidere uma subdivisão dos processos anafóricos e, neste momento, podemos observar certa fragilidade retórica, pois além de fazer uma subdivisão utilizando o subtipo anáfora com dêixis, ainda acredita que modificar uma nomenclatura *dêitico discursivo* por *anáfora (encapsuladora) com dêixis* tornará a compreensão do fenômeno mais acessível.

3) Introdução referencial

Neste caso, a autora utilizou a concepção consensual entre os pesquisadores da área, ao afirmar que a introdução referencial ocorre quando um referente novo é apresentado para o discurso, sem a ativação de qualquer fonte (a não ser o conhecimento enciclopédico).

A autora apresenta ainda quatro situações que são consideradas diferentes tipos de anáfora e de introdução referencial; são elas:

Situação 1 - Anáfora em que um objeto já referido explicitamente no contexto imediatamente anterior é retomado, sofrendo uma transformação;

Situação 2 – Anáfora que tem uma âncora explícita no contexto imediatamente anterior e promove a inauguração de um novo objeto, simultaneamente;

Situação 3 - Anáfora que solicita e/ou supõe um conhecimento comum entre os falantes;

Situação 4 - Introdução referencial que não depende da memória comum dos falantes. (CIULLA, 2008, p. 74-77).

A nosso ver, estas concepções dos processos referenciais dadas pela autora, embora reformuladas, são respectivamente: anáfora direta; anáfora indireta; característica comum a todo processo referencial e introdução referencial. Até o momento não encontramos argumentos suficientes nem necessidade de criar uma nova nomenclatura para os processos existentes. Priorizaremos, no entanto, ampliar a concepção e os critérios definicionais que norteiam a identificação e classificação destes processos.

Após esclarecer em qual perspectiva embasou sua pesquisa, Ciulla (2008) propõe que os processos referenciais podem ser definidos em termos de funções que desempenham no discurso. Não apenas concordamos com este posicionamento, como utilizamos este ponto da pesquisa de Ciulla (2008) como pressuposto em nosso trabalho. Acreditamos na imensa relevância de sua pesquisa, por isso a utilizamos como embasamento teórico.

Em nossa pesquisa, verificaremos como as funções desempenhadas pelos processos referenciais podem fornecer traços e características suficientes para defini-los. Além de todo esse aparato teórico que nos forneceu a tese de Ciulla (2008), Podemos considerar que a grande contribuição da autora não foi criar novas funções, mas sim, tecer reflexões preciosas sobre elas. Além de ampliar a bibliografia dos trabalhos que estudam as funções discursivas e de propor um novo quadro de funções, o trabalho de Ciulla (2008) nos permitiu perceber algo ainda impensado, mesmo que este não tenha sido o objetivo de sua pesquisa: mostrar que existem funções específicas em um gênero, o conto literário.

Trouxemos esta reflexão para a nossa pesquisa e faremos neste capítulo as testagens necessárias em diferentes gêneros, no intuito de comprovar nossas hipóteses.

Utilizamos como definição de gênero, como já visto no capítulo 4, a que entende os gêneros como ação retórica tipificada baseada numa situação retórica recorrente, concordando com autores que defendem a noção de gênero “centrada não na sua substância ou na forma de discurso, mas na ação para cuja realização ele é utilizado” (MILLER, 2009a, p. 22).

Essa noção de gênero, ora apresentada, privilegia uma maior atenção às ações sociais principalmente e minimiza a questão formal do gênero, o que, de acordo com Lima-Neto (2014) não deve ser desconsiderado, o autor acredita que, embora seja minimizado nos estudos retóricos de gênero, não significa que devam ser menosprezados. Mas, concordando com Miller (2009b), a estrutura “é um aspecto constituinte da ação [...], a ação é o que é significativo, e é na ação que criamos o conhecimento e a capacidade necessária para reproduzir a estrutura”.

Miller (2009a) fundamenta sua argumentação sobre modelos de autores da retórica, como em Fisher (1980⁹ *apud* MILLER, 2009a, p. 26), que apresenta quatro níveis de constituição de gênero: a distinção de formas retóricas e outros tipos de discurso; a classificação de discursos dentro da retórica; as formas retóricas que são identificadas como gêneros; e as categorias de estilo.

Lima-Neto (2014) afirma que nós, como seres situados historicamente, nos dirigimos a formas mais ou menos padronizadas para realizar certas ações em determinados contextos.

A partir do momento em que, nesses contextos, os seres humanos realizam mais ou menos as mesmas formas, pode-se dizer que elas são similares. O que justifica ser um aspecto social. Essas similaridades constituir-se-ão como um tipo. Quando se tornarem muito similares, o ser humano construirá um padrão de ação para ser utilizada em situações semelhantes. Essas ações situadas tipificadas são entendidas como gêneros. (LIMA-NETO, 2014, p.38).

Desse modo, podemos dizer que aprender um gênero não é simplesmente dominar uma forma e um meio para atingir determinado propósito, mas, sim, aprendemos até onde podemos ir e como agir em determinadas situações. “Aprendemos a entender melhor as situações em que nos encontramos e as situações potenciais para o fracasso e o sucesso ao agir juntamente. Como uma ação significativa e recorrente, um gênero incorpora um aspecto de racionalidade cultural” (MILLER, 2009a, p. 44).

⁹ FISHER, W. R. Genre: concepts and application in rhetorical criticism. *Western Journal of Speech Communication*, 1980, p. 288-299.

Outro conceito importante a ser utilizado em nossas análises será o de propósito comunicativo, consideraremos o que diz Bhatia, (1993).

O propósito comunicativo é inevitavelmente refletido na estruturação cognitiva interpretativa do gênero, que, de certa forma, representa as regularidades típicas de organização nele. Essas regularidades devem ser vistas como de natureza cognitiva, porque elas refletem as estratégias que os membros de um discurso particular ou de uma comunidade profissional tipicamente usam em uma construção e entendem que aquele gênero alcança determinados propósitos comunicativos. Essa estruturação cognitiva reflete conhecimento social acumulado e convencionalizado disponível para um discurso particular ou uma comunidade profissional. (BHATIA, 1993, p. 21).

Para Bhatia (1993), a estabilidade de um gênero está atrelada mais à cognição do que à materialidade linguística. Segundo o autor, a cognição é a responsável tanto pelos propósitos comunicativos de um gênero quanto por sua forma de apresentação. Para elaborar um gênero, os indivíduos se utilizam: de seu conhecimento social, informações sobre o contexto de uso, levantamento de hipóteses acerca do seu interlocutor etc., com o intuito de materializar esses dados em gêneros que permitirão alcançar os propósitos daquela interação específica.

Além disso, os gêneros são também construtos cognitivos, pois eles não têm idêntica circulação situacional em todas as culturas e nem devem ser reconhecidos socialmente da mesma forma no decorrer do tempo. Outro motivo, de acordo com Lima-Neto (2014), é o fato de que o gênero está localizado não exatamente num texto, mas na percepção do produtor e do receptor, nos modelos tipificados que cada um tem internalizados frente a uma determinada situação.

Esta noção de gênero que utilizaremos na presente pesquisa é mais voltada para como alguém realiza uma ação e responde a ela, ou seja, acreditamos que na realização de um gênero o que deve ser observado para sua identificação ou classificação é a sua função sócio-comunicativa.

Essa é uma definição favorável aos nossos estudos, pois também privilegia os aspectos cognitivos e interacionais, sem descartar, no entanto, os aspectos formais, já que também fazem parte do processo de elaboração de um gênero.

6.3 Análises de gêneros: estabelecendo uma relação entre processos referenciais – funções discursivas – gêneros textuais

Após todas estas considerações dos principais assuntos que nortearam nossa pesquisa, realizaremos a seguir uma série de análises, já embasadas por nós, que serviram

para testar nossas hipóteses. A princípio, iríamos restringir a análise ao gênero anúncio, porém, dada a complexidade do tema e de outras hipóteses que foram surgindo no decorrer do trabalho, resolvemos ampliar a análise para os gêneros notícia, anúncio, artigo de opinião e piada.

A justificativa para a escolha destes gêneros encontra-se no capítulo que aborda nossa metodologia, mas, em poucas palavras, podemos argumentar que estes gêneros são bastante recorrentes nas práticas cotidianas, bem como nos livros didáticos, principalmente quando se aborda o ensino de leitura.

A notícia e o artigo de opinião são considerados como gêneros jornalísticos, pois circulam diariamente em jornais impressos ou digitais. Os anúncios podem ser encontrados com grande frequência também em jornais, mas estes são considerados da esfera publicitária e o gênero piada pertence à esfera humorística.

As características bem distintas destes gêneros nos permitiram verificar a ocorrência de diferentes processos anafóricos e das funções discursivas por ele desempenhadas, com o intuito de testar uma de nossas hipóteses: a de que os processos referenciais cumprem funções diferentes de acordo com cada gênero.

No capítulo 4, realizamos uma análise das funções discursivas propostas por Ciulla (2008), para observar se as funções discursivas apresentadas pelo trabalho da autora também podem ocorrer em outros gêneros. Constatamos que algumas das funções podem até aparecer no gênero anúncio, mas certamente, do modo como foram analisadas, essas funções estão diretamente ligadas ao gênero conto literário. Fizemos a análise de cada função dada dentro do gênero anúncio, verificando a possibilidade de ocorrência. Observamos que algumas se mantêm e outras se revelam, como é o caso de algumas funções que relacionam a interpretação de uma expressão referencial à imagem presente no anúncio, função esta que acreditamos ser recorrente neste gênero.

A partir desta análise prévia, selecionamos algumas funções que podem ser encontradas, considerando os exemplos analisados no gênero anúncio publicitário. Abrimos mão, com isso, da divisão feita por Ciulla (2008), na qual ela elenca seis macrodivisões seguidas de outras funções mais específicas.

Sintetizamos o resultado dessa análise com a caracterização das funções discursivas especificadas em: organização macroestrutural do texto, orientação argumentativa e funções inerentes aos processos referenciais, sendo esta separação apenas didática, dada a inseparabilidade desses dois aspectos. Além disso, as funções podem coexistir, e a presença de uma função não anula a presença de outra.

A análise a seguir das funções discursivas dos processos referenciais se norteia pelos seguintes objetivos: saber se os processos referenciais podem ser definidos de acordo com a função que desempenham; saber quais funções discursivas são realizadas por cada processo referencial pelo qual optamos por trabalhar nesta pesquisa; observar se as funções discursivas desempenhadas pelos processos referenciais são as já previstas em suas definições; verificar se existem funções discursivas mais recorrentes em determinado gênero; analisar, a partir do propósito comunicativo de cada gênero a ser analisado, se as funções discursivas seguem seu respectivo viés argumentativo e, por fim, verificar se as funções discursivas podem fornecer características ao gênero ou se é o gênero que determina o desempenho dos processos referenciais.

6.3.1 *Análise do gênero notícia*

Iniciaremos nossas análises no gênero notícia com o objetivo de nortear nossas hipóteses e investigar a inter-relação entre as características dos processos referenciais, as funções discursivas e as características do gênero. No decorrer de nossa análise, essa inter-relação se mostrou bastante evidente, razão que nos levou a discutir alguns aspectos importantes desse processo nessa subseção do trabalho.

No emaranhado de processos referenciais que se estabelecem no gênero notícia, observamos que o propósito comunicativo deste gênero influencia de forma direta no desempenho das funções discursivas dos processos referenciais. Além disso, estes processos referenciais presentes neste gênero são motivados pelo seu propósito comunicativo.

Para mostrar como ocorre a inter-relação entre o gênero notícia e as funções discursivas dos processos referenciais, selecionamos alguns exemplos de notícias em que o diálogo entre esses fenômenos se tornaram bastante evidentes na constituição do gênero. A partir desses exemplos, discutiremos como essa relação se manifestou nos textos analisados.

Vejamos o exemplo seguinte:

(85) Fotos mostram queda do nível da represa Guarapiranga em um ano. Volume do reservatório caiu de 75,9% para 39,6% desde setembro de 2013. 'Dá muita tristeza', diz leitor e frequentador do Yacht Clube Paulista.

(Tiago Hülle Catani Barra Internauta, São Paulo, SP)

Frequentador do Yacht Club Paulista, o designer gráfico Tiago Hülle Catani Barra procurou em seu acervo pessoal uma foto da represa de Guarapiranga, na Zona Sul de São Paulo, tirada por ele em 1º de setembro de 2013, para comparar com o registro feito pelo mesmo ângulo, na tarde de sexta-feira (31). As imagens mostram a queda drástica do nível da represa e foram enviadas pela ferramenta colaborativa VC no G1.

"Os barcos maiores têm dificuldade de sair. Nessa rampa ainda descem barcos maiores. Em outros clubes, não conseguem descer", contou o leitor. "Dá muita tristeza. É um lugar do qual a gente gosta muito. Ver a represa baixando tanto assim é muito triste principalmente pela quantidade de lixo que a gente vê", afirmou.

Nota da Redação: Segundo a Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp), o Sistema Guarapiranga tinha volume armazenado de 39,6% na sexta-feira. Há um ano, no mesmo dia do mês, o volume acumulado era de 75,8%.

Desde julho, o Guarapiranga, que abastece 4,9 milhões de pessoas na capital, tem a pior situação entre os três maiores sistemas de abastecimento da Grande São Paulo. Apesar de abastecer uma população quase semelhante à do Cantareira, o Guarapiranga tem capacidade bem inferior: 171 bilhões de litros contra 1 trilhão do outro sistema.

(Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/vc-no-g1-sp/noticia/2014/11/fotos-mostram-queda-do-nivel-da-represa-guarapiranga-em-um-ano.html>)

De modo geral, o gênero notícia apresenta como uma de suas características principais a sequência textual narrativa, pois narra um fato apresentando-o de forma detalhada, com o objetivo de fornecer informações ao leitor. Neste caso, temos uma notícia breve, retirada de um site específico para este fim, que aborda o tema da seca em São Paulo através da perspectiva de um jovem que tinha como hábito frequentar o Yacht Clube Paulista. Porém, devido à estiagem, seu programa tem sido prejudicado. O rapaz fotografou a atual situação da represa de Guarapiranga, na Zona Sul de São Paulo e comparou com uma foto do mesmo local, retirada há um ano. Além da realidade mostrada pelo jovem através de suas fotos, há ainda, nos dois últimos parágrafos, a exposição de dados estatísticos que comprovam o fato narrado pelo jovem e suas fotos.

As expressões referenciais mais recorrentes neste exemplo são as anáforas diretas representadas no texto por: Fotos; foto; o registro; As imagens; que retomam o mesmo referente. Este referente é trazido constantemente para o texto com o intuito de, ao mesmo tempo, manter o referente, colocá-lo em destaque no texto já que é através dessas imagens que a notícia traz a problemática da seca em São Paulo. Temos então como funções discursivas destas anáforas: *manter o tópico discursivo e destacar um referente no discurso.*

Ainda neste exemplo, temos a expressão Os barcos, que surge no texto, iniciando um parágrafo como se já tivesse sido introduzido no discurso anteriormente. Este é um caso típico de anáfora indireta que apresenta um referente novo no texto como se fosse dado. De fato, o referente da expressão os barcos é novo, mas o leitor, com grande facilidade consegue compreendê-lo, alguns inclusive, sem sequer notar que poderia ser algo novo. O barco, assim como no exemplo clássico de Marcuschi (2000), surgiu de repente, porém sua âncora, ou suas âncoras (podemos dizer assim, pois consideramos para a interpretação de uma anáfora, não apenas uma expressão anterior, mas todo o entorno discursivo precedente ou mesmo subsequente) são fornecidas no parágrafo anterior através do *frame* que é ativado por Yacht

Clube e represa de Guarapiranga, lugares onde se pressupõe que haja trânsito de diversos tipos de barcos.

Poderíamos dizer que a expressão “os barcos” apresenta a função de inserir um objeto de discurso novo como se fosse dado, mas esta é uma característica intrínseca às anáforas indiretas, motivo pelo qual pudemos identificá-la neste texto. Utilizar uma expressão com essas características indica que o locutor pressupõe que o interlocutor possua conhecimento suficiente para compreendê-la, conhecimentos que vão desde os enciclopédicos até os interacionais. Neste caso, apresentamos a função de *inserir subtópico no discurso*.

Vejamos a notícia a seguir, que traz informações sobre dois documentários brasileiros que foram indicados para o Oscar. Os filmes "This is not a ball", do artista plástico Vik Muniz, e "Elena", produzido e dirigido pela atriz Petra Costa.

(86) Brasil tem dois filmes na pré-lista do Oscar de Melhor Documentário ‘This is not a ball’, do artista plástico Vik Muniz é um dos concorrentes. ‘Elena’ foi produzido e dirigido pela atriz Petra Costa e também concorre.

A Academia de Hollywood anunciou nesta sexta-feira (31) que 134 produções estão no páreo para concorrer ao Oscar de Melhor Documentário na 87ª edição da cerimônia, marcada para o próximo dia 22 de fevereiro.

O Brasil está representado na lista por dois filmes: "This is not a ball", do artista plástico Vik Muniz, e "Elena", produzido e dirigido pela atriz Petra Costa.

O documentário de Muniz foi produzido para a TV americana, e, especialmente para o filme, o brasileiro criou uma imensa obra de arte usando 20 mil bolas de futebol no estádio Azteca, no México, e depois em um campo na favela do Vidigal, no Rio de Janeiro.

Por sua vez, "Elena", produzido em 2012, é um documentário baseado na vida da atriz Elena Andrade, irmã mais velha de Petra. A ideia para o filme surgiu quando a cineasta encontrou um diário da irmã, morta em 1990. A jornada é permeada pelas emoções e impressões das personagens.

“O filme trata sobre a minha busca pela memória e sobre a minha emancipação nessa busca. Acaba sendo um pouco uma homenagem, sim, mas é mais um filme sobre a minha trajetória, sobre a da minha mãe e sobre a da minha irmã. É também um filme que mostra as emoções do período de transição entre a adolescência e a vida adulta”, disse Petra em entrevista ao G1 durante o 45º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, em 2012.

A lista com 134 documentários ficará reduzida a 15 finalistas, cujos nomes serão divulgados em dezembro e que finalmente disputarão as indicações ao Oscar.

(Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2014/11/brasil-tem-dois-filmes-na-pre-lista-do-oscar-de-melhor-documentario.html>)

Neste exemplo, temos a predominância de expressões referenciais caracterizadas por anáforas diretas. Vejamos a expressão Oscar, que retoma correferencialmente o referente da mesma expressão presente na manchete da notícia. Essa expressão desempenha a função de *manter o tópico discursivo*, pois, ao reativar no texto o mesmo referente, faz com que possamos reconhecer que o tópico ora apresentado se mantém.

Já a expressão cerimônia, mesmo recuperando o mesmo referente, que seria o *Oscar*, cumpre uma função que vai além de manter o tópico, pois tem o papel de *promover a progressão textual*, já que acrescenta um novo dado ao referente, informando que o *Oscar* é uma cerimônia, informação que poderia ser de conhecimento ou não do interlocutor. Desse modo, é utilizada com o intuito de recuperar e fornecer informações novas sobre o mesmo referente, o que promove a evolução do texto, tornando-o também, mais atrativo para o leitor.

Temos ainda, com esta mesma função as expressões: A jornada e A lista, que *promovem a progressão textual*, pois além de retomar correferencialmente, acrescentam informações que vão servir também para a elaboração do mesmo referente ao longo do texto.

Vejamos agora a análise de mais um exemplo. Esta notícia traz informações sobre a nova medida da Anatel para resolver a situação de falta de números novos disponíveis para telefonia: o acréscimo do dígito nove no início de cada número, inclusive para mensagens de texto. A medida iniciará por determinados estados do país, mas ocorrerá de tal forma que todo Brasil seja contemplado com a mudança até 2016.

(87) Nono dígito começa a valer neste domingo em 5 estados do N e NE. Sistema já vale para celulares de São Paulo, Rio e Espírito Santo. Ligações para telefones fixos não mudam.

A partir das 0h deste domingo (2), as ligações para celulares do Amapá, Amazonas, Maranhão, Pará e Roraima também deverão incluir o nono dígito. A medida, que já vale para os estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo, consiste em discar 9 antes dos outros oito número do telefone móvel.

Essa regra vale tanto para chamadas partindo de outros celulares, independente da operadora, quanto de telefones fixos, privados ou públicos. Também será preciso incluir o nono dígito para envio de mensagens de texto (SMS). As ligações para telefones fixos não mudam.

Para evitar confusão, está previsto um período de transição, que vai deste domingo até o dia 11 de novembro, em que tanto as chamadas para os celulares daqueles cinco estados serão completadas discando-se oito ou nove números.

A partir de 12 de novembro, quem discar apenas os oito dígitos vai ouvir uma mensagem sobre a necessidade de digitar o 9 na frente. Nesta fase, fica a critério da operadora completar ou não a chamada.

Já a partir de 10 de fevereiro de 2015, a mensagem de orientação não será mais ouvida e apenas as chamadas com o nono dígito serão completadas.

No caso das mensagens de texto, o convívio duplo vai acontecer apenas até 12 de novembro. Depois dessa data, vão funcionar apenas com o nono dígito. De acordo com a Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), as operadoras vão oferecer aplicativos para que os usuários façam a correção de suas agendas telefônicas. Esses aplicativos, porém, só funcionam em smartphones.

Cerca de 20 milhões de usuários nos cinco estados serão atingidos pela mudança. Somados aos de São Paulo, Rio e Espírito Santo, chega a 90 milhões os celulares que exigirão o nono dígito para serem chamados. O Brasil tem hoje cerca de 280 milhões de aparelhos ativos.

Restante do país

A Anatel informou que, até 2016, todos os celulares do país terão o nono dígito. Essa medida foi tomada devido à escassez da oferta de novos números em grandes centros, principalmente

em São Paulo e no Rio de Janeiro, mas será estendida ao restante do Brasil para padronizar os números e evitar confusão.

O cronograma prevê a implantação do nono dígito em Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí a partir de 31 de maio de 2015. Em 11 de outubro do ano que vem, começa a valer em Minas Gerais, Bahia e Sergipe.

A última fase de implantação acontece em 2016, mas ainda não tem data definida. Ela vai atingir os estados do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Rondônia, Acre, Goiás, Tocantins, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, além do Distrito Federal.

(Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/noticia/2014/11/nono-digito-comeca-valer-neste-domingo-em-5-estados-do-n-e-ne.html>)

Nossa análise inicia-se com a expressão deste domingo caracterizada como dêitica, pois seu referente depende do conhecimento dos interlocutores a respeito da data na qual a notícia foi escrita. Cumpre a função de *orientar a localização de um referente no tempo ou espaço*. Utilizamos nesta classificação uma das funções já sugeridas por Ciulla (2008), por considerarmos aplicável a este exemplo, além disso, esta função não poderia ser tão bem nomeada, já que se trata de uma função intrínseca às características das expressões referenciais dêiticas, quando estas se referem à orientação de tempo ou espaço.

Prosseguindo temos a expressão A medida que podemos considerar como uma anáfora encapsuladora, pois recupera de forma correferencial o mesmo referente através de uma expressão resumitiva. O referente dessa expressão encontra-se tanto na manchete da notícia, como no trecho posterior que descreve como ocorrerá tal medida. Este é um dos casos que Cavalcante (2011) consideraria como uma anáfora direta com função de anáfora encapsuladora. O ponto interessante aqui é: se utilizarmos apenas o critério formal, este seria um caso de anáfora direta, mas como um de nossos objetivos é definir os processos através das funções que estes desempenham no discurso, consideramos, então que esta expressão, mesmo apresentando características de outro processo referencial, trata-se de uma anáfora encapsuladora em virtude da função desempenhada, pois essa expressão reitera toda a ideia apresentada de se acrescentar o nono dígito aos números de telefones celulares, através de uma expressão. Assumimos, com isso, que tanto as anáforas diretas como as anáforas encapsuladoras encontram seus referentes no entorno discursivo. Defendemos que este processo se classifique como anáfora encapsuladora com função de *sintetizar uma ideia, atribuindo-lhe informação adicional*.

A expressão Essa regra recupera o mesmo referente da expressão A medida, porém, ela reitera de forma correferencial, o que a caracterizaria como uma anáfora direta. Porém essa interpretação seria equivocada, pois, na verdade, trata-se novamente de uma anáfora encapsuladora, devido à necessidade de retomar o trecho que fala sobre a colocação

do nono dígito nos números de celulares, visto que se trata do tópico central do texto e o autor não optar pela repetição (o que tornaria o texto enfadonho, repetitivo e sem progressão). Mais uma vez teremos a função de *sintetizar uma ideia, atribuindo-lhe informação adicional*.

Temos outra expressão a ser analisada: daqueles cinco estados. Trata-se de um dêitico, pois tem características deste processo, ao apontar para um referente a partir de um pronome demonstrativo. Porém, observamos que esta expressão, neste caso, além de dêitica, cumpre a função de anáfora direta, ao retomar o mesmo referente já citado anteriormente no texto, acrescentando-lhe uma pequena informação. Por seu caráter híbrido, trata-se de um dêitico textual. Apresenta, então, função de *Manter o tópico discursivo e promover a progressão textual*.

A expressão a mensagem de orientação configura-se como uma anáfora direta e apresenta a função de *promover a progressão textual*, pois, ao passo que retoma correferencialmente, acrescenta ao texto uma informação nova.

Mais uma expressão que poderia ser classificada como anáfora direta, mas não é devido à função desempenhada neste texto é a expressão O cronograma, pois consideramos que ela sumariza o evento detalhado anteriormente no texto, logo apresenta características definicionais das anáforas encapsuladoras e cumpre função de *resumir uma ideia, atribuindo-lhe informação adicional*.

As expressões: as ligações, o nono dígito e os oito dígitos, são retomados constantemente no decorrer do texto, todas com características de anáforas diretas com funções de *manter o tópico discursivo* e *destacar um referente no discurso*. Devido à importância destas expressões no texto.

6.3.2 Análise do gênero anúncio

Passaremos agora às análises do gênero anúncio. Apesar de este gênero já ter sido analisado neste trabalho, vamos analisá-lo agora não mais sob as perspectivas do trabalho de Ciulla (2008), nem partiremos do quadro de funções sugerido por ela. Realizaremos agora uma análise com o intuito de desvelarmos novas funções discursivas que sejam diretamente relacionadas ao gênero anúncio. Iremos, então, investigar, assim como fizemos no gênero notícia, a inter-relação entre as características dos processos referenciais, as funções discursivas e as características do gênero.

Observaremos as diferentes relações que se atualizam no gênero anúncio publicitário. Partiremos do pressuposto de que o propósito comunicativo do anunciante de

persuadir o consumidor motiva a utilização de vários recursos que são revelados a partir do desempenho que as funções discursivas realizam nos textos. Nesse processo de persuasão e convencimento, os processos referenciais que constituem o anúncio publicitário não são usados por acaso. A linguagem verbal e a não verbal formam um jogo de sentidos que objetivam atender a um propósito comunicativo. Desse modo, analisamos os anúncios a seguir com o intuito de compreender a relação existente entre os processos referenciais, as funções discursivas e o gênero textual.

Vejam os exemplos seguintes de número (88):

Figura 14 – Anúncio Belfort

(88)

A Belfort consolida a sua liderança em vendas por mais um ano graças à dedicação que ela oferece aos seus clientes. Sempre buscando a melhor negociação e o melhor atendimento. Sempre fazendo + por você.

VENHA CONHECER O LANÇAMENTO DO ANO

Novo Peugeot 408

Cinto de segurança salva vidas.

Av. Barão de Studart esquina c/ Av. Antônio Sales - (85) 4008.5333

Belfort
Sempre + para você

Fonte: <https://rafaellabotelh.wordpress.com/category/impressos/var-ejo/>. Acesso em: 15 set. 2014.

Este anúncio inicia com um texto escrito em um tipo de selo, representando a letra “o” do nome da loja, Belfort, no qual temos: “Líder de vendas Peugeot no Nordeste”.

Essa afirmação é sucedida pela oração de destaque do anúncio, por encontrar-se na parte superior e com letras grandes: “Conquistamos a liderança porque primeiro conquistamos você.” Temos na expressão a liderança a recuperação não correferencial da expressão “líder de vendas”, o que a caracteriza como uma anáfora indireta. Consideramos

neste caso que esta expressão cumpre função de *recuperar um referente dentro do texto de forma não correferencial*. Já a expressão você apresenta-se como um dêitico com função de *dialogar com o leitor*, pois, neste ponto do texto, há uma ênfase na comunicação direta com o leitor. Continuando a análise deste anúncio, temos ainda outro trecho: “A Belfort consolida a sua liderança em vendas por mais um ano graças à dedicação que ela oferece aos seus clientes. Sempre buscando a melhor negociação e o melhor atendimento. Sempre fazendo + por você.” Agora, temos as expressões A Belfort; a sua; ela, como anáforas diretas recuperando correferencialmente os mesmos referentes, sendo, respectivamente: Belfort, a liderança e Belfort. Estes cumprem a função de *manter o tópico discursivo e colocar o referente em destaque*. Enquanto que seus clientes; a melhor negociação e o melhor atendimento caracterizam-se como anáforas indiretas, cujos referentes encontram-se no conhecimento compartilhado com o leitor sobre o entorno discursivo de boas vendas. Consideramos que estas expressões cumprem função de *engajar o leitor no texto*. Ou seja, fazer com que o leitor compreenda as informações do texto sem, necessariamente o referente encontrar-se no cotexto. No gênero anúncio esta é uma estratégia argumentativa muito comum, pois o anunciante conta muito com o conhecimento de seus interlocutores como pressupostos para a interpretação das expressões referenciais presentes nos anúncios. Mais uma vez temos a expressão você, que novamente cumpre a função de *dialogar com o leitor*, pois, como um dêitico, referiu-se ao esperado leitor do anúncio.

Vejamos a seguir, mais um exemplo de anúncio de veículos que se utiliza de uma linguagem que dialoga diretamente com o leitor:

Figura 15 – Anúncio Kia

(89)

AGORA, VOCÊ PODE TER UM DAQUELES CARROS QUE TODO MUNDO AMA.
COM NOVO ACESSÓRIO IRRESISTÍVEL: O PREÇO.

SORENTO
Cód. S.560.23

Por 127.400,00
à vista + frete

- Motor 3.5L V6, 24V, 278CV a 6.500 RPM - Gasolina
- Transmissão Automática de 6 velocidades com opção de troca sequencial, autodidagativa
- Airbags frontais, laterais e de cortina (10 bolões)
- Sistema de injeção (MPI) e iluminação com controle de chamada no volante
- Câmera de 8M com visor no sistema multimídia
- Bancos para CV ocupantes
- Teto solar, rádio e gravador

CERATO
Cód. E.283.23

Por 59.900,00
à vista + frete

- Para-brisa com desembacador automático (Auto Defogging)
- Câmbio automático, autodidagativo, de 6 velocidades com troca sequencial por botão shift
- Rodas aço 17"

KIA

DISNOVE Av. Norte, 1525 - Espinheiro - 81.214-000
www.kia.com.br - 0800-0800000

Respeite os limites de velocidade.

Fonte: <http://peterillustra.blogspot.com.br/2010/06/feira-kia-orion.html>. Acesso em: 16 set. 2014.

Iniciamos a análise deste exemplo (89) com a expressão Agora. Esta expressão caracteriza-se como um dêitico, pois pode indicar uma referência de tempo, já que indica um fato atual. Neste anúncio, essa expressão desempenha a função de *fornecer credibilidade*, pois, como característica do gênero, há a necessidade de o locutor tornar-se confiável para que o cliente vá até seu estabelecimento. Neste caso, o locutor utilizou-se da recentidade da expressão “agora” para criar este efeito, o que em outros casos pode ser realizado através do emprego de verbos no presente do indicativo.

Temos a expressão você, que também está caracterizada como um dêitico, porém como um dêitico de pessoa. Neste caso, o referente vai variar sempre de acordo com o leitor do anúncio. Certamente, o locutor ao produzir o anúncio, pensou num público específico a ser alcançado, mas o pronome dêitico abre a possibilidade de vários referentes. Essa expressão apresenta função de *dialogar com o leitor*.

Ainda neste anúncio, encontramos na expressão daqueles carros, um dêitico que objetiva fazer com que o leitor traga à memória seu conhecimento sobre o que deveria ser um carro desejável, que todos tenham interesse em possuir. Essa expressão, além de persuadir o

leitor de que, nessa loja, é possível adquirir um bom carro, faz com que o leitor ative seus conhecimentos sobre o que deveria ser um carro que todos desejam. Isso promove a interação do anúncio com o leitor e revela que a expressão desempenha a função de *ativar na memória conceitos atemporais*, pois, para a sua compreensão, são ativadas informações relacionadas a conhecimentos gerais, significados de palavras e conhecimento enciclopédico.

Para finalizar a análise deste anúncio, temos na expressão com novo acessório irresistível um caso de anáfora indireta. Essa expressão e “o preço” são anáforas indiretas com relação ao referente carro já introduzido, mas, entre elas, “o preço” é correferencial com relação a novo acessório irresistível. Bem diferente das ocorrências que encontramos até agora, essa expressão, além de servir como recurso empregado para a ativação das informações necessárias para a adequada condução da linha argumentativa empregada no anúncio, promove sua progressão tópica. Deste modo, o acesso ao seu referente ocorre de forma prospectiva, ativando os conhecimentos do leitor acerca do que deveria ser um acessório irresistível; no caso de uma compra, um preço acessível sempre é decisivo para sua efetivação.

Consideramos que a função desempenhada por esta expressão anafórica indireta seja a de *ativar referentes novos*, pois, apesar de fazer parte do entorno discursivo de compra de veículos, o referente ativado por essa expressão ainda não tinha sido introduzido no discurso até o momento. O que é característica das anáforas indiretas que introduzem um referente novo com base no dado.

Vejamos, na sequência, o exemplo (90), mais um anúncio de vendas de carro:

Figura 16 – Anúncio seleção Chevrolet

(90)

A melhor seleção de preços, ofertas e prazos.
Não perca este lance.

SELEÇÃO Chevrolet

60 meses para pagar

VEÍCULOS CHEVROLET CONTE COMIGO

Fonte: <http://www.noticiasautomotivas.com.br/o-que-fazer-para-nao-pagar-comissao-na-hora-de-comprar-um-carro/>. Acesso em: 01 out. 2014.

Para a análise deste anúncio, observaremos a expressão este lance. Caracteriza-se por uma anáfora indireta e desempenha função de *retomar uma ideia, atribuindo-lhe informação adicional*.

Podemos considerar ainda que essa função de atribuição de informação é realizada através da introdução de um novo referente no discurso, sob a base de uma informação velha, como no caso da expressão este lance, que retoma um referente introduzido na sequência textual anterior e ainda serve para fazer com que o leitor associe a expressão lance às imagens presentes no anúncio que se referem ao jogo de futebol, que são o campo e um chaveiro representando uma bola de futebol.

Não há elementos suficientes no anúncio para esta afirmação, mas podemos dizer que este anúncio foi promovido no período em que ocorreu o maior evento futebolístico no Brasil, que foi a Copa do Mundo de 2014. Isso devido à presença das cores verde e amarelo e da expressão “seleção”, bem recorrentes em diversos gêneros durante o período do evento.

Vejamos mais um anúncio de carro cujos processos referenciais cumprem a função de *engajar o leitor no texto*, recurso que já consideramos bastante recorrente no gênero anúncio:

Figura 17 – Anúncio Jeep



Fonte: <http://www.estadao.com.br/jornal-do-carro/noticias/mercado,renegade-aparece-em-comercial-da-jeep,23014,0.htm>. Acesso em: 01 de out. 2014.

Este anúncio, exemplo (91), inicia-se com um diálogo: “Que legal, pai. Então, já posso marcar minha viagem pra Dubai?”. Podemos dizer que se trata de um diálogo que podemos inferir ser de um filho dirigindo-se ao pai, que supostamente economizou um bom dinheiro na compra de seu carro novo. Ao iniciar este anúncio com uma citação, o anunciante faz com que o leitor ative seus conhecimentos para realizar a compreensão desta expressão, que não é exatamente uma expressão referencial, mas que evoca vários referentes, como o de economia com o carro anunciado. Esse referente convocado ancora a expressão anafórica indireta “IPI reduzido na Sedan”, que também está amparada na frase: “Nem pense em deixar alguém saber que você vai economizar tanto”.

Quando, em um texto, há a necessidade de o leitor buscar informações extratextuais ou ativar elementos de sua memória para a interpretação de uma anáfora, acreditamos que isso ocorre porque o locutor tem a intenção de fazer com que o leitor entre em contato direto com o texto, construindo-o com elementos que se pressupõe que sejam compartilhados. Essa estratégia é bastante presente em anúncios, pois é uma forma de aproximar o leitor do texto, o que é fundamental neste gênero, que tem como principal objetivo persuadir seu público-alvo a adquirir o produto anunciado ou a ideia promovida.

Podemos, nesse anúncio, analisar a expressão minha viagem. Essa expressão introduz um elemento novo como se fosse dado. Sua compreensão está dispersa no contexto apresentado pelo anúncio e exige do leitor conhecimentos sobre este contexto; caso contrário, a elaboração do referente apresentado não será realizada. Pretende-se que o leitor compreenda que uma viagem para Dubai seja algo que já tenha sido assunto de conversas anteriores entre pai e filho. Certamente, a menção sobre o alto custo dessa viagem deve ter sido o tópico desta conversa, porém, ao saber que o pai economizou dinheiro na compra de seu veículo, o filho já adianta a seu pai que irá marcar a viagem. O mais interessante de tudo isso é que nada das pressuposições que acabamos de fazer está presente no cotexto: essa interpretação foi feita partindo de nossos conhecimentos, do modo como o anunciante espera que seus clientes o façam. Sempre há um objetivo a ser alcançado, um público específico a ser atingido. Os anunciantes não escrevem nada “por acaso”, tudo é elaborado exatamente para alcançar seus propósitos.

Como o anunciante sabe que está vendendo um carro considerado de luxo, ele sabe que seu público são pessoas de maior poder aquisitivo, logo uma viagem para Dubai pode fazer parte do contexto social dessas pessoas. Essa expressão tem função de *engajar o leitor no texto e promover uma recuperação prospectiva*.

Vejamos o próximo exemplo, também um anúncio de carros, mas que se destaca pelo fato de elaborar o referente, utilizando-se de várias anáforas correferenciais.

Figura 18 – Anúncio Honda

(92)

HONDA
The Power of Dreams

www.newcivic.com.br

CHEGOU O NEW CIVIC 2011. QUEM CONHECE O CIVIC NEM PENSA EM OUTRO CARRO.

Civic 2011
Civic 2008
Civic 2004

3 ANOS

Direto com assistência elétrica EPS

Motor i-VTEC FLEX com 160 cavalos

Troca de marchas, controle de áudio e piloto automático no volante

Ligue 0800-701-5432, descubra a Concessionária Honda mais próxima e faça um test drive.

HONDA

Fonte: <http://manualcontatudo.blogspot.com.br/2013/01/anuncios-publicitarios-antigos.html>. Acesso em: 02 out. 2014.

Este anúncio apresenta um pequeno texto no canto direito superior. Logo abaixo, a imagem do veículo anunciado em destaque. Do lado esquerdo temos uma imagem que representa um pai e um filho e um painel que serviu para anotar a evolução do crescimento do menino, fazendo uma relação com os anos em que foram lançados novos modelos do carro Honda Civic. Esta é a única relação que há com essa imagem, porém apresenta um dado importante: a imagem evidencia que, assim como o garoto evoluiu no crescimento, o carro evoluiu, com o passar dos anos, em qualidade.

A expressão referencial que analisaremos será a que está presente no cotexto, a expressão o Civic. Consideramos que esta expressão caracteriza-se como uma anáfora direta, pois recupera o mesmo referente introduzido pela expressão o new Civic. Esse referente foi repetido com a função de *destacar um referente no texto*. Esse tipo de retomada não é muito comum em anúncios, pois observamos uma recorrência maior de anáforas indireta, que exigem do leitor um contato mais direto com o texto, mas nem por isso o texto deixa de ser persuasivo. A repetição do referente, e até mesmo da expressão, lhe confere um maior destaque no texto e reafirma as qualidades do veículo, que já tem bastante credibilidade no mercado automotivo.

O exemplo (93) promove um evento de vendas de carros usados da marca BMW, vejamos a análise:

Figura 19 – Anúncio BMW

(93)



The advertisement features a close-up of a woman's face with blonde hair, looking slightly to the side. The text is arranged to the right of the image. At the bottom left of the image, there is small text: "You know you're not the first. But do you really care?". At the bottom right of the image, there is a small logo for "BMW Premium Selection".

**"Você sabe que não
é o primeiro.
Mas isso realmente
importa?"**

**BMW Premium Selection
Carros usados**

Fonte: <http://www.blogauto.com.br/bmw-voce-sabe-que-nao-e-o-primeiro-mas-isso-importa-mesmo/>. Acesso em: 02 out 2014.

Este exemplo inicia dirigindo-se diretamente ao leitor através do pronome você. Esta expressão dêitica cumpre a mesma função do olhar da modelo na imagem ao lado. Neste

ponto, acreditamos haver uma intenção de aproximar o leitor dos referentes construídos no texto. Também a frase feita você sabe, mais uma vez, chama e envolve o leitor para o texto, num movimento dêitico, ao mesmo tempo em que reativa na memória do leitor a ideia proposta pelo anúncio. Esta expressão inicial apela para a memória discursiva do leitor, pressupondo que ele reconheça exatamente o tema que está sendo abordado. Consideramos, então, que a expressão você cumpre a função de *dialogar com o leitor*. Continuando com a análise, temos a expressão referencial anafórica o primeiro, que apresenta no texto uma informação nova como se fosse dada (reforçando a expressão anterior “você sabe”). Caracteriza-se por uma anáfora indireta, que, neste caso, assume função de *engajar o leitor no texto*, o que é característica do gênero anúncio. Para esta mesma expressão, podemos dizer que ela cumpre função de *busca/ativação na memória*, conforme Koch (2004).

Além disso, há um terceiro movimento inferencial: quando lemos “o primeiro”, fazemos uma associação com a imagem da moça ao lado com pose sensual. Seria então esta mais uma função: *relacionar os elementos não verbais com os elementos verbais*.

Ainda neste exemplo, a expressão “o primeiro” também aparece com duplo sentido, pois, ao relacionarmos a imagem ao propósito do anúncio, que é vender carros usados da marca BMW, constatamos que, tanto no caso da moça, quanto no caso de um BMW, propõe-se que, mesmo sabendo que não será o primeiro, isso será irrelevante para determinado público. No caso da moça, deve-se ao fato de o referente de “o primeiro” estar relacionado com aquele que desvirgina. E, no caso do carro, refere-se à aquisição do veículo usado, por isso não é o primeiro. O anúncio prossegue indagando se isso seria relevante, afirmando, com isso, ser compensador possuir um BMW ou a garota, mesmo não sendo os primeiros. Há também, por trás desse anúncio, um discurso machista, pois trata a mulher como um objeto a ser adquirido. Podemos, ainda nesta linha, afirmar que há o discurso capitalista de possuir um objeto, no caso um veículo, para ser exibido como uma conquista, ou simples ostentação, mas este não é o foco desta análise.

Temos ainda o pronome isso, que sumariza a oração anterior “você sabe que não é o primeiro”, com função de *manter o tópico discursivo e sintetizar e retomar uma ideia já introduzida no discurso* e prosseguir com a ideia de que é irrelevante inaugurar um BMW, pois basta o privilégio de possuir um carro de luxo.

Vejam, a seguir, mais um anúncio que apela para o discurso machista e usa a imagem da mulher associada ao produto a ser consumido:

Figura 20 – Anúncio Devassa



Fonte: <http://eugeniotonelli.blogspot.com.br/2014/04/case-campanha-devassa-2013-primeira-vez.html>. Acesso em 02 out. 2014.

O exemplo (94) também inicia com o pronome você, buscando uma aproximação com o leitor. Os elementos linguísticos deste texto constituem uma pergunta ao público, especificamente, o masculino, apresentando o discurso machista ainda bastante presente nos anúncios de cerveja. Essa expressão, neste caso, cumpre a função de *dialogar com o leitor*.

Atentaremos, em nossa análise, para a expressão referencial sua primeira vez. Esta expressão deixa abertas duas possibilidades de interpretação: ou seria a primeira vez a tomar uma cerveja da marca *Devassa*, ou seria um apelo sensual do anúncio indagando quando seria a primeira relação com uma mulher com características que definem o termo devassa. A nosso ver, as duas interpretações não apenas são válidas como se complementam, tendo em vista que a função desta expressão no texto é de estabelecer essa relação entre as duas possibilidades. É através dessa expressão que associamos a imagem da mulher à imagem da cerveja, deixando clara a intenção do anúncio em afirmar que a cerveja é tão desejável quanto a mulher, cumprindo a função de *promover duplo sentido*.

Além disso, o anunciante faz uma relação direta entre a cerveja e a mulher representada na imagem por uma atriz, pela expressão uma devassa, que no texto apresenta característica de anáfora indireta com função de *relacionar os elementos não verbais com os elementos verbais*.

Modificando a temática dos anúncios, analisaremos a seguir um exemplo de um anúncio de um shopping, elaborado especificamente para divulgar uma promoção realizada no mês comemorativo do dia dos namorados.

Figura 21 – Anúncio West Plaza

1

*O amor uniu vocês dois.
Agora a sorte pode unir vocês
a um Nissan March.*

Shopping
West Plaza
www.westplaza.com.br
3677 4000

ALIANÇA
UNIVERSITÁRIA

DIA DOS NAMORADOS

Shopping
West Plaza
Sinta a Diferença.

CANAL 10, FST, CA, CERTIDÃO, MAFISA, magazineleite, KENNER, NISSAN

(95)

Fonte: <http://www.printecomunicacao.com.br/?p=17793#sthash.7ySRgjsM.dpbs>. Acesso em: 02 out 2014.

O anúncio, por meio da expressão “sorte”, sinaliza para a informação de que, a partir da realização de compras neste shopping, o cliente participará de algum tipo de sorteio para concorrer a um veículo do modelo March, da Nissan.

Mas a expressão que nos chama a atenção e que de fato analisaremos é vocês dois. Consideramo-la como dêitica, pois o referente será determinado no momento em que o leitor entrar em contato com o texto. Este é um recurso bastante utilizado em anúncios, inclusive já analisamos esta expressão com função semelhante à de *dialogar com o leitor*, mas esta, em especial, cumpre ainda outra função, pois, além de dialogar com o leitor, esta não se refere a todos em potencial, mas ela tem função de restringir a que público o anúncio quer alcançar. Essa função, elaborada por nós, foi revelada a partir da relação que fizemos entre o texto e a imagem.

Neste caso, como se trata de uma campanha criada para o dia dos namorados, o público a ser persuadido serão os casais em busca de um presente para o seu par. Porém acreditamos que essa estratégia argumentativa, ou poderíamos dizer “estratégia de marketing”, poderia ser utilizada colocando em destaque qualquer tipo de público de acordo com o interesse do locutor ou do público que quisesse alcançar, o que normalmente ocorre em datas comemorativas. Consideramos, então, que a expressão vocês dois cumpre a função de: *definir o público-alvo*.

Temos também, neste anúncio, a expressão dêitica agora com função de *oferecer credibilidade* ao anúncio, recorrendo à ideia de certeza que essa expressão evoca, pela indicação de tempo presente.

O anúncio que analisaremos a seguir também faz parte de uma campanha para o dia dos namorados. A princípio, não identificamos de que se trata o anúncio, pois, para sua compreensão, fazem-se necessários todos os elementos presentes no texto como um todo, desde os aspectos verbais aos não verbais.

Figura 22 – Anúncio Florense



(96)

Fonte: <http://www.mundodastribos.com/moveis-planejados/florense.html>. Acesso em: 02 out. 2014.

Este é um caso em que a imagem apresenta-se como fundamental para a compreensão da ideia que o anunciante quer passar. Ele quer demonstrar que essa marca de estofados, desde 1953, vem inovando e inspirando o dia dos namorados, o que nos faz intuitivamente relacionar à imagem de um casal sentado num sofá, cujo modelo é especificado logo abaixo da imagem por “loft space”. Essa relação nos leva a pensar o seguinte: de que modo um sofá poderia inspirar um casal de namorados? Podemos inferir, a partir das imagens apresentadas da expressão dos rostos e ainda a partir de todos os conhecimentos compartilhados que, os namoros mais tradicionais, ou de pessoas bem jovens, iniciam seus primeiros encontros no sofá da sala de casa, num ambiente bem familiar, por isso

há também a imagem de um garotinho que, certamente, está atrapalhando o namoro do casal, a se perceber pela expressão de descontentamento presentes no rosto deles.

Um dado interessante é que a roupa do garotinho tem os mesmos tons que a cor do sofá, o que nos permite fazer outra associação: quem está presente no primeiro encontro, o garotinho ou o sofá, ou mesmo ambos, já que a expressão e a imagem permitem as duas interpretações.

A nosso ver, neste anúncio, o processo anafórico está sendo realizado pela associação da imagem com os conhecimentos compartilhados com o leitor, o que promoveria uma anáfora correferencial, visto que o referente, que, no caso, seria um “primeiro encontro”, está sendo apenas retomado. Assumimos em nosso trabalho que a interpretação de uma anáfora está além de outros elementos no entorno discursivo e sua realização pode, inclusive, ser prospectiva. Consideramos, então, como expressão referencial o primeiro encontro, que é interpretada por conhecimentos que são ativados pela imagem e homologados no conhecimento compartilhado. Isso nos permite dizer que esta expressão cumpre função de *relacionar os elementos não verbais com os elementos verbais*.

O anúncio a seguir faz parte de uma campanha de uma empresa do ramo imobiliário que tem como objetivo prestar homenagem ao dia do corretor de imóveis.

Figura 23 – Anúncio Guarani imóveis



(97)

Fonte: <http://textoepublico.blogspot.com.br/2010/09/dia-dos-pais-novo-conceito.html>.
Acesso em: 10 out. 2014.

Neste caso, iniciamos esta análise com a expressão referencial ele. Este pronome caracteriza-se como uma anáfora indireta, pois introduz uma informação nova como se fosse dada e remete indiretamente ao homem, por meio da mão masculina que aparece na imagem.

O pronome ele sugere que as inferências necessárias à interpretação dessa anáfora nem sempre se construirão por pistas explicitadas no cotexto anterior, porém são apresentadas pistas textuais que ativam informações partilhadas pelos interactantes envolvidos na realização/interpretação desta anáfora indireta. Essa expressão poderia ser considerada como um dêitico, pois não há significado para esta expressão porém, neste anúncio, seu referente, apesar de estar disperso no contexto, pode ser identificado. Ele cumpre duas funções: primeiro, *relacionar os elementos não verbais com os elementos verbais* e, segundo, *promover uma recuperação prospectiva*. Podemos inferir que o pronome ele refere-se tanto à imagem que pressupomos ser a mão de um corretor, como ao texto que aparece logo abaixo em homenagem ao dia do corretor.

Temos ainda a expressão a peça, que, ao considerarmos todo o entorno discursivo do anúncio, incluindo os elementos visuais, podemos classificar como uma anáfora direta com sua âncora na imagem de uma chave que está apresentada anteriormente. Cumpre a função, assim como na expressão ele, de *relacionar os elementos não verbais com os elementos verbais*.

Prosseguindo com a análise, temos a expressão a realização de um sonho, que é introduzida no anúncio como se fosse dada. Isso ocorre porque o anunciante apela para a memória compartilhada com o leitor para a interpretação desta anáfora, que desse modo, caracteriza-se por uma anáfora indireta com função de *engajar o leitor no texto*. O leitor, com base em seus conhecimentos, poderá inferir que se trata da aquisição de uma casa própria, já que é bastante comum no mercado imobiliário a frase já quase cristalizada “o sonho da casa própria”, pressupondo a dificuldade que o brasileiro tem de comprar um imóvel.

O exemplo que analisaremos a seguir é um anúncio de uma construtora que, além de promover o serviço de seus corretores, homenageia-os como comemoração do dia do corretor.

Figura 24 – Anúncio Dias de Sousa

(98)

Para encontrar o imóvel dos seus sonhos,
ou você tem muita sorte,
ou um bom corretor.

Arlindo Castelo
CORRETOR DE IMÓVEIS
85 3086 7777

Esta homenagem tem endereço certo: o coração de quem nos ajuda, durante o ano inteiro, a construir dias de amizade, sucesso e muita emoção. Parabéns, Corretor. Não temos muita sorte em contar com a parceria de profissionais como você, que fazem questão de indicar as melhores oportunidades aos seus clientes.

27 de agosto,
Dia do Corretor.

DIAS DE SOUSA
CONSTRUINDO DIAS MELHORES

Fonte: <http://www.eventosimobiliarios.com/2010/08/27-de-agosto-dia-do-corretor.html>.
Acesso em: 10 out. 2014.

Iniciamos nossa análise pela expressão o imóvel dos seus sonhos, que, apesar de ser introduzido no texto, aparece como se fosse dado, o que compreendemos como estratégia persuasiva do anunciante de fazer com que o leitor faça parte do texto, construindo-o com elementos ativados em sua memória. Tendo em vista essas características, classificamos esta expressão como uma anáfora indireta cuja âncora se encontra no conhecimento interacional do leitor e no entorno discursivo ativado pelos elementos presentes no anúncio.

Desempenha a função de *engajar o leitor no texto*, pois é somente a partir dos conhecimentos compartilhados com o leitor que é possível inferir que “um imóvel dos sonhos” seja algo preexistente em sua memória discursiva. Além disso, essa expressão evoca através do conhecimento compartilhado com o leitor a dificuldade que o brasileiro enfrenta para adquirir sua casa própria por conta do baixo poder aquisitivo da maioria da população. Com isso, o anúncio também ressalta a importância do corretor de imóveis como facilitador deste processo. No caso do anúncio, podemos estabelecer a relação do referente de “sorte” com “o corretor de imóveis”, sendo, neste caso, uma anáfora indireta.

Temos também a expressão você, um dêitico com função de *dialogar com o leitor*.

Encontramos neste exemplo algo que nos chamou a atenção: as expressões muita sorte e bom corretor são interpretadas no texto através das imagens que se encontram logo abaixo de cada uma dessas expressões. A expressão muita sorte é completada pelas imagens de objetos que são popularmente conhecidos como amuletos que atraem sorte. E a expressão bom corretor é reelaborada pela imagem de um cartão de visitas. Desse modo, ambas as expressões são consideradas anáforas diretas com função de *relacionar os elementos não verbais com os elementos verbais*.

Analisamos, a seguir, mais um anúncio de uma empresa do ramo imobiliário, anúncio bastante prototípico com a imagem de uma bela casa e de uma família feliz dirigindo-se ao imóvel.

Figura 25 – Anúncio Start



(99) R. Barão de Itapira, 2.999 - Taquaral - Campinas / SP
19 3705-9555 - www.startimoveis.com.br



Confira nosso aplicativo para iOS e Android

Start negócios imobiliários

Fonte: <http://domma.com.br/blog/?tag=ccsp>. Acesso em: 10 out. 2014.

Apesar da simplicidade do anúncio, ele propõe algo relevante para nossa pesquisa, também comum em anúncios publicitários, não poderíamos deixar de analisar um anúncio com esta ocorrência. No texto principal do anúncio: “O ponto de partida para o imóvel dos seus sonhos”, temos a expressão O ponto de partida, que recupera de forma prospectiva o nome da empresa, Start negócios imobiliários. A expressão em inglês, que significa “comece”, é uma anáfora indireta, pois introduz um referente novo como se fosse dado e desempenha a função de *promover o nome da empresa*, pois a empresa quer vender a ideia de

que é através dos seus serviços que será possível para o cliente adquirir um imóvel. De outro modo, ele não conseguiria, só se dependesse demais da sorte.

Ainda temos a expressão o imóvel dos seus sonhos, uma anáfora indireta com âncora no conhecimento do leitor sobre o que seria um imóvel preexistente nos seus ideais. Assume a função de *engajar o leitor no texto*, pois, para a interpretação desta anáfora, faz-se necessário que o leitor ative seus conhecimentos e construa o referente.

Observemos, agora, este anúncio de uma seguradora:

Figura 26 – Anúncio Seguradora



Fonte: <http://www.encontrateresina.com.br/empresas/vilanova-corretora-de-seguro/>. Acesso em: 21 out. 2014.

Iniciamos nossa análise pela expressão dêitica Esse, que aponta anaforicamente para a imagem do bebê dormindo. Essa expressão tem função de *relacionar os elementos não verbais com os elementos verbais* com o intuito de vender a ideia de que, ao adquirir um seguro, o cliente terá um sono tão tranquilo como o sono de uma criança.

Na expressão seguinte: você, temos outro processo referencial dêítico que permite ao anunciante dialogar diretamente com seu leitor. Essa é uma estratégia bastante utilizada e bem recorrente em anúncios, como pudemos observar a partir de nossas análises na presente pesquisa. Essa expressão apresenta a função de *dialogar com o leitor*.

Por fim, temos a expressão tudo, que aparece num pequeno texto localizado na parte inferior do anúncio. Trata-se de uma anáfora encapsuladora, pois sintetiza em uma palavra uma série de referentes a serem construídos pelo leitor que representem elementos que lhes são de extrema importância. Neste caso, esta expressão assume a função de *sintetizar uma ideia*, função esta inerente às características definicionais das anáforas encapsuladoras.

Vejamos, a seguir, um anúncio de xampu:

Figura 27 – Anúncio Elsève L’oréal

(101)

Fonte: <http://www.fashionismo.com.br/2010/09/elseve-reparacao-total-5/>. Acesso em: 21 out. 2014.

Temos, neste anúncio de xampu, a presença da expressão referencial “reparação”, que caracteriza-se por uma anáfora indireta com relação à imagem e à logomarca. Essa expressão desempenha a função de *ativar referentes novos*. No caso, afirmar que o xampu não apenas irá reparar o cabelo, mas também irá transformá-lo. O referente se manifesta pela expressão “transformação”, sendo outra anáfora indireta.

A outra expressão a ser analisada será 5 problemas. Esta anáfora correferencial realiza-se através de um hiperônimo. Ela se refere aos cinco problemas que serão resolvidos através do uso deste produto. Os cinco problemas estão detalhados na lateral esquerda do anúncio; são eles: quebra, ressecamento, oleosidade, rigidez e pontas duplas. Esta expressão

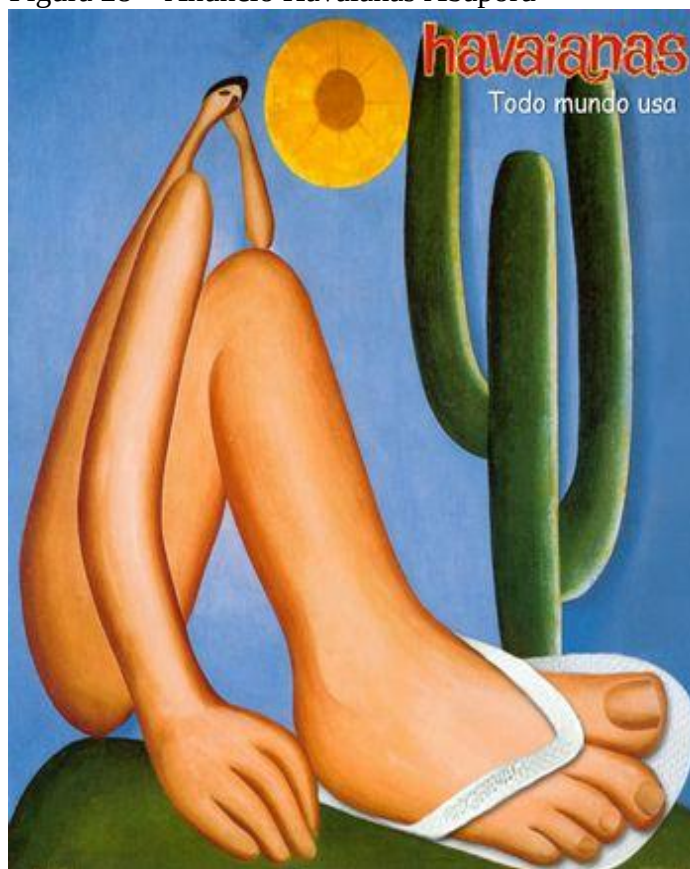
apresenta a função de *retomar uma ideia, atribuindo-lhe informação adicional*. Pois, além de retomar as expressões, acrescenta aos elementos retomados informação de que são problemas, recategorizando-os.

Por último, temos a expressão 1 solução, que trata-se de uma anáfora encapsuladora com função de *ativar referentes novos*. No caso deste anúncio, o referente é o próprio xampu, que será responsável pela solução dos cinco problemas mencionados no texto. O produto também é promovido pela imagem da modelo com cabelos impecáveis e pelo detalhamento das vantagens do produto.

O anúncio a seguir é um exemplo em que o visual tem mais destaque que o verbal. Para sua compreensão, de modo a alcançar o propósito do anunciante, fazem-se necessárias algumas informações. Esse anúncio foi criado para a campanha das Havaianas em comemoração aos seus cinquenta anos. Para comemorar a data, além de criar uma campanha específica, a marca abriu uma loja em Miami ainda em 2012. A expansão da marca para os Estados Unidos motivou a temática da campanha dos anúncios que fora intitulada “Havaianas pra gringo ver”.

Figura 28 – Anúncio Havaianas Abaporu

(102)



Fonte: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=43960>. Acesso em: 21 out. 2014.

A intenção da empresa era passar a imagem das Havaianas através da arte brasileira. Além dos anúncios, eles elaboraram peças nas quais a arte ganharia destaque. A imagem utilizada neste anúncio foi inspirada na obra *Abaporu*, de Tarsila do Amaral. Este é um dos quadros mais importantes já produzidos no Brasil. Tarsila pintou um quadro para dar de presente para o escritor Oswald de Andrade, seu marido na época. Quando viu a tela, ele se assustou e chamou seu amigo, o também escritor Raul Bopp. Ficaram olhando aquela figura estranha e acharam que ela representava algo de excepcional. Tarsila lembrou-se então de seu dicionário tupi-guarani e batizaram o quadro como *Abaporu* (o homem que come). Foi a partir deste evento que Oswald escreveu o Manifesto Antropófago e criaram o Movimento Antropofágico, com a intenção de “deglutir” a cultura europeia e transformá-la em algo bem brasileiro. Este Movimento, apesar de radical, foi muito importante para a arte brasileira e significou uma síntese do Movimento Modernista brasileiro, que queria modernizar a nossa cultura, mas de um modo bem brasileiro.

Semelhante à ideia trazida à tona pela obra *Abaporu*, que era destacar a arte genuinamente brasileira, está a ideia que este anúncio quer passar para o público do exterior - um produto que será divulgado fora do País sem perder os traços de sua origem.

Após toda esta contextualização das motivações e objetivos deste anúncio, queremos levantar alguns questionamentos importantes: será que, para a compreensão deste anúncio, o leitor deve conhecer todas estas informações? Será que há um conhecimento mínimo para sua compreensão?

Não iremos aqui descrever os aspectos cognitivos envolvidos nos processos anafóricos, pois isso exigiria um aporte teórico diferente do que estamos utilizando nesta tese. Mas observamos que qualquer abordagem da Cognição teria que considerar a instabilidade da negociação dos referentes na interação: o que pode ser compreensível para um indivíduo, para outro, pode não ser; a construção do referente dependerá do seu conhecimento adquirido ao longo de sua vida, e isso difere de pessoa para pessoa. Não podemos deixar de frisar que um anúncio como este contempla um público bastante específico, pois não traz informações tão comuns, mas, sim, conhecimentos específicos sobre arte moderna brasileira e o fato de as Havaianas abrirem uma loja no exterior.

Todas essas informações descritas por nós podem ser inferidas por elementos presentes no anúncio; não criamos nenhuma destas informações, apenas acionamos nossos conhecimentos a partir de elementos do texto, assim, nós, como leitores, também construímos, elaboramos e reelaboramos o referente. E, quanto aos leitores que não detêm o conhecimento necessário para a recuperação de todas estas informações, os referentes são

elaborados de outro modo, sem que se possam estabelecer as necessárias ligações entre todos os referentes evocados. Este é um exemplo em que o leitor tem grande participação na construção do referente, e isso, como já dissemos, serve para atrair a atenção do consumidor.

Com isso, temos a frase todo mundo usa, que pode ser interpretada, minimamente, pelo fato de ser um produto utilizado em todo o mundo. Ou, até mesmo, relacionar a expressão com a imagem “todo mundo usa”, inclusive o Abaporu. Classificamos essa expressão como uma anáfora indireta, pois consideramos os elementos extratextuais e o conhecimento compartilhado com o leitor como âncora para sua interpretação. Neste caso, essa expressão, em conjunto com sua imagem, desempenham as funções de *engajar o leitor no texto e relacionar os elementos não verbais com os elementos verbais*.

6.3.3 Análise do gênero artigo de opinião

Iniciaremos nossas análises no gênero artigo de opinião, com o intuito de buscar compreender as operações de construção discursiva desse texto. Na tentativa de convencer o leitor sobre um determinado ponto de vista, o autor de um artigo é levado a realizar diferentes estratégias discursivas, que se refletem na forma como os processos referenciais se realizam, assumindo diversas funções. Para isso, observaremos as relações que os constituintes de um artigo de opinião estabelecem entre os processos referenciais e suas funções discursivas. Essas análises nos permitiram verificar que o processo de sua produção implica o diálogo constante com o outro, o que tem como consequência a grande complexidade de sua organização discursiva.

Vamos às análises:

Este artigo de opinião traz em sua temática a importância da leitura e da escrita e argumenta que essas práticas indissociáveis devem ser ensinadas tanto na sala de aula como em casa. Durante todo o texto, os referentes relacionados à leitura e à escrita são retomados, e estes servem para promover a organização macrotextual.

(103) Formar escritores através da leitura

Wellington Queiroz Fernandes

Escrever e ler são duas ações conectadas que não podem se desvincular por ser cada uma o fulcro uma da outra, pois só há eficácia do sujeito numa ou noutra, pois, se este tiver boa desenvoltura principalmente na leitura, por exemplo, o destaque na produção de texto é notável. Já que a leitura traz práxis do conhecimento, aumento de experiências culturais, interação com a ortografia e enfim intimidade com os signos linguísticos, os quais são os instrumentos básicos e essenciais para produzir mensagens com sentido ou constituírem comunicação. Percebe-se que o hábito de ler traz desenvoltura na leitura. Talvez seja a falta desta cultura que faz com muitos na atualidade sejam

considerados analfabetos funcionais, pois apresentam dificuldades em compreender o que leem por não ser as letras ou signos um elemento usado constantemente. Destarte, é relevante enfatizar a importância de ler e escrever em sala de aula e em casa por ser a eficácia desta deriva da prática e dedicação diária, pois do contrário não há eficiência, o que por sua vez instiga os educadores a mudarem o seu papel enquanto mediadores e do mesmo modo a família por ser a primeira instituição da sociedade responsável pela formação do filho(a). Deste modo, tanto escola quanto família devem se dar as mãos para efetivação de novas metodologias no ato de ensinar ou formar educandos/filhos na leitura e na escrita. E a Unidade Escolar deve perceber estes saberes como algo dinâmico, prazeroso e não estático e enfadonho como tenho durante décadas através da ênfase na gramática, a qual é a estrutura da língua e não a linguagem utilizada cotidianamente pelos usuários da língua.

(Disponível em: <http://www.opovo.com.br/app/jornaldoleitor/noticiassecundarias/artigos/2014/11/07/noticiajornaldoleitorartigos,3344415/formar-escritores-atraves-da-leitura.shtml>)

Podemos observar as seguintes expressões: leitura, a leitura, o hábito de ler, na leitura, desta cultura, o que leem, de ler e na leitura, que se encontram no texto e recuperam de forma correferencial o mesmo referente. Todas são anáforas diretas com função de *manter o tópico discursivo*; apenas uma delas cumpre, além desta função, a de promover a *progressão textual*, a expressão desta cultura, pois mantém o tópico discursivo do texto e ainda lhe acrescenta uma informação.

Temos ainda a expressão ortografia, que se apresenta no texto como uma anáfora indireta, pois introduz um referente novo como de fosse dado, e sua interpretação se encontra no entorno discursivo apresentado anteriormente pelas expressões “Escrever e ler”. Assume a função discursiva de *recuperar um referente dentro do texto de forma não correferencial*. Na maioria dos casos, as anáforas indiretas recorrem a elementos extratextuais para sua compreensão, porém, neste caso, a busca pode ser realizada através de elementos presentes no contexto.

Destaca-se ainda a expressão os educadores, apresentada no texto como uma anáfora indireta, com seu referente no entorno discursivo introduzido pela expressão “em sala de aula”. Essa expressão apresenta função de *recuperar um referente dentro do texto de forma não correferencial e promover a progressão textual*.

Semelhante ao caso da expressão anterior, temos a expressão a família, também uma anáfora indireta com seu referente no entorno discursivo introduzido pela expressão “em casa”, assim como na análise anterior, apresenta função de *recuperar um referente dentro do texto de forma não correferencial e promover a progressão textual*.

Ainda fazendo relação com as expressões analisadas anteriormente, observemos o seguinte trecho: “tanto escola quanto família”, nas expressões escola e família temos anáforas indiretas recuperando a expressão os educadores e a família com função de *manter o tópico discursivo*. Também se referindo a estas expressões, temos educandos/filhos, que se

constituem anáforas indiretas. Classificamos essas expressões como anáforas indiretas com função de *recuperar um referente dentro do texto de forma não correferencial e promover a progressão textual*.

Por fim, temos a expressão estes saberes, uma expressão que sumariza toda a ideia que serve de tópico discursivo do texto. Trata-se de uma anáfora encapsuladora com função de *resumir uma ideia, atribuindo-lhe informação adicional*.

O artigo de opinião que analisaremos a seguir aborda a temática do preconceito dirigido aos nordestinos por conta da reeleição da presidente. A autora argumenta que esse preconceito é bastante incoerente, pois os estados que demonstram preconceito são os mesmos que exigem mudança e querem um Brasil melhor.

(104) Sobre o preconceitos com os nordestinos

Lia Ferreira Lemos,

Esse foi, certamente, o período mais intenso de campanhas eleitorais. Nunca vi candidatos tão fanáticos e obcecados para se atacarem e se destruírem, pelo simples fato de quererem estar no poder. E agora, com a reeleição do PT, nós nordestinos estamos sendo alvos de altas críticas na sociedade brasileira. A questão é que os outros estados parecem esquecer que o Brasil não é constituído apenas por eles. Eles que quiseram decidir a presidência, como se tudo dependesse apenas deles. Mas o Brasil é de todos: paulistas, mineiros, pernambucanos, gaúchos, cariocas, nordestinos. E o engraçado, é que as mesmas pessoas que dizem que querem mudanças, que querem um Brasil melhor e mais unido, são as primeiras a excluir uma região inteira pelo simples fato dessas pessoas terem expressado sua opinião. Terem deixado o voto que eles acham que melhorará nosso país. São os primeiros a praticar essa exclusão social e esse vergonhoso desrespeito. O Nordeste é uma região essencial para a nossa cultura, economia, e, principalmente, para o nosso Brasil. Somos parte dessa nação, e sempre seremos. Será preciso muito mais do que simples ataques internautas para nos tirar de onde estamos.

(Disponível em: <http://www.opovo.com.br/app/jornaldoleitor/noticiassecundarias/artigos/2014/11/04/noticiajornaldoleitorartigos.3342527/sobre-o-preconceitos-com-os-nordestinos-christus.shtml>)

Nossa análise inicia-se pela expressão dêitica Esse, referindo-se a um evento ocorrido anteriormente: o período eleitoral para presidência do Brasil. Essa expressão específica não se refere a qualquer período, mas toma como ponto de partida o referencial do leitor, ou até mesmo da data do jornal que o artigo de opinião fora divulgado. Este dêitico cumpre a função de *especificar um período de tempo determinado*. Com esta mesma função, temos a expressão agora, cuja localização temporal depende da percepção do leitor.

Vejamos a expressão a questão. Classificamos esta expressão como encapsuladora, pois sintetiza uma ideia; neste caso, a recuperação é prospectiva, pois a ideia resumida apresenta-se logo em seguida. Assume a função de *ativar referentes novos*, já que a expressão referida ainda não havia sido introduzida no discurso.

Nota-se ainda a expressão Ele, um pronome, que poderia caracterizar uma expressão dêitica, mas, no caso deste texto, ele recupera de forma não correferencial a expressão “outros estados”. A nosso ver, esta anáfora indireta assume a função de *recuperar um referente no texto de forma não correferencial*; a mesma função aparece na expressão a presidência, classificada como uma anáfora indireta.

Vejamos o trecho: “como se tudo dependesse apenas deles”. A expressão tudo recupera uma ideia que está dispersa no texto: todo o contexto ativado pela expressão a presidência. Classifica-se como uma anáfora encapsuladora, com função de *sintetizar uma ideia*.

Na oração, o Brasil é de todos: podemos observar neste trecho uma anáfora encapsuladora, com recuperação prospectiva, a expressão todos. No trecho seguinte, temos a apresentação detalhada dos estados dos quais a autora fala. Apresenta a função de *enumerar referentes de forma prospectiva*. Podemos observar ainda que esta expressão faz menção ao *slogan* do Governo Federal: Brasil, um país de todos. Com isso, a autora argumenta que, por ser um país de todos, o Brasil deve unir-se em um só propósito, que deveria ser promover um país melhor, em vez de promover o preconceito em relação ao povo nordestino.

Vejamos a seguir outro artigo de opinião que apresenta como temática o resultado das eleições presidenciais de 2014 no Brasil.

(105) Viva a liberdade de expressão!

Nilo Guerra

É depressivo o tom de agressividade que os cidadãos brasileiros demonstram nesse momento tão peculiar em nossa tentativa de democracia. A intolerância com o diferente aflora de dentro das máscaras sociais. O espírito animalesco e selvagem de busca pela sobrevivência (sobrevivência de quem) vem à tona, trucidando e passando por cima de quaisquer suspiros que se mostrem urgir ao contrário. Diferente do que a maioria possa pensar, esses caracteres não se enquadram apenas aos ditos desinformados e ignorantes que não estudaram ou não nasceram na casa dos homens bons. Muito pelo contrário. Representantes da categoria mais badalada da high society brasileira, os médicos, que em teoria são os mais bem informados, os que mais têm méritos neste país das contradições, verbalizam insanidades e verdadeiras ameaças contra a liberdade de expressão.

Doutores incendeiam seus glaucômicos estudantes a reproduzir desrespeitos nas mídias sociais, enquanto nos hospitais e clínicas particulares coagem seus funcionários e os pacientes mais humildades a votar no seu candidato de preferência. Infelizmente, esse é o cenário atual. Lutemos contra a intolerância! Viva a liberdade de expressão!

(Disponível em: <http://www.opovo.com.br/app/jornaldoleitor/noticiassecundarias/artigos/2014/10/21/noticiajornaldoleitorartigos,3334893/viva-a-liberdade-de-expressao.shtml>)

Para a análise deste artigo de opinião, que também aborda a questão dos preconceitos que surgiram em nosso país no período eleitoral, começaremos pela expressão A

intolerância, que neste texto pode ser caracterizada como uma anáfora indireta. Essa expressão retoma, através de um novo referente, o contexto social vivido pelo Brasil apresentado no início do texto, porém também apela para o conhecimento compartilhado com o leitor para a elaboração deste referente.

A nosso ver, essa expressão desempenha as funções de: *promover progressão textual, engajar o leitor no texto e retomar um referente através de emissão de juízo de valor*. Temos também, com essas mesmas características, a expressão O espírito animalesco e selvagem, que cumpre, a nosso ver, as mesmas funções. Expressões como essas são apresentadas ao longo do texto com o intuito de construir o viés argumentativo esperado pelo autor. Além disso, servem para destacar a subjetividade e opinião do locutor, traço característico do gênero artigo de opinião.

Ainda referindo-se a essas duas expressões, temos a expressão encapsuladora esses caracteres que sumariza as ideias contidas no entorno discursivo ativado pelas expressões A intolerância e O espírito animalesco e selvagem. Desempenha a função de *resumir uma ideia, atribuindo-lhe informação adicional*.

Vejamos agora a expressão Representantes da categoria mais badalada da high society brasileira. De acordo com nossa opinião, ela manifesta uma anáfora direta, embora seja de recuperação prospectiva do referente, essa expressão realiza-se no texto sob as traços que definem as anáforas diretas. Como nossa análise baseia-se na função que a expressão desempenha dentro do texto, iremos considerá-la como uma anáfora direta com função de *ativar referentes no discurso, atribuindo-lhes informações ou valor*. Logo em seguida, temos outra anáfora direta, recuperando o mesmo referente da expressão analisada anteriormente: Doutores, desempenhando as funções de *promover a progressão textual e destacar um referente no discurso*, pois retoma o mesmo referente, mas acrescenta uma informação nova, promovendo também a manutenção do tópico discursivo.

Para finalizar, temos a expressão a intolerância, que retoma correferencialmente a mesma expressão apresentada no início do texto. Essa anáfora direta assume a função de *manter o tópico discursivo e destacar um referente no discurso*. Interessante como o autor reelaborou esse referente ao longo do texto e, no final, o retomou novamente com o objetivo de lhe dar ênfase.

No exemplo (106), a autora expressa sua opinião sobre o comportamento da população de uma forma geral, afirma que a sociedade está muito violenta e sugere que o governo faça um trabalho maciço de ensino e divulgação de regras de boa convivência.

(106) Nossa sociedade incivilizada

Mônica Dourado Furtado

Gostaria de expor aqui algumas ideias de alguém leigo. Não sou cientista social, mas sou observadora do cotidiano.

Temos uma sociedade violenta, as emoções estão à flor da pele de cada um, sentimos uma agressividade latente em qualquer situação do dia a dia. No trânsito, no banco, no supermercado, enfim onde estivermos, perceberemos a falta de gentileza nas ações. As palavras mágicas: obrigada, com licença, desculpa, por favor, bom dia são obsoletas. A ordem do dia é ser desconfiado e rude. Quem for sensível irá sofrer e se sentir um extraterrestre.

Aí chegam meus pensamentos. Já que vivemos em uma sociedade infantil, onde as pessoas não sabem valores básicos de conduta e bons modos, então devem ser ensinadas. Melhor seria pelas famílias, mas isso não está acontecendo, então pela escola, também isso não está resolvendo. Portanto, as campanhas devem partir do poder público. Campanhas maciças de educação e gentileza ensinando como se portar no trânsito e em todos os momentos. Ao invés de apregoar o posto de saúde, que tal deixar as regras de boa convivência claras na televisão, no rádio, na internet? Acredito na educação, sem ela não teremos o Brasil que queremos e merecemos. Ao meu ver até as regras mais básicas, como não sujar a rua, devem ser escritas e divulgadas.

Vou dar dois exemplos: em Montevideu estive em uma livraria e lá estava escrito: quem estiver no café, não pode ler livros. Algo simples e efetivo. Na mesma cidade, em uma excursão de um dia, o guia foi claro ao dizer os horários e esclareceu que se alguém se atrasasse mais do que o horário dito, ficaria para trás. Resultado: todos foram pontuais e não houve problemas. Ou seja, regras ditas e cumpridas. Algo tem que ser feito, eu faço a minha parte, e você?

P.S. Nem tudo está perdido. Parabéns à Prefeitura por ter, enfim, consertado os bueiros que causavam uma enchente na Av. Rui Barbosa (mesmo com muita demora) e também tive resolvidas as trocas de lâmpadas da iluminação pública após reclamação. Acredito na cobrança e no “nunca desistir”.

(Disponível em: <http://www.opovo.com.br/app/jornaldoleitor/noticiassecundarias/artigos/2014/10/21/noticiajornaldoleitorartigos,3334885/nossa-sociedade-civilizada.shtml>)

Daremos ênfase em nossa análise para algumas expressões. Temos Logo no início do segundo parágrafo, a expressão as emoções caracteriza-se como uma anáfora indireta, pois introduz um referente novo como se fosse dado. Esse recurso argumentativo tem o objetivo de aproximar o leitor do texto e fazer com que ele construa o referente em conjunto com o autor, o que faz com que as ideias a serem expostas ao longo do texto sejam melhor aceitas pelo leitor, podendo até mesmo fazer com que este se identifique e concorde com os argumentos do autor. Cumpre função de *engajar o leitor no texto e estabelecer viés argumentativo*. Outra expressão presente no texto que desempenha estas mesmas funções é uma agressividade latente, que, apesar de ser introduzida por um artigo indefinido (critério formal que, para alguns autores, poderia descaracterizar o processo), classifica-se como uma anáfora indireta.

Vejamos a expressão As palavras mágicas – uma anáfora encapsuladora, cujos referentes se encontram na porção de texto posterior. Expressões como essa cumprem uma função de *ativar referentes novos e enumerar referentes de forma prospectiva*. A expressão posterior selecionada por nós: meus pensamentos, também se caracteriza como uma anáfora

encapsuladora, pois sintetiza uma ideia, que, neste caso, é recuperada de forma prospectiva. Essa expressão cumpre a função de *sintetizar uma ideia, ativar referentes novos e enumerar referentes de forma prospectiva*.

Temos, agora, a expressão as regras de boa convivência. Essa expressão caracteriza-se no texto como uma anáfora indireta, pois retoma um referente dado por um novo referente. Assume função de *promover progressão textual e ativar referentes no discurso, atribuindo-lhes informação ou valor*.

Por fim, a expressão dois exemplos caracteriza-se como uma anáfora encapsuladora com função de *ativar referentes novos e enumerar referentes de forma prospectiva*. A justificativa para a atribuição desta função já fora apresentada em exemplos analisados anteriormente.

O artigo de opinião a seguir defende a ideia de que a violência que se apresenta em nossa sociedade pode ser resolvida com educação e com o ensinamento de valores aos filhos, quando ainda pequenos. Toda a argumentação do texto gira em torno da premissa de que, se os pais souberem impor limites e regras aos filhos, estarão contribuindo para a formação de uma sociedade sem violência e sem outros comportamentos indevidos.

(107) Quando o berço virou carrões e brinquedos, armas de matar

Carlos Delano Rebouças

A importância da palavra “não”, para muitos, não é aferida, quanto ao seu real significado, na atual conjuntura do nosso planeta, quando nos referimos à educação e valores.

Muita gente prefere o “sim” ao “não” nos processos educativos, nas mais diversas relações, sejam familiares, seja profissional ou social. Passa a existir uma saída, uma escapatória, mais conveniente, na concordância sobre algo que na realidade, vai absolutamente de encontro ao que pensa e aos seus princípios. É o sim que pode redundar em muitos problemas, mas adiáveis.

Pais e responsáveis pela educação de filhos, netos, parentes e aderentes, em idade de formação, e se existe de fato idade para isso, pois sempre estamos propícios a transformações, cada vez mais se isentam das responsabilidades, atendendo vontades, em vez de necessidades.

Todo esforço é feito para as vontades sejam atendidas. Muitas vezes, completamente fora da realidade financeira da família, mas que prevalece é o atendimento ao pedido, pelo medo de se dizer um não, e com isso, acreditar que está fazendo muito pela criatura em questão. Pensa-se também que com isso, evita-se desvio de condutas e marginalização.

Jovens imaturos são presenteados com carros e motos, sem ao menos saberem o quanto custou. Não demora muito a transformar-se em armas, em suas mãos, tirando vidas, nas ruas. Revólveres de brinquedo, logo trocados por armas de fogo, letais, que na inconsequência típica da idade, ajudam a realizar mais conquistas, ilícitas. Pensamentos e comportamentos, transformados, devido a uma negativa não dada.

Fazer as vontades não é sinal de ser um bom pai ou uma boa mãe. Atender as necessidades, sim, representa na prática e na teoria, a postura correta e sensata de quem tem responsabilidade em contribuir para a formação de um cidadão. Saiba dizer um “sim”. Aprenda a dizer um “não”. Seja prudente e sensato ao analisar o momento certo de usá-los. Tenha sabedoria.

(Disponível em: <http://www.opovo.com.br/app/jornaldoleitor/noticiassecundarias/artigos/2014/10/20/noticiajornaldoleitorartigos,3334234/quando-o-beco-virou-carroes-e-brinquedos-armas-de-matar.shtml>)

Nossa análise também comentará sobre essas expressões, que serviram de base para a construção retórica deste texto.

Temos nas expressões o sim e o não retomadas não correferenciais do entorno discursivo que é apresentado no primeiro parágrafo do texto, considerado também como a apresentação da temática do texto (característica do gênero). Desse modo, essas expressões são consideradas por nós como anáforas indiretas que assumem função de *inserir subtópico no discurso*. Essa função justifica-se pelo fato de essas expressões introduzirem um novo referente no discurso como se fosse dado, promovendo a progressão textual e mantendo o tópico discursivo, que seriam também mais duas funções desempenhadas por essas expressões.

Como já mencionamos, no decorrer de todo o texto, observamos a presença das expressões o sim e o não. Inicialmente, elas se caracterizaram como anáforas indiretas, porém, nas retomadas posteriores, elas serão apresentadas como anáforas diretas com as expressões: o sim, o atendimento ao pedido, um não, uma negativa, Fazer as vontades, um “sim”, um “não”. Todas estão retomando o mesmo referente, porém sempre estabelecendo a movimentação textual pelo acréscimo de informações a esses referentes. Essa estratégia argumentativa muito bem organizada durante o texto, além de promover a coerência textual, ainda mantém o foco da atenção do leitor na ideia que o autor do texto quer defender. Essas expressões também fazem a organização macroestrutural e mantêm a temática em todo o texto. As funções desempenhadas por estas expressões são: *manter o tópico discursivo*, *promover a progressão textual*, *destacar um referente no discurso* e *estabelecer um viés argumentativo*.

Por fim, temos a expressão processos educativos, com características de anáfora indireta, pois retoma um referente apresentado anteriormente a partir de um novo. Esta expressão cumpre função de *inserir subtópico no discurso* e *ativar referentes no discurso*, *atribuindo-lhes informação ou valor*.

6.3.4 Análise do gênero Piada

Piadas são, na maioria das vezes, realizadas por textos breves e tratam de temas do nosso cotidiano. São textos narrativos que contam uma história com o objetivo de promover humor. São narradas situações cômicas, constrangedoras e engraçadas. As expressões referenciais mais recorrentes neste gênero são as que promovem manutenção do tópico discursivo e as que podem gerar uma quebra de expectativa de um evento que se esperava, o que observaremos nos exemplos a seguir:

(108) O significado dos sonhos

Uma mulher se levanta pela manhã, acorda o marido e lhe diz:

- Amor, tive um sonho maravilhoso. Sonhei que você me deu um colar de diamantes no meu aniversário. O que será que isso quer dizer?

O marido responde:

- Você vai saber no seu aniversário.

Chega o aniversário da esposa e o marido entra em casa com um pacote.

A mulher com as mãos trêmulas rasga nervosamente o papel, abre a caixa e encontra um livro, intitulado “significado dos sonhos”.

(Disponível em <http://www.piadas.com.br/>)

Iniciamos nossa análise pela expressão o marido, uma anáfora indireta que se refere ao contexto apresentado anteriormente pela expressão “uma mulher”, essa expressão tem função de *manter o tópico discursivo e promover a progressão textual*.

Em seguida temos a expressão um sonho, que retoma de forma não correferencial o contexto já apresentado, caracterizando uma anáfora indireta. Apresenta a função de *inserir subtópico no discurso*.

As expressões O marido, seu (aniversário), o aniversário da esposa e A mulher têm a função de recuperarem respectivamente seus referentes de forma correferencial, caracterizando-as como anáforas diretas. Essas expressões mantêm o tópico discursivo central do texto, que, no caso, é um sonho que a esposa conta ao seu marido sobre seu presente de aniversário. Os elementos que compõem esta situação são retomados ao longo da piada. Essas expressões têm função de *manter o tópico discursivo e destacar referentes no discurso*.

Ainda nesse texto, temos as expressões o papel e a caixa, que se referem ao entorno discursivo ativado pelas expressões *aniversário* e *pacote*, mesmo que inserindo novos referentes, sua função é ativar elementos já introduzidos no texto. São anáforas indiretas com função de *manter o tópico discursivo e inserir subtópico no discurso*.

Por fim, temos a expressão, que para nós, desencadeia o humor dessa piada. A quebra da expectativa que a esposa tinha de ganhar um colar de diamantes foi promovida pela expressão um livro, intitulado “O significado dos sonhos”, presente que seu marido lhe deu para ela interpretar o suposto sonho que ela teve com a joia. Essa expressão desempenha a função de *promover quebra de expectativa* por meio de uma anáfora indireta.

No exemplo a seguir temos uma das conhecidas piadas de Joãozinho, que envolvem, na maioria das vezes, o ambiente escolar, cujo principal personagem é um garoto chamado Joãozinho. Neste caso, a professora interroga o menino sobre o que aconteceria se ela cortasse sua orelha. O menino responde que ela ficará meio surda. Ela prossegue querendo saber o que aconteceria se ela cortasse a outra orelha, e o garoto responde que ela ficaria cega.

A professora, que esperava outra resposta, teve que aceitar o que Joãozinho disse: que ela ficaria cega porque não conseguia enxergar sem seus óculos. Vejamos a piada:

(109) Piada do Joãozinho e as perguntas da professora

A professora pergunta a um aluno:

- Vamos ver, Joãozinho! O que acontece se eu cortar uma orelha?
- A senhora fica meio surda!
- E se cortar a outra orelha?
- Aí fica cega, fessora!
- Cega? Por quê? - ela pergunta.
- Porque não tem onde segurar seus óculos.

(Disponível em <http://www.piadas.com.br/>)

A temática desta piada está organizada e mantida pelas expressões A professora, um aluno, Joãozinho, A senhora, fessora e ela, que são anáforas diretas com função de *manter o tópico discursivo e destacar referentes no discurso*.

Vejamos agora a expressão meio surda. Essa expressão retoma, de forma não correferencial, o *frame* que é ativado pela pergunta feita pela professora sobre o que aconteceria se ela cortasse uma orelha. Até este momento, a resposta de Joãozinho fora a esperada, já que se pressupõe que o corte de uma orelha comprometa a audição. Essa anáfora indireta tem função de *estabelecer relação de causa-consequência*.

Na continuação do questionamento da professora sobre o que aconteceria se ela cortasse a outra orelha, temos a resposta de que a professora ficaria cega. Essa anáfora indireta, que ocorre de forma prospectiva, tem a função de *promover quebra de expectativa*, pois esta não era a resposta esperada. A elaboração do humor inicia-se a partir desta quebra e será complementado ao buscarmos a âncora da expressão cega, que se encontrará posteriormente, o que justifica sua recuperação prospectiva, pois o referente surge depois da expressão anafórica.

A expressão seus óculos serve para comprovar a relação existente entre cortar as duas orelhas e, no caso da professora que usa óculos, ficar cega. Caracterizada como uma anáfora indireta, essa expressão cumpre a função de *relacionar referentes dispersos no discurso*.

É também na quebra de expectativa que se gera o humor neste outro exemplo de piada de Joãozinho:

(110) Piada do Joãozinho e a reza antes das refeições

A professora pergunta aos alunos:

- Quem aqui reza antes das refeições?

Todos levantam a mão, menos Joãozinho.

- Joãozinho! Você não reza antes das refeições?

- Não, fessora... Lá em casa não precisa! A minha mãe cozinha bem!

(Disponível em <http://www.piadas.com.br/>)

Esta piada já se inicia com uma expressão nova como se fosse dada A professora, que se caracteriza como uma anáfora indireta cuja âncora pode ser encontrada no entorno discursivo das piadas de Joãozinho. Tem função de *promover a progressão textual*. Outra expressão que possui essas mesmas características e cumpre essa mesma função é aos alunos, que tem sua âncora dispersa no entorno discursivo estabelecido pela expressão A professora.

As expressões Todos e Joãozinho são anáforas diretas, respectivamente, de alunos e Joãozinho, com função discursiva de *manter o tópico discursivo*.

Por fim, temos as construções “reza antes das refeições” e “cozinha bem” como principais responsáveis pelo humor desta piada, porém, como não são expressões nominais, não podemos classificá-las como expressões referenciais, embora reconheçamos a importância destes termos para a elaboração do humor e dos demais referentes dentro do texto.

Piadas como a que temos no próximo exemplo recorrem preferencialmente à memória discursiva do leitor, ao mesmo tempo em que o engajam no texto e na construção dos referentes.

(111) **Piada da imitação do Zequinha**

-Minha senhora, quer fazer o favor de pedir ao seu filho que pare de me imitar???

A mulher fala para o filho:

-Zequinha, eu já disse pra você parar de bancar o bobo!!!

(Disponível em <http://www.piadas.com.br/>)

Os referentes são introduzidos como se todos já fossem conhecidos, essa é uma estratégia para ganhar a audiência do leitor, aproximando-o do texto. Com isso, podemos dizer que as expressões Minha senhora e seu filho são anáforas indiretas com função de *inserir tópico discursivo a ser recuperado como dado na memória do leitor*.

Um homem pede a uma senhora que seu filho deixe de imitá-lo. A mãe do garoto prontamente retruca com o menino: “-Zequinha, eu já disse pra você parar de bancar o bobo!!!”

A expressão o bobo retoma o referente que seria do homem que pediu o favor à senhora, porém ele é recategorizado pela mãe do garoto que chamou o homem de bobo.

Esta expressão tem função de *ativar referentes no discurso, atribuindo-lhes informação ou valor e promover o humor*.

O exemplo (112) apresenta uma típica piada de loira; o humor desta piada consiste em contar histórias, ironizando o estereótipo da mulher segundo um discurso machista: desprovida de inteligência devido à cor do cabelo.

(112) Piada da loira e a viagem para o céu

Era domingo de manhã, todo mundo se encontrava na igreja daquela pequena cidade. Nisso o padre pergunta:

- Quem quer ir para o Céu?

-EU!! - gritam todos, exceto a loira da terceira fila, que fica calada, imóvel.

O padre, percebendo a atitude da loira, volta a perguntar:

- Quem quer ir para o Céu??

Novamente todos gritam, menos a mesma loira. Então o padre se aproxima dela e pergunta:

- Minha filha, por que você não quer ir para o Céu?

- Aii padre, querer eu quero, mas esta viagem está muito lotada e eu vou esperar a próxima.

(Disponível em <http://www.piadas.com.br/>)

Iniciamos nossa análise pelas expressões o padre e o Céu. Essas expressões são anáforas indiretas cuja interpretação se dá a partir da associação destas expressões a elementos já mencionados no texto. Neste caso, o referente encontra-se no frame que é ativado no texto que descreve o cenário: todos na igreja domingo de manhã. Essas expressões assumem função de *promover progressão tópica e recuperar um referente dentro do texto de forma não correferencial*.

Prosseguindo com o texto temos a expressão todos. A anáfora direta desempenha função de *manter o tópico discursivo*. Também as expressões a loira, O padre, da loira, o Céu surgem no decorrer do texto como anáforas diretas com função de *manter o tópico discursivo e destacar um referente*.

Por fim, temos a expressão esta viagem, que aparece no texto como uma anáfora encapsuladora com função de *resumir uma ideia, atribuindo-lhe informação adicional*, pois, de acordo com os pensamentos da loira, a “ida” para o céu é uma viagem para a qual todos irão. Esse pensamento também constitui uma quebra de expectativa, já que o esperado é que a loira desejasse ir para o céu e para isso apresentasse bom comportamento. Logo, essa expressão também desempenha a função de *promover quebra de expectativa*. Ainda sobre o mesmo referente, temos a anáfora direta a próxima, com a função de *manter o tópico discursivo e promover o humor*.

Vejamos, agora, esta piada que aborda a temática da eterna rivalidade entre gênro e sogra. Temos, neste caso, a história de um rapaz que foi visitar seu amigo que havia se casado recentemente. Ao chegar, percebeu que a casa do amigo havia sido projetada de modo que todos os cômodos fossem redondos. Ao perguntar ao dono da casa o motivo para essa escolha, o amigo respondeu que havia feito a casa com os cômodos redondos porque, antes de casar, sua sogra havia lhe pedido um “cantinho” na casa nova. Ou seja, arquitetou a casa daquela forma para que não houvesse chance de a sogra ir morar com ele:

(113) **Piada da sogra e a moderna casa redonda**

Um amigo vai visitar o outro recém-casado e observa a varanda redonda, a sala redonda, os quartos redondos, os banheiros redondos. Enfim, tudo redondo, até mesmo a cozinha é redonda. Ele exclama:

- Que inovação! Seu arquiteto foi muito ousado!

E ele todo orgulhoso:

- A ideia foi minha mesmo... Quando falei com minha noiva que iria construir uma casa, minha sogra pediu pra arrumar um cantinho pra ela!!!

(Disponível em <http://www.piadas.com.br/>)

A organização inicial desta ideia foi elaborada a partir dos referentes a varanda redonda, a sala redonda, os quartos redondos, os banheiros redondos e a cozinha é redonda, que são anáforas indiretas, pois recuperam de forma não correferencial a expressão que encontra-se no título da piada “casa redonda”. Apresentam função de *manter o tópico discursivo*, *inserir subtópicos no discurso* e *estabelecer referente a partir da associação das partes com o todo*.

A expressão ele aparece duas vezes no texto; a primeira vez se refere ao amigo e a segunda se refere ao dono da casa. Quando expressões como essa surgem no texto, pressupõe-se que seu acesso ao referente seja facilitado, ou já conhecido. No caso dessa piada, há a demonstração de interesse do locutor de aproximar o leitor do texto. Logo, a expressão ele nesse texto apresenta característica de anáfora indireta com função de *aproximar o leitor do texto*.

A expressão Seu arquiteto é uma anáfora indireta que recupera o *frame* da construção de uma casa redonda, apresentado anteriormente. Assume função de *promover progressão textual* e *inserir subtópico no discurso*. Ainda para o mesmo referente da construção de uma casa redonda, temos a expressão A ideia, com características de uma anáfora encapsuladora com função de *manter o tópico discursivo* e *sintetizar e retomar uma ideia já introduzida no texto*.

Ainda sobre este exemplo, temos as expressões minha noiva e minha sogra, que recuperam o referente introduzido anteriormente pelo contexto ativado pela expressão “recém-casados”. São anáforas indiretas com função de *promover progressão textual e inserir subtópico no discurso*.

Para finalizar, temos a expressão um cantinho. Essa anáfora indireta desencadeia o humor em conjunto com o entorno discursivo. Logo, assume a função de *promover o humor*.

A piada seguinte narra a história de um casal de velhinhos que, após quarenta anos de casados, querem saber um do outro se já foram traídos. Primeiro, o velhinho responde que traiu sua companheira uma única vez, com sua antiga secretária. Mas o humor ainda não se destaca nessa passagem. O que é mais engraçado e surpreendente é que a velhinha também havia traído seu marido, segundo ela, uma única vez: com o corpo de Bombeiros.

(114) **Piada de casais sorteada**

A velhinha pergunta para o marido moribundo: 'Meu bem, depois de 40 anos de casado, me satisfaça uma curiosidade. Você já me traiu alguma vez?' 'Sim, querida! Uma única vez! Lembra-se quando eu trabalhava na Nestlé, e tinha uma secretária chamada Margarida?' 'Sim, me lembro!' 'Pois é, aquele corpo já foi todinho meu!' - E após alguns segundos, ele pergunta: 'E você, minha velha, já me traiu alguma vez?' 'Sim, meu bem! Uma única vez! Lembra-se quando a gente morava na Vila Andrade, em frente ao Corpo de Bombeiros?' 'Sim... me lembro!' - responde o moribundo.' 'Pois é... aquele corpo já foi todinho meu!'

Disponível em <http://www.piadas.com.br/>

As expressões referenciais neste exemplo se destacam por, além de estabelecer a organização macro textual, estabelecem o humor ao longo do texto. A expressão Uma única vez, em sua primeira ocorrência, caracteriza-se como uma anáfora encapsuladora, pois sumariza a porção de texto subsequente, na qual o marido explica como se deu a traição. Apresenta função de *ativar referentes novos de forma prospectiva*. Ainda na explicação do marido, a expressão aquele corpo é anáfora indireta, por se referir à amante do marido através de um novo referente; neste caso, cumpre a função de *estabelecer referente a partir da associação das partes com o todo*.

Agora é a vez da velhinha responder ao marido, mas o engraçado é que ela se aproveita de todas as expressões referenciais utilizadas pelo marido para também relatar sua traição. Quando ela usa a expressão Uma única vez, também se utiliza de uma anáfora encapsuladora com função de *ativar referentes novos de forma prospectiva*. Então pergunta se o marido se lembra de quando moravam em frente ao Corpo de Bombeiros. Após ele afirmar que sim, ela lança a expressão aquele corpo, neste caso, diferente da resposta do marido, a expressão “aquele corpo” não se refere ao corpo de uma pessoa em particular, mas de uma

corporação militar. Quando ela diz aquele corpo, está falando no sentido coletivo e não individual, com a maior naturalidade, e é isso que traz o humor para o texto.

Essa expressão é enfatizada pela expressão seguinte todinho que do mesmo modo difere da explicação do marido, enquanto ele referia-se ao corpo da mulher como um todo, ela refere-se a todos os membros do corpo de Bombeiro, o que nos faz voltar para o início de seu relato, quando afirmara ter traído o marido uma única vez. Percebemos que há uma quebra de expectativa, pois se esperava também da velhinha apenas uma traição, mas para amenizar sua situação a senhora achou melhor, em sua explicação, colocar todas as traições em apenas uma expressão.

Na resposta da velhinha, a expressão aquele corpo classifica-se como uma anáfora direta, pois se referem correferencialmente ao Corpo de Bombeiros. Esse processo tem a função de *promover quebra de expectativa e promover humor*.

A próxima piada aborda a temática da infidelidade. Em nenhum momento, isto está explícito no texto, mas, pelo contexto descrito, podemos recuperar esta informação.

(115) **Piada de casais completa**

Um casal estava dormindo profundamente como inocentes bebês. De repente, lá pelas três horas da manhã, escutam ruídos fora do quarto. A mulher se sobressalta e totalmente espantada diz para o homem: - Aaaaaiiiiiii meu Deus, deve ser o meu marido! O cara se levanta espantadíssimo e peladão, pula como pode pela janela e cai em cima de uma planta com espinhos. Em poucos segundos volta e diz: - Desgraçada... teu marido sou eu!

(Disponível em <http://www.piadas.com.br/>)

Um casal está dormindo tranquilamente, quando, de repente, surge um barulho fora do quarto. A mulher grita com medo, dizendo que era o seu marido. O que se espera? Que, ao lado dele, esteja o seu amante e este tenha que sair correndo, antes que seu marido entre no quarto. Essa reação da mulher sugere que ela tinha o hábito de dormir com amantes e que tinha medo que seu marido a pegasse em flagrante. Por sua vez, o homem, suposto amante, sai correndo pelado e pula a janela. A quebra de expectativa é ocorre, quando, ao final, o homem volta e afirma ser o marido da mulher que estava dormindo. Mas por que ele saiu correndo quando a mulher gritou? Essa reação também sugere que este homem traía sua esposa com outras mulheres casadas.

As expressões A mulher, o homem, o meu marido e O cara são consideradas anáforas indiretas com função de *estabelecer referente a partir da relação de parte-todo*. Seu referente é recuperado pelo entorno discursivo ativado pela expressão “Um casal”.

Por fim, temos a expressão que quebra a expectativa e provoca o humor, a anáfora indireta teu marido e o dêitico eu, que têm as funções de *promover quebra de expectativa* e *promover humor*. Vejamos mais uma piada de casais:

(116) Piada de casais completa

O casal esta passeando no shopping e de repente a mulher pede que o marido lhe compre um lindo biquíni exposto em uma vitrina. - De jeito nenhum! - resmunga ele. - Com esse corpo de máquina de lavar? Nem pensar! Continuam o passeio, logo depois a mulher pede que o marido lhe compre um vestido. - Com esse corpo de máquina de lavar? Nem pensar! A noite, antes de deitar, o marido convida: - E aí, benzinho? Vamos colocar esta máquina de lavar para funcionar? E a mulher: - Para lavar esse pedacinho de pano? Nem pensar! Se quiser, lave-o à mão!

(Disponível em <http://www.piadas.com.br/>)

Essa piada sobre casais apresenta sua manutenção tópica realizada pelas expressões a mulher e o marido como anáforas indiretas recuperadas pelo contexto apresentado pela expressão casais. As expressões ele, a mulher e o marido são anáforas diretas recuperando as expressões anteriores e desempenhando as funções de *manter o tópico discursivo* e *promover a progressão textual*.

O humor dessa piada encontra-se mais explícito na expressão esse corpo de máquina de lavar, que é a expressão utilizada pelo marido para descrever o corpo de sua esposa; por causa do corpo redondo, o marido não iria comprar nem o biquíni nem o vestido. Essa expressão apresenta características de anáfora indireta e aparece duas vezes no texto com função de *atribuir características ao referente*.

A mesma função pode ser observada na expressão esse pedacinho de pano, que, além dessa função, também serve para *promover quebra de expectativa* e *promover humor*.

Na piada a seguir, aborda-se a fama de espertas e perspicazes atribuída às advogadas. Esta piada narra a história de uma advogada que, ao entrar num motel com seu amante, depara-se com seu marido saindo de lá com outra. Para se defender, simulou que tinha flagrado o marido intencionalmente e que ainda levava consigo uma testemunha. É uma narrativa curta com poucas expressões referenciais. Analisaremos, então, as mais pertinentes.

(117) Pior do que um advogado é... uma advogada!

Uma advogada vai entrando em um motel com seu amante, quando vê, de repente, seu marido saindo com outra.

Aí ela grita:

Ahááááá!!!!

- Maldito!

- Cafajeste!

- Cachorro!
 - Bem que me avisaram!
 - Te peguei, seu sem vergonha!
 - Seu safado!
 - E não adianta mentir não! Eu trouxe uma testemunha!
- Mulher tem arma que o cão duvida.

(Disponível em <http://www.piadas.com.br/>)

Temos a expressão seu amante caracterizada por uma anáfora indireta com recuperação no *frame* ativado pelo entorno discursivo da expressão “motel”. Esta tem função de *inserir subtópico no discurso*. O mesmo processo e a mesma função também podem ser atribuídos à expressão seu marido e outra.

Porém, o humor destaca-se mais quando a expressão seu amante é recategorizada pela expressão uma testemunha, que pode ser recuperada tanto pelo contexto do flagrante feito pela esposa no marido como pelo contexto presente na profissão de advogados que pressupomos se utilizarem dos métodos judiciais também em situações do cotidiano com mais frequência do que outros profissionais. Essa expressão apresenta características de anáfora indireta, neste texto, com função de *recategorizar um referente e promover quebra de expectativa*.

6.4 Apresentação dos resultados das análises

Após as análises feitas nesta seção da tese, apresentaremos nossos resultados. Inicialmente, mostraremos, de forma esquemática, quadros expositivos com as funções discursivas desempenhadas pelos processos referenciais em cada gênero analisado.

Através da exposição a seguir, poderemos contemplar quais funções discursivas são realizadas por cada processo referencial, dentro de cada gênero. Após cada quadro, elencamos, sem repetições de ocorrências, o conjunto de funções obtido com a análise.

6.4.1 As funções discursivas dos processos referenciais no gênero Notícia

Apresentaremos agora um quadro que elaboramos para apresentar as funções discursivas que encontramos a partir da análise feita no gênero notícia. Após o quadro, elencamos, sem repetições de ocorrências, o conjunto de funções encontradas neste gênero.

Quadro 4 – Funções discursivas dos processos referenciais no gênero Notícia.

Processos Referenciais	Funções discursivas na Notícia
Anáforas Diretas	- <i>manter o tópico discursivo;</i> - <i>destacar um referente no discurso;</i> - <i>promover a progressão textual.</i>
Anáforas Indiretas	- <i>inserir subtópico no discurso.</i>
Anáforas Encapsuladoras	- <i>sintetizar uma ideia, atribuindo-lhe informação adicional.</i>
Dêixis	- <i>orientar a localização de um referente no tempo ou espaço;</i> - <i>promover a progressão textual;</i> - <i>manter o tópico discursivo.</i>

Fonte: Elaboração própria.

Obtivemos com as análises feitas no gênero notícia as seguintes funções discursivas:

- *manter o tópico discursivo;*
- *destacar um referente no discurso;*
- *inserir subtópico no discurso;*
- *promover a progressão textual;*
- *orientar a localização de um referente no tempo ou espaço;*
- *sintetizar uma ideia, atribuindo-lhe informação adicional.*

6.4.2 As funções discursivas dos processos referenciais no gênero Anúncio

Para o gênero anúncio, apresentaremos o quadro a seguir com as funções desveladas na análise deste gênero.

Quadro 5 – Funções discursivas dos processos referenciais no gênero Anúncio.

Processos Referenciais	Funções discursivas no Anúncio
Anáforas Diretas	- <i>destacar um referente no discurso.</i> - <i>relacionar os elementos não verbais com os elementos verbais.</i> - <i>manter o tópico discursivo</i>
Anáforas Indiretas	- <i>promover duplo sentido.</i> - <i>relacionar os elementos não verbais com os</i>

	<i>elementos verbais;</i> - <i>promover uma recuperação prospectiva</i> - <i>engajar o leitor no texto</i> - <i>promover o nome da empresa</i> - <i>recuperar um referente dentro do texto de forma não correferencial</i>
Anáforas Encapsuladoras	- <i>ativar referentes novos</i> - <i>resumir uma ideia, atribuindo-lhe informação adicional.</i> - <i>sintetizar uma ideia</i>
Dêixis	- <i>dialogar com o leitor</i> - <i>ativar na memória conceitos atemporais</i> - <i>relacionar os elementos não verbais com os elementos verbais.</i> - <i>oferecer credibilidade</i> - <i>definir o público-alvo.</i>

Fonte: Elaboração própria.

Apreendemos as seguintes funções discursivas a partir das análises do gênero anúncio:

- *destacar um referente no discurso.*
- *relacionar os elementos não verbais com os elementos verbais.*
- *manter o tópico discursivo*
- *promover duplo sentido.*
- *promover uma recuperação prospectiva*
- *engajar o leitor no texto*
- *promover o nome da empresa*
- *recuperar um referente dentro do texto de forma não correferencial*
- *ativar referentes novos*
- *resumir uma ideia, atribuindo-lhe informação adicional.*
- *sintetizar uma ideia*
- *dialogar com o leitor*
- *ativar na memória conceitos atemporais*
- *oferecer credibilidade*
- *definir o público-alvo.*

6.4.3 As funções discursivas dos processos referenciais no gênero Artigo de opinião

O gênero artigo de opinião nos revelou as seguintes funções:

Quadro 6 – Funções discursivas dos processos referenciais no gênero Artigo de opinião

Processos Referenciais	Funções discursivas no Artigo de opinião
Anáforas Diretas	- manter o tópico discursivo; - promover a progressão textual; - destacar um referente no discurso; - ativar referentes no discurso, atribuindo-lhes informações ou valor;
Anáforas Indiretas	- recuperar um referente dentro do texto de forma não correferencial; - promover a progressão textual; - engajar o leitor no texto; - retomar um referente através de emissão de juízo de valor; - estabelecer viés argumentativo; - inserir subtópico no discurso; - ativar referentes no discurso, atribuindo-lhes informação ou valor;
Anáforas Encapsuladoras	- resumir uma ideia, atribuindo-lhe informação adicional; - ativar referentes novos; - sintetizar uma ideia; - enumerar referentes de forma prospectiva; - promover progressão textual; - ativar referentes no discurso, atribuindo-lhes informação ou valor;
Dêixis	- especificar um período de tempo determinado;

Fonte: Elaboração própria.

Com as análises do artigo de opinião, apresentamos as seguintes funções:

- manter o tópico discursivo;
- promover a progressão textual;

- destacar um referente no discurso;
- ativar referentes no discurso, atribuindo-lhes informações ou valor;
- recuperar um referente dentro do texto de forma não correferencial;
- engajar o leitor no texto;
- retomar um referente pela emissão de juízo de valor;
- estabelecer viés argumentativo;
- inserir subtópico no discurso;
- resumir uma ideia, atribuindo-lhe informação adicional;
- ativar referentes novos;
- sintetizar uma ideia;
- enumerar referentes de forma prospectiva;
- especificar um período de tempo determinado;

6.4.4 As funções discursivas dos processos referenciais no gênero Piada

Para este gênero, encontramos estas funções apresentadas no quadro a seguir:

Quadro 7 – Funções discursivas dos processos referenciais no gênero piada

Processos Referenciais	Funções discursivas na Piada
Anáforas Diretas	- manter o tópico discursivo; - destacar referentes no discurso; - promover o humor; - promover quebra de expectativa; - promover a progressão textual;
Anáforas Indiretas	- manter o tópico discursivo; - promover a progressão textual; - inserir subtópico no discurso; - promover quebra de expectativa; - estabelecer relação de causa-consequência; - relacionar referentes dispersos no discurso; - inserir tópico discursivo a ser recuperado como dado na memória do leitor; - ativar referentes no discurso, atribuindo-lhes informação ou valor; - promover o humor; - recuperar um referente dentro do texto de

	<i>forma não correferencial;</i> <i>- estabelecer referente a partir da associação das partes com o todo;</i> <i>- aproximar o leitor do texto;</i> <i>- recategorizar um referente;</i>
Anáforas Encapsuladoras	<i>- resumir uma ideia, atribuindo-lhe informação adicional;</i> <i>- promover quebra de expectativa;</i> <i>- manter o tópico discursivo;</i> <i>- sintetizar e retomar uma ideia já introduzida no discurso;</i> <i>- ativar referentes novos de forma prospectiva;</i> <i>- ativar referentes novos de forma prospectiva;</i> <i>- atribuir características ao referente;</i> <i>- promover humor;</i>
Dêixis	<i>- manter o tópico discursivo.</i>

Fonte: Elaboração própria.

Por fim, obtivemos as seguintes funções para o gênero piada:

- *manter o tópico discursivo;*
- *destacar referentes no discurso;*
- *promover o humor;*
- *promover quebra de expectativa;*
- *promover a progressão textual;*
- *inserir subtópico no discurso;*
- *estabelecer relação de causa-consequência;*
- *relacionar referentes dispersos no discurso;*
- *inserir tópico discursivo a ser recuperado como dado na memória do leitor;*
- *ativar referentes no discurso, atribuindo-lhes informação ou valor;*
- *recuperar um referente dentro do texto de forma não correferencial;*
- *estabelecer referente a partir da associação das partes com o todo;*
- *aproximar o leitor do texto;*
- *recategorizar um referente;*
- *resumir uma ideia, atribuindo-lhe informação adicional;*

- *sintetizar e retomar uma ideia já introduzida no discurso;*
- *ativar referentes novos de forma prospectiva;*
- *atribuir características ao referente;*

6.5 Apresentação dos resultados e proposta de um novo conjunto de funções discursivas

Apresentaremos a seguir um novo conjunto de funções obtido a partir das análises realizadas por nós nos gêneros notícia, anúncio, artigo de opinião e piada. Este conjunto pode responder a alguns de nossos questionamentos iniciais e motivadores desta pesquisa. Acreditamos que este trabalho corresponde a apenas um recorte do que na realidade são as ocorrências destes gêneros, mas os exemplares que analisamos dos quais apreendemos as funções que estão presentes neste novo quadro de funções discursivas foram suficientes para, em nossa pesquisa, verificar as hipóteses identificadas em momentos anteriores, ao pesquisarmos sobre o tema funções discursivas.

Ao longo de nossas análises, passamos por diversos questionamentos que nos fizeram mudar de metodologia diversas vezes, porém a que realizamos aqui nos pareceu suficiente para nossos propósitos.

No total de funções discursivas desveladas a partir deste exemplário, organizamo-las em torno de quatro categorias relacionadas a aspectos que foram comuns a determinadas funções. Colocamos na mesma categoria as funções que apresentavam traços semelhantes no tocante a sua realização.

As funções que se destacaram de forma efetiva na organização textual, movimento do texto e estabelecimento de coerência textual foram colocadas na categoria de “Organização macroestrutural do texto”; são as funções responsáveis pela manutenção do tópico discursivo, pela progressão textual, movimentando o texto de modo a retomar, ativar, reativar e destacar referentes no texto.

Na segunda categoria, ficaram as funções mais voltadas a fenômenos argumentativos. A categoria de “Orientação argumentativa”, da qual fazem parte aqueles funções que desempenham no texto um importante movimento persuasivo, no qual o leitor é convidado a fazer parte do texto e até mesmo construí-lo, elaborá-lo e reelaborá-lo a partir de seus próprios conhecimentos de mundo que sempre são acionados por processos referenciais que cumprem funções nesta categoria. Não fazemos, no entanto, um estudo mais acurado sobre a argumentação e suas teorias; estamos utilizando aqui argumentação no sentido amplo, embora não deixe de ser um tema bastante relevante para pesquisas posteriores. Consideramos

o fato de que expressões referenciais que desempenham funções deste grupo são capazes de trazer o leitor para dentro do texto. Constatamos, por nossas análises, que muitas vezes o leitor se torna autor do texto, ao passo que ele elabora o referente a partir de elementos que estão em sua memória adquirida ao longo de suas experiências de vida.

Constatamos, além disso, que, ao utilizar estas estratégias argumentativas, o autor do texto adquire maior audiência. Não por coincidência, estas funções se encontraram mais presentes em gêneros cujo propósito comunicativo é exatamente o de persuadir, convencer o leitor a fazer algo, seja comprar um produto, no caso do anúncio, seja defender uma opinião, como num artigo de opinião, como podemos observar em nossos resultados.

A terceira categoria, intitulamos “Funções recorrentes em cada gênero”. O primeiro ponto que queremos destacar é que as funções presentes neste grupo, detectadas em nosso exemplário, constituem um recorte da realidade, pois acreditamos que os processos referenciais completam-se apenas durante o uso e em situações concretas. Logo, nossa pesquisa não tem a intenção de afirmar que todos os gêneros citados de modo geral apresentem as funções discursivas atribuídas a eles em nossas análises.

Por outro lado, ao apresentar nos resultados de análise quais funções foram mais recorrentes em determinado gênero, numa pequena amostra de alguns exemplares do mesmo gênero, estamos atendendo a um de nossos primeiros objetivos, que era verificar se existiam funções discursivas mais recorrentes em determinados gêneros.

Com nossos resultados, percebemos que sim, por isso separamos uma categoria apenas para estes casos em que determinadas funções foram encontradas apenas em um gênero específico.

Em nossa amostra, não encontramos nenhuma função exclusiva do gênero notícia, por isso este gênero não aparecerá no quadro de funções obtidas.

Objetivávamos, também, ao realizar uma análise relacionando processo referencial – gênero – função discursiva, saber se as funções discursivas realizadas pelos processos referenciais dentro de um determinado gênero seriam influenciadas pelo propósito comunicativo a ser alcançado.

Verificamos que, além de as funções que constatamos serem recorrentes em um gênero, existem outras, que, no caso de nossa pesquisa, ocorreram em quase todos os exemplos. Ou seja, uma função que promove a orientação argumentativa certamente ocorrerá em qualquer gênero que tenha a necessidade do engajamento do leitor com o texto. Com isso, podemos afirmar que as funções discursivas são influenciadas pelo propósito comunicativo do gênero.

Outra consequência para esta constatação é a resolução de outro questionamento. Seriam as funções discursivas fornecedoras de características para um gênero ou seria o gênero determinante para o desempenho dos processos referenciais?

Com os resultados, inferimos que o gênero, para alcançar seu propósito comunicativo, recorre a diversos recursos que podem ser linguísticos, cognitivos, textuais ou interacionais. O produto final, que é a realização da interação, é o fator dominante, logo o gênero e suas características influenciam diretamente nas funções discursivas dos processos referenciais.

Sentíamos ainda a necessidade de testar se as funções discursivas desempenhadas pelos processos referenciais poderiam apresentar características específicas capazes de definir tais processos, para isso, teríamos que analisar uma série de exemplos relacionando as ocorrências nos gêneros dos processos referenciais e verificar se estes processos poderiam ser definidos de acordo com a função que desempenhavam.

Obtivemos, então, a categoria que chamamos de “Funções inerentes aos processos referenciais”. Ora, se conseguimos apreender funções que ocorrem apenas em determinados processos e esta função traz em sua caracterização as mesmas que definem tal processo, logo podemos afirmar que as funções discursivas desempenhadas pelos processos referenciais podem não apenas atribuir características, como podem também servir como critério definicional para os processos.

Separamos, então, nesta categoria as funções desempenhadas pelos processos referenciais já previstas em suas definições. Vejamos as funções:

6.5.1 Conjunto de funções obtidas

Organização macroestrutural do texto

- *manter o tópico discursivo;*
- *destacar um referente no discurso;*
- *inserir subtópico no discurso;*
- *promover a progressão textual;*
- *ativar referentes novos;*
- *ativar referentes no discurso, atribuindo-lhes informações ou valor;*
- *retomar um referente através de emissão de juízo de valor;*
- *relacionar referentes dispersos no discurso;*
- *inserir tópico discursivo a ser recuperado como dado na memória do leitor;*

- *ativar referentes novos de forma prospectiva;*

Orientação argumentativa

- *promover duplo sentido;*
- *engajar o leitor no texto;*
- *dialogar com o leitor;*
- *oferecer credibilidade;*
- *definir o público-alvo;*
- *aproximar o leitor do texto;*
- *atribuir características ao referente;*
- *estabelecer relação de causa-consequência;*
- *ativar na memória conceitos atemporais;*

Funções recorrentes em cada gênero

- Anúncio
 - *relacionar os elementos não verbais com os elementos verbais;*
 - *promover o nome da empresa;*
- Artigo
 - *estabelecer viés argumentativo;*
- Piada
 - *promover o humor;*
 - *promover quebra de expectativa;*

Funções inerentes aos processos referenciais

- Anáforas indiretas
 - *recuperar um referente dentro do texto de forma não correferencial;*
 - *estabelecer referente a partir da associação das partes com o todo;*
 - *recategorizar um referente;*
- Anáforas encapsuladoras
 - *sintetizar uma ideia*
 - *sintetizar uma ideia, atribuindo-lhe informação adicional.*
 - *promover uma recuperação prospectiva*
 - *enumerar referentes de forma prospectiva;*

- *sintetizar e retomar uma ideia já introduzida no discurso;*
- Dêixis
- *orientar a localização de um referente no tempo ou espaço;*
- *especificar um período de tempo determinado;*

Com estas novas funções a que chegamos após nossas análises, acreditamos ter possibilitado uma interessante reflexão teórica sobre a realização dos processos referenciais e suas funções discursivas dentro dos gêneros notícia, anúncio, artigo de opinião e piada.

Esperamos ter contribuído para a formação de novos critérios de análise para o estudo das funções discursivas dos processos referenciais, visto que constatamos que o desempenho dos processos referenciais varia a cada gênero.

Sabemos que outras possibilidades podem ser extraídas deste estudo e esperamos que esta pesquisa possa ter contribuído para os estudos linguísticos no campo da Referenciação.

Apresentamos no capítulo seguinte as considerações finais sobre a pesquisa realizada, enfatizando os pontos mais relevantes da análise, apontando dificuldades encontradas e sugestões para o preenchimento de lacunas deixadas. Por fim, comentamos o que consideramos como contribuições para pesquisas futuras.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciarmos esta pesquisa, tínhamos uma inocente vontade de estudar as funções discursivas como algo que representasse ou comportasse uma teoria suficiente para servir como critério definicional dos processos referenciais.

Uma das primeiras coisas que descobrimos foi que isso não era possível, já que o termo “Função discursiva” não é nem mesmo um tópico, mas, na verdade, configura-se como uma extensão dos estudos da Referenciação sobre os processos referenciais. Então, este foi outro fato que nos intrigou. Existem vários trabalhos que estudam as funções discursivas, mas nem sempre fica claro que o foco são essencialmente os processos referenciais, já que apresentam como tema as funções discursivas.

Além disso, houve uma crescente preocupação com os limites definicionais dos processos referenciais, em especial, das anáforas diretas, indiretas, encapsuladoras e da dêixis. Inúmeros trabalhos começaram a voltar-se para essa temática, tentando ora estabelecer critérios definicionais suficientes para separar um processo do outro, ora para ampliar essas concepções.

Tivemos como motivação inicial o estudo sobre os processos referenciais, mais especificamente, das anáforas indiretas, pois considerávamos os processos que exigiam um processo inferencial mais elaborado. Já havíamos estudado este processo em nossa pesquisa de mestrado, a qual discutiu a diferenciação entre as anáforas associativas e as anáforas indiretas. Fizemos uma longa reflexão sobre os processos e os critérios que definiam cada uma. Uma das constatações que obtivemos foi que os dois processos podem ser tomados como únicos, pois consideramos que os processos inferenciais, nestes dois casos, estabelecem um *continuum*.

Apesar desta constatação, sabíamos que ainda havia um longo caminho a ser percorrido se ainda quiséssemos estabelecer os critérios definicionais das anáforas, ou mesmo saber qual o limite entre a definição de um processo e de outro. Logo, pensamos numa possível solução para nossa inquietação. Passamos a nos questionar se a função discursiva desempenhada pelos processos referenciais poderia fornecer características distintivas entre os processos, já que passamos a considerar seus conceitos de forma ampla e as suas realizações efetivas como principais norteadores para o estabelecimento de suas definições.

Com este pensamento de verificar as funções discursivas dos processos anafóricos como critério definicional, iniciamos a presente pesquisa, e este fora o principal objetivo do nosso projeto, inicialmente qualificado pela banca.

Mas sabemos que as coisas começam a andar, a pesquisa de fato começa a evoluir quando começamos as análises.

Nossa pretensão inicial era analisar apenas as anáforas indiretas dentro, apenas, do gênero anúncio, mas, à medida que fomos observando os exemplos de anúncios, encontramos diversos casos extremamente interessantes envolvendo outros processos, além disso, o trabalho no qual nos baseamos, apresentava em suas análises todos os processos indistintamente, até porque não era objetivo da autora analisar os exemplos partindo das definições dos processos, tendo em vista que Ciulla (2008) os considerou apenas como processos referenciais, sem se preocupar (durante as análises) com os limites conceituais.

Logo, passamos a considerar, em nossas análises, quatro processos: as anáforas diretas, as anáforas indiretas, as anáforas encapsuladoras e a dêixis. Fizemos a busca pelas ocorrências destes processos, associando diretamente com as funções discursivas sugeridas pelo trabalho de Ciulla (2008). Como já discutimos no capítulo de análise, muitas das funções apresentadas pela autora não puderam ser relacionadas ao gênero anúncio. Com este dado importante, entendemos que, para termos uma real noção do comportamento dos processos referenciais, precisávamos ir mais longe.

Em vez de analisar apenas um gênero, resolvemos ampliar a análise para quatro gêneros: a notícia, o anúncio, o artigo de opinião e a piada - gêneros de comunidades discursivas bastante distintas, bem como com sequência textual e propósito comunicativo diferentes.

Com isso, vieram inúmeros questionamentos. O que passamos então a saná-los a partir das análises. Com o referencial teórico estabelecido, mergulhamos nos exemplos. A cada exemplo analisado, novas funções discursivas iam sendo desveladas. O que isso nos dizia? Quando Ciulla (2008) analisou o gênero conto literário e estabeleceu um quadro de funções, de algum modo, deixou entrever que aquelas funções estavam diretamente influenciadas pelas características do gênero e foi a partir disso que tivemos fôlego para prosseguir com nossa tese.

Ao iniciar nossa pesquisa, tínhamos como objetivo redefinir os critérios de análise das funções discursivas dos processos anafóricos por acreditarmos que os estudos da área ainda fossem insuficientes para dar conta de processos tão complexos quanto os processos referenciais. Apesar dos avanços em considerar os aspectos cognitivos e discursivos como

características definicionais das funções discursivas, ainda encontramos, nos estudos da área, relevância aos aspectos linguísticos-textuais, o que nos leva a crer que ainda há um vasto campo a ser explorado.

A Linguística, enquanto ciência, apresenta pesquisas muitas vezes teóricas, detendo-se em reflexões, refutações e questionamentos, o que é totalmente válido para que haja a progressão e o acréscimo nos estudos científicos. Mas, em nosso caso, sentimos a necessidade de estudar a teoria que encontramos e relacioná-la a dados empíricos. Vale ressaltar que os trabalhos da área nos serviram de base para construirmos nossa tese sobre as funções discursivas, porém, em nossa pesquisa, priorizamos os aspectos mais voltados para a interação, o que envolve os fatores cognitivos e discursivos mais de perto.

Para chegarmos às análises, tivemos que fazer um necessário percurso teórico, com a intenção de discutir alguns conceitos, ou mesmo critérios de análise que nortearam trabalhos anteriores sobre as funções discursivas.

Ao iniciarmos as reflexões sobre os principais trabalhos da área, verificamos que as funções discursivas inicialmente apresentadas por Koch (2004), que é uma das referências da área, são atribuídas aos processos referenciais de modo geral, ou seja, são elencadas as funções, porém a autora não estabelece relação com nenhum processo referencial específico. prontamente já observamos que estas funções desse modo estabelecidas não podem servir como critério para definir ou mesmo reorganizar os conceitos dos processos, pois a autora, apesar de ser adepta das definições distintas das anáforas, em seus estudos sobre as funções discursivas de tais processos, a eles não confere nenhum destaque.

Mesmo não os apresentando de forma separada e mesmo explícita, as funções discursivas, segundo Koch (2004), são fundadas nas definições de cada processo, por exemplo, quando a autora apresenta a função “ativação/reativação na memória”, ou mesmo “encapsulamento (sumarização) e rotulação”, assim como as demais que ela apresenta, são funções características e próprias aos processos. Neste caso, anáfora direta e anáfora encapsuladora, respectivamente. Então, o que se apresenta de novo? São exatamente essas funções que se configuram como traços distintivos dos processos referenciais e, mesmo assim, os processos não são citados.

Por isso, em nossas análises, partimos dos processos referenciais e, para tanto, destinamos boa parte deste trabalho refletindo, discutindo e determinando quais definições de cada processo adotaríamos, já que eles seriam o ponto de partida. Apenas essa escolha já revela, em nosso trabalho, que existem funções inerentes aos processos, uma das hipóteses que confirmamos com esta pesquisa. Ao iniciarmos as análises, partimos do pressuposto de

que cada processo tem suas características distintas, o que significa que as funções que encontraremos devem ir além de suas definições. Essas funções devem carregar também traços estabelecidos pelo gênero textual no qual ocorrem, outro fator desconsiderado por Koch, pois seus exemplos não consideram o gênero como influenciador do desempenho das funções discursivas.

Nos estudos sobre funções discursivas, Ciulla (2008) sugere, também partindo dos estudos de Koch, um novo quadro de funções discursivas, o que poderíamos considerar como um quadro aplicável aos processos referenciais de forma geral. Aderimos momentaneamente ao quadro inicial de Ciulla e fomos testar as funções em outro gênero, já que a autora analisara apenas no gênero conto literário. Tentamos relacionar cada função sugerida em seu quadro a um exemplo do gênero anúncio que apresentasse a mesma função.

Então, confirmamos a segunda hipótese, comprovando que as funções sugeridas no trabalho de Ciulla (2008) nem sempre podem ocorrer em outros gêneros. Algumas puderam ser associadas, tendo em vista que se tratavam de aspectos organizacionais da estrutura do texto, ou eram funções inerentes aos processos. Concluímos que, para nós, a principal contribuição do trabalho de Ciulla (2008) não foi a de criar um novo quadro de funções, mas, sim, a de suscitar a ideia de que existem funções específicas em um gênero.

E isso nos levou a outra constatação: levando em consideração a definição de gênero discursivo utilizada por nós, que apresenta como critério definicional do gênero discursivo a interação, o discurso e a situação sociocomunicativa, ao relacioná-la com a recorrência de função em determinado gênero, verificamos que o gênero tem grande influência no desempenho que as funções discursivas exercem no texto, podendo também, em algumas ocorrências, ser considerado como aspecto caracterizador de um gênero.

Apresentamos ainda, ao final da pesquisa, um novo quadro de funções discursivas dos processos anafóricos, reconsiderando os critérios de análise já sugeridos pela literatura da área. Obtivemos um quadro no qual consideramos, para a análise das funções discursivas, os critérios da organização macroestrutural do texto; a orientação argumentativa; as funções recorrentes ao gênero e as funções inerentes aos processos referenciais.

Diante das reflexões apresentadas em nosso trabalho, consideramos de extrema relevância novos estudos que contemplem o estudo das funções discursivas que se dedique de forma mais aprofundada sobre o processamento cognitivo e as inferências realizadas na elaboração/interpretação dos processos referenciais. Uma análise mais voltada para o indivíduo, e não para o texto, traria novas perspectivas para os estudos da referenciação.

Poderíamos ter nos dedicado à ampliação das análises, objetivando encontrar outras funções discursivas nos gêneros analisados, podendo também realizar análises considerando outros gêneros, ou mesmo um gênero específico de forma mais detalhada.

Outro possível desdobramento desta pesquisa diz respeito a sua contribuição para o ensino. Dentre as possibilidades encontradas, poderíamos sugerir as seguintes reflexões oriundas deste trabalho:

- a) Propor um modelo de análise para o estudo textual-discursivo dos gêneros, por exemplo: verificar como a argumentação no gênero anúncio tem um objetivo diferente do que encontramos no gênero artigo de opinião;
- b) Verificar como as funções discursivas desempenhadas pelos processos referenciais revelam a possibilidade de diferentes tipos de argumentação;
- c) Promover a difusão de estudos referenciais com enfoque nas funções sociocognitivas mobilizadas pelo leitor para a leitura de diversos gêneros textuais.

Encerramos esta pesquisa cientes de que não esgotamos as reflexões que podem ser feitas sobre os processos referenciais, as funções discursivas, bem como a relação destes com os gêneros textuais.

REFERÊNCIAS

ADAM, J. M. **Les texts**: types e prototypes. Paris. Nathan. 1992.

ADAM, J. M. De la période à la séquence. Contribution à une (trans) linguistique textuelle comparative. *In* : ANDERSEN, H.L., NØLKE, H. (Eds.). **Macro-syntaxe et macro-sémantique**. Berne: Peter Lang, 2002a. p.167-188.

ALVES, A.S.S. **Anáforas indiretas – uma rediscussão dos critérios classificatórios**. 2009. 115p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

APOTHÉLOZ, D. **Role et fonctionnement de l'anaphore dans la dynamique textuelle**. Genève: Droz. 1995a.

_____. **Rôle et fonctionnement de l'anaphore dans la dynamique textuelle**. 1995. 349 f. Tese (Doutorado) - Université de Neuchâtel, Neuchâtel, 1995a.

_____. Référent sans expression référentielle : gestion de la référence et opérations de reformulation dans des séquences métalinguistiques produites dans une tâche de rédaction conversationnelle. *In*: ENIKÖ, N. (ed). **Pragmatics in 2000**: selected papers from the 7th International Pragmatics Conference. Antwerp: International Pragmatics Association, 2001. v. 2, p. 30-38.

_____. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. *In*: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B; CIULLA, A. (orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 53-84.

APOTHÉLOZ, D.; REICHLER-BÉGUELIN, M-J. Construction de la référence et strategies de designation. *In*: BERRENDONNER, A; REICHLER-BÉGUELIN, M-J (eds). **Du syntagme nominal aux objets-de-discours**. Neuchâtsh : Université de Neuchâtsh, 1995. p. 227-271.

APOTHÉLOZ, D.; REICHLER-BÉGUELIN, M-J. Interpretations and functions of demonstrative NPs in indirect anaphora. **Journal of Pragmatics**, Elsevier, v.31, p. 363-397, 1999.

_____. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. *In*: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (org.) **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 53-84.

_____.; CHANET, C. Défini et démonstratif dans les nominalisations. *In*: MULDER, W. de; RYCK, L. T.; VETTERS, C.(eds.) **Relation anaphoriques et (in)cohérence**. Amsterdam: Rodopi, 1997. p.159-186.

_____.; CHANET, C. Definido e demonstrativo nas nomeações. *In*: CAVALCANTE, M.M.; RODRIGUES, B.B.; CIULLA, A. (orgs.) **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p.131-176.

ARIEL, M. **Accessing Noun Phrases Antecedents**. London: Routledge, 1990.

_____. Linguistic marking of physical givenness. In: **Second Colloquium on Deixis**. Nancy, 1996. Disponível em: <<http://www.loria.fr/~romary/Deixis/PapersDeixis>>. Acesso em: 23 mai. 2009.

_____. The linguistic status of the “here and now”. **Cognitive Linguistics**, London, v. 9, n.3, p.189-237, 1998. Disponível em: <<http://www.tau.ac.il/~mariel/wordoc/writings/ariel1998-HereAndNow.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2014.

_____. Accessibility theory: an overview. In: SANDERS, T.; SCHILPEROORD, J.; SPOOREN, W. **Text representation: linguistics and psycholinguistics aspects**. Amsterdam/Philladelphia: Benjamins, 2001, p. 29-89.

AUTHIER-REVUZ, J. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e estética**. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

_____. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BALTAR, M. **Competência discursiva e gêneros textuais: uma experiência com o jornal de sala de aula**. Caxias do Sul: Educus, 2004.

BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005.

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral**. Campinas: Pontes, 1988.

BERRENDONNER, A. Note sur la contre: inférence. **Cahiers de Linguistique Française**, Genève, v.7, p. 259-277, 1986.

_____. Anaphores confuses et objets indiscrets. In: SCHNEDECKER et al (ed). **L’Anaphore Associative**. Paris: Klincksieck, 1994a, p. 209-230.

_____. Anaphore associative et méréologie. **Recherches sur la philosophie et le langage**, Paris, v.16, p. 81-98, 1994b.

BERRENDONNER, A.; REICHLER-BÉGUELIN, M.-J. Accords “associatifs”. **Cahiers de Praxématique**, Montpellier, v. 24, p. 21-42, 1995.

BHATIA, V. K. **Analysing genre: language use in professional settings**. London and New York: Longman, 1993.

_____. **Worlds of written discourse a genre-based view**. London: Continuum, 2004.

BONINI, A. Os gêneros do jornal: o que aponta a literatura da área de comunicação do Brasil? **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 4, n. 1, p. 205-231, jul./dez. 2003.

BUHLER, K. The deictic field of language and deictic words. *In: JARVELLA, R.J.; KLEIN, W. (eds.) **Speech, place and action: studies in deixis and related topics.** New York: John Wiley and Sons, 1982. p. 9-30.*

CARVALHO, M. A. F. **O funcionamento textual-discursivo dos rótulos em artigos de opinião.** 2005. 297 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

CAVALCANTE, M. M. **Expressões indiciais em contextos de uso:** por uma caracterização dos dêiticos discursivos. 2000. 205 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.

_____. Demonstrativos - uma condição de saliência. *In: II CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 2., 2001, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: Boletim da ABRALIN, 2001. p. 358-361.*

_____. As nomeações em diferentes gêneros textuais. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 1, n.41, p. 127-140, 2001.

_____. Teoria e análise linguística: anáforas indiretas e relações lexicais. **Revista do GELNE - Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste**, Fortaleza, v.4, n. 1, 2002.

_____. Expressões referenciais: uma proposta classificatória. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 44, p. 105-118, 2003.

_____. Expressões referenciais: uma proposta classificatória; *In: CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. (orgs.). **Gêneros textuais e referenciação.** Fortaleza: Protexto - UFC, 2004. CD - Rom.*

_____. Subtipos de nomeação; *In: CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. (orgs.). **Gêneros textuais e referenciação.** Fortaleza: Protexto - UFC, 2004. CD - Rom.*

_____. Demonstrativos – uma condição de saliência; *In: CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. (orgs.). **Gêneros textuais e referenciação.** Fortaleza: Protexto - UFC, 2004. CD – Rom.*

_____. Anáforas encapsuladoras: traços peculiares aos rótulos. *In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, 21, 2006, São Paulo. **Anais ...** São Paulo: USP, 2006.*

CAVALCANTE, M. M.; KOCH, I. V. A acessibilidade de referentes no discurso. *In: CAVALCANTE, M. M. et al. (Org.). **Texto e discurso sob múltiplos olhares:** referenciação e outros domínios discursivos. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 9-39.*

_____. Referenciação e uso. *In: Encontro Internacional de Texto e Cultura, 1., 2008, Fortaleza. **Anais do Encontro Internacional de Texto e Cultura.** Fortaleza: Edições UFC, 2009.*

_____. **Referenciação:** sobre coisas ditas e não ditas. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

CHAROLLES, M. L'anaphore associative: problèmes de délimitation. **Verbum**, Genève, v. 13, n. 3, p. 119-148, 1990.

_____. Associative anaphora and its interpretation. **Journal of Pragmatics**, Elsevier, v. 31, 1999.

CIULLA, A. **Os processos de referência e suas funções discursivas**: o universo literário dos contos. 2008. 201f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

CONTE, M. E. Anaphoric encapsulation. **Belgian Journal of Linguistics**, Brussels, n. 10, p. 1-10, 1996.

COSTA, M. H. **Acessibilidade de referentes**: um convite à reflexão. 2007. 214 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

FISCHER, S. R. **História da Leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

FILLMORE, C. **Lectures on deixis**. Berkeley: University of California, 1971.

FONSECA, C.M.V. **Escavando o discurso e encontrando o sujeito**: uma arqueologia das heterogeneidades enunciativas. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

FRANCIS, G. Labelling discourse: an aspect of nominal-group lexical cohesion. In: COULTHARD, M. (ed.). **Advances in written text analysis**. Londres: Routledge, 1994. p. 83-101.

JAGUARIBE, V. M. F. **A recategorização no texto literário**: as negociações discursivas em poemas. 2005. 75 p. Projeto de Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

JUBRAN, C. A. S.; KOCH, I. V. (Orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil**: construção do texto falado. Campinas: Ed. Unicamp, 2006.

KLEIBER, G.. Pour une explication du paradoxe de la reprise immédiate. **Langue Française**, Paris, v.72, p. 54-79, 1986.

_____. **La sémantique du prototype**: catégories et sens lexical. Paris: Presses Universitaires de France.1990.

_____. Anaphore associative, pontage et stéréotypie. **Linguisticae Investigationes**, Paris, v. 17, n. 1, p. 35-82, 1993.

_____. Discours et stéréotypie. In: SCHNEDECKER, C. et al (ed). **L'Anaphore Associative**. Paris: Klincksieck, 1994a. p. 93-116.

_____. Anaphore associative, antécédent et définitude. In: SCHNEDECKER et al (ed). **L'Anaphore Associative**. Paris: Klincksieck, 1994 b, p. 73-153.

_____. **Anaphora, discourse, and understanding:** evidence from English and French. New York: Oxford University Press. 1999.

_____. Référence discursive et accessibilité cognitive. **Verbum**, Genève , v.22, n. 1, p. 3-16, 2000.

_____. **L'anaphore associative**. Paris: PUF. 2001.

KLEIBER, G.; SCHNEDECKER, C.; UJMA, L.. L'anaphore associative, d'une conception l'autre. In: SCHNEDECKER, C. et al (ed.). **L'anaphore associative**. Paris: Klincksieck, 1994. p. 4 - 64.

KLEIBER, G.; PATRY, R.; MÉNARD, N.. Anaphore associative: dans quel sens "roule-t-elle? In : SCHNEDECKER, C. et al (ed). **L'Anaphore Associative**. Paris: Klincksieck, 1994. p.129-150.

KOCH, I. V.; MARCHUSCHI, L. A. Processos de referenciação na produção discursiva. **DELTA**, São Paulo, v.14,1998.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Introdução à linguística textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. Linguagem e cognição: a construção e reconstrução de objetos-de-discurso. **Veredas :Revista de Estudos Linguísticos**, Juiz de Fora, v. 6, n. 1, p. 29-42, 2004.

_____. Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão referencial. In: NEGRI, L.; FOLTRAN, M. J.; OLIVEIRA, R. P.de. (Org.). **Sentido e significação:** em torno da obra de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004b. p. 244-262.

_____. Referenciação e orientação argumentativa. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (orgs.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 33-52.

LAGE, N. **Ideologia e técnica da notícia**. Petrópolis: Vozes, 1979.

LAHUD, M. **A propósito da noção de dêixis**. São Paulo: Ática, 1979.

LEVINSON, S. C. **Pragmática**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

LIMA-NETO, V. **Um estudo da emergência de gêneros no facebook**. 2014. 318 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

LIMA, T. S. **Construção de cadeias referenciais em narrativas escritas por alunos da 8ª série do ensino fundamental**. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

LUSTOSA, E. **O texto da notícia**. Brasília: Ed. UnB, 1996.

LYONS, J. **Semantics**. 2. ed. London: Cambridge University Press, 1977.

MAINGUENEAU, D. **Linguistique pour le texte littéraire**. Paris: Armand Colin, 2007.

MARCUSCHI, L. A. Aspectos da progressão referencial na fala e na escrita no português. *In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE LÍNGUA PORTUGUESA EM BERLIM*. 1., 1998, Berlim. **Anais...**, Berlim, 1998.

MARCUSCHI, L. A.; KOCH, I. G. V. Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua falada. *In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, Â. C. S. (Orgs.). Gramática do português falado: novos estudos descritivos*. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 2002. p. 31-56.

_____. Anáfora Indireta: o barco textual e suas âncoras. **Revista Letras**, Curitiba, n. 56, p. 217-258, jul./dez. 2001.

_____. Atos de referenciação na interação face a face. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v.41, p. 37-54, 2001.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.) Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002a. p. 19-36.

_____. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. *In: KARWOSKI, A.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Org.). Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Palmas: União da Vitória: Kaygangue, 2005. p. 17-33.

MARCUSCHI, L. A. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. *In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (orgs.). Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 53-101.

MARTINS, E. **Manual de redação e estilo**: O Estado de S. Paulo. 3. ed. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1997.

MATOS, J. G. **As funções discursivas das recategorizações**. 2005.142 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

MILLER, C. Comunidade retórica: a base cultural do gênero. *In: DIONÍSIO, A. P.; HOFFNAGEL, J. C. (Org.). Estudos sobre gênero textual, agência e tecnologia*. Recife: EDUFPE, 2009b. p. 21-44.

MILNER, J. C. Reflexões sobre a referência e a correferência. *In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (orgs.). Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 85-130.

MONDADA, L. Formes de séquentialité dans les courriels et les forums de discussion: une approche conversationnelle de l'interaction sur Internet. **Recherche**, Genève, v. 2, n. 1, p. 3-25, 1999.

MONDADA, L. e DUBOIS, D. Construction des objets de discours et catégorisation: une approche des processus de référenciation. **Travaux Neuchâtelois de Linguistique**, Genève, n. 23, p. 273-302, 1995.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M; RODRIGUES, B; CIULLA, A. (orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p.17-52.

MÜSSELER, J. & RICKHEIT, G. Inferenz-und referenzprozessen bei der textverarbeitung. In: FELIX, K. S. W.; RICKHEIT, G. (eds.) **Sprache und Wissen: studien zur kognitiven linguistik**. Opladen: Westdeutscher Verlag, 1990.

PINHEIRO, C. L. **Estratégias textuais-interativas**: a articulação tópica. Maceió: EDUFAL, 2005.

PINHO, J. B. **Propaganda institucional**: usos e funções da propaganda em relações públicas. São Paulo: Summus, 1990.

POSSENTI, S. **Os humores da língua**: análise linguística de piadas. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

SANT'ANNA, A. **O estudo das comunicações e a propaganda**. São Paulo: Pioneira, 1989.

SCHUDSON, M. Porque é que as notícias são como são. **Revista de Comunicação e Linguagens**, Lisboa, n. 8, 1988.

SCHWARZ, M. **Indirekte anaphern in texten**: studien zur domängebundenen referenz und kohärenz im Deutschen. Tübingen: Niemeyer, 2000.

SOARES, R. L. Jornalismo entre gêneros: ciência e ficção. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO (INTERCOM), 22., 1999, Rio de Janeiro. **Anais ...** Rio de Janeiro: Intercom, 1999.

SOUSA, M. M. F. **A organização textual-discursiva dos anúncios de turismo no Ceará**. 2005. 212p. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

SOUSA, M. M.; LOPES, A. K. C. As sequências textuais e os processos de referenciação anafórica no gênero anúncio. In: CAVALCANTE, M. M. *et al* (orgs). **Texto e discurso sob múltiplos olhares**: gêneros e sequências textuais. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 219-249.

SWALES, J. M. **Genre Analysis**: English in academic and research settings. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

VAN DIJK, T. A. **La noticia como discurso**: comprensión, estructura y producción de la información. Barcelona: Paidós Comunicación, 1990.

_____. Estruturas da notícia na imprensa. In: VAN DIJK, T. A. **Cognição, discurso e interação**. São Paulo: Contexto, 1992.

VASCONCELOS DE SÁ, J. O. **As funções cognitivo-discursivas das anáforas encapsuladoras**. 2007. 107 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

_____. **Argumentação e processo referencial anafórico no anúncio publicitário de cosmético**. 2014. 191 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

ZAMPONI, G. **Processos de referenciação: anáforas associativas e nominalizações**. 2003. 265 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos Linguísticos da Universidade de Campinas, Universidade de Campinas, Campinas, 2003.

REFERÊNCIAS DAS ILUSTRAÇÕES

ANÚNCIO BMW. Altura: 403 pixels. Largura: 604 pixels. 46,98 Kb. Formato JPEG. Disponível em: < <http://www.blogauto.com.br/bmw-voce-sabe-que-nao-e-o-primeiro-mas-isso-importa-mesmo/>>. Acesso em: 02 out. 2014.

ANÚNCIO Concessionária. Altura: 600 pixels. Largura: 629 pixels. 94,48 Kb. Formato JPEG. Disponível em: < <http://www.noticiasautomotivas.com.br/o-que-fazer-para-nao-pagar-comissao-na-hora-de-comprar-um-carro/>>. Acesso em: 01 out. 2014.

ANÚNCIO Devassa. Altura: 166 pixels. Largura: 320 pixels. 257,68 Kb. Formato JPEG. Disponível em: < <http://eugeniotonelli.blogspot.com.br/2014/04/case-campanha-devassa-2013-primeira-vez.html>>. Acesso em: 02 out. 2014.

ANÚNCIO Florense. Altura: 511 pixels. Largura: 867 pixels. 281,76 Kb. Formato JPEG. Disponível em: < <http://www.mundodastribos.com/moveis-planejados-florense.html>>. Acesso em: 06 out. 2014.

ANÚNCIO Honda. Altura: 213 pixels. Largura: 320 pixels. 21,77 Kb. Formato JPEG. Disponível em: < <http://manualcontatudo.blogspot.com.br/2013/01/anuncios-publicitarios-antigos.html>>. Acesso em: 02 out. 2014.

ANÚNCIO Start imóveis. Altura: 622 pixels. Largura: 480 pixels. 432,76 Kb. Formato JPEG. Disponível em: < <http://domma.com.br/blog/?tag=ccsp>>. Acesso em: 10 out. 2014.

ATMOSPHERE Front Park. Altura: 620 pixels. Largura: 372 pixels. 29,83 Kb. Formato JPEG. Disponível em: < http://imagens.zapcorp.com.br/2436662/85ec77b0-0c7b-4f42-90af-430c96d185e8_g.jpg>. Acesso em: 24 ago. 2013.

BOTELHO, R. Belfort: concessionária Peugeot em Fortaleza, eleita a melhor concessionária em 2011. Fortaleza: Wordpress, 2011. Disponível em: <https://rafaellabotelh.wordpress.com/category/impressos/varejo/>. Acesso em: 15 set. 2014.

CABRAL, R. Anúncio criado para Brasil Brokers. Altura: 500 pixels. Largura: 498 pixels. 56,69 Kb. Formato JPEG. Disponível em: < http://www.rogeriodesigner.com.br/anuncio_publicidade.php>. Acesso em: 28 jul. 2013.

COELHO, L. H. Anuncio pd dupla_praia. Altura: 333 pixels. Largura: 500 pixels. 86,25 Kb. Formato JPEG. Disponível em:< https://luanacoelho.files.wordpress.com/2009/12/anuncio-pd-dupla_praia.jpg>. Acesso em: 23 ago. 2013.

DIAS de Sousa. Altura: 460 pixels. Largura: 445 pixels. 57,78 Kb. Formato JPEG. Disponível em:<<http://www.eventosimobiliarios.com/2010/08/27-de-agosto-dia-do-corretor.html>>. Acesso em: 10 out. 2014.

ELSÈVE L'oréal reparação total. Altura: 427 pixels. Largura: 578 pixels. 72,3 Kb. Formato JPEG. Disponível em:< <http://www.fashionismo.com.br/2010/09/elseve-reparacao-total-5/>>. Acesso em: 21 out. 2014.

FERRONATO, M. Feliz Páscoa no mercado imobiliário. São Paulo: Marketingimob, 2012. Disponível em:< <http://www.marketingimob.com/2012/04/feliz-pascoa-no-mercado-imobiliario.html>>. Acesso em: 28 ago. 2013.

GIACOMETTI Comunicação. Dia dos Namorados West Plaza. São Paulo: West Plaza, 2012. Disponível em:<<http://www.printecomunicacao.com.br/?p=17793#sthash.7ySRgjsM.dpbs>>. Acesso em: 02 out 2014.

GODINHO, R. Feirão Kia. Altura: 400 pixels. Largura: 346 pixels. 64,54 Kb. Formato JPEG. Disponível em:< <http://peterillustra.blogspot.com.br/2010/06/feira-kia-orion.html>>. Acesso em: 16 set. 2014.

GUARANI Imóveis. Altura: 296 pixels. Largura: 320 pixels. 38,65 Kb. Formato JPEG. Disponível em:<<http://textoepublico.blogspot.com.br/2010/09/dia-dos-pais-novo-conceito.html>>. Acesso em: 06 out. 2014.

HAVAIANAS Abaporu. Altura: 398 pixels. Largura: 350 pixels. 27,49 Kb. Formato JPEG. Disponível em:<<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=43960>>. Acesso em: 21 out. 2014.

JEEP Renegade. Altura: 657 pixels. Largura: 392 pixels. 29,85 Kb. Formato JPEG. Disponível em:< <http://www.estadao.com.br/jornal-do-carro/noticias/mercado,renegade-aparece-em-comercial-da-jeep,23014,0.htm>>. Acesso em: 01 out. 2014.

MARKETING DIRETO. Anúncio Red bull. Altura: 578 pixels. Largura: 871 pixels. 509,14 Kb. Formato JPEG. Disponível em:<<http://www.marketingdirecto.com/wp-content/uploads/2012/09/125.jpg>>. Acesso em: 05 jul. 2013.

O BOTICÁRIO. A vida é bonita, mas pode ser linda. Altura: 347 pixels. Largura: 528 pixels. 51,55 Kb. Formato JPEG. Disponível em:<<http://vborges.net/vblog/2011/03/28/almabbbdo-divulga-nova-comunicacao-de-o-boticario/>>. Acesso em: 24 jul. 2013.

O BOTICÁRIO. Ponha o Lobo Mau na Coleira. Altura: 259 pixels. Largura: 779 pixels. 29,02 Kb. Formato JPEG. Disponível em:<<http://pubandmarketing.blogspot.com.br/2012/06/ponha-o-lobo-mau-na-coleira.html>> Acesso em: 17 jul. 2013.

O BOTICÁRIO. Princesas. Altura: 395 pixels. Largura: 1.123pixels. 20,96 Kb. Formato JPEG. Disponível em:< <http://mundofabuloso.blogspot.com.br/2008/01/o-boticario-e-suas-princesas.html>>. Acesso em: 17 ago. 2013.

PONGALE LO SABROSO. Altura: 632 pixels. Largura: 422 pixels. 96,39 Kb. Formato JPEG. Disponível em:< <https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/736x/35/75/a5/3575a56c7883f9540fd575a370495786.jpg>>. Acesso em: 18 jul. 2013.

PROJETO VERDE MORUMBI. Altura: 1.123 pixels. Largura: 395 pixels. 514,28 Kb. Formato JPEG. Disponível em:< <http://alternative.net.br/projeto/verde-morumbi/>>. Acesso em: 14 ago. 2013.

PUBLICARTE. Homenagem dia do publicitário. Altura: 167 pixels. Largura: 236 pixels. 12,19 Kb. Formato JPEG. Disponível em:< https://encrypted-tbn2.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcQGyOmDH4j6Rj1ubW8aAOQ89IFp_M0-fBxHs2xnsUumWepuyVz7>. Acesso em: 28 abr. 2013.

QUINO, J. L. Toda Mafalda. São Paulo: Martins Fontes, 2003. Disponível em:<<https://clubedamafalda.wordpress.com/page/3/>>. Acesso em 18 jul. 2013.

THE elements pet care. Altura: 697 pixels. Largura 964 pixels. 105,28 Kb. Formato JPEG. Disponível em: <http://4.bp.blogspot.com/-_NHhmxczJo/TtK48AHZvsI/AAAAAAAAEEM/-1G1Y5efFtg/s1600/The+elements+pet+care+1.jpg>. Acesso em: 25 ago. 2013.

VILANOVA Corretora de Seguro. Altura: 340 pixels. Largura: 220 pixels. 8,88 Kb. Formato JPEG. Disponível em:<<http://www.encontrateresina.com.br/empresas/vilanova-corretora-de-seguro/>>. Acesso em: 21 out. 2014.